

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP**

ADRIANA FERREIRA DA SILVA

A BÍBLIA NA HIPERMÍDIA:

Uma análise das interfaces de aplicativos para *sites* e dispositivos móveis

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

**SÃO PAULO
2014**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP**

ADRIANA FERREIRA DA SILVA

A BÍBLIA NA HIPERMÍDIA:

Uma análise das interfaces de aplicativos para *sites* e dispositivos móveis

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

Dissertação apresentada a Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Comunicação e Semiótica, área de concentração: Signo e Significação nas Mídias, linha de pesquisa: Processos de Criação nas Mídias, sob a orientação da Profa. Dra. Lucia Isaltina Clemente Leão.

**São Paulo
2014**

BANCA EXAMINADORA:

*Dedico este trabalho a Deus que me forma a cada dia
para cooperar de forma digna e responsável
com a missão evangelizadora da Igreja.*

*A comunidade Canção Nova em especial ao
Mons. Jonas Abib, nos 50 anos de seu sacerdócio,
por nos ensinar o valor da Bíblia e acreditar
no potencial de cada jovem missionário.*

*Aos meus pais por me ensinarem o valor da responsabilidade
e da educação. Em especial a minha mãe, Marilene
exemplo de fé e determinação.*

Aos meus filhos Marco Antônio e Matheus.

Ao meu marido Nildo.

AGRADECIMENTOS

A professora, orientadora Lucia Leão, por me acolher, motivar e impulsionar, por olhar nos olhos, por caminhar lado a lado e compreender o valor das pesquisas que possuem cunho religioso para o meio acadêmico. Por me fazer acreditar que era possível chegar até aqui.

Ao meu esposo Nildo,
por seu amor e apoio incondicionais, paciência, compreensão, cuidado e carinho.

Ao meu filho Marco Antônio (12 anos),
pelo amor, carinho e compreensão, responsabilidade com os estudos e por cuidar de seu irmão para que eu pudesse estudar. Por estudar ao meu lado.

Ao meu filho Matheus (3 anos),
alegre, carinhoso, persistente que sempre se fazia presente ao meu lado.
Renovando minhas forças com seu sorriso, abraço e muitos beijos.

A minha irmã Monica e seu esposo Geovani, por compreenderem minhas necessidades de estudo e apoiarem com sua presença quando eu não podia estar presente.

A minha querida família Silva, Gorete e Zezinho, Lucilene, Rafael, Luciana e César.
Obrigado pelo apoio com as crianças e por me sustentarem com suas orações.

A todos os irmãos e amigos da Faculdade Canção Nova
pelo apoio, ajuda, conselhos, partilhas e esforços diversos para que a cada dia eu pudesse realizar esta empreitada. Obrigado Shirleya Nunes de Santana, Marcos Jolbert, Juliana Albuquerque, Rodrigo Sardinha, Patrícia Corrêa, Papp, Henrique Prudente, Patrícia Januária, Paulo Honorato, Daisy, Elaine, Denis Duarte, Bruno Cunha, Camila, Rita, Elisangela, Monique, Dilza, Liliane, Daniela, Marcílio e especialmente ao Prof. Lino Rampazzo.

A Comunidade Canção Nova
por incentivar e motivar a formação de seus missionários.

Não posso deixar de agradecer as colegas do início do mestrado, pelo apoio e ajuda mútua,
Lara Mateus, Fernanda Ceretta, Cinthia Calhado e Letícia Capanema.

Também aos colegas do Grupo de Pesquisa do CCM,
como foi bom contar com o companheirismo, apoio, dinamismo e a amizade de cada um,
todos foram muito importantes. Obrigado Miriam Meliani, Alessandra Marassi, Christian
Petrini, Rick Balijs, Thiago Tadeu Ribeiro da Silva, Flavia Gasi, Patrícia Nechar, Paula
Carolei e você.

Agradeço de forma especial a Marianne Villegas, Flávio Maia, Vanielle Barreiros,
Sérgio Fernandes e Maria Ismênia Soderó T. Farias
por não me deixarem sozinha nesta hora decisiva e pela “amigoterapia”.

A psicóloga e amiga Telma Bevilaqua por me ajudar a enfrentar o sofrimento, medos e
angústias deste tempo tão desafiador e equilibrar as várias dimensões da minha vida:
ser mãe, esposa, missionária, filha, profissional e pesquisadora.

Aos irmãos da Casa de Missão da Canção Nova em Lavrinhas,
local de refúgio para terminar essa árdua jornada, Marlene e Fábio e a cada um dos discípulos
da turma 2014. Obrigado pela alegria, apoio, escuta, partilhas, traduções de inglês,
pelo silêncio e orações.

Ao Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer,
por apoiar e incentivar a formação acadêmica dos missionários leigos e a Fundação São
Paulo, na pessoa da Rosângela, por mediar os trâmites necessários para a obtenção da bolsa de
estudos. Aos funcionários do S.A.B.E., sempre solícitos.

Aos Padres da Paróquia da PUC, pelas missas diárias, confissões e
momentos de oração no Cruzeiro.

*“A fé compreende que a palavra
— uma realidade aparentemente efêmera e passageira —,
quando é pronunciada pelo Deus fiel,
torna-se no que de mais seguro
e inabalável possa haver,
possibilitando a continuidade do nosso caminho no tempo.
A fé acolhe esta Palavra como rocha segura,
sobre a qual se pode construir
com alicerces firmes”.*

(FRANCISCO. *Carta Encíclica Lumen Fidei*, 2013, n 10)

RESUMO

SILVA, Adriana Ferreira. *A BÍBLIA NA HIPERMÍDIA: Uma análise das interfaces de aplicativos para sites e dispositivos móveis.* **Orientação: Lucia Isaltina Clemente Leão.** **Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.**

Este projeto tem por objetivo estudar as interfaces de aplicativos de textos bíblicos em meios digitais; considera-se que esses projetos adotam uma linguagem hipermidiática. Com o propósito de verificar quais são as características dos processos comunicacionais presentes nos dispositivos e suas interações, que agregam em diversas linguagens o conteúdo textual da Bíblia e outros materiais de natureza diversa. A pesquisa investiga a presença da Bíblia nas mídias digitais, analisando suas características em termos de linguagem da hipermídia em *sites* da *Internet* e em aplicativos utilizados em dispositivos móveis, tais como, *Tablet* e *Smartfone*. A primeira parte da pesquisa realiza um estudo da Bíblia em seu percurso histórico, partindo da tradição oral até o livro digital, percorrendo o entrelaçamento que existe entre as Escrituras e a histórica evolução do livro e suas transformações nos formatos de rolo, códice até chegar às mídias digitais. A segunda parte desta pesquisa contempla as artes plásticas e os diferentes suportes utilizados em que os textos bíblicos se presentificaram de forma pictórica na história da Igreja Católica e são estudadas as relações entre a Igreja Católica e as formas de comunicação das Escrituras ao longo dos séculos, a partir dos documentos pontifícios e dos estudos de Dariva, Puntel, e Zolin, com o intuito de perceber os posicionamentos adotados por esta instituição diante da evolução da sociedade, dos avanços tecnológicos e em especial da *Internet* e de suas possibilidades na difusão do Evangelho. A terceira parte desta pesquisa se dedica ao estudo da Bíblia na linguagem hipermidiática e dos modos pelos quais essas novas mídias podem ampliar a difusão e a compreensão das Escrituras de forma atualizada e renovada, utilizando os recursos oferecidos por este meio. Nesta etapa são analisados *sites* e aplicativos, tendo em vista os potenciais da linguagem hipermidiática que reúne os recursos do hipertexto (interatividade e usabilidade) e da multimídia (sons, textos, imagens e vídeos), fundamentados na teoria de Lucia Leão, Lucia Santaella, Pierre Levy e Julio César Freitas.

Palavras-chave: Bíblia; hipermídia; arqueologia da mídia, aplicativos; religião; ciberespaço; dispositivos móveis.

ABSTRACT

SILVA, Adriana Ferreira. *BIBLE IN HYPERMEDIA*: an interface analysis of sites applications and mobile devices. **Orientation: Lucia Isaltina Clemente Leão. Dissertation (Master in Communication and Semiotics), Pontifical Catholic University of São Paulo.**

This project aims to study the interfaces of biblical texts in digital media applications; it is considered that these projects take a hypermedia language. With the purpose of verifying what are the characteristics of communicational process present in devices and their interactions, that add in several languages the Bible textual content and other material of different nature. The research investigates the presence of the Bible in digital media, examining its characteristics in terms of hypermedia language on Web sites and applications used on mobile devices, such as, Tablet and Smartphone. The first part of the research carries out a Bible study in its historical course, starting from the oral tradition to the digital book, covering the interlacement that exists between the Scriptures and the historical evolution of the book and its transformations in roll formats and codex to digital media. The second part of this research focuses on the fine arts and the different media used in the biblical texts and where they were present in a pictorial form in Catholic Church history and are studied relations between the Catholic Church and the forms of communication of the Scriptures over the centuries from the papal documents and Dariva, Puntel and Zolin's researches are studied, in order to understand what is the position adopted by this institution in the face of changes in society, technological advances and, in particular, the Internet and its possibilities in spreading the Gospel. The third part of this research is devoted to the study of the Bible in hypermedia language and how these new media may extend the dissemination and understanding of the Scriptures in a refreshed and renewed way, using the features offered by this medium. In this stage sites and applications are analyzed, having in mind the potential of hypermedia language that combines features of hypertext (interactivity and usability) and multimedia (sound, texts, images and videos), based on Lucia Leão, Lucia Santaella, Pierre Lèvy e Julio César Freitas's theories.

Key words: Bible; hypermedia; archeology of media, applications; religion; cyberspace; mobile devices.

LISTA DE QUADROS

QUADRO COMPARATIVO	01	(<i>Sites</i> e Portais).....	136
QUADRO COMPARATIVO	02	(<i>Softwares</i> e Aplicativos).....	174

LISTA DE *SITES* E PORTAIS

01	Bíblia Sagrada Edição Pastoral....	< www.paulus.com.br/biblia-pastoral/ >..	112
02	Bíblia Ave Maria.....	< www.claret.com.br/biblia/ >.....	115
03	Bíblia Católica.....	< www.bibliacatolica.com.br >.....	119
04	Bíblia <i>online</i>	< www.bibliaonline.net >.....	122
05	Portal da CNBB.....	< http://cnbb.org.br/ >.....	125
06	Portal Chamada.....	< www.chamada.com.br/biblia/ >.....	127
07	Portal Canção Nova.....	< www.cancaonova.com >.....	130

..

LISTA DE APLICATIVOS E *SOFTWARES*

01	A Bíblia Sagrada...	www.bustolin.com	139
02	Bíblia Sagrada <i>Free</i>	www.distimo.com/iq/app/apple-app-store/petrucci-tecnologia-e-servicos-de-informatica-ltda/biblia-sagrada-free >.....	141
03	Bíblia Sagrada.....	https://itunes.apple.com/br/app/biblia-sagrada/id370178518?mt=8 >.....	143
04	Bíblia +1.....	https://itunes.apple.com/pt/app/biblia-+1/id376874469 >.....	145
05	Bíblia das Criança..	https://itunes.apple.com/br/app/biblia-em-quadrinhos-biblia/id433127206?mt=8 >.....	147
06	Bíblia Infantil.....	https://itunes.apple.com/br/app/biblia-infantil/id699488099?mt=8 >.....	149
07	Católico Orante.....	www.catolicoorante.com.br >.....	151
08	I Liturgia.....	www.cascubo.com >.....	154
09	Cristonautas.....	https://itunes.apple.com/us/app/cristonautas-1/id670159115?l=es&ls=1&mt=8 >.....	156
10	Quiz Bíblia 3D....	weblinx.com >.....	160
11	Sementes do Espírito.....	https://itunes.apple.com/br/app/sementes-do-espírito/id532447867?mt=8 >.....	161
12	Diário da Palavra...	www.cancaonova.com >.....	163
13	Bíblia Eletrônica....	www.rksoft.com.br >.....	166
14	Bíblia Glow.....	http://www.bibliaglow.com.br/recursos/ >.....	169

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura	01	Pergaminhos da Bíblia.....	21
Figura	02	Manuscritos do Mar Morto – Livro do Profeta Isaías – Museu de Qumran.....	22
Figura	03	Detalhe do Manuscrito do Mar Morto – Livro do Profeta Isaías.....	22
Figura	04	Grutas de Qumran.....	23
Figura	05	Gruta onde viveu São Jerônimo em Belém.....	27
Figura	06	Bíblia Latina, impressa por J. Gutenberg e J. Fust em Mainz, 1455.....	28
Figura	07	Vasos que armazenavam os Manuscritos do Mar Morto, Museu de Qumran...	30
Figura	08	Letras Unciais.....	33
Figura	09	Livro de Horas de Margarida de Cleves.....	38
Figura	10	Prensa de Gutenberg.....	42
Figura	11	Bíblia de Gutenberg em exposição na Biblioteca do Congresso dos EUA.....	43
Figura	12	<i>Hornbook</i>	46
Figura	13	<i>E-Book</i> , muitos livros em um só volume.....	50
Figura	14	<i>E-Book</i> , a troca de folha semelhante a do livro.....	56
Figura	15	Bíblia de Gutenberg. Detalhe das iluminuras.....	61
Figura	16	Moisés diante da Sarça Ardente. Domenico Fetti.....	62
Figura	17	O Sacrifício de Isaac. Jacob Jordaens the Elder.....	63
Figura	18	Davi e Betsabé. Jan Massys.....	66
Figura	19	<i>The Avignon Pietà</i> . Erguerrard Quarton.....	68
Figura	20	O Apóstolo Paulo. Rembrandt.....	70
Figura	21	Bíblia <i>Pauperum</i> de Heidelberg.....	77
Figura	22	Bíblia Sagrada Edição Pastoral <i>online</i> . Página inicial.....	113
Figura	23	Bíblia Sagrada Edição Pastoral <i>online</i> . Interface.....	114
Figura	24	Tutorial do Sistema <i>Intra Text</i> versão CT.....	115
Figura	25	Interface Bíblia <i>online</i> – Edições Ave Maria.....	117
Figura	26	Apresentação do texto bíblico. Bíblia <i>online</i> – Edições Ave Maria.....	118
Figura	27	Bíblia Católica. Interface.....	120
Figura	28	Bíblia Católica. Apresentação do texto bíblico.....	120
Figura	29	Bíblia Católica. Comparativo entre versões da Bíblia.....	121
Figura	30	Bíblia <i>Online</i> . Interface.....	123
Figura	31	Bíblia <i>Online</i> . Apresentação do texto bíblico.....	123
Figura	32	Bíblia <i>Online</i> . Versão em esboço.....	124
Figura	33	Portal CNBB. Interface.....	125
Figura	34	Portal CNBB. Liturgia diária.....	126
Figura	35	Lugares da Bíblia, ver imagens dos locais citados na Bíblia.....	129
Figura	36	Bíblia <i>Online</i> . Apresentação do texto bíblico.....	129
Figura	37	Quantidade de acessos ao Portal Canção Nova.....	130
Figura	38	Portal Canção Nova. Interface.....	132
Figura	39	Portal Canção Nova. Liturgia Diária.....	133
Figura	40	Portal Canção Nova. Salmos dominicais.....	133
Figura	41	Portal Canção Nova. Homília diária.....	134
Figura	42	Portal Canção Nova. Sorrindo pra vida.....	134
Figura	43	Portal Canção Nova. Estudos Bíblicos.....	135
Figura	44	A Bíblia Sagrada. Ícone do aplicativo.....	140

Figura	45	Texto bíblico.....	140
Figura	46	Menus de navegação.....	140
Figura	47	Bíblia Sagrada <i>Free</i> . Apresentação do aplicativo na <i>App Store</i>	142
Figura	48	Bíblia Sagrada <i>Free</i> . Texto bíblico.....	142
Figura	49	Bíblia Sagrada (Netfilter). Ícone de identificação do aplicativo.....	143
Figura	50	Bíblia Sagrada (Netfilter). <i>Menu</i> de personalização.....	144
Figura	51	Bíblia Sagrada (Netfilter). <i>Menu</i> de personalização.....	144
Figura	52	Bíblia Sagrada (Netfilter). <i>Menu</i> de navegação.....	144
Figura	53	Bíblia Sagrada (Netfilter). <i>Menu</i> de navegação.....	144
Figura	54	Bíblia Sagrada +1. Ícone de identificação do aplicativo.....	146
Figura	55	Bíblia +1. <i>Menu</i> de navegação.....	146
Figura	56	Bíblia +1. <i>Menu</i> de navegação.....	146
Figura	57	Bíblia das Crianças. Livro ilustrado e quadrinhos (Galeria).....	148
Figura	58	Bíblia das Crianças. Apresentação da capa do livro.....	148
Figura	59	Bíblia Infantil (Paulinas). Ícone de Identificação do aplicativo.....	150
Figura	60	Bíblia Infantil (Paulinas). <i>Menu</i> de seleção de gravações.....	150
Figura	61	Bíblia Infantil (Paulinas). <i>Menu</i> para seleção das histórias.....	150
Figura	62	Bíblia Infantil (Paulinas). Página da história.....	151
Figura	63	Católico Orante. Tela inicial do aplicativo.....	153
Figura	64	Católico Orante. <i>Menu</i> Liturgia.....	153
Figura	65	Católico Orante. <i>Menu</i> de Oração.....	153
Figura	66	Católico Orante. <i>Link</i> para notícias.....	153
Figura	67	I Liturgia. Tela de Abertura.....	155
Figura	68	I Liturgia. <i>Menu</i> de navegação.....	155
Figura	69	I Liturgia. Exibição em posição paisagem.....	156
Figura	70	Cristonautas. Tela inicial com <i>menus</i> integrados.....	159
Figura	71	Cristonautas. <i>Menu</i> em forma de fluxograma.....	159
Figura	72	Cristonautas. Trecho selecionado para estudo.....	159
Figura	73	<i>Quiz</i> Bíblia 3D. Página de abertura.....	161
Figura	74	<i>Quiz</i> Bíblia 3D. Jogo em andamento.....	161
Figura	75	<i>Quiz</i> Bíblia 3D. Forma de apresentação da pergunta.....	161
Figura	76	Sementes do Espírito. Ícone de identificação do <i>app</i>	162
Figura	77	Sementes do Espírito. Página inicial.....	162
Figura	78	Sementes do Espírito. Palavra do dia.....	162
Figura	79	Diário da Palavra. Tela de abertura.....	164
Figura	80	Diário da Palavra. Segunda tela.....	164
Figura	81	Diário da Palavra. A Bíblia aberta.....	165
Figura	82	Diário da Palavra. <i>Menu</i> da Bíblia.....	165
Figura	83	Bíblia Eletrônica. Apresentação dos recursos.....	168
Figura	84	Bíblia Eletrônica. Opções de tela.....	169
Figura	85	Bíblia Glow. Tela inicial com lentes de navegação.....	172
Figura	86	Bíblia Glow. Mídias disponíveis.....	173
Figura	87	Bíblia Glow. Miniaturas de telas para voltar a qualquer ponto da navegação...	173

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I - A BÍBLIA.....	20
1.1 A Bíblia	21
1.2 O Livro	31
1.3 O Livro Digital.....	49
CAPÍTULO II - A IGREJA CATÓLICA E A PROPAGAÇÃO DOS TEXTOS BÍBLICOS	59
2.1 Bíblia em Imagens	60
2.2 Da censura a abertura	72
CAPÍTULO III - A BÍBLIA NA HIPERMÍDIA	101
3.1 A Linguagem da Hipermídia.....	102
3.2 Estudo de Casos	111
3.2.1 Site e Portal	111
3.2.2 A Bíblia em aplicativos para dispositivos móveis e computadores	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
REFERÊNCIAS	181

INTRODUÇÃO

“A Internet ama o Papa Francisco”

SANTOMIERO, 2014.

O século XXI chegou com grandes mudanças tecnológicas impulsionadas pela informática e nas formas de comunicação sem fio que proporcionaram avanços e modificações nas práticas sociais. Vivemos num cenário repleto de *sites* e aplicativos que facilitam sobremaneira o acesso à informação e a conteúdos que outrora estavam nas prateleiras de bibliotecas, livrarias, museus ou que dependiam de algum suporte como televisão, rádio, jornal, revista, livro. A chamada convergência digital pôs tudo isso num só lugar e de forma bem acessível e interativa.

Dizer que se teria o mundo na palma da mão parecia exagero, mas hoje é a realidade. Essa tendência vem se firmando como algo que veio para ficar. Pesquisas feitas na última década¹ mostram que é cada vez maior a tendência, no Brasil, de estar conectado a qualquer hora, tempo e lugar, isso acontece de uma forma crescente nas grandes e pequenas cidades, onde é fácil perceber nas ruas e nos transportes públicos pessoas que acessam seus dispositivos móveis para diversas práticas, tais como: ouvir música, obter informações e notícias, jogos, redes sociais, leitura, orações, entre outras aplicações. Estamos diante de uma geração conectada, que tem o celular² como extensão de suas mãos.

No campo religioso, a presença da Igreja Católica na *internet* tem se dado de diversas maneiras. A começar do Sumo Pontífice, Francisco, que completou um ano de Pontificado em 13 de março de 2014, se tornando o líder político mais popular na rede mundial, segundo pesquisa do *site* Aleteia:

A *internet* ama o Papa Francisco³: as palavras, os gestos e a humanidade sorridente do papa atravessam a rede e chegam ao mundo inteiro, passando por cima de fronteiras e até de filiações religiosas. O papa que veio "quase do fim do mundo" é um "fenômeno global" em termos de comunicação, tanto "do ponto de vista geográfico quanto no alcance multicanal". (SANTOMIERO, 2014).

Aos 77 anos de idade, o Papa Francisco foi capa da famosa revista *Time* e eleito, no *Blogfest* 2013, pelos mais importantes especialistas em redes sociais da Europa, a "Personalidade do Ano" no Twitter, devido à "proximidade, frequência e determinação nas

¹ HECKER, Caroline. **Segundo o Ibope, brasileiro passa 1h 24 por dia usando smartphone**. 22 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/mercado/38863-segundo-ibope-brasileiro-passa-1h24-por-dia-usando-smartphone.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2013; PNAD 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/infograficos/2013/09/78481-pnad-2012.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2013; TIC Domicílios e usuários 2012. Disponível em: <www.cetic.br/usuarios/tic/2012>. Acesso em: 15 out. 2013.

² Entende-se celular nesta pesquisa como *smartphone*.

³ Estudo sobre o impacto do Pontífice na *internet* intitulado "Internet loves Pope Francis". Cf. TWITTER do Papa alcança 12 milhões de seguidores. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/internet/2014/02/twitter-do-papa-alcanca-12-milhoes-de-seguidores.shtml>>. Acesso em: 09 abr. 2014; SANTOMIERO, Chiara. **A Internet ama o Papa Francisco**. 30 jan. 2014. Disponível em: <<http://www.aleteia.org/pt/sociedade/artigo/a-internet-ama-o-papa-francisco-5888438347759616>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

palavras que escreve em seu perfil⁴. O perfil @pontifex já ultrapassou os 13 milhões de seguidores em 16 de abril de 2014, sendo que mais de um milhão são em língua portuguesa (PAPA, 2014a). Seu nome gerou o maior volume de buscas mensais no Google, foram mais de um milhão e setecentas mil vezes. Na *internet*, como um todo, foram 49 milhões de menções⁵.

No domingo 16 de março de 2014 o Papa Francisco em sua reflexão dominical do Angelus na Praça São Pedro no Vaticano, questionou aos peregrinos ali reunidos da seguinte maneira:

Faço uma pergunta a vocês: vocês leem, todos os dias, um trecho do Evangelho? Sim, não... sim, não... Meio a meio... Alguns sim e alguns não. Mas é importante! [...] É uma coisa boa; ter um pequeno Evangelho, e levá-lo conosco, no bolso, na bolsa, e ler um pequeno trecho em qualquer momento do dia. Em qualquer momento do dia, eu pego do bolso o Evangelho e leio alguma coisinha, um pequeno trecho. Ali é Jesus que nos fala, no Evangelho! Pensem nisto. (FRANCISCO, 2014a)

Esses acontecimentos que envolvem o primeiro ano de Pontificado de Francisco, e suas palavras que motivam a leitura do Evangelho e de tê-lo no bolso, reforçam a pertinência desta pesquisa que objetiva apresentar a Bíblia nas diferentes mídias, discutir aspectos da comunicação realizada pela Igreja Católica, analisar projetos de hipermídia que apresentam a Bíblia ou parte dela e perceber as novas práticas de consulta a textos bíblicos a partir da hipermídia.

O Papa argentino está inovando e surpreendendo a muitos com sua presença midiática diária. Diferente dos seus antecessores, ele lança sua mensagem ao mundo das mais diversas formas utilizando as mídias digitais. Temos por exemplo as homílias das missas celebradas todos os dias, que são publicadas por diversos meios, em especial pela *internet*. Todo esse novo contexto de relação cotidiana do líder da Igreja Católica com seu rebanho, vem reafirmar a necessidade de se estudar os meios de disponibilizar a mensagem bíblica isto é, as formas de se ter o Evangelho a mão a qualquer hora tempo e lugar de uma maneira simples, prática e integrada. Eis uma das chaves desta pesquisa, ter a Bíblia cotidianamente por perto, na palma da mão, no bolso, na bolsa, com possibilidades múltiplas de acesso e interpretação já incorporada ao dispositivo móvel utilizado no dia a dia.

⁴ACI DIGITAL. **Papa Francisco**: Personalidade do Ano no Twitter. 12 out. 2013. Disponível em: <<http://www.acidigital.com/noticia.php?id=26176>>. Acesso em: 27 out. 2013.

⁵ PAPA é personalidade política mais popular na Internet. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/internet/2014/01/papa-e-personalidade-politica-mais-popular-na-internet.shtml>>. Acesso em: 09 abr. 2014b.

O interesse pela pesquisa sobre as formas de anunciar o Evangelho pelos meios de comunicação surgiu ao longo de minha vida como missionária da Comunidade Canção Nova⁶, trabalhando em rádio e televisão. Tal interesse se firmou como tema do Trabalho de Conclusão do Curso Superior de Jornalismo: “A Força do Evangelho pelos meios de Comunicação: Rádio, TV e *Internet*”. A pesquisa culminou num rádio documentário que narrou parte da história da Igreja Católica em relação aos meios de comunicação sociais. Naquele tempo o desejo era vislumbrar os horizontes que são tocados pela força “invisível” do Evangelho, como “Palavra de Deus”, quando anunciado pelos meios de comunicação. Perceber a eficácia, ou não, da evangelização, através das novas tecnologias, partindo da evolução histórica dos meios de comunicação sociais já consagrados como o Rádio e a TV e, de certa forma, lançando olhares para o futuro da evangelização via *Internet*. O estudo teve como base o contexto da Encíclica *Miranda Prorsus*, promulgada em 09 de setembro de 1957, pelo Papa Pio XII, que trata do cinema, do rádio e da televisão como meios eficazes que devem ser usados em prol da evangelização. Em seu conteúdo a Encíclica aborda a força dos meios de comunicação como fonte do bem e do mal e a necessidade de se fazer uso desses meios de comunicação para que o Evangelho de Cristo chegue a todas as pessoas. Nesta encíclica, o Papa afirma que as novas tecnologias podem cumprir sua finalidade ao difundir os ensinamentos do Evangelho e ressalta a necessidade do leigo cristão usar essas tecnologias da comunicação como “um precioso dom de Deus” como destaca Joana Puntel (1994, p. 39). Esse trabalho ficou como ponto de partida para novas pesquisas.

Posto isto, a proposta desta pesquisa, cujo *corpus* é o estudo das interfaces de aplicativos para *sites* e dispositivos móveis, tem o propósito de verificar quais são as características dos processos comunicacionais presentes nos dispositivos e suas interações, que agregam em diversas linguagens o conteúdo textual da Bíblia e outros materiais de natureza diversa, investigando a natureza comunicacional dos projetos digitais que fazem chegar a Bíblia a esta nova geração, que passa muitas horas do seu dia conectada a algum tipo de dispositivo de comunicação móvel. O diferencial desta pesquisa está no fato de estudar as formas de apresentação da Bíblia na hipermídia através de aplicativos para *sites* e portais, mas principalmente para os dispositivos móveis, como forma de se fazer chegar a esta geração conectada, quer seja *online* ou *off-line*, os textos bíblicos. Essa pesquisa não tem a pretensão de olhar tudo o que está disponível, mas fazer um recorte a partir dos estudos de casos de

⁶ Associação Internacional Privada de Fiéis Canção Nova. Cf. O QUE significa. Disponível em: <<http://comunidade.cancaonova.com/o-que-significa/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

forma a analisar os componentes da linguagem hipermidiática que envolvem recursos da multimídia associados à usabilidade e interatividade.

A pesquisa está dividida em três capítulos, sendo o primeiro dedicado a Bíblia, partindo da tradição oral, passando a história de maneira a perceber as formas e meios de propagação e fixação da considerada Sagrada Escritura em formato de livro rolo e posteriormente de códice. A evolução desses formatos, suas particularidades e autenticidade. Neste mesmo capítulo, percorremos a história do livro que se entrelaça com a história da Bíblia até chegar ao livro digital. Esses caminhos da história são percorridos com a ajuda de diversos autores ligados ao cristianismo, ao judaísmo, a história do livro, da leitura e das artes.

O segundo capítulo percorre alguns momentos da história da Igreja Católica em relação à difusão dos textos bíblicos, perscrutando alguns motivos que levaram a censura e depois a abertura e o atual impulso a utilização de todos os meios como eficazes para a propagação do Evangelho. A primeira parte é dedicada às artes plásticas e os diferentes suportes utilizados em que os textos bíblicos se presentificaram de forma pictórica na história da Igreja Católica. A segunda parte deste capítulo está baseada nos documentos oficiais da Igreja e também na visão de historiadores e pesquisadores dos meios de comunicação.

O terceiro capítulo é dedicado a Hipermídia, dentro do conceito apontado por Lucia Leão, que é aprofundado e aplicado nas análises de *sites*, portais e aplicativos para dispositivos móveis. Neste momento da pesquisa é definida a base de escolha destes modelos a serem estudados, são divididos em dois grupos: o de *sites* e portais e o outro de aplicativos para computadores e dispositivos móveis. Ao final da descrição de funcionamento é apresentado um quadro comparativo no intuito de perceber os projetos que se utilizam da linguagem hipermidiática. Não se trata de comparação entre os aplicativos e *softwares*, mas uma comparação dos aplicativos com os recursos oferecidos pela linguagem hipermidiática.

CAPÍTULO I

A BÍBLIA

CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS FORMAS E MEIOS DE PROPAGAÇÃO DOS ESCRITOS SAGRADOS

“Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para salvação de todos os povos.

Por isso, Cristo Senhor, em quem toda a revelação do Deus altíssimo se consuma, mandou aos Apóstolos que pregassem a todos, como fonte de toda a verdade salutar e de toda a disciplina de costumes, o Evangelho prometido antes pelos profetas e por Ele cumprido e promulgado pessoalmente, comunicando-lhes assim os dons divinos.

Isto foi realizado com fidelidade, tanto pelos Apóstolos que, na sua pregação oral, exemplos e instituições, transmitiram aquilo que tinham recebido dos lábios, trato e obras de Cristo, e o que tinham aprendido por inspiração do Espírito Santo, como por aqueles Apóstolos e varões apostólicos que, sob a inspiração do mesmo Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação”.

(CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *DEI VERBUM* sobre a Revelação Divina, 1965, n. 7)

1.1 A BÍBLIA

A BÍBLIA É ANTES DE TUDO A TRADIÇÃO ORAL DE UM POVO.

Por volta dos anos 800 a 1000 a.C., os judeus, partindo de uma arraigada tradição oral que perdurou por séculos, começaram a escrever em papiros e pergaminhos as tradições, os primeiros códigos legais e culturais transmitidos entre gerações⁷ (ARENS, 2007, p. 43). A primeira reunião de escritos sagrados foi realizada pelos judeus e encerrada no século I d.C. e a segunda foi realizada pelos cristão até meados do século IV (ARENHOEVEL, 1978, p. 10. 16).



Figura 1. Pergaminhos da Bíblia em exposição na mostra *The Books of Books*, do *Bible Land Museum Jerusalem*, em Israel. Fonte: SINAI, 2014.

Para as religiões judaica e cristã a Bíblia é um conjunto de livros ou textos escritos por inspiração divina, portanto, considerado um livro sagrado. O nome Bíblia foi utilizado pela

⁷“A data de composição e de redação final dos profetas, bem como da maioria dos escritos do Antigo Testamento, é difícil de se precisar. Muitos têm uma longa e complexa pré-história de tradições e redações”. ARENS, Eduardo. **A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica.** Tradução de Celso Márcio Teixeira. São Paulo: Paulus, 2007, p. 43. Alguns historiadores modernos acreditam que a escrita dos textos sagrados tenha começado com chapas de argila que faziam às vezes das folhas de papel. É possível que muitos textos bíblicos tenham sido escritos em cerâmica daqueles tempos. Cf, CECHINATO, Pe. Luiz. **Conheça melhor a Bíblia: Noções gerais da Bíblia em linguagem popular.** 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 12.

primeira vez por São João Crisóstomo (SILVA, 2014), Patriarca de Constantinopla⁸, no século IV e tem sua origem no termo grego “*biblos*” que significa “rolo” ou “livro”. Na verdade não se trata de um livro e muito menos de dois livros (Antigo Testamento e Novo Testamento), mas sim de uma coleção de livros agrupados. Na antiguidade, todos os livros que formam o Antigo Testamento podiam constituir uma biblioteca inteira, uma vez que o formato desses escritos era em rolos manuscritos. Tais rolos não deveriam ser muito compridos para não dificultar a busca de um determinado trecho ou passagem. O rolo mais extenso já encontrado possui mais de 7 metros e contém o livro do Profeta Isaías, foi descoberto em 1947 nas grutas de *Qumran* no Mar Morto (ARENHOEVEL, 1978, p. 8).



Figura 2: Manuscrito do Mar Morto, Livro do Profeta Isaías, em exposição no Museu de Qumran.
Foto: Adriana Ferreira da Silva, 2008.

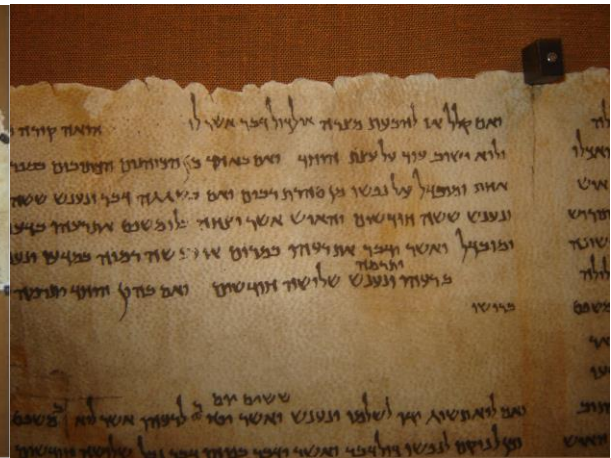


Figura 3: Detalhe do Manuscrito do Mar Morto, Livro do Profeta Isaías.
Foto: Adriana Ferreira da Silva, 2008.

Em 1947, um beduíno⁹ buscando uma cabra que se havia extraviado na região ocidental do Mar Morto, realizou um dos maiores achados arqueológicos do século, ao descobrir os, hoje famosos, Pergaminhos do Mar Morto. O pastor, chamado Mohamed Edib, ao procurar a sua cabra, lançou uma pedra na abertura de uma gruta e ouviu um ruído de algo que se quebrara. Fugiu do lugar pensando que se tratava de uma gruta habitada por espíritos. Todavia, no dia seguinte voltou em companhia de seu primo e ambos entraram na gruta. Encontraram 8 jarros, alguns ainda com suas tampas; levaram os jarros para fora e começaram a procurar em seu interior, na esperança de encontrar ouro. Mas ficaram decepcionados pois só encontraram 7 rolos de couro onde haviam textos escritos em colunas e não puderam entender nada. Um dia, o beduíno levou seu estranho achado a um sírio cristão chamado Khalil Kando, que o comprou. Kando pegou 4 desses pergaminhos que havia

⁸ O Patriarca de Constantinopla é o Líder espiritual [...] dos cristãos ortodoxos em todo o mundo. Cf. PATRIARCA Ecumênico de Constantinopla foi o primeiro a participar da missa de início de um Pontificado. Disponível em: <http://pt.radiovaticana.va/storico/2013/03/22/patriarca_ecum%C3%AAnico_de_constantinopla_foi_o_primeiro_a_participar_d/bra-675935>. Acesso em: 16 mar. 2014.

⁹São chamados beduínos os povos nômades habitantes das áreas desertas do Oriente Médio e norte da África. Seu nome é derivado das palavras árabes "al bedu" (habitantes das terras abertas) ou "al beit" (povo da tenda). Seu estilo de vida está associado à criação de cabras, ovelhas e camelos. Cf. SANTIAGO, Emerson. **BEDUÍNOS**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociedade/beduinos/>>. Acesso em: 08 fev. 2014.

adquirido e os mostrou ao seu arcebispo que residia em Jerusalém. Este percebeu que os rolos eram antigos manuscritos hebraicos e os comprou imediatamente. Em 1949, ao dar-se conta do grande valor que eles tinham, levou-os aos Estados Unidos, onde foram adquiridos pelo Professor Igael Yadin pela soma de 250 mil dólares. Ele os trouxe para Israel e seu pai, o Professor Eleazar Sukenik, neste ínterim, havia adquirido os outros três rolos em Belém. Os pergaminhos estão agora expostos no Santuário do Livro, em Jerusalém [...]. Mais de 900 pedaços de rolos foram encontrados em mais de 30 grutas. A maior quantidade de manuscritos foi encontrada na gruta IV, nas proximidades das ruínas de Qumran. Os rolos eram de couro ou pergaminho, com exceção de dois que eram de cobre. De acordo com Flavio Josefus e Plínio, quem escreveu os Pergaminhos do Mar Morto foram os essênios¹⁰ [...]. Ao aproximarem-se as legiões romanas, os essênios ocultaram, rapidamente, seus mais preciosos bens, suas Escrituras. Esconderam-nas em grutas próximas ao povoado e em outras cavernas inacessíveis nas escarpadas encostas dos montes. O deserto guardou seu segredo durante 2000 anos. (AWWAD, p. 69-70).¹¹



Figura 4: Grutas de Qumran, onde foram encontrados os Manuscritos do Mar Morto. Foto: Adriana Ferreira da Silva, 2008.

Como se pode notar através desta história, não é possível precisar quantos eram os rolos de livros ou como figuravam suas subdivisões no catálogo dos rolos. Qual não foi o avanço ao

¹⁰Os essênios eram adeptos de uma seita judaica que existiu na Palestina, no Oriente Médio, entre os séculos 02 a.C. e 01 d.C. Detestando uma vida de corrupção, decidiram retirar-se para o Deserto da Judéia, às margens do Mar Morto afastados da sociedade, concentrados em estudar a Torá. Levavam uma vida dedicada à oração, ao estudo, à meditação, à pobreza e à caridade. Se instalaram em Qumran por volta do ano 142 a.C., até o ano 68, quando foram massacrados pelo exército de Tito que viera reprimir a rebelião judaica. Cf. ESSÊNIOS. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quem-eram-os-essenios>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

¹¹ Em toda citação direta feita nesta pesquisa, foi mantido o texto original, tal qual estava escrito por seu autor em sua publicação. Inclusive aquelas tiradas de textos publicados na língua portuguesa de Portugal. Portanto, não foi feito nenhum tipo de adaptação destes textos para a norma brasileira quer seja ortográfica, quer seja metodológica.

terem sido encadernadas em um grande e único volume. “Segundo a terminologia católica, os livros do Antigo Testamento que figuram também na Bíblia judaica são chamados protocanônicos, ou seja, aqueles que se acham no primeiro (do grego “*protos*”) catálogo (em grego: “*canon*”) judaico das Sagradas Escrituras”. (ARENHOEVEL, 1978, p. 9).

A Igreja Católica Romana e a Igreja Católica Ortodoxa adotam sete livros a mais no Antigo Testamento, estes são livros que as antigas Igrejas reconhecem como bíblicos e são chamados deutero-canônicos (do grego: “*deuteros*” = segundo)¹². Já as Igrejas não católicas adotam a lista judaica, por esta razão, afirma Arenhoevel, que o Antigo Testamento das Igrejas Católicas é mais extenso que o das Igrejas da Reforma Protestante. O autor ressalta ainda que os 22 livros do cânon judaico estão contidos nos 39 livros do cânon católico, porque a reunião dos livros também se dá de forma diferente. Exemplifica, tomando os escritos dos Doze Profetas menores¹³ que os católicos dividem em 12 pequenos livros enquanto que os judeus reuniram todos formando um só livro chamado de Livro dos Doze Profetas. Evidencia também que os judeus e os cristãos organizam a disposição dos livros da Bíblia de maneiras diferentes e que estas divisões em relação ao conteúdo não são exatas, porém a divisão judaica é considerada muito significativa pelo autor, por trazer “a ordem cronológica em que os livros foram assumidos no catálogo das Escrituras Sagradas”. (ARENHOEVEL, 1978, p. 12-15).

Em geral, tem-se a tendência de pensar que os fatos bíblicos foram escritos como textos jornalísticos, logo após os acontecimentos, mas na verdade não foram assim, por conta de uma arraigada tradição oral. Entre o acontecimento e seu registro por escrito passaram séculos, um longo período de tempo que durou cerca de 1350 anos, que vai desde a época de Moisés, 1250 anos a.C. até a época em que foi escrito o Apocalipse, por volta do ano 100 d.C. (SARAIVA, 1994, p. 07).

A primeira tradução dos textos bíblicos foi realizada entre os anos 200 e 300 a.C., para atender aos judeus que viviam em grande número no Egito e que não mais compreendiam a língua hebraica. Para estes, foi feita a tradução grega chamada de “Tradução dos Setenta” (CASTRO, 1983, p.30).

¹² Deutero-canônicos são livros constantes na Bíblia católica que não possuem originais em hebraico, apenas em grego. Os livros deutero-canônicos são sete: Judite, Tobias, 1º e 2º. Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico e Baruc.

¹³ São chamados de Doze Profetas menores (Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias) porque o volume de escritos é bem pequeno frente aos escritos dos outros profetas. Nas Bíblias atuais alguns não ocupam mais que uma folha.

A partir do cativeiro na Babilônia (cerca de 550 a.C.), o hebraico foi ficando cada vez mais restrito ao âmbito do culto divino e à literatura religiosa. O aramaico, que as tribos imigradas de outrora haviam abandonado em favor do cananeu¹⁴ voltou a ser a língua usual. [...] na cidade cosmopolita de Alexandria, entre os anos de 150 e 50 a.C. [...]. Florescia em Alexandria uma comunidade judaica bastante significativa. Apenas um pequeno número de seus membros conhecia ainda a fundo a língua de seus pais, o aramaico ou hebraico. A nova língua universal era o grego, principalmente nas cidades. Por isso, essa comunidade teve de mandar traduzir a Bíblia hebraica para o grego, para ser usada no culto divino. Nessa tradução não se partiu da língua da literatura clássica, mas da língua corrente. A essa tradução da Bíblia, anterior ao cristianismo, deu-se o nome de Septuaginta. Este nome (do latim: “setenta”) lembra uma antiga lenda, segundo a qual setenta e dois anciãos - seis de cada uma das doze tribos de Israel - traduziram a Bíblia judaica a pedido do rei do Egito. (ARENHOEVEL, 1978, p. 18-19).

Segundo Arenhoevel (1978, p. 19), a tradução feita pelos Setenta gozou de uma extraordinária popularidade na diáspora, chegando a ser considerada uma obra inspirada divinamente, o autor se apoia na informação do filósofo judeu alexandrino Fílon que relata a antiga lenda da seguinte forma:

[Ptolomeu Filadelfo], tendo concebido grande estima pelas nossas leis, resolveu mandar traduzir o caldeu para o grego e imediatamente despachou mensageiros ao Sumo Sacerdote e ao rei da Judéia - que eram duas coisas em uma só pessoa -, comunicando-lhe sua intenção e pedindo-lhe instantaneamente que escolhesse pessoas segundo o mérito, a fim de traduzirem a Lei para o grego. O Sumo Sacerdote, como era normal, muito se alegrou, e tendo como certo que o rei não se interessaria por uma tal empresa, a não ser por intervenção da vontade divina, escolheu dentre seus hebreus aqueles de maior reputação e que tinham recebido educação em língua grega, além daquela na língua pátria, e alegremente os enviou a Ptolomeu. Assim que chegaram, ... trataram de executar a tarefa para qual foram honrosamente enviados. Na expectativa da grande obra, que seria de traduzir a Lei revelada por comunicação divina, e de onde eles nada podiam tirar nem acrescentar ou transpor, sendo obrigados a conservar a idéia e o caráter primitivos, procuraram fora, na vizinhança da cidade, o lugar mais puro ... Perto de Alexandria encontra-se a ilha de Faros, que se estende numa língua de terra em direção a cidade. ... Julgando este lugar como o mais adequado entre todos os daquele distrito, podendo nele encontrar paz e sossego, e onde suas almas poderiam se dedicar às leis, sem que ninguém os viesse perturbar, aí se instalaram ... Segregados, e sem outra presença a não ser a dos elementos da natureza, ... cada um deles escreveu, como por inspiração divina, o mesmo que os outros, usando as mesmas palavras e as mesmas expressões, como se tivessem sido ditadas a cada um deles por um mestre invisível. (ARENHOEVEL, 1978, p. 19).

Eram várias as traduções que foram sendo postas por escrito e eram mais ou menos fiéis ao texto original, houve as versões antigas, anteriores ao ano 1000 d. C., as versões medievais

¹⁴Cananeu, língua usada em Canaã pelos Fenícios, antigo e famoso povo de comerciantes. Quando os israelitas penetraram e tomaram posse do país, adotaram a língua de Canaã e muitos outros elementos culturais. Mas ao fazê-lo, simplificaram o idioma que não aprenderam em escola, mas no contato diário. Cf. ARENHOEVEL, Diego. **Assim se formou a Bíblia**: para você entender o Antigo Testamento. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 16.

e as versões modernas, difundidas graças ao advento da imprensa. Carrez apresenta seguinte lista das versões antigas:

A versão samaritana (antes uma transliteração que uma tradução) data do século II a.C. oferece o *Pentateuco* ampliado, um único livro sagrado dos samaritanos. Este texto é mais antigo que as versões hebraicas e masoréticas. As versões gregas são a *Septuaginta*, de que possuímos numerosos fragmentos muito antigos (século II a.C.), a versão-decalque de Áquila (128-129 d.C.): a cada palavra hebraica corresponde uma só palavra grega; a menos literalista de Teodocião, que seria talvez anterior a de Áquila, e enfim a de Símaco (cerca de 165 d.C.) quase inteiramente desaparecida. Em suas Hécuplas (em seis colunas), Orígenes, um dos grandes mestres da exegese, entre 220 e 245 inscreveu o texto hebraico, transcreveu-o em caracteres gregos, em seguida dispôs sucessivamente Áquila, Símaco, Septuaginta e enfim Teodocião. Infelizmente, só restam alguns fragmentos desta obra imensa. Jerônimo teve-a nas mãos e serviu-se dela para sua tradução latina da Vulgata. As versões aramaicas do Antigo Testamento, utilizadas nas sinagogas, são hoje conhecidas como Targumim. Na origem, no século I a.C., era uma tradução-interpretação oral: compreendia elementos de explicação ou de interpretação destinados a facilitar para os ouvintes a compreensão das Escrituras que lhes era lida em hebraico. Estes targumim orais foram em seguida postos por escrito. [...]. Das versões em siríaco, dialeto aramaico tardio, da Peshita (nome siríaco da Bíblia), resta uma parte do Antigo Testamento numa tradução realizada no século II d.C. em Edessa (hoje Urfa) no sul da Turquia atual. (CARREZ, 1995, p. 101-102).

Várias traduções dos textos bíblicos foram feitas em grego, nos primeiros séculos, para uso das primeiras comunidades cristãs, pois até o fim do século II a maioria destas comunidades falava e entendia o grego popular. Mas quando o latim foi se firmando, começaram a surgir traduções para esta língua. Segundo Castro, possivelmente a mais antiga é uma tradução feita na Itália, por recomendação de Santo Agostinho que ficou conhecida como “Ítala” (CASTRO, 1983, p. 31).

Castro (1983, p. 31) relata que em 382 o Papa Dâmaso pediu a São Jerônimo que fizesse uma revisão da tradução dos Salmos. Após o término, no ano de 392, Jerônimo começou uma tradução do Antigo Testamento que ficou pronta no ano 405. A obra de São Jerônimo não foi a primeira tradução, houve outras versões latinas: “por volta do ano 250 em Cartago, uma Bíblia inteira em língua latina existe”, afirma Carrez (1995, p. 103). Conforme o autor, esta versão foi traduzida a partir do texto ocidental do Novo Testamento e passou por diversas revisões na Europa.



Figura 5: Gruta onde viveu São Jerônimo em Belém, local em que traduziu a Bíblia. Localizada ao lado da gruta da Natividade, possui um acesso exclusivo ao local do nascimento de Cristo. Foto: Adriana Ferreira da Silva, 2008.

Com o tempo, conta Carrez, diante dos muitos textos bíblicos latinos existentes, Santo Agostinho preocupa-se em encontrar a melhor versão, e é neste momento que São Jerônimo começa sua empreitada servindo-se das Héxaplas de Orígenes que lhe dava as versões gregas, judaicas, e o texto hebraico. “Convencido da ‘verdade hebraica’, Jerônimo só traduziria, se considerasse apenas suas próprias inclinações, os 39 livros do cânon judeu, mas assim mesmo traduz alguns livros deuterocanônicos. No Novo Testamento, ele só traduz os evangelhos”. (CARREZ, 1995, p. 103). Os demais textos foram confiados a um de seus discípulos. Carrez revela ainda que a obra de São Jerônimo levou muito tempo para ser reconhecida. Seus textos serviram aos eruditos e somente no século XIII surgiu em Paris um texto da Universidade de Sorbone, parcialmente inspirado na obra de São Jerônimo, que contava com a divisão em capítulos feita por Estevão Langton¹⁵. Foi também nesta ocasião, afirma o autor, que a tradução feita pelo Santo recebeu o nome de “Vulgata” que significa edição “difundida”, “popularizada”. E foi este o texto que Gutenberg imprimiu como primeiro livro.

¹⁵O inglês Estevão Langton era Arcebispo de Cantuária, realizou a divisão em capítulos da Bíblia no ano de 1214. O Antigo Testamento foi dividido em versículos pelo frade dominicano Santes Pagnini, o italiano tomou por base o trabalho dos escribas judeus (massoretas) e foi publicado em 1527, ele também fez a divisão do Novo Testamento, mas os versículos ficaram muito longos. A divisão que vigora até hoje, do Novo Testamento, foi feita pelo tipógrafo francês Roberto Etienne em 1551. Cf. GRUEN, Wolfgang. **O tempo que se chama hoje**: Introdução ao Antigo Testamento. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 31.

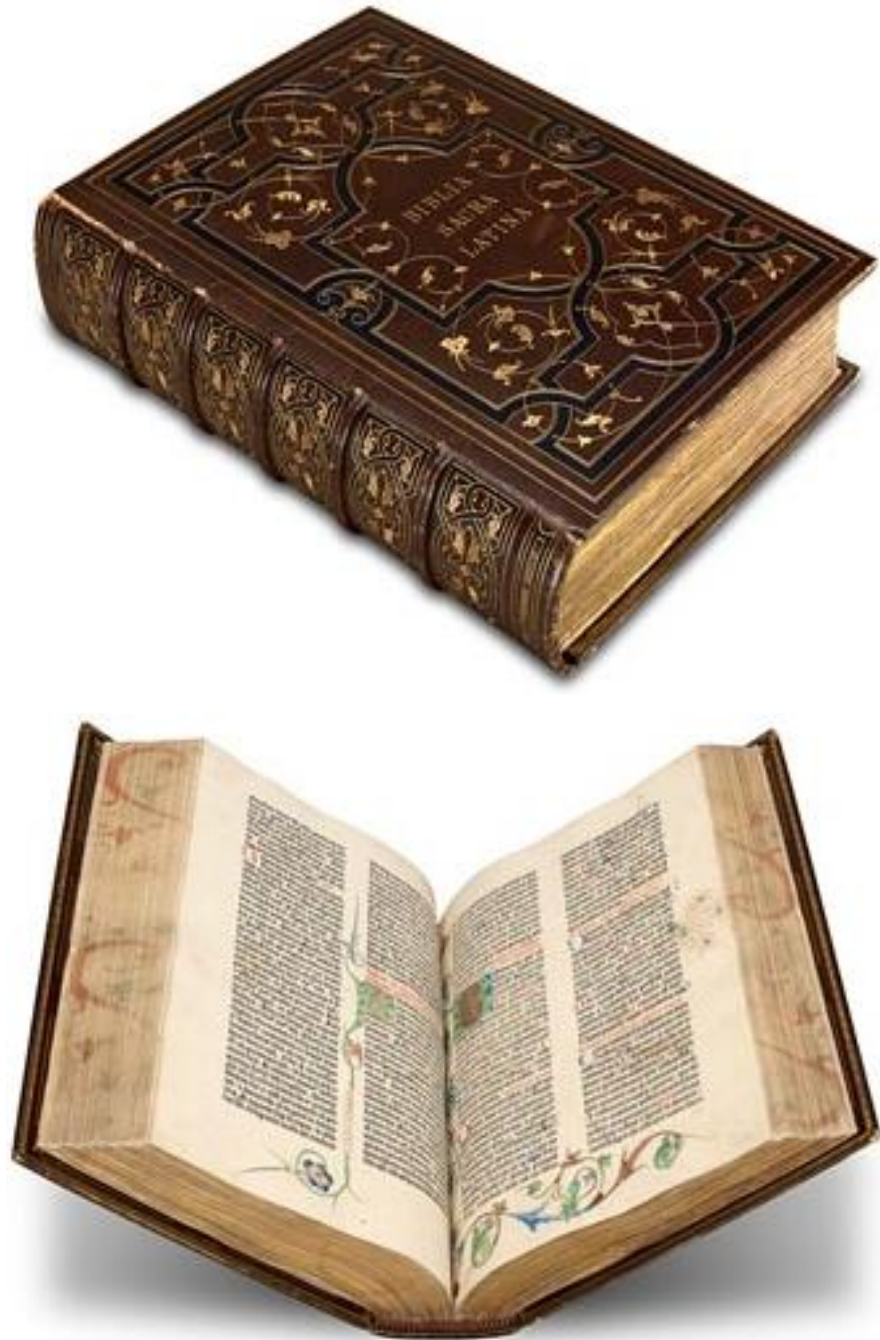


Figura 6: Bíblia Latina, impressa por J.Gutenberg e J. Fust em Maniz, 1455, em exposição no The Morgan Library e Museum de Nova York, EUA. Fonte: THE MORGAN, 2014a.

Vale ressaltar que além das traduções latinas a antiguidade conheceu traduções em outras línguas, tais como “as versões coptas (= egípcias) do final do século II e início do século III, etíopes, armênias, georgianas, árabes, latinas, as velhas latinas, depois a Vulgata, as versões góticas (Ulfilas, século IV) e as em velho eslavo ou eslavão (Cirilo, século IX)”. (CARREZ, 1995, p. 102).

Hoje, as pessoas têm acesso às diversas traduções e versões da Bíblia através de uma livraria ou gratuitamente em uma biblioteca e pela *internet*. Atualmente, a Bíblia possui versões em diversos idiomas, fala-se em aproximadamente 1.685 (CECHINATO, 1999, p. 9). No ano de 1992, era possível encontrar a Bíblia em sua totalidade ou em parte, traduzida em 1.978 línguas e dialetos afirma Carrez (1995, p. 101).

Mas, diante de tantas versões surgem algumas questões: as versões da Bíblia que chegaram ao século XXI correspondem aos primitivos originais? Existem esses escritos antigos que possam provar tal fidelidade? Castro (1983, p. 32) explica tomando como exemplo, as obras dos grandes escritores gregos Platão e Eurípedes, o que restou das obras destes autores foram cópias com a distância que variam de 13 a 16 séculos da época em que viveram tais escritores. Platão distância de 13 séculos e Eurípedes distância de 16 séculos. Por muito tempo a Bíblia também tinha uma defasagem de quatro séculos, em relação a uma parcela do Antigo Testamento datada do século IV que ficou preservada. No início do século XX, no Egito, outras descobertas diminuíram essa distância para apenas dois séculos. A descoberta mais recente aconteceu em 1947, como foi relatada no início deste capítulo. Foram encontrados os Manuscritos do Mar Morto, cujas investigações mais atuais revelaram uma grande quantidade de rolos das Sagradas Escrituras que se acredita tratar de uma biblioteca de um antigo mosteiro dos essênios abandonado pouco antes da destruição de Jerusalém ocorrida no ano 68 d.C.. Castro afirma que:

Pelos estudos feitos até agora, estes antigos manuscritos confirmam a fidelidade do nosso texto hebraico atual [...] apesar de todas as variantes encontradas nos manuscritos, podemos dizer que houve um interesse muito grande pela conservação fiel dos textos originais. As diferenças nunca são tão grandes a ponto de modificar fundamentalmente o sentido da passagem. [...]

Durante séculos os especialistas fizeram um longo trabalho de estudo e de comparação entre as diversas cópias do Antigo e do Novo Testamento. Chegaram à conclusão que os nossos textos atuais são fiéis aos originais. [...] Com o auxílio, porém, das antigas traduções é possível fazer a sua correção quase perfeita. Segundo os especialistas, o nosso Novo Testamento em grego chegou até nós quase exatamente como foi escrito pelos seus autores lá na segunda metade do primeiro século. (CASTRO, 1983, p. 34-36).



Figura 7: Vasos que armazenavam os Manuscritos do Mar Morto, Museu de Qumran.
Foto: Adriana Ferreira da Silva, 2008.

Nos últimos dois mil anos, a Bíblia tem sido considerada a maior criação literária que a humanidade já conheceu. Duas das maiores religiões monoteístas do mundo, o judaísmo e o cristianismo, tem seus ensinamentos baseados na Bíblia. A Bíblia hebraica (Tanakh) e a Bíblia Cristã (Antigo e Novo Testamento), juntas, são os livros mais populares, traduzidos e impressos na história. É o que afirma o *Bible Lands Museum Jerusalem*, em Israel, (THE BOOK, 2014) através da exposição, *The Books of Books*.

Embora não exista concordância sobre o número exato de Bíblias comercializadas no mercado de livros ao longo dos séculos, é possível encontrar levantamentos das publicações e um número aproximado de sua vendagem que parecem ser o que mais se aproximam do consenso editorial. Nas listas mais diversas, a Bíblia aparece como o livro mais vendido de todos os tempos, sendo que sua tiragem superaria seis bilhões de cópias, o segundo colocado estima-se que esteja em torno de novecentas mil cópias. Segundo uma publicação feita pela Biblioteca do Estado de São Paulo, que traz dados mais recentes, referentes aos últimos 50 anos, teriam sido comercializados, neste período, aproximadamente três milhões e novecentas mil cópias da Bíblia (10 LIVROS, 2014).

1.2 O LIVRO

DE FATO, A BÍBLIA É O PRIMEIRO LIVRO DO QUAL SE CONSENTE COPIAR EM PERGAMINHO, 'EM SÉRIE'.

(ARNS, 2007, p. 27)

A história do livro e da Bíblia se entrelaçam desde a antiguidade e ao longo de boa parte da história da imprensa. Na ótica religiosa “a Bíblia é o livro onde o homem guardou essa voz de Deus; é o livro onde o homem interpreta o que a voz de Deus quer falar-lhe com a criação do mundo e do próprio homem”. (STRABELI, 1990, p. 12). Para os judeus a expressão “palavra de Deus” tinha um sentido muito particular e forte. Eles viam na “palavra” uma força que foi capaz de fazer surgir o mundo, uma palavra que salva ou condena. A palavra de Deus é a onipotência divina em ação, assim é possível compreender a importância que davam aos escritos que continham as “palavras de Deus”, esclarece Castro (1983, p. 51). “Os judeus chamavam seus livros de ‘Santos’ e ‘Sagrados’, porque sua origem estava numa intervenção divina”. (CASTRO, 1983, p. 52). O autor destaca um trecho do livro do Deuteronômio (capítulo 31, versículo 24) onde é relatada que a Lei de Deus Escrita foi colocada na Arca da Aliança, uma espécie de sacrário onde guardavam o que havia de mais sagrado e que servia como testemunho e garantia da aliança de Deus e de suas promessas. Portanto, o livro passa a ser um objeto sagrado.

Na antiguidade grega, diferente da judaica, os livros não eram muito valorizados pelos escritores, Manguel relata que no tempo de Sócrates, o texto escrito não era um instrumento comum:

Para Sócrates, os livros eram auxílios à memória e ao conhecimento, mas os verdadeiros eruditos não deveriam precisar deles. Poucos anos depois, seus discípulos Platão e Xenofonte lembraram em um livro essa opinião depreciativa sobre livros, e a memória deles de sua memória foi assim preservada para nós, seus futuros leitores. (MANGUEL, 1997, p. 78).

O autor reforça que embora existisse um número considerável de livros em Atenas no século V a.C. o comércio deles era pequeno. E a prática da leitura se dava de forma privada e, estabeleceu-se de fato, no século seguinte, no tempo de Aristóteles. Manguel (1997, p. 78) conta que Aristóteles “foi um dos primeiros leitores a reunir uma importante coleção de manuscritos para uso próprio”. Ressalta ainda, que esta foi uma época de forte tradição oral:

Era por meio da conversa que as pessoas aprendiam e passavam adiante conhecimentos, e Sócrates pertence a uma linhagem de mestres orais que inclui Moisés, Buda e Jesus Cristo, o qual, uma única vez, dizem-nos, escreveu algumas palavras na areia apagando-as em seguida. (MANGUEL, 1997, p. 78).

Nas sociedades da antiguidade, seguindo a tradição oral, os livros eram lidos principalmente em voz alta, a escrita contínua não separava palavras, não distinguia as letras maiúsculas das minúsculas e não usava pontuação, as frases eram contínuas. A forma do livro em rolo se deu para favorecer a tarefa do leitor. As folhas de pergaminho ou papiro eram coladas formando assim um rolo contínuo. O leitor do século V a.C. lia em voz alta, desenrolava o rolo com uma das mãos e enrolava com a outra, expondo trecho a trecho, assim ia decodificando os sinais gráficos que ao olho mais parecia uma linha contínua de signos. (MANGUEL, 1997, p. 64). Após o rolo surge o códice, uma invenção pagã, afirma Manguel, e narra que:

Segundo Suetônio, Júlio César foi o primeiro a dobrar um rolo em páginas, para despachos a suas tropas. Os cristãos primitivos adotaram o códice porque descobriram que era muito prático para carregar, escondidos em suas vestes, textos que estavam proibidos pelas autoridades romanas. As páginas podiam ser enumeradas, permitindo ao leitor acesso fácil às seções, e textos separados, como as *Epístolas*, podiam ser facilmente encadernados em um pacote conveniente. (MANGUEL, 1997, p. 64).

Para leitura das Epístolas de São Paulo, Santo Agostinho optou pelo códice, que na época era um papiro encadernado e manuscrito em escrita contínua, em uma nova letra usada nos documentos romanos do final do século II, chamada uncial¹⁶ ou semi-uncial. “Desde os primórdios, os leitores exigiram livros em formatos adaptados ao uso que pretendiam lhes dar”. (MANGUEL, 1997, p. 149). O autor relembra as tabuletas usadas na Mesopotâmia feitas em blocos quadrados ou ovais, de argila, com cerca de 7,5 cm de largura e que cabiam de forma confortável nas mãos. Para se formar um livro era preciso várias tabuletas, talvez usassem uma bolsa ou caixa de couro para transportá-las. Manguel acredita que os mesopotâmios talvez tivessem livros encadernados, pois em monumentos funerários de pedra neo-hititas, existem algumas representações que se assemelham ao códice. Mas nem todo o livro da Mesopotâmia era feito para ser segurado na mão, o autor traz o seguinte relato referente ao propósito de certos livros:

¹⁶ A escrita uncial é composta por um tipo de grafia específica que caracterizou os textos produzidos a pena sobre pergaminhos. Foi uma evolução tardia da maiúscula romana e caracterizava-se por utilizar letras maiúsculas arredondadas. Foi predominante nos manuscritos do século IV ao século VIII. Cf. HEITLINGER, Paulo. A letra redonda: uncial. Disponível em: <<http://tipografos.net/escrita/uncialis.html>>. Acesso em: 15 maio 2014.

Existem textos escritos em superfícies muito maiores, tais como o Código de Leis da Média Assíria, encontrado em Assur e datado do século XII a.C., que mede 6,2 metros quadrados e traz o texto em colunas de ambos os lados. Obviamente, esse “livro” não se destinava a ser carregado, mas erguido e consultado como obra de referência. Nesse caso, o tamanho devia ter também um significado hierárquico: uma tabuleta pequena poderia sugerir um negócio privado; um livro de leis nesse formato tão grande com certeza aumentava, aos olhos do leitor mesopotâmico, a autoridade das leis. (MANGUEL, 1997, p. 150).

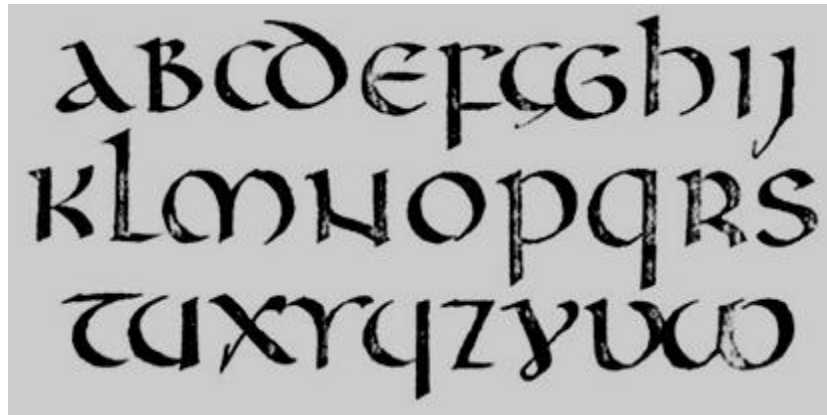


Figura 8: Letras unciais. Fonte: ATIVIDADE, 2014.

Tanto o formato em tabuletas de argila, quanto o rolo de papiro eram manuseáveis e relativamente portáteis, mas inapropriados para fazer um códice, pois a argila seria pesada demais e o papiro quebradiço, impossibilitando a dobra em formato brochura. Mas a partir de uma necessidade, e ao que parece, também, certa disputa, surgiu um novo suporte para a escrita (MANGUEL, 1997, p. 150). O autor conta a seguinte história:

Segundo Plínio, o Velho, o rei Ptolomeu do Egito, desejando manter como segredo nacional a produção do papiro, a fim de favorecer sua biblioteca de Alexandria, proibiu a exportação do produto, forçando assim seu rival Eumenes, soberano de Pérgamo, a descobrir um outro material para os livros de sua biblioteca. A crer em Plínio, o édito do rei Ptolomeu levou à invenção do pergaminho em Pérgamo no século II a.C.. (MANGUEL, 1997, p. 150).

O documento mais antigo em velino¹⁷ que se tem conhecimento data do século 3 d. C., trata-se de um códice grego da Ilíada (MANGUEL, 1997, p. 370). Segundo o autor, esses não eram materiais de uso exclusivo para confecção de um tipo de livro, havia rolos feitos de pergaminho e códices feitos de papiro, mas nesta época eram raros e considerados pouco práticos. “No século IV, e até o aparecimento do papel na Itália, oito séculos depois, o pergaminho foi o material preferido em toda a Europa para fazer livros”. (MANGUEL, 1997, p. 150). Alberto Manguel elenca as vantagens do pergaminho sobre o papiro: macio, mais

¹⁷**Velino:** Pele de carneiro ou de vitelo, mais lisa e fina que o pergaminho comum. Cf. DICIONÁRIO Informal. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/velino/>>. Acesso em: 04 nov. 2013.

resistente, mais barato e em formato de códice podiam ser cortados ou dobrados em diversos tamanhos, podiam conter textos dos dois lados da folha, tinham espaço nas margens que facilitavam a colocação de glosas¹⁸ e comentários. O texto poderia ser organizado conforme o conteúdo, em livros e capítulos e poderia reunir várias obras menores em um só volume, fácil manejo e rapidez nas trocas de páginas, proporcionando um sentimento de totalidade, de transporte fácil por ser pequeno e quando em tamanho maior possui maior capacidade de armazenamento do que qualquer livro anterior. (MANGUEL, 1997, p. 150-151). O autor afirma ainda que:

O códice de pergaminho logo se tornou a forma comum dos livros para autoridades e padres, viajantes e estudantes – na verdade, para todos aqueles que precisavam transportar em boas condições seu material de leitura de um lugar para o outro e consultar qualquer parte do texto com facilidade. (MANGUEL, 1997, p. 151).

“A bíblia não é o único livro a tirar proveito da vitória do pergaminho sobre o papiro [...] nos dois primeiros séculos, o pergaminho serviu sobretudo a escritos particulares, rascunhos e notas comerciais”. (ARNS, 2007, p. 27). Mas, uma estatística curiosa foi apontada por F.-W. Beare: “...os manuscritos de autores cristãos que restaram do século III compreendem quatro vezes mais códices que rolos, [...], para o mesmo período, entre os manuscritos de autores pagãos, os rolos são quase quinze vezes mais numerosos que os códices”. (BEARE apud ARNS, 2007, p. 105). Manguel também corrobora, com a afirmação acima citada, quando afirma que as vantagens do códice prevaleceram sobre o rolo:

Por volta do ano 400, o rolo clássico estava quase abandonado e a maioria dos livros era produzida como folhas reunidas de formato retangular. Dobrado uma vez, o pergaminho tornava-se um fólio¹⁹; dobrado duas vezes, um in-quarto; dobrado mais de uma vez um in-octavo. (MANGUEL, 1997, p. 152).

“Jerônimo surge na história exatamente no momento em que se passa a luta decisiva entre o papiro e o pergaminho”. (ARNS, 2007, p. 26). O autor nos garante que a vitória do pergaminho foi graças à associação de São Jerônimo aos seus colegas latinos. Pois os monges, acreditando na longa sobrevivência de seus institutos, tinham como prioridade no que fabricavam e escolhiam o que fosse durável e sólido. Portanto, o códice de pergaminho que não se rasgava se sobrepôs ao manuscrito em papiro que era elegante, porém frágil. Em

¹⁸ **Glosa:** anotação que explica o sentido de uma palavra ou de um texto: comentário, interpretação. Cf. DICIONÁRIO ONLINE. Disponível em: < <http://www.dicio.com.br/glosa/>>. Acesso em: 09 fev. 2014.

¹⁹ **Fólio:** suporte em papel de formato variável, cujas faces se *designam* por reto e verso; na tradição do livro manuscrito, o fólio, de grande formato, foi dobrado em dois, em quatro ou em oito (donde os nomes *in folio*, *in quarto*, *in octavo*) antes de chegar ao formato de códice. Uma página manuscrita de uma compilação, por exemplo, é identificável pelo número do fólio. Cf. GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www2.fch.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm>>. Acesso em: 09 fev. 2014.

contrapartida, Arns revela que o códice em pergaminho poderia ter sua apresentação exterior melhorada de forma bem mais fácil.

Outro ponto a favor do códice levantado por Arns está ligado à aspiração as mais altas virtudes que motivavam os leitores e as leitoras da época a buscar conhecimento em fontes menos onerosas, a exemplo dos “maiores escritores cristãos que se sujeitavam a pobreza e tinham certo prazer em se opor à tradição”, no que se referia à literatura, tornaram-se modelo seguido por tais leitores. O autor relata a seguir, o surgimento de um novo público leitor que tem um perfil religioso: “Fala-se de um novo público literário. Seu conhecimento é centrado na Bíblia. Esta se torna para eles a leitura quotidiana e a meditação noturna, o que exige um material mais resistente”. (ARNS, 2007, p. 27).

Apoiado na explicação de Birt (1882), Arns afirma que:

O *codex* foi a forma *pobre* do livro no século I. Portanto, os círculos cristãos o teriam adotado e conservado. O povo teria recebido a Bíblia com esta forma; o monge, o padre e até o bispo, [...] teriam preferido utilizá-lo na leitura. Existe uma relação de causa e efeito entre o desenvolvimento da literatura cristã, em especial nos meios monásticos, e a vitória do *codex*. (ARNS, 2007, p. 105).

No século IV, o uso do pergaminho para a reprodução da Bíblia parece até exclusivo, que até o vocabulário usado por São Jerônimo na época faz referência à Escritura como sinônimo de *codex* (ARNS, 2007, p. 27). Arns ressalta que a evolução da técnica do livro em pergaminho se deve ao “amor ao livro sagrado e sobretudo a posição oficial da Igreja”. (ARNS, 2007, p. 28) e cita algumas palavras de São Jerônimo sob as quais se podem verificar tal evolução:

Jerônimo não constata sem amargura: “Tinge-se o pergaminho de cor de púrpura, traçam-se as letras com ouro líquido, revestem-se de gemas os livros, mas totalmente nu, diante das suas portas, Cristo está morrendo”. [...] “Que guardem, aqueles que quiserem, os velhos livros, ou os copiados em pergaminho de púrpura, de ouro ou de prata, contanto que me deixem a mim e aos meus [...] códices²⁰ menos belos que exatos”. (ARNS, 2007, p. 28).

Quanto a tais dizeres do Santo, Arns destaca que esta questão de embelezamento e de enriquecimento dos códices em pergaminho era uma forma de mudança do conceito de inferioridade com que este formato era visto na época. Cita como exemplo o conceito de elegância que ainda perdurava nos séculos IV e V em relação às correspondências, que eram redigidas em papiro, porque o pergaminho dava ar de pobreza e menos elegância a uma carta

²⁰ *Codex*, códice, *codices*: Arns refere-se ao formato códice utilizando várias formas de grafia. Porém trata-se do primitivo formato do livro.

e que o pergaminho só era usado quando faltava o papiro (ARNS, 2007, p. 28). Em relação ao livro, Arns coloca em relevo a visão de Schubart que também vê o povo pobre entre os cristãos que se interessam pelo tipo mais barato de livro. Mas, assim que dispõem de certa riqueza, estas pessoas passaram a ornar este livro (SCHUBART 1938; 1921, apud ARNS, 2007, p. 105).

Por volta do século V na Igreja Católica, os missais, corais, antifonários²¹, eram imensos. Estes enormes livros de culto ficavam expostos num atril²² na parte central do coro de forma a favorecer a leitura e o acompanhamento das notas musicais sem dificuldade. Manguel (1997, p. 155) conta que alguns desses livros eram tão grandes que seus suportes eram com rodinhas para que pudessem ser movidos de lugar. Tais livros eram ricamente decorados com latão e marfim, fechados com fivela e seu propósito era proporcionar boa leitura à distância.

Outro dado interessante, ressaltado por Arns, é que nas bibliotecas dos cristãos a preferência pelo modelo códice era denotada inclusive em relação às obras de autores pagãos, os cristãos da época, possuíam reproduções neste formato também de tais autores. Arns conclui dizendo: “Os *codices* terão êxito, sobretudo porque oferecem vantagens consideráveis, em primeiro lugar para o manuseio prático da Bíblia e dos Livros Litúrgicos”. (ARNS, 2007, p. 105).

Manguel (1997, p. 152) afirma: “de todas as formas que os livros assumiram ao longo do tempo, as mais populares foram aquelas que permitiam ao leitor mantê-lo confortavelmente nas mãos”. O autor conta que na antiguidade Grega e Romana os rolos eram usados para todos os tipos de textos. As cartas particulares eram geralmente escritas em pequenas tabuletas de cera reutilizáveis. Mas com o tempo, passou-se a usar folhas reunidas de pergaminho fino, com cores diferentes para anotações rápidas ou contas. Tais livretos de anotações, no século III tiveram seus valores alterados, conforme descreve Manguel:

Em Roma, por volta do século III, esses livretos perderam seu valor prático e passaram a ser estimados em função da aparência das capas. Encadernados em chapas de marfim finamente decoradas, eram oferecidos como presente a altos funcionários, quando de sua nomeação; acabaram se tornando presentes particulares também, e os cidadãos ricos começaram a se presentear com livretos nos quais escreviam um poema ou uma dedicatória. Logo, os livreiros empreendedores

²¹Livros litúrgicos da igreja (católica, utilizados nas missas) que contém as diversas partes do ofício cantado no coro. Cf. DICIONÁRIO do Aurélio. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Antifonario.html>>. Acesso em: 05 abr. 2014a.

²²**Atril:** “Móvel ou suporte disposto em plano inclinado onde se coloca um livro aberto, para se poder ler de pé ou sem o segurar com as mãos”. DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/atril>>. Acesso em: 22 abr. 2014.

começaram a fazer pequenas coleções de poemas – pequenos livros de presente cujo mérito estava menos no conteúdo do que na elaborada ornamentação. (MANGUEL, 1997, p. 153).

A difusão do livro desde a antiguidade clássica acontecia de forma gradativa. Segundo Arns (2007, p. 129) os amigos dos escritores eram frequentemente convidados a dar sua opinião sobre a obra. Eles liam, copiavam e passavam a obra a outros, até que o público letrado começasse a se interessar por ela. Havia livreiros na época, com aptidão comercial, que logo descobriam os autores e obras que tinham mais chances de agradar ao público.

Nos primeiros séculos do Cristianismo, era responsabilidade primeira do autor a difusão de sua obra, era ele que escolhia quem seria o primeiro destinatário ou depositário. Depois disso eram os amigos que se incumbiam da difusão. Foi graças ao zelo dos amigos que as primeiras produções de Jerônimo chegaram ao Ocidente (ARNS, 2007, p. 130), o autor destaca que se os amigos fossem ricos ou gozassem de prestígio extraordinário ficava mais fácil à difusão. Quanto ao clero, este recebia as publicações mais cedo, por gozarem de uma posição privilegiada e estimulava seu zelo. Arns nos revela o perfil do leitor nesta época: “No período cristão, sobretudo nos séculos IV e V, os leitores eram tão ávidos quanto na Antiguidade clássica, e os grandes autores cristãos tiveram tantos admiradores quanto seus colegas pagãos, se não mais”. (ARNS, 2007, p. 129).

Outras passagens curiosas relatadas por Arns (2007, p. 147) são: os cristãos do tempo de São Jerônimo faziam empréstimos de livros entre eles, com o intuito de ler, porém acabavam por copiar a obra por inteiro, não se contentando apenas com resumos. Nesta época quando se queria um livro era preciso recorrer ao seu depositário ou ao próprio autor. Muitos personagens importantes copiavam frequentemente os manuscritos, como por exemplo, Hilário que, quando jovem, copiou o códice dos Evangelhos de próprio punho. Os mais abastados lançavam mão de copistas profissionais para obter as cópias das obras completas de certos autores. Quanto aos empréstimos, estes eram feitos à grande distância, pois os principais autores deste tempo moravam em regiões diferentes. Já as bibliotecas emprestavam livros somente às pessoas de confiança. Arns conclui que o público culto, nos meios cristãos, não media sacrifícios para obter os livros e se mostrava ávido para obter as novidades literárias, portanto a cópia se torna o primeiro meio de difusão do livro (ARNS, 2007, p. 148-149.169). Sobre a expansão e o comércio do livro Arns explica:

A expansão do livro é essencialmente condicionada pelos interesses dos amigos e dos grupos de leitores. As lutas partidárias, as intrigas religiosas que nutrem a propaganda dos autores devem ser consideradas como os primeiros responsáveis pela difusão de um grande número de escritos. Outros se divulgam graças ao zelo

apostólico e ao nobre interesse dos depositários. A colaboração destes últimos consiste menos em reproduzir as obras do mestre do que em recomendá-las. De bom grado eles põem sua cópia-modelo à disposição daqueles que a desejarem. [...]

O comércio, se é que existiu, não é mencionado de modo explícito na obra de Jerônimo. O empréstimo, feito de perto, ou a longa distância, atinge finalmente qualquer leitor ávido por ler as novas produções do Doutor de Belém. Não importam os maiores sacrifícios. Aliás, o tamanho das obras e seu conteúdo nos provam que os clientes romanos do escritor muitas vezes se empenham conscientemente e de modo total. (ARNS, 2007, p. 191).

Mas à medida que acontecia a difusão do códice a sociedade dos séculos III e IV sofria profundas transformações culturais e sociais, um dos grandes problemas da época era a diminuição do número de pessoas alfabetizadas, principalmente entre as mulheres. Nos séculos V e VI a capacidade de leitura fica somente entre os representantes da Igreja e o códice passa ser um livro para as minorias letradas (CAVALLO; CHARTIER, 2002, p. 93). Manguel (1997, p. 153) lembra que ao longo da Idade Média, boa parte da vida dos europeus se passava em ofícios religiosos e os livros mais populares deste tempo eram os livros de orações pessoais ou livro de horas²³, que vinham geralmente decorados com pinturas da Anunciação e em alguns casos o proprietário do livro também era retratado.

A partir do século XIII, o livro de horas (concebido aparentemente por Bento de Aniano no século VIII, e como um suplemento do ofício canônico) foi o livro de orações particular dos ricos, e sua popularidade continuou até os séculos XV e XVI – como se vê em numerosas representações da Anunciação, nas quais a Virgem é mostrada lendo seu livro de horas, como se fora uma dama real ou aristocrática. Em muitos lares mais abastados, o livro de horas era o único existente, e mães e amas usavam-no para ensinar as crianças a ler. (MANGUEL, 1997, p. 247-248).



Figura 9: Livro de Horas de Margarida de Cleves, onde ela é retratada junto a Virgem orando. (1395-1400). Fonte: TUROMAQUIA. 2009.

²³ O Livro das Horas contém orações, através dos salmos bíblicos, para diversos momentos do dia. É um dos livros medievais mais ricamente ilustrados. Hoje é um livro litúrgico para utilização de clérigos e leigos. Também chamado Liturgia das Horas. Cf. NOGUEIRA, Isabel Candolo. **Betsabéia e os livros de horas medievais**. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp-pdf/ANPUH.S25.0411.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014. p. 4.

No decorrer da Idade Média, após a queda do Império Romano, até o século XII, toda a cultura livresca e a produção do livro foram conservadas quase que integralmente pelos mosteiros e estabelecimentos eclesiásticos, isto era visto como um monopólio (THOMAS, 2000, p. 11-12). Estudos comprovam que a Igreja na Idade Média não tinha o interesse de manter o povo na ignorância para dominá-lo, mas que se empenhou em difundir o ensino que foi a base da Civilização Ocidental (AQUINO, 2008, p. 115). Filipe Aquino ressalta que:

No séc. VI, São Cesário de Arles já expunha no Concílio de Vaison (529) a necessidade imperiosa de criar escolas no campo; e os bispos se dedicaram a isso. Da mesma forma foi a Igreja que montou para Carlos Magno (+814) a sua política escolar; e retomou a tarefa educadora no séc. X após o fim do seu Império. O III Concílio de Latrão (1179), em Roma, presidido pelo Papa Alexandre III (1159-1181), ordenou ao clero que abrisse escolas por toda a parte para as crianças, gratuitamente. Obrigou a todas as dioceses terem ao menos uma. Essas escolas foram as sementes das Universidades que logo surgiam: Sorbone (Paris), Bolonha (Itália), Canterbury (Inglaterra), Toledo e Salamanca (Espanha), Salerno e Rávia na Itália; Coimbra em Portugal. Os níveis escolares eram três: primário, secundário e superior. Na base, estavam as escolas paroquiais, 'as pequenas escolas'. (AQUINO, 2008, p. 115-116).

Durante a Idade Média as escolas eram fundadas e mantidas geralmente pela Igreja, afirma Felipe Aquino (2008, p. 116) e, por isso, havia escolas Paroquiais, escolas nas Catedrais e escolas nos Mosteiros. Os senhores feudais e os habitantes dos lugarejos podiam fundar suas escolas desde que pudessem sustentar um professor capaz de ensinar as crianças. Aquino destaca do Concílio Geral de Latrão III o seguinte trecho do cânon 18:

A Igreja de Deus, qual mãe piedosa, tem o dever de velar pelos pobres aos quais pela indigência dos pais faltam os meios suficientes para poderem facilmente estudar e progredir nas letras e nas ciências. Ordenamos, portanto, que em todas as igrejas catedrais se proveja um benefício (rendimento) conveniente a um mestre, encarregado de ensinar gratuitamente aos clérigos dessa igreja e a todos os alunos pobres. (AQUINO, 2008, p. 116).

Até o ano de 1440 foram erguidas na Europa 55 Universidades e 12 Institutos de ensino superior. Nestes locais eram ministrados cursos de Direito, Medicina, Línguas, Artes, Ciências, Filosofia e Teologia, fundados pela Igreja Católica (AQUINO, 2008, p. 121). Com isso houve o deslocamento dos centros da vida intelectual da sociedade, que passou a acontecer nestes locais de estudos, aonde eruditos, professores e estudantes se organizavam com artistas especializados, deram assim, início a um ativo comércio de livros. Deste momento em diante, o mosteiro deixou de ser o único produtor de livros e passou a produzir somente para uso próprio (THOMAS, 2000, p. 11-12.16). Thomas expõe alguns pontos desta mudança social que ocorreu:

A partir do início do século XIII, e mesmo desde os finais do século XII, o aparecimento e desenvolvimento das universidades deu origem a um novo público de leitores – clérigos, na maioria, sem ligação estreita a outros estabelecimentos eclesiásticos [...]. Para preparar os cursos, os professores vão precisar de textos, de obras de referência, de comentários [...]. Era, pois, indispensável que pudessem dispor comodamente desses instrumentos de trabalho – e por isso, a universidade organizou uma biblioteca onde poderiam consultá-los. (THOMAS, 2000, p. 16).

O ensino oral na Idade Média era de grande importância, por isso os estudantes não precisavam de uma grande quantidade de livros, pois estavam treinados a memorizar grande parte do ensino. Esses estudantes costumavam copiar as obras, mas quando não dispunham de tempo ou se fossem de família abastada pagavam copistas para fazê-lo. As universidades também precisavam deste tipo de profissional e por isso montaram oficinas onde tais pessoas copiavam a baixo preço as obras indispensáveis. Aos poucos foi se formando uma verdadeira corporação de profissionais do livro nos arredores destes centros universitários. Os copistas eram em sua maioria clérigos e os livreiros leigos. Estes profissionais não eram artesãos que trabalhavam por conta própria, eles estavam de certa forma, ligados a universidade e eram submetidos a um rígido controle (THOMAS, 2000, p. 16-17).

Thomas nos conta que os profissionais que trabalhavam para as universidades eram nomeados após um inquérito, através do qual as autoridades se asseguravam da boa reputação e capacidades destes profissionais para o exercício de tal função, tanto o livreiro quanto o copista (também chamado estacionário) deviam pagar uma caução e prestar juramento na Universidade, de forma a garantir a veracidade de suas obras. O autor relata em detalhes como funcionava o sistema de empréstimos de livros e nos explica as vantagens da divisão do livro em *pecia*:

Para exercer inspeção intelectual e económica sobre a circulação dos livros, a Universidade quisera, de facto, que as obras indispensáveis aos mestres e estudantes fossem cuidadosamente verificadas no que respeitava ao texto, para que nele não se introduzissem quaisquer erros que pudessem deturpar o seu sentido. Para permitir a multiplicação das cópias nas melhores condições, sem alteração do texto e sem especulação abusiva da parte dos copistas, a Universidade pôs em marcha um sistema muito engenhoso de empréstimos de manuscritos controlados e cuidadosamente revistos, a partir dos quais podiam ser feitas cópias em troca de uma remuneração tarifada. O manuscrito de base, “o exemplar”, era devolvido ao estacionário depois de copiado, e este podia, então, alugá-lo de novo. Este método tinha a grande vantagem de evitar alterações cada vez mais graves, de cópia para cópia, visto que cada uma era feita a partir de um mesmo modelo único [...], o *exemplar*, emprestado por mediação dos estacionários aos estudantes desejosos de copiá-lo ou de mandar copiá-lo por copistas assalariados, não era entregue por inteiro, mas em cadernos separados, o que permitia imobilizar por menos tempo o *exemplar*, que vários copistas podiam copiar simultaneamente. O preço do aluguel destes cadernos (ditos *peciae* ou *peças*) era fixado pela Universidade e os estacionários não podiam aumentá-lo. Tinham, por outro lado, a obrigação de alugá-los a todos quantos o desejassem. Se um “exemplar” fosse considerado defeituoso era retirado de circulação. (THOMAS, 2000, p. 18-19).

Entre os séculos XIII e XIV houve o aumento na quantidade de pessoas que eram capazes de ler. No século seguinte, os leitores buscavam em bibliotecas pelos exemplares tão raros e sonhavam com a multiplicação de cópias destes livros de forma mais rápida e menos custosa para que tivessem acesso, em contrapartida, as Universidades também precisavam ampliar seus acervos. Esses fatores de ordem social, aliados ao aparecimento do papel proveniente da China, da adaptação dos moinhos europeus²⁴, que proporcionou numerosas transformações industriais entre elas o avanço da indústria papelreira na Itália, e posteriormente por toda a Europa²⁵, foram elementos que criaram as condições favoráveis para o surgimento da imprensa (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 31-34).

Entre a indústria do papel e do livro, as relações são estreitas, a prosperidade de uma não existe sem a prosperidade da outra. Assim, pode se afirmar que o desenvolvimento do centro papelreiro favorece o desenvolvimento do centro tipográfico. “O prelo²⁶ é um enorme consumidor de papel. Exige três resmas por dia para funcionar normalmente”. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 46). Os autores apresentam alguns números interessantes que ilustram a demanda de papel:

No século XVII, existem na França, contando com os prelos de talhe-doce, de quinhentos a mil prelos de impressão. Portanto, para alimentá-los, os moinhos de papel devem fornecer diariamente de 1000 a 3000 remas, ou seja de 450.000 a 900.000 por ano, se funcionam a pleno rendimento. Nada de se admirar, por isso, que um dos associados de Gutenberg, em Estrasburgo, fosse possuidor de um moinho de papel e que os mais ricos negociantes de papel fossem precisamente os fornecedores dos livreiros. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 46-47).

Manguel (1997, p. 157-158) conta que a invenção da imprensa se deu em algum momento da década de 1440, quando um jovem ourives da Mogúncia²⁷, chamado Johann Gutenberg²⁸, percebeu que as reproduções de livros poderiam ser mais rápidas e eficientes se as letras do alfabeto fossem cortadas na forma de tipos reutilizáveis. Para financiar seu invento Gutenberg precisou emprestar muito dinheiro. “Arruinado pelos reembolsos que foi

²⁴A adaptação dos moinhos europeus, “aconteceu por volta do século XI, e talvez antes, houve a ideia de adaptar ‘alavancas’ aos moinhos, transformando o movimento circular em movimento alternativo. Esta invenção estivera na origem de numerosas transformações industriais; a aplicação do processo pelos papelreiros de Fabriano (Itália) permitiu substituir por macetes a antiga mó usada pelos árabes para moer e triturar trapos, melhorando o rendimento, diminuindo o preço de custo e ajudando a produzir um papel de qualidade superior”. (FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O Aparecimento do Livro**. Tradução de Henrique Tavares de Castro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 33).

²⁵Para maiores detalhes sobre o aparecimento do papel na Europa, cf. FEBVRE, MARTIN, 2000, p. 30-52.

²⁶ **Prelo**: máquina de impressão tipográfica; prensa. (DICIONÁRIO, 2014e.)

²⁷**Mogúncia**- em alemão Mainz, é a capital do estado federal de Renânia-Palatinado na Alemanha.

²⁸O nome completo era Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg. (MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 157).

obrigado a realizar em consequência dessa ação²⁹, Gutenberg foi constrangido a se desfazer de rendas pessoais, sendo praticamente levado à falência, [...], e quase impossibilitado de continuar as pesquisas”. (MARTINS, 2002, p. 148). Por fim, conseguiu criar os elementos essenciais da impressão³⁰ que foram usados até o século XX.

Os efeitos da invenção de Gutenberg foram instantâneos e de alcance extraordinário, pois quase imediatamente muitos leitores perceberam suas grandes vantagens: rapidez uniformidade de textos e preço relativamente barato. Poucos anos depois da impressão da primeira Bíblia, máquinas impressoras estavam instaladas em toda a Europa: em 1465 na Itália, 1470 na França, 1472 na Espanha, 1475 na Holanda e na Inglaterra, 1489 na Dinamarca. (A imprensa demorou mais para alcançar o Novo Mundo: os primeiros prelos chegaram em 1533 à cidade do México e em 1638 a Cambridge, Massachusetts.) Calculou-se que mais de 30 mil *incunabula*³¹ foram produzidas nesses prelos. Visto que as edições do século XV costumaram ser de menos de 250 exemplares e dificilmente chegavam a mil, a façanha de Gutenberg deve ser considerada prodigiosa. De repente, pela primeira vez desde a invenção da escrita, era possível produzir material de leitura rapidamente e em grandes quantidades. (MANGUEL, 1997, p. 158-159).



Figura 10: Prensa de Gutenberg. Fonte: COMUNICAÇÃO CORPORATIVA, 2014.

²⁹ Gutenberg esteve associado a Hans Riffe, André Dritzehn e André Heilman entre os anos de 1436 a 1439. Com a morte de André Dritzehn em 1439 os herdeiros querem suceder o pai na sociedade e movem um processo contra Gutenberg e os outros sócios. Entre as peças do processo existe a exigência do pagamento dos empréstimos feitos para dar cabo ao novo invento. Cf. FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 64; MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002, p. 148.

³⁰Os elementos essenciais da impressão, criados por Gutenberg são: prisma de metal para moldar as faces das letras, uma prensa semelhante às usadas na fabricação de vinho e na encadernação, e uma tinta de base oleosa. Cf. MANGUEL, 1997, p. 158.

³¹*Incunabula*, palavra latina do século XVII que significa “relacionado ao berço”, usada para descrever os livros impressos antes de 1500. Cf. MANGUEL, 1997, p. 159.

Portanto, o primeiro livro a ser impresso com tipos móveis foi a Bíblia, entre os anos 1450 e 1455. Algumas particularidades: o modelo impresso por Gutenberg imitava os volumes feitos à mão, possuía 42 linhas por página e foi vendido na Feira Comercial de Frankfurt. A Bíblia era vendida em folhas reunidas e encadernadas pelos compradores em grandes e imponentes tomos³² que mediam cerca de trinta por quarenta centímetros e eram destinadas a ficarem expostas em um atril. Para confeccionar uma Bíblia desta dimensão em velino era necessária a pele de 200 ovelhas (MANGUEL, 1997, p. 158-160).



Figura 11: Bíblia de Gutenberg em exposição na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos.
Fonte: O MAIOR, 2014.

Segue transcrito um raro documento da época, uma carta de um homem chamado Enea Silvio Piccolomini, destinada ao cardeal de Carvajal, com data de 12 de março de 1455, em Wiener Neustadt, contando a autoridade eclesiástica que havia visto a Bíblia impressa por Gutenberg na feira de Frankfurt:

Não vi nenhuma Bíblia completa, mas vi um certo número de livretes (cadernos) de cinco páginas de vários dos livros da Bíblia, com letras muito claras e dignas, sem quaisquer erros, que Vossa Eminência teria sido capaz de ler sem esforço e sem óculos. Várias testemunhas disseram-me que 158 exemplares foram completados, enquanto outros dizem que havia 180. Não estou certo da quantidade, mas da conclusão dos livros, se podemos crer nas pessoas, não tenho dúvidas. Soubesse eu de vossas vontades, teria certamente comprado um exemplar. Vários destes livretes de cinco páginas foram mandados para o próprio imperador. Tentarei, tanto quanto possível, conseguir que uma dessas Bíblias seja posta á venda e comprarei um

³² **Tomos:** Divisão de uma obra que corresponde, quase sempre, a um volume completo. (DICIONÁRIO, 2014d.).

exemplar para vós. Mas temo que isso não seja possível, devido à distância e porque, dizem, antes mesmo de os livros ficarem prontos já havia clientes a postos para comprá-los. (MANGUEL, 1997, p. 158).

Pode-se dizer que, através dos escritos de Robert Darnton, que o códice foi transformado pela invenção da impressão com tipos móveis, criada por Gutenberg. O autor cita ainda que povos do Oriente também desenvolveram tipos móveis 400 anos antes de Gutenberg, os chineses em torno do ano 1045 e os coreanos por volta de 1230 já utilizavam caracteres metálicos em vez de blocos de madeira. Mas diferente destas, “a invenção de Gutenberg se propagou de forma avassaladora, deixando o livro ao alcance de círculos cada vez mais amplos de leitores”. (DARNTON, 2010, p. 40). Tal tecnologia de impressão perdurou por quatro séculos sem grandes mudanças e o público leitor tornou-se cada vez mais numeroso graças à educação e ao acesso ao livro impresso, segundo afirma o autor.

Mas, à medida que as bibliotecas particulares foram crescendo, a euforia dos leitores deu lugar a certas insatisfações. Estes começaram a achar os volumes grandes demais, difíceis de manusear, desconfortáveis para levar de um lado para outro e inconvenientes para guardar. Outros fatores como a queda de Constantinopla em 1453, invadida pelos turcos otomanos que colocaram os eruditos gregos (que haviam fundado escolas nas praias do Bósforo) em fuga para Itália. Esses estudiosos se radicaram em Veneza, tornando-a um novo centro do saber clássico. Passados aproximadamente 40 anos destes acontecimentos, o italiano Aldus Manutius também enfrentava dificuldade com os volumosos livros da literatura clássica que utilizava em seus cursos, ele precisava desses clássicos em formatos mais práticos para ensinar. Foi então, que decidiu seguir os passos de Gutenberg instalando em Veneza a sua própria editora e assim passou a produzir os livros exatamente como precisava para seus cursos contando com a colaboração dos estudiosos que lá se radicaram (MANGUEL, 1997, p. 160-162).

Em 1494. Aldus começou um ambicioso programa de publicações que produziria alguns dos volumes mais belos da história da imprensa: primeiro em grego – Sófocles, Aristóteles, Platão, Tucídides – e depois em latim – Virgílio, Horácio, Ovídio. Na concepção de Aldus, esses ilustres autores deveriam ser lidos “sem intermediários” - na língua original e quase sem anotações e glosas³³ -, e [...], publicou livros de gramática e dicionários junto com os textos clássicos. Não somente buscou os serviços dos especialistas locais, como também convidou humanistas eminentes de toda a Europa [...] para ficar em Veneza. Uma vez por dia, esses estudiosos reuniam-se na casa de Aldus para discutir os títulos que publicariam e que manuscritos seriam usados como fontes confiáveis, repassando as coleções de clássicos estabelecidas nos séculos anteriores. (MANGUEL, 1997, p. 160-161).

³³Na antiguidade e na Idade Média, era muito comum que nos manuscritos fossem anotadas glosas e comentários pessoais no entorno do texto original.

A história nos mostra que os conflitos territoriais, e a visão de alguns homens de vanguarda como Aldus Manutius, fizeram com que a forma do livro se tornasse cada vez mais adaptada às necessidades intelectuais e de manuseio. “Em 1501, confiante no sucesso de suas primeiras publicações, Aldus respondeu à demanda dos leitores produzindo uma coleção de livros de bolso [...] impressos com elegância e editados meticulosamente”. (MANGUEL, 1997, p. 162). O autor lembra que por motivo de economia, Aldus usou um novo tipo de letra, o itálico, para um melhor aproveitamento do espaço da página e imprimia mil exemplares de cada vez. Desta forma conseguia manter os custos de produção baixos. Para quem adquiria um livro deste formato o mais importante era o texto impresso com clareza e erudição, afirma Manguel (1997).

Diferentemente da Idade Média, onde possuir um livro único, ricamente decorado era privilégio de poucos, neste momento da história houve uma mudança conceitual. Os livros mais baratos que os manuscritos e com muitas cópias, deixaram de simbolizar riqueza e tornaram-se ferramentas de estudo e símbolos de aristocracia intelectual. Outra forma de pensar era quanto à substituição do livro, no caso de ser perdido ou danificado, podia ser trocado com facilidade (MANGUEL, 1997, 162-163). O relato de sucesso que se segue permaneceu como padrão ao longo de um século em toda a Europa.

Depois de Gutenberg, pela primeira vez na história centenas de leitores possuíam exemplares idênticos do mesmo livro, e (até que um leitor imprimissem no volume marcas particulares e uma história pessoal) o livro lido por alguém em Madri era o mesmo lido por alguém em Montpellier. O empreendimento de Aldus teve tanto sucesso que suas edições logo foram imitadas em toda a Europa: na França, por Gryphius, em Lyon, bem como por Colines e Robert Estienne em Paris; nos Países Baixos, por Plantin em Antuérpia e Elzevir em Leiden, Haia, Utrecht e Amsterdã. (MANGUEL, 1997, p. 163).

Com o passar do tempo, os leitores mudaram suas preferências de forma a adequá-las às suas necessidades. Nos séculos que se seguiram, por conta do grande número de publicações, e a competição entre os editores, a qualidade do livro caiu, nesta época foi estimado um número em torno de oito milhões de livros impressos (século XVI), segundo Manguel (1997, p. 163) essas mudanças aconteceram aos poucos e não atingiram toda a Europa, mas o que pode ser percebido foram livreiros-editores preocupados com a garantia de venda. E assim, fizeram fortuna imprimindo obras de sucesso garantido, tais como: obras religiosas tradicionais; outros se dedicaram ao mercado de livros escolares, produzindo gramáticas, glosas de palestras eruditas e folhas para *hornbook*.

O *hornbook*, em uso do século XVI ao século XIX, era em geral o primeiro livro posto nas mãos de um estudante (...) consistia de uma fina armação de madeira,

geralmente de carvalho, com cerca de 23 centímetros de comprimento e doze ou quinze centímetros de largura, sobre a qual ficava uma folha onde era impresso o alfabeto e, às vezes, os nove números e o padre-nosso. Tinha um cabo e era coberto com uma camada transparente de chifre, para proteger da sujeita; a tábua e a folha de chifre eram então presas por uma fina moldura de latão. (MANGUEL, 1997, p. 164).



Figura 12: *Hornbook*. Fonte: HORNBOOK, 2014.

Ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, o livro foi deixando de ser algo restrito a uma aristocracia intelectual e ganhou versões e formatos cada vez mais variados e populares. Essas publicações cabiam no bolso e podiam ser lidas em qualquer lugar. No século XVII surgiram os *chapbooks*, eram pequenos livros de contos apropriados tanto para homens ou mulheres, vendidos por mascates. O tamanho que se popularizou nesta ocasião foi o livrete em in-octavo, com dezesseis páginas. No século seguinte, tais livretes chegaram a 24 páginas, porque os leitores de então, queriam relatos mais completos. Um exemplo de sucesso desse tipo de livro foi a coleção de clássicos lançada por Elzevir da Holanda, que alcançou enorme popularidade entre os menos ricos. Vale ressaltar que mesmo com o sucesso dos livros pequenos, ainda era grande o número de livros enormes e pomposos que eram publicados nesta época (MANGUEL, 1997, p. 165).

Na Europa dos séculos XVII e XVIII ainda se aludia à ideia de que os livros eram para serem lidos em espaços próprios, como bibliotecas públicas ou particulares. A partir do século XIX “o livro era um objeto menos aristocrático, menos proibitivo, menos grandioso. Compartilhava com o leitor certa elegância de classe média que era econômica, mas agradável”, afirma Manguel (1997, p. 166). O autor recorda que também nesta época, os

editores passaram a publicar livros para ambientes externos, especialmente para serem levados em viagens. Manguel assegura que:

Nos novos livros que atendiam à expectativa do leitor na metade do século XIX, a medida de excelência não era a raridade, mas uma combinação de prazer e praticidade sóbria. Surgiam bibliotecas em quartos-salas e casas geminadas, e seus livros eram adequados à posição social do resto da mobília. (MANGUEL, 1997, p. 166).

Foi neste mesmo século que alguns editores investiram de forma mais intensa na popularização do livro, de forma a torná-lo um objeto do cotidiano. O primeiro exemplo citado por Manguel neste sentido data de 1841, em Leipzig na Alemanha, Christian Bernhard Tauchnitz lançou mais de cinco mil volumes e em 100 anos colocou em circulação mais de 50 milhões de exemplares no formato brochura. De acordo com o autor, os livros desta coleção “não eram atraentes nem para os olhos, nem para as mãos”, porém os títulos eram excelentes. Outro exemplo de sucesso imediato citado por Manguel é o da editora Reclam, também de Leipzig, que publicou uma edição com doze volumes em formato brochura com traduções de Shakespeare. Diante do sucesso a editora prosseguiu com a publicação subdividindo a edição em 25 volumes menores, ao preço módico de um *pfennig*³⁴ cada. A Editora Reclam deu continuidade a sua coleção com o título de *Universal-Bibliothek* publicando as obras dos autores alemães que haviam caído no domínio público. Outras livrarias da época disputaram o mercado com grande sucesso, mas não superaram a Reclam que, por muito tempo, continuou sendo o padrão das coleções em brochura (MANGUEL, 1997, p. 168).

A popularização do livro como objeto do dia a dia, vendido em lugares como papelarias, bancas, tabacarias, lojas de chá e em cadeias de lojas populares teve como símbolo um pinguim e a coleção chamou-se “Penguin”. A ideia surgiu da insatisfação do editor inglês Allen Lane, que não encontrava nada que lhe chamasse atenção na banca de livros de uma estação. Ele percebeu que era necessária uma linha de livros de bolso que fossem bons e baratos. Sua ideia não foi bem aceita entre os livreiros, pois poderia diminuir os lucros. Lane perseverou no propósito e conseguiu autorização para reimprimir vários títulos. Os 10 primeiros livros foram lançados em 30 de julho de 1935 custando apenas seis *pences* o volume. Ele sabia que se não vendesse uma quantidade exorbitante de livros quebraria. Foi então que resolveu visitar o dono de uma cadeia de lojas, Clifford Prescott, propondo-lhe que vendesse os livros como qualquer outra mercadoria da loja. Prescott, achando a ideia um tanto ridícula, vacilou, foi então que por acaso, sua esposa entrou no escritório e sendo consultada

³⁴ **1 pfennig**: moeda usada na Alemanha entre os séculos XIX e XX.

foi favorável à venda dos livros, indagando: “Por que não tratar os livros como objetos do dia-a-dia, tão necessários e tão disponíveis quanto meias e chás? Graças a senhora Prescott, fechou-se o negócio”. (MANGUEL, 1997, p. 168-170). Manguel assegura que “a grande realização da Penguin foi simbólica: saber que uma coleção imensa de literatura podia ser comprada por quase todas as pessoas em quase todos os lugares [...] deu a seus leitores um símbolo de sua própria ubiquidade”. (MANGUEL, 1997, p. 170).

Empreendimentos ligados à evolução das tecnologias mostram o sucesso que tais avanços proporcionaram para a popularização e para o acesso à leitura, seja ela: clássica, religiosa ou popular. Portanto,

É interessante observar a frequência com que um avanço tecnológico – como o de Gutenberg – antes promove do que elimina aquilo que supostamente deve substituir, levando-nos a perceber virtudes fora de moda que de outra forma não teríamos notado ou que consideraríamos sem importância. Em nosso tempo, a tecnologia dos computadores e a proliferação de livros em CD-ROM não afetaram – até onde mostram as estatísticas – a produção e venda de livros na antiquada forma de código. (MANGUEL, 1997, p. 159-160).

A questão do excesso de livros devido ao aumento da produção é percebida desde a segunda revolução industrial do livro, no século XIX entre os anos de 1860 e 1870, quando é finalmente deixada a composição manual inventada por Gutenberg para ser utilizada a composição “a quente”³⁵ do monotipo e da linotipo (CHARTIER, 2009, p. 126). E depois a composição “a frio” que não utiliza a fundição de tipos, essas máquinas eram acopladas a terminais onde se armazenavam textos. No século XX, por volta dos anos de 1950 começa a parecer o sistema de fotocomposição, que se baseia em matrizes fotográficas dos tipos e em 1990 com o avanço da informática o setor gráfico avança com a computação gráfica (VIANNA, 1992, p. 23). Todos estes avanços proporcionaram maiores facilidades ao processo de impressão e conseqüentemente a disseminação do livro nas mais diversas formas e tipos.

³⁵ A composição “a quente” surgiu no final do século XIX. São chamados processos “a quente” aqueles cujas características são a fundição dos tipos desejados a partir de duas máquinas: **linotipo** em 1886 (que funde linhas inteiras) e a **monotipo** em 1887 que funde os caracteres separadamente. Cf. VIANNA, Ruth P. A. **Informatização da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 23.

1.3 O LIVRO DIGITAL

*“O FIM DO LIVRO SERÁ TALVEZ A SUA TRANSFORMAÇÃO NO LIVRO SEM FIM,
A SER REALIZADA PRINCIPALMENTE NA DISPERSÃO
MULTILINEAR DO HIPERTEXTO.”*

(BELLEI, 2002, p. 41).

Acredita-se que com os meios digitais, esteja acontecendo à terceira revolução do livro. Vale assegurar, que ao longo da história da humanidade e da comunicação, “uma mídia não toma o lugar de outra, ao menos a curto prazo”, afirma Darnton (2010, p. 14). Trazendo como exemplo a tradição oral, que permaneceu por muitos séculos presente em diversas camadas sociais como forma preferencial na transmissão do conhecimento e da cultura mesmo com o crescente aprimoramento da escrita, dos livros em rolo e os códices.

Permanecendo com o olhar na história, nota-se que a adoção do códice em grande escala não eliminou os livros em rolo, estes persistiram por séculos de outras formas e para outros usos e assim atravessou toda a Idade Média. Mesmo com a grande revolução causada pela invenção da imprensa, que veio aos poucos substituir os livros manuscritos, foi preciso buscar a semelhança dos tipos com a letra manuscrita para evitar qualquer tipo de rejeição por parte dos leitores. A imprensa foi uma revolução técnica que visava à reprodução e a difusão dos textos em grande quantidade, porém os manuscritos continuaram existindo e persistindo ao longo de séculos (CHARTIER, 1999, p. 106), até como forma de subversão e clandestinidade.

Bellei (2002, p. 40) argumenta, a partir do pensamento de Michael Rosenthal, que o livro é um objeto que passa por constantes processos de mutação e adaptação ao longo da história, ressalta que algumas destas são mais significativas do que as que estão ocorrendo no início do século XXI, em função das novas tecnologias. Já para Roger Chartier (1999, p. 97-98) a revolução que acontece agora é mais importante do que a de Gutenberg. Pois, para ele, esta revolução “não somente modifica a técnica de reprodução do texto, mas também as estruturas e as próprias formas do suporte que o comunica aos seus leitores”. Chartier afirma que o livro impresso tal como foi concebido, traz até hoje as heranças do manuscrito, no tocante a divisão em cadernos, formatos, sumário e outras características organizacionais. O autor reforça que: “com a tela, substituta do códex, a transformação é mais radical, pois são os modos de

organização, de estruturação, de consulta ao suporte do escrito que se modificaram”. (CHARTIER, 1999, p. 98).

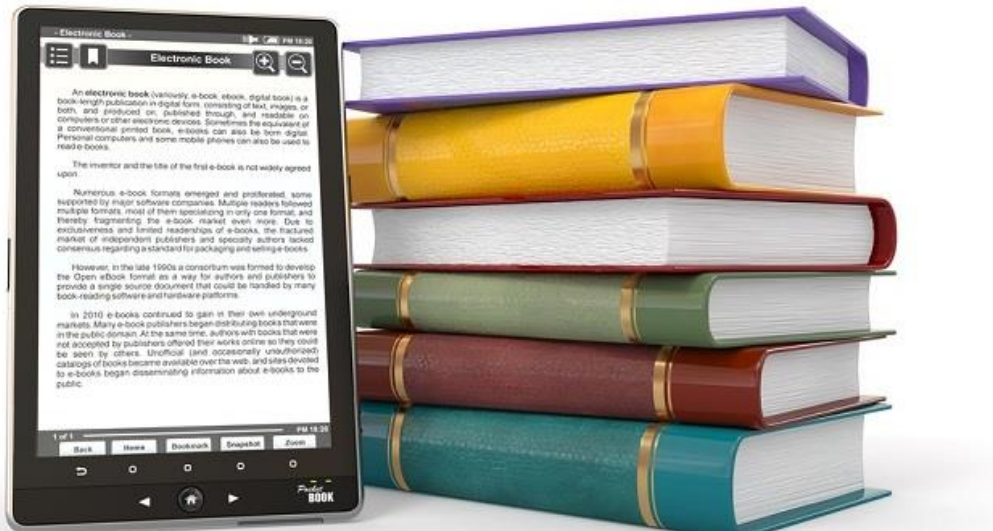


Figura13: E-book, muitos livros em um só volume. Fonte: MATTA, 2014.

As opiniões dos pensadores e estudiosos no final do século XX foram bem variadas e às vezes conflitantes. Algumas previsões, mais pessimistas, imaginavam o fim do livro impresso, mas a história nos oferece uma salvaguarda, assim como nos assinala Darnton:

O mundo do saber vem mudando tão rapidamente que ninguém consegue prever como estará daqui a 10 anos. Acredito, porém, que continuará dentro dos limites da galáxia de Gutenberg – ainda que essa galáxia vá se expandir graças a uma nova fonte de energia, o livro eletrônico, que servirá como suplemento e não substitutivo, da grande máquina de Gutenberg. (DARNTON, 2010, p. 95).

Na era do livro digital, distribuídos de diversas formas, através de livrarias que ocupam espaço físico e as virtuais, baixados ou consultados gratuitamente pela *internet* através de aplicativos para computadores e dispositivos móveis, alguns livros podem ser melhores no formato digital com hipertexto, neste caso Bellei cita as enciclopédias que possibilitam navegar por referências cruzadas e obter um conhecimento não linear sobre o assunto a ser pesquisado. E reforça, que “o computador tornará certos livros obsoletos, mas outros continuarão necessários” e desta forma, Bellei assevera sobre a necessidade das tecnologias coexistirem com suas funções diferenciadas e especializadas (BELLEI, 2002, p. 39-40).

Bellei faz referência a alguns exemplos de vanguarda como o Projeto Gutenberg, idealizado por Michael Hart, que tem como objetivo a democratização do acesso ao conhecimento através de um acervo digital de textos oferecidos gratuitamente para o maior número de pessoas. O acervo digitalizado foi dividido em três categorias: textos de referência, literatura popular, literatura clássica e o denominador comum seria o interesse geral da

informação a ser divulgada. “Entre os primeiros textos a serem transferidos estavam a Bíblia, a obra de Shakespeare, a Constituição Americana, a Carta dos Direitos Humanos e a Declaração da Independência”. (BELLEI, 2002, p. 30-31). O autor destaca que este é um projeto pioneiro que enfrentou uma série de dificuldades. Apesar de não ter atingido os objetivos mais otimistas de seu idealizador o projeto é um sucesso, pois se trata de um modelo para outras bibliotecas virtuais. O autor cita outros exemplos inspirados no Projeto Gutenberg, a *National Electronic Library* idealizada em 1996 por Brian Hawkins, a *Digital Library Federation* idealizada por um grupo de universidades americanas e o projeto *Bartleby*. Todos enfrentaram dificuldades semelhantes tais como oferecer somente o texto já existente sem adaptações para o meio digital (no sentido de inserir hipertextos e outros recursos), necessidade de recursos tecnológicos, limitações financeiras, logísticas e contratuais, entre outras.

Seria a biblioteca virtual a realização da tão sonhada biblioteca universal, capaz de reunir os saberes de toda a humanidade e ao mesmo tempo disponibilizá-lo ao maior número de pessoas possível? Chartier (2009, p. 17) revela que, “desde Alexandria³⁶, o sonho da biblioteca universal excita as imaginações ocidentais”. Com as possibilidades surgidas através da informática, já é possível encontrar esforços nesse sentido. Darnton apresenta um dos maiores exemplos do início do século XXI, o Google *Book Search*:

O Google vem digitalizando milhões de livros pertencentes aos acervos das principais bibliotecas de pesquisa, incluindo muitos ainda protegidos por copyright, e disponibilizando os textos para buscas on-line. [...] permitindo buscas em textos integrais e tornando obras em domínio público disponíveis na *internet* sem custo algum para o usuário. Agora, por exemplo, qualquer pessoa em qualquer lugar pode ler e baixar uma cópia digital da primeira edição de *Middlemarch*, de 1871, que pertence ao acervo da Biblioteca Bodleiana, da Universidade de Oxford. Todos lucraram, inclusive o Google, que obteve receita de discretos anúncios ligados ao serviço. A empresa também digitalizou um número cada vez maior de obras de bibliotecas que estavam protegidas por copyright, de modo a fornecer serviços de busca que exibiam pequenos trechos do texto. (DARNTON, 2010, p. 21. 31).

Vale dizer que em 2005 um grupo de autores e editores se reuniu e moveu uma ação popular contra o Google alegando violação dos direitos autorais. Três anos depois foi anunciado um acordo entre as partes, Darnton expõe alguns pontos deste acordo que são pertinentes a esta pesquisa:

³⁶ Biblioteca de Alexandria fundada por Alexandre o Grande em 332 a.C. cf. DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro.** Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.p. 86. O acervo da Biblioteca de Alexandria era em rolos. A biblioteca dispunha de mais de quinhentos mil rolos. Porém o número de obras era bem menor, já que uma obra poderia ocupar sozinha, dez, vinte, até trinta rolos. Cf. CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrum.** Tradução de Reginaldo C. Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.118.

O acordo cria um empreendimento chamado Book Rights Registry, um registro de direitos autorais para representar os interesses dos detentores de copyright. O Google venderá acesso a um gigantesco banco de dados composto essencialmente por livros fora de catálogo, mas ainda protegidos por copyright, digitalizados dos acervos de bibliotecas de pesquisa. Faculdades, universidades e outras organizações poderão se tornar assinantes comprando uma “licença institucional” que permitirá acesso ao banco de dados. Uma “licença de acesso público” disponibilizará esse material para bibliotecas públicas, onde o Google fornecerá acesso gratuito aos livros digitalizados num único terminal de computador. Pessoas físicas também poderão acessar e imprimir versões digitalizadas desses livros se comprarem uma “licença de consumidor” do Google, que cooperará com o registro na distribuição da receita aos detentores de copyright. [...]. Enquanto isso, o Google continuará disponibilizando livros em domínio público aos seus usuários, seja para ler, baixar ou imprimir, sempre de forma gratuita. Dos 7 milhões de títulos que ele informou ter digitalizado até novembro de 2008, 1 milhão é de obras em domínio público; 1 milhão estão protegidos por copyright e em catálogo; e 5 milhões são livros sob copyright, mas fora de catálogo. [...] O Google também criará modos de tornar os textos mais acessíveis a leitores com deficiências. (DARNTON, 2010, p. 31-33).

É possível vislumbrar nessa proposta que essa pode vir a ser a maior biblioteca do mundo. Em se tratando do Google, a probabilidade de conseguirem êxito é grande. Darnton (2010, p. 52-58) afirma que tal sucesso alcançado pelo Google, por ser a mais ampla de todas as iniciativas até o momento, não garante que as bibliotecas de pesquisa se tornarão obsoletas. Para o autor, esse sistema vai tornar as bibliotecas tradicionais ainda mais importantes. Porém levanta algumas questões referentes às possibilidades de um projeto como este não dar certo: por questões utópicas, de acesso aos acervos, questões de direitos autorais, mudanças de tecnologia que torna um sistema obsoleto e até mesmo a quebra da empresa, entre outros pontos. Darnton adverte também que “bibliotecas existem para promover um bem público: ‘o encorajamento do saber’, a educação ‘Aberta a Todos’”. Para o autor a digitalização dos acervos e sua venda sem que se garanta amplo acesso da população seria repetir os erros do passado em escala muito maior, pois segundo ele, a *internet* seria transformada “num instrumento de privatização de um conhecimento que pertence à esfera pública”. (DARNTON, 2010, p. 29).

Quanto à dimensão do espaço físico, Jean Lebrum reflete em diálogo com Chartier que, a biblioteca digital permite o compartilhamento de conteúdos que até então eram oferecidos “apenas em espaços onde o leitor e o livro deveriam necessariamente estar juntos”. Agora, porém, “o lugar do texto e do leitor podem então estar separados”. Chartier ressalta que a ideia desta “separação entre o texto e o leitor é mais facilmente concebível do que a junção, ou simplesmente a colocação num mesmo lugar, das diferentes categorias de leitores: pesquisadores e curiosos, silenciosos e falantes”. (CHARTIER, 2009, p. 119). Essas questões estão sempre sujeitas a alterações, pois acompanha a evolução da humanidade, neste caso,

Darnton revela algumas mudanças conceituais ocorridas nos últimos 60 anos com relação ao espaço físico idealizado para pesquisa:

Para os estudantes dos anos 1950, as bibliotecas pareciam cidadelas do saber. O conhecimento vinha embalado entre capas duras, e uma grande biblioteca parecia contê-lo integralmente. [...] Em quase todas as universidades, a biblioteca ficava no centro do campus. Era o prédio mais importante, um templo delimitado por colunas clássicas, onde a leitura era feita em silêncio: nada de barulho, nada de comida, nenhuma perturbação. [...] Hoje os estudantes ainda respeitam as bibliotecas, mas as salas de leitura estão quase vazias em alguns campi. (DARNTON, 2010, p. 50-51).

Na era digital, a forma da pesquisa mudou, os estudantes fazem a maior parte de seus estudos sozinhos em seus quartos através do computador. Para esta nova geração o conhecimento está *online* e não é preciso, necessariamente, ir a uma biblioteca. Darnton prossegue dizendo que tais estudantes sabem que as bibliotecas não contêm tudo dentro do seu espaço físico, “porque a informação é infinita e se estende por todos os cantos da *internet*, e para encontrá-la é preciso usar um mecanismo de busca, não um catálogo de fichas”. (DARNTON, 2010, p. 51). O autor adverte que isso pode ser uma grande ilusão, porém, ambas tem suas vantagens dentro de suas perspectivas e declara:

Acredito que o Google Book Search realmente tornará livros para estudo acessíveis numa escala nova e mundial, apesar do grande abismo digital que separa os pobres daqueles que têm acesso a computadores. Também abrirá possibilidades para pesquisas envolvendo quantidades imensas de dados, que nunca poderiam ser realizadas sem a digitalização [...]. Mas seu sucesso não prova que o Google Book Search, a mais ampla de todas essas iniciativas, tornará obsoletas as bibliotecas de pesquisa. Pelo contrário: ele vai torná-las mais importantes do que nunca. (DARNTON, 2010, p. 52).

A digitalização vem proporcionar inovação no contexto do livro, que perduravam desde a invenção da imprensa, oferecendo uma vantagem, a qual Maurice Aymard chamou de decisiva, ele se refere a tal avanço da seguinte maneira:

Possibilidade de associar, no mesmo suporte, não só o texto e a imagem, mas também o som, além de conferir a essa associação um caráter dinâmico, móbil (e não mais estático) e interativo (em seus modos de consulta, o “leitor” dispõe de uma liberdade e de uma margem de iniciativa infinitamente maiores do que os recursos anteriores). (AYMARD, 2003, p. 174).

Tais potencialidades suplementares, possíveis no meio digital, para Maurice Aymard, se situa mais como uma forma de ruptura do que como continuidade em relação à era de Gutenberg. Pois, para ele, o meio digital “liberta” o impresso da maioria das restrições deste formato, que mesmo com os avanços tecnológicos ocorridos no século XIX, permaneceram dentro da mesma lógica que vigorou nos últimos cinco séculos (AYMARD, 2003, p. 174).

Aymard acredita que daqui por diante estarão eliminados os limites espacial ou temporal para a circulação de um texto, porque estará livre de qualquer suporte material, exceto os terminais de emissão e de recepção. O autor destaca o fato da circulação do material ser “percebida pelo usuário como instantânea [...] e indiferente às distâncias, como se levasse o mundo inteiro a viver à mesma hora”. (AYMARD, 2003, p. 175). Desta forma o autor compara o texto impresso, agora nos meios digitais, com o ritmo de transmissão das comunicações orais via telefone, por exemplo.

A relação leitor e suporte para a leitura, na era digital, ainda está em processo de construção, o sentido da universalidade encontrado nos meios digitais associados à hipertextualidade e a interatividade recriam as relações entre as partes. Lebrum recorda a Chartier o sonho de Kant, que pode ser potencializado com o texto na hipermídia, onde cada indivíduo é ao mesmo tempo leitor e autor, e que possua a possibilidade de emitir juízos e ao mesmo tempo possa refletir sobre os juízos dos outros (CHARTIER, 2009, p. 134).

O livro digital disponibilizado com os recursos da hipermídia permite novas relações com seus leitores usuários, Lebrum avalia:

Mesmo que seja exatamente a mesma matéria editorial a fornecida eletronicamente, a organização e a estrutura da recepção são diferentes, na medida em que a paginação do objeto impresso é diversa da organização permitida pela consulta dos bancos de dados informáticos. (CHARTIER, 2009, p. 138).

Em meio a tantos avanços tecnológicos, alguns processos ainda podem lembrar os modelos primitivos do livro. Maurice Aymard compara o texto exibido no computador à forma de exibição do texto em rolo, já que a forma de apresentação do texto é como o desenrolar de um *volumen* antigo. Aymard, afirma que a paginação, a indexação de informações e as diversas formas de busca, sejam por frases ou palavras existem para nos trazer certa familiaridade com o modelo códice (AYMARD, 2003, p. 178). Buscar semelhanças com o modelo anterior foi uma das técnicas utilizadas por Gutenberg quando foram impressos os primeiros livros, as letras usadas imitavam a dos manuscritos e a manutenção do formato códice. Portanto, tais similaridades nos ajudam, de certa forma, a interagir com as novas possibilidades presentes no livro digital, que utiliza dos recursos do hipertexto disponíveis na hipermídia. Aymard, citando Eco (2000), destaca algumas diferenças e vantagens do livro na hipermídia:

No entanto, graças ao hipertexto, eles propõem, sobretudo, um modo de leitura radicalmente novo, infinitamente mais livre do que o modo do livro, ao mesmo tempo que se situam na mesma lógica, na medida em que o hipertexto permite generalizar ao infinito a comparação, ligando potencialmente cada ponto do texto com todos os outros e, assim, autorizando leituras por encomenda que se servem das estruturas profundas e, frequentemente, dissimuladas do texto. (AYMARD, 2003, p. 178).

Mesmo com todos os avanços do livro na hipermídia, ainda há grandes esforços para que haja similaridade com o velho códice, Milagros del Corral cita como exemplo os programas para leitura de *e-books*³⁷ (*Rocket, Cytale, Microsoft Reader, Copernicus, E-Ink* entre outros) que são desenvolvidos de modo a ficar o mais parecido possível com o livro tradicional. Menciona também como vantagens deste texto: a adaptação do tamanho da letra, para que sejam exibidas de acordo com a necessidade do usuário; as páginas que podem ser viradas no ritmo desejado pelo leitor; além de que dispositivos como estes tentam imitar o formato do livro e armazenam centenas de exemplares que podem ser renovados quando o usuário quiser, desde que conectados a *internet*. Tais dispositivos, cada vez mais avançados permitem ainda sublinhar trechos e acrescentar anotações (CORRAL, 2003, p. 198). Para aqueles que ainda querem sentir o prazer sensorial do contato com o papel, foi anunciado no ano 2000, na Conferência da Câmara Argentina do Livro, pelos integrantes do *Media Lab* (Laboratório da Mídia), do *Massachusetts Institute of Technology (MIT)* que foram feitos “testes com uma ‘tinta eletrônica’ e um ‘papel eletrônico’ – que, juntos, permitiriam a transferência eletrônica de textos sem a mediação de computadores e dariam aos leitores a impressão de estarem virando as páginas de um ‘verdadeiro’ livro”. (BAUMAN, 2003, p. 18). O prazer de sentir-se com um livro nas mãos é um prazer estético, afirma Maurice Aymard da seguinte maneira:

Esse prazer estético não seria suficiente para garantir a sobrevivência do livro, se este não estivesse inscrito no mais íntimo de nossos hábitos mentais, a tal ponto que sua forma determina todas as adaptações atuais da eletrônica: caracteres, formato, paginação etc. Para assemelharem-se melhor a livros, todos os *soft-books, rockets-books* ou *every-books* são dotados de um dispositivo que permite passar de uma página para outra; os mais aperfeiçoados apresentam o texto sob a forma de uma página dupla, e ainda outros são, até mesmo, munidos de uma capa de couro. (AYMARD, 2003, p. 186).

³⁷ O primeiro *e-book* foi projetado em 1945 pelo físico matemático Vannevar Bush, era grande e desleigante, ficou conhecido como Memex, que significa *Memory Extension* (Extensão da Memória). Esse dispositivo nunca foi construído, mas é tido como precursor dos atuais. Cf. MEMEX. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~hans/mh/memex.html>>. Acesso em: 11 abr. 2014.



Figura 14: E-book a troca de folha semelhante ao livro. Fonte: RIBEIRO, 2014.

Darnton (2010, p. 59) acredita que “algum dia, talvez, um texto numa tela portátil será tão agradável aos olhos quanto a página de um códice produzido há dois mil anos”. Para Bauman, é preciso tornar os livros cada vez mais adaptados à sociedade em que vivemos e ainda permanecer vigilantes para evitar que a sociedade fique inadaptada aos livros (BAUMAN, 2003, p. 33).

No século XXI, existe um grande número de autores que produz textos eletrônicos e a maior parte das editoras mantém seus catálogos digitais. Nesta nova realidade até mesmo os papéis se misturam, e o autor se tornam seu próprio editor e distribuidor. As mudanças tecnológicas são tantas e acontecem tão rapidamente que é impossível imaginar como será o futuro em 10 anos, assevera Darnton (2010, p. 72 e 75). Portanto, é necessário que as novas gerações, chamadas de “nativos digitais” por Darnton, se achem o quanto antes aos livros também através dos dispositivos móveis, quer seja num espaço privado ou público. Mas também é preciso que a qualidade do texto para leitura na tela seja cada vez mais aperfeiçoada. Darnton lembra a fala de Bill Gates, presidente da Microsoft, que declarou em uma palestra que para textos mais longos, ele prefere o material impresso que a tela do computador e que a tecnologia precisa avançar muito para se igualar ao nível de usabilidade que tem o texto impresso (DARNTON, 2010, p. 87).

O livro como um suporte consagrado, assim como outras formas de comunicação, precisa conviver e usufruir de suas potencialidades nas novas tecnologias. Quanto a este coexistir, Bárbara Freitag, ressalta que “a ‘era informacional’ não é inimiga do livro; pelo contrário,

dispõe da tecnologia para universalizá-lo, democratizá-lo. A tecnologia da informação é, mais do que qualquer outra, a que garante a ‘reprodutibilidade técnica’ [...]’. (FREITAG, 2003, p. 139). Tal reprodutibilidade, com o surgimento da imprensa favoreceu que o livro chegasse às classes menos favorecidas da sociedade, num tempo e momento em que a educação era desejada pelas famílias e incentivada pela Igreja e pelo Estado. No atual momento da história esta evolução técnica representa maior disponibilização e circulação dos textos por dispositivos móveis ou de acesso fixo a *internet*; rapidez ao acesso a informações cotidianas, informação do tipo enciclopédico, consulta à distância de livros e revistas, através da inclusão em rede das bibliotecas, publicação e circulação de textos raros ou especializados, entre outras (AYMARD, 2003, p. 188-189).

Mas os excessos de tal reprodutibilidade também podem ser negativos, vários estudiosos alertam para os mais variados problemas. Jean Lebrum lembra que “ler um artigo em um banco de dados eletrônico, sem saber nada da revista na qual foi publicado nem dos artigos que o acompanham, e ler ao ‘mesmo’ artigo no número de uma revista na qual apareceu, não é a mesma experiência”. (CHARTIER, 2009, p. 128). Às vezes a proliferação desenfreada na *internet* pode levar a destruição das obras, quando o que se pretendia era a conservação.

Reverendo a história, não se pode negar que a tecnologia tem favorecido a expansão do livro nas sociedades. Ainda são grandes as diferenças culturais, sociais e econômicas. Mas não será apenas a tecnologia que irá vencer todas essas barreiras. Por certo, poderá quando bem empregada, favorecer a redução de tais desníveis. Milagros del Corral levanta alguns questionamentos quanto a: “eventual generalização do *e-book* no século XXI, se este será favorável ou não a diversidade cultural e linguística; se sua proliferação em grande escala contribuirá para a democratização da cultura ou para o surgimento de um novo elitismo”. (CORRAL, 2003, p. 199). A autora considera um desafio enorme e preocupante a garantia ao acesso a livros para os cidadãos dos países em desenvolvimento, que sofrem com graves problemas econômicos e sociais, com conflitos armados, embargos, analfabetismo e crescimento demográfico desordenado (CORRAL, 2003, p. 196-197).

Nas últimas décadas, o campo das novas tecnologias tem se mostrado muito fértil, trazendo diversas novidades e avanços que entrelaçam os mais variados recursos comunicacionais. Nesse contexto de novidades tecnológicas que interferem no contexto social, Milagros del Corral destaca o papel que cabe a cada indivíduo:

Uma vez superado “o efeito novidade”, convirá aprender e utilizar, de modo racional e combinado, os diferentes suportes do conhecimento à nossa disposição – livros, jornais, revistas, televisão, *internet*, *e-books* e tudo o que vier a ser inventado –,

porque cada um deles desempenha um papel diferente; além disso, é necessário que todos esses suportes coexistam e sobrevivam para que nossas sociedades escapem ao risco de anestesia. (CORRAL, 2003, p. 204).

Os avanços tecnológicos vão além da técnica que modifica a forma de reprodução do texto, ao oferecer um novo suporte, o digital. Pois, este promove, atualiza e amplia as possibilidades de acesso ao conteúdo desejado. Com tais recursos é possível manter o livro integrado à vida das pessoas. Os novos formatos digitais certamente produzirão alterações profundas nos costumes, nos hábitos e também nas condições de trabalho mental dos leitores, sejam eles leigos ou religiosos.

CAPÍTULO II

A IGREJA CATÓLICA E A PROPAGAÇÃO DOS TEXTOS BÍBLICOS

PERCORRENDO ALGUNS MOMENTOS DA HISTÓRIA

“... Não é a pena nem a tinta, nem sequer o volume, e sim ‘o espírito e a palavra de Deus’ que ocuparão o coração dos fiéis”.

(ARNS, 2007, p. 32)

2.1 BÍBLIA EM IMAGENS

*“ACREDITAR NO LIVRO E ACREDITAR EM DEUS
TENDEM A TORNAR-SE SINÔNIMOS”.*

(DEBRAY, 1996, p. 141)

Ao longo dos séculos os livros foram aos poucos se tornando ricamente decorados, iluminados. Chegando ao ponto de haverem coleções de pequenos livros que valiam mais pela ornamentação do que pelo conteúdo escrito. Na Idade Média, época em que a vida de muitos europeus estava mais voltada aos ofícios religiosos, os volumes geralmente eram “em formato pequeno, em muitos casos iluminado com requinte e opulência por mestres da arte, continham uma coleção de serviços curtos denominados ‘ofício menor da abençoada Virgem Maria’ recitados em vários momentos do dia e da noite”. (MANGUEL, 1997, p. 152-154). Alberto Manguel conta que:

Esses volumes pequenos eram eminentemente instrumentos portáteis da devoção, podendo ser usado pelo crente tanto em serviços públicos da igreja como em orações privadas. Seu tamanho tornava-os adequados às crianças: por volta de 1493, o duque Gian Galeazzo Sforza, de Milão, mandou fazer um livro de horas para seu filho de três anos, Francesco Maria Sforza, Il Duchetto, que, representado em uma das páginas, aparecia conduzido por um anjo da guarda através de uma região inóspita. A decoração dos livros de horas era luxuosa, mas variava de acordo com o cliente e o que ele podia pagar. Muitas representavam o brasão da família ou um retrato do leitor. (MANGUEL, 1997, p. 153-154)

Esses livros se tornaram formas de se presentear em casamentos da nobreza e posteriormente também para a burguesia da época. No final do século XV o mercado de iluminadores de livros se expandiu de Flandres para toda a Europa. Manguel menciona o livro de horas que fora encomendado para o casamento de Ana da Bretanha no ano de 1490, feito na medida da mão da noiva. Estes livros se destinavam a uma única pessoa e continham ilustrações surpreendentes que misturavam cenas do Antigo e Novo Testamento com paisagens urbanas e modernas daquela época, “traziam as palavras sacras para um cenário contemporâneo ao do leitor”. No século XV, na França, um volume iluminado mostra o nascimento da Virgem, onde Santana é representada como uma dama nobre daquele século. (MANGUEL, 1997, p. 154-155). Do século XV ao século XVII, os livros de oração e as Bíblias ricamente iluminadas, que eram caríssimas, faziam parte do patrimônio familiar e eram deixadas como herança para o primogênito. (MANGUEL, 1997, p. 183-184).



Figura 15: Bíblia de Gutenberg, Detalhe das Iluminuras.
Fonte: THE MORGAN, 2014b.

A partir do século V, a Igreja Católica começou a produzir seus livros de culto em tamanhos imensos e também os decorava com as figuras presentes nas narrativas Bíblicas. (MANGUEL, 1997, p. 155). Apresenta-se neste momento um paradoxo, “o livro que proíbe imagens tornou-se um tesouro de imagens, o grande celeiro para o olho ocidental”, afirma Régis Debray (2004 b, p. 4). A pena para aquele que faz e adora ídolos é a pena de morte. E essa proibição vem diretamente de Deus. Tal proibição, contida no livro do Êxodo foi esculpida pelo próprio Deus em pedra nas tábuas originais da Lei (DEBRAY, 2004 b, p. 4), e gerou séculos de controvérsias que perduraram pela Idade Média e retornaram no período da Reforma Protestante, que serão descritos no próximo item deste capítulo.

Para os primeiros crentes da antiguidade Deus era algo do qual não podiam fazer imagens e então, o ponto de partida de suas reflexões foi a rejeição de simulacros. Mas na era moderna os textos sagrados, em muitas crenças, deram origem ao maior corpo de arte visual do Ocidente. Debray (2004b, p. 5) segue refletindo no seguinte sentido: “a religião não busca restringir Deus (ou deuses) por meios mecânicos, mas busca reconciliar a humanidade com Deus através da oração que leva a um relacionamento pessoal que, em princípio, não deve exigir a ajuda de coisas inertes, como imagens pintadas ou esculpidas”.

Segundo Debray, as religiões monoteístas buscam uma prática de leitura livre do menor indício de idolatria. Que suprime a imagem latente representativa no símbolo verbal. E os ídolos não são apenas imagens de deuses falsos, mas também imagens falsas da verdade, pois a verdade sobre Deus é infinita e incomensurável com qualquer materialidade do mundo sensual. Portanto, nesta linha de reflexão, conclui o autor, “o invisível é legível, mas não

configurável. A Palavra é potente, ilustrações impotentes. [...] Uma imagem é um dado minuto no universo, mas Deus contém o universo. Deus não pode ser pintado”. (DEBRAY, 2004b, p. 5).

Onde há histórias a imaginação não pode ser impedida de funcionar, atribuindo nomes, rostos cores e lugares. Em sua reflexão Debray, argumenta que um Deus sem imagem pode parecer distante, remoto. Seu nome um tetragrama, que segundo a tradição judaica não pode ser pronunciado, na enciclopédia do Judaísmo é indicado apenas por uma única letra. Quando, a narrativa do Antigo testamento descreve Sua aparição como uma sarça ardente, uma chama disforme. Debray reflete sobre o desafio enfrentado pelos pintores em fazer um fenômeno não humano tornar-se um personagem principal de uma história humana. No episódio de Moisés diante da Sarça Ardente, o pintor relegou a Sarça um status de detalhe de fundo, concentrando-se no momento humano em que Moisés tira as sandálias (DEBRAY, 2004b. p. 87).



Figura 16: Moisés diante da sarça ardente. Domenico Fetti (1588-1623).
Fonte: DEBRAY, 2004b, p. 86.

Debray lembra que não eram somente os judeus que proscriviam a representação do divino, o Hinduísmo Védico³⁸ e o Budismo também, em longo prazo, foram todos eles incapazes de manter tais proibições. Os hebreus foram muitas vezes tentados pelas artes do afresco, do mosaico e da iluminação dos manuscritos. Além disso, Debray recorda que nem todas as histórias do Antigo Testamento estavam sob a proibição de imagens figurativas. O sacrifício de Isaac poderia ser representado porque ele sela a aliança de Deus com seu povo. A narrativa histórica de Esther, que não menciona o nome de Deus também poderia ter representações (DEBRAY, 2004b, p. 7).



Figura: 17: O sacrifício de Isaac. Jacob Jordaens the Elder (1593-1678).
Fonte: DEBRAY, 2004b, p. 57.

³⁸ Na primeira fase o Hinduísmo recebe o nome de Hinduísmo Védico. Cf. HINDUÍSMO Védico e Hinduísmo Bramânico. Disponível em: <<http://belongtohinduism.wordpress.com/2012/05/31/hinduismo-vedico-e-hinduismo-bramanico/>>. Acesso em: 30 de mar. 2014.

Debray afirma que as visões pessoais do Antigo Testamento e as narrativas visionárias evocam muito mais que palavras e que Deus como tal, é sem dúvida irrepresentável, mas que a algo no divino de qualquer cultura que impele para a representação através das artes plásticas na cultura ocidental. Pode-se dizer que Deus como o Ser Supremo, todo-poderoso e onisciente, absolutamente distinto do mundo criado, envolve o lado esquerdo do cérebro (conceitual) do crente. E que mais cedo ou mais tarde o lado direito do cérebro, cederá à imaginação. Portanto, um Antigo Testamento ilustrado, reestabelece o equilíbrio entre os dois hemisférios cerebrais dos crentes monoteístas. O autor ressalta, ainda, que foram os cristãos do Novo Testamento que traduziram as histórias do Antigo Testamento em imagens para o mundo todo, mas este trabalho levou muito tempo para chegar. Debray recorda que o Cardeal Etchegaray, quando era Arcebispo de Marselha, autorizou uma história em quadrinhos da Bíblia, mas que seria difícil imaginar um rabino proeminente fazendo o mesmo (DEBRAY, 2004b, p. 8).

A propagação mais generalizada das imagens religiosas, baseada nas Escrituras, aconteceu na Itália no período do Renascimento. A base para tal proliferação veio amparada nas decisões tomadas nos Concílios Ecumênicos da Calcedônia (ano 451) e de Nicéia (em 325 e 787). Mas para que tal desenvolvimento acontecesse o cristianismo teve que primeiro reivindicar os textos hebraicos também como seus e firmar a existência de uma linha que une o Antigo Testamento (hebraico) e o Novo Testamento (cristão), mostrando que um é cumprimento do outro. Por exemplo: que a vinda de Cristo era o cumprimento da aliança de Deus com Abraão; que a história de Jó antecipa os sofrimentos de Cristo; que Ezequiel serve para prefigurar São João Batista e que o profeta Isaías seria um cristão antes do cristianismo e seus versos preveem a substituição do Templo de pedra pelo Corpo de Cristo. (DEBRAY, 2004b, p. 9-10). Para Debray, “essas imagens são filhas do que se poderia chamar de ‘teologia da recapitulação’ do Cristianismo, segundo a qual, o Novo Testamento resume e dá nascimento a verdade do Antigo e faz com que o implícito se torne explícito”. O autor compara os “Evangelhos aos frutos do que metaforicamente o Pentateuco é a semente e as imagens da eflorescência”. (DEBRAY, 2004b, p. 10).

Durante toda a Idade Média, a Bíblia foi copiada em pergaminho e ricamente iluminada, mas foi durante a Reforma e a Contrarreforma que as imagens floresceram. Impulsionada pela imprensa, a Reforma retornou com as Escrituras, se opondo ao monopólio da Igreja católica Romana na interpretação dos textos sagrados. Esses fatores levaram a uma proliferação de xilogravuras, gravuras de histórias do Antigo Testamento, “estampas que alcançaram um

efeito cumulativo de traduzir as imagens verbais do Antigo Testamento em imagens pictóricas”. Os luteranos, embora dedicados a Palavra, foram mais abertos à imagem visual do que os calvinistas (DEBRAY, 2004b, p. 10-11). Para explicar em um sentido mais profundo a diferença entre a Igreja católica e as da Reforma em relação à aceitação de imagem, Debray parte desta ousada comparação:

Seu ser, (o corpo de Cristo) [...], não se reduz a uma soma de elementos materiais: um quadro é mais do que uma tela colorida. Como uma hóstia é mais que um pedaço de pão. E a operação estética é tão misteriosa quanto a Eucaristia: a transubstanciação de uma matéria em espírito. Isto não é uma tábua de madeira encausticada e pigmentada, isto é um painel representando Jesus Cristo na cruz. Carne e sangue. [...] (Gaspar Schott, 1657). O espelho faz resplandecer a luz eterna e seus reflexos são como uma espécie de hóstias. Metáfora efetiva que se impõe como critério. As confissões cristãs que admitem ou não a presença real do Cristo no pão sobre o altar admitem ou não a pintura sacra. A linha divisória se encontra no cerne da Reforma. Lutero admite o sacramento da Ceia, embora substitua a transubstanciação³⁹ pela consubstanciação⁴⁰; condena também os iconoclastas, do mesmo modo que seu êmulo Carlstadt, recusando completamente o sacrifício da missa, recusa completamente o acesso ao templo da menor imagem. Calvino, que faz da Ceia um puro símbolo, uma simples metáfora, considera a transubstanciação católica como um vergonhoso passe de mágica; além disso, sua condenação das imagens é muito mais rigorosa do que a de Lutero. Execra as relíquias dos santos e compara as Virgens pintalgadas a “piranhas de bordel”. A seu ver, qualquer imagem carnal do Cristo é um ídolo; além disso, a arte, diz ele, nada pode ensinar a respeito do invisível. Só pode e deve mostrar “as coisas que se veem com os olhos”. (DEBRAY, 1994, p. 85).

Na visão de Debray (1994, p. 86), “quanto mais uma cultura desconfia do corpo, maior é sua repugnância pela figuração”. Como consequência, ele cita o purismo geométrico, o funcionalismo da Bauhaus, a arte abstrata que foi desenvolvida nos países nórdicos que viveram o puritanismo da reforma. Mostra também que no Ocidente, nos locais onde “a distância entre Deus e o homem é maior, a obsessão do impuro e do pecado da carne deixa as artes plásticas em dieta”. Cita neste caso a Inglaterra, Países Baixos, Alemanha do Norte, Estados Unidos e Escandinávia onde a alimentação é insípida, as paredes são brancas, corpos sem odor e a carne cozida. Debray se apoia também nas reflexões de Jean Clair (1990) e revela que nesse espaço moralista, a proibição chega até mesmo no ato de colher cogumelos selvagens, principalmente os que possuem a forma de falo, se junta a isso a rejeição pelo fermentado. O filósofo faz uma ligação entre o emprego das leveduras naturais na massa e no pão, comuns na Itália e na Alemanha do Sul católica, com a volta nestas regiões, das tradições figurativas. Amplia suas considerações quando cita o Barroco que se concebe a partir da vinha

³⁹ Transubstanciação: mudança de substância do pão e do vinho na do corpo e do sangue de Jesus Cristo, na Eucaristia. (É um dogma definido no concílio de Trento.). Cf. DICIONÁRIO, 2014b.

⁴⁰ Consubstanciação: modo de presença de Cristo na eucaristia (segundo a crença luterana), em que a substância divina coexiste com as do pão e do vinho. Cf. DICIONÁRIO, 2014c.

e do trigo, isto é, na região mediterrânea. Debray conclui dizendo: “A memória longa das religiões se exprime através do gênio, inseparavelmente, plástico e gastronômico dos povos. Maneiras de ver, maneiras de crer, maneiras de preparar os alimentos constituem um todo”. (DEBRAY, 1994, p. 86).

Os povos Ocidentais são fascinados por livros que falam de seu passado e que dão acesso aos seus próprios segredos. Para Debray o Antigo Testamento é:

Como uma história de identidade, pois narra os sonhos e as tribulações de um povo excepcional e, através dele, a odisseia de um Deus singular que teve muitos filhos. Mas este texto profundamente pitoresco, com sua história de um povo escolhido, tornou-se uma junção de mitos e fantasmas da humanidade. Essa história imutável não divulga um folclore ou etnografia, mas um classicismo sincrético, o repertório comum de nossas lendas. (DEBRAY, 2004b, p. 13).

Como uma mestiçagem, acontecida no período em que se produziu a arte em massa, os cristãos não tiveram a preocupação de inserir o povo judeu num contexto verdadeiramente histórico da época do Antigo Testamento. As personagens históricas do antigo Israel foram ignoradas, pois “a pintura religiosa estava menos preocupada com ilustração ou o testemunhar que com argumentação e demonstração”. Debray reforça que os ocidentais estão tão acostumados a esta anexação de uma narrativa do Oriente Médio por uma cultura especificamente Ocidental e cristã, que acabam por projetar seus códigos e suas preferências. Perde-se assim a curiosidade sobre o que poderia ser mantido a partir do Antigo Testamento e sequer “questiona se o que foi retido não poderia ter parecido estranho aos autores do Antigo Testamento e do seu público original”. (DEBRAY, 2004b, p. 14).



Figura 18: Davi e Betsabé. Jan Massys (1509-1575).
Fonte: DEBRAY, 2004b, p. 154.

Debray observa uma característica da iconografia cristã, que dá lugar de destaque às mulheres do Antigo Testamento, e destaca as inúmeras obras de arte que foram feitas sobre Susana e os Anciãos, Betsabé esposa de Urias tomada como esposa por Davi, Esther a Rainha judia que com sua simpatia e beleza salvou seu povo em detrimento a Esdras, Jeremias e Elias. Para ele, “essas mulheres rebeldes e belas por natureza combinando o sagrado e o profano, a legitimidade e a sensualidade” possuem mais apelo dramático, e a elas foi dada uma interpretação figurativa mais forte do que para os profetas austeros. Já a passagem da escada de Jacó, esta se tornou em parte, um tema figurativo cristão (DEBRAY, 2004b, p. 14-15).

Nas obras de arte concebidas sobre os temas do Antigo Testamento, entre os séculos XIV e XIX, Debray recorda o que ele chama de “prática arcaica”, que contém um poder visual que está na subordinação do detalhe para o todo, na grande perspectiva, no enquadramento abertamente teatral. Desta forma ele faz um contraponto com a arte contemporânea que busca a verossimilhança e cita como exemplo a fotografia, as cenas dos cinemas e da televisão, onde os detalhes foram desaparecendo (DEBRAY, 2004b, p. 16).

Para Debray “o Novo Testamento é um fator chefe no surgimento e desenvolvimento da arte como o reino não só de excelência, mas também de expressão pessoal”. E o fato do Ocidente moderno ter se tornado “a civilização da imagem” e como tal, a civilização dominante do planeta. Para ele, o Ocidente de hoje tem a genialidade das imagens, porque há dois mil anos os primeiros cristãos estavam possuídos da genialidade da mediação. “Através do argumento aprendido da ‘cristologia’ afirmaram Cristo como o mediador, um intermediário entre Deus e o homem, e aplicaram este princípio às imagens”. Seguindo este raciocínio, Debray explica que tanto Cristo como as imagens eram considerados o cruzamento do espiritual com o corporal, para mediar entre os opostos bipolares Criador e criatura, Espírito e matéria (DEBRAY, 2004b, p. 4-7).

No ano 600 o Papa Gregório Magno, proclamou na Carta ao Bispo Sirenus de Marselha que “a imagem é a Bíblia dos analfabetos” e de Madalena, a pecadora perdoada, ele disse: “Amar a verdade, com a suas lágrimas ela lavou os defeitos dos seus pecados” em sua homilia sobre os Evangelhos (25), desta forma o Papa resgata a imagem de Madalena do inferno e declara sua devoção por ela. Segundo Debray, agindo assim Gregório torna legítima a arte da pintura e de certa forma indica aos artistas pintores os seus temas favoritos. Posto isto, o autor sinaliza que foi então criado o mito de Maria Madalena, diversas vezes retratado pelos artistas, mas que nas Escrituras, depois da passagem da Ressurreição de Cristo os Evangelhos

e os Atos dos Apóstolos nada mais citam sobre ela. O autor destaca que desta forma é feita a entrada de personagens ambíguos do pecado para a santidade, a partir do Eros ao Ágape, como se vê nas pinturas de Pietà de Villeneuve-les-Avignon (DEBRAY, 2004a, p. 9-10)



Figura 19: The Avignon Pietà (Madalena com manto vermelho). Enguerrand Quarton (1420-1466).
Fonte: DEBRAY, 2004a, p. 178-179.

De certa forma, é possível considerar que as iluminuras que estavam nas Bíblias e Livros de Horas, tomaram as paredes e os vitrais das igrejas transformando-as em textos de cultura, como uma biblioteca que podia ser lida pelas pessoas comuns, consideradas iletradas. Durante a Idade Média as paredes e vitrais das Igrejas são amplamente utilizados. O aumento das imagens em seus mais diversos suportes se deu quando a Igreja conferiu a arte religiosa o *status* de dogmática, isto é, que contém traços do dogma. (DEBRAY, 2004a, p. 6-7). No século XIII, as ordens mendicantes, Franciscanos e Dominicanos, passaram a usar as imagens contra o clero letrado e, segundo Debray alcançam êxito. Isto porque, diz ele:

A imagem é mais contagiosa, mais viral do que o escrito. Mas, além de suas virtudes reconhecidas na propagação das sacralidades, [...] ela tem o dom capital de *consolidar* a comunidade crente. Pela identificação dos membros à Imago central do grupo. Não há massas organizadas sem suportes visuais de adesão. Cruz, Pastor, Bandeira vermelha [...]. No Ocidente, seja lá onde for, desde que as multidões se põem em movimento – procissões, desfiles, meetings – colocam à frente o ícone do Santo ou o retrato do Chefe, Jesus Cristo ou Karl Marx. (DEBRAY, 1994, p. 90-91)

O Renascimento foi o grande período onde se firmou a arte sacra, mas foi também nesta época que o humanismo derivado da filosofia de Platão, “denunciou incessantemente a arte como uma mentira e afirmou a impotência das imagens como intermediárias entre o céu de ideias abstratas e o mundo concreto dos homens e das coisas”. Mas, a resposta dos pintores foi que a substância material de pintura poderia ser um veículo do Espírito Santo e que uma

linguagem pictória poderia transmitir a verdade das escrituras, desde que esta respeitasse atentamente o texto. Ao afirmarem crenças metafísicas, os pintores se posicionaram contrários a esta corrente (DEBRAY, 2004a, p. 10).

A Igreja deu seu apoio a estes pintores, com o seu imperativo pedagógico “que as imagens ensinam os analfabetos e que as Escrituras ensinam aos educados”. Para Debray, a esfera eficaz da pintura é a da ação, pois ela causa “choque” ou “impacto” sobre as pessoas. As imagens tocam o ser sensual do espectador, evocando nele a presença de uma pessoa ou de um objeto. Portanto, a imagem envolve amor e requer a participação dinâmica deste espectador. Ao contrário de símbolos ou sinais, as imagens também apelam para o corpo, assim elas envolvem todo o ser do espectador. Em consonância com o princípio da atividade na esfera emocional da imagem, Debray afirma que a visão “eleva”, olhando se “encanta”, que uma imagem envolve toda a pessoa, que se aquece e energiza. Ele relembra o Jesuíta Inácio de Loyola, que inspirado pela Contra-Reforma, com seu exército de Jesuítas, a Companhia de Jesus, lutou contra a alimentação do fogo da imaginação sensual através das imagens (DEBRAY, 2004a, p. 10-11). No que se refere à Economia e a Praxis, Debray afirma:

A imagem é econômica porque encurta as demonstrações e abrevia as explicações – “um bom esboço é preferível a um longo discurso”. Menor dispêndio de linhas. E prática porque inculca com menos despesas. Portanto, a potência amorosa das imagens é nociva e útil. É, ao mesmo tempo, um perigo libidinal e um instrumento de expansão. É preciso reprimir o primeiro sem se privar do segundo: cativar a magia das imagens sem ficar preso a ela. [...] A prudência aconselha, portanto, a despertar os sentidos sem excitá-los, propagar sem edulcorar – e, para fazer isso, não separar pregação e figuração. Moderar a Imagem com a Palavra. (DEBRAY, 1994, p. 94-95).

Antes do século XV a imagem não é um objeto de representação, mas um relacional. Um Cristo pintado na parede de uma igreja não era um afresco a ser contemplado. Esta imagem tinha uma função sacramental, operatória, indicativa para pedir ações como acender velas, curvar-se, fazer o sinal da cruz ou orar (DEBRAY, 2004a, p. 12). Debray explica como era a relação do fiel com a imagem.

Quando um crente ortodoxo oriental olha para um ícone da Virgem, ele sente entrar em um relacionamento pessoal com a Virgem. Ele se concentra nela, e não nas imagens pintadas, nas qualidades plásticas do desenho, no tom, ou acabamento. Seu olhar se cruza com o olhar da imagem que também parece olhar para ele. O fluxo vai a partir do ícone através do olhar, fazendo as verdades da fé brilhar em direção ao observador. Para os fiéis, a luz que parece originar-se de dentro do ícone e banha a imagem da Virgem com o seu brilho não serve apenas para modelar as características do rosto da Virgem ou das dobras de seu manto. Em vez disso, ele carrega a energia divina dela para a alma. O ícone, portanto, é mais do que uma imagem da Virgem. Representa a sua própria pessoa [...]. No entanto, é apenas um meio, facilitando a passagem da alma do mundo profano até o ícone com a imagem da Virgem para o reino sagrado do além. A Virgem Maria não é a pintura, mas é um

ponto de transmissão necessário para quem deseja comungar com a Mãe de Deus. (DEBRAY, 2004a, p. 12).

No final da Idade Média o ícone começou a se espalhar por todo o Ocidente, o ouro deixou de ser visto apenas como um material precioso e tornou-se um veículo da aura. Debray recorda que quando São Tomás de Aquino construiu sua “Teoria da beleza” a beleza era um atributo de Deus, o esplendor da sua verdade, a face externa e visível de sua realidade inteligível. O significado da beleza dos tempos atuais não é o mesmo dito por Tomás de Aquino, isto é, as características intelectuais perfeitas de Deus. O autor relembra também que para o celebre pintor italiano Giotto, o ouro não era uma cor, mas o brilho vivo do Corpo de Cristo e mais *Theotokos*, isto é, portador de Deus (DEBRAY, 2004a, p. 13).

Na época de Rembrandt havia a questão: se podia ou não publicar a Bíblia em pequeno formato, por se tratar de um texto sagrado num formato considerado indigno (CHARTIER, 2009, p. 88).

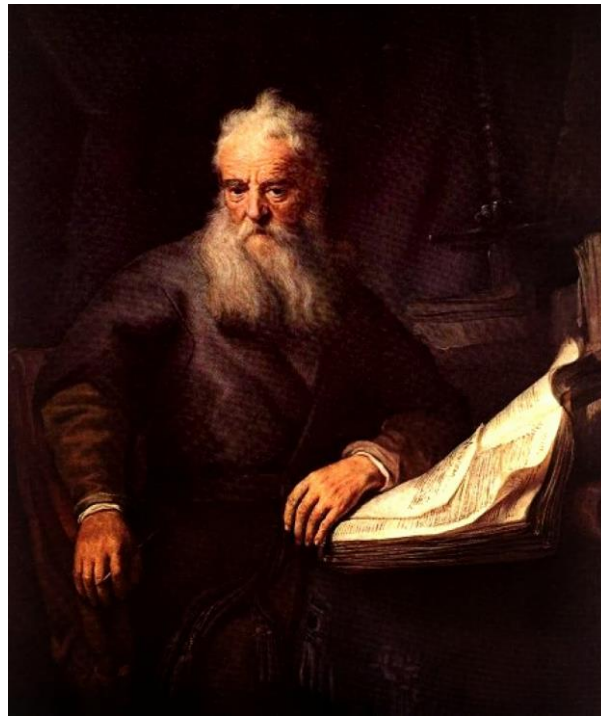


Figura 20: O Apóstolo Paulo. Rembrandt (1606-1669).
Fonte: CHARTIER, 2009, p. 136

Nas obras de Rembrandt “a Bíblia é mostrada como algo imenso, sem relação com o objeto tipográfico possível ou real”. (CHARTIER, 2009, p. 85). A intenção do pintor era exaltar a força da Palavra de Deus. “No claro-escuro do quadro de Rembrandt, ela é a luz viva que, pela mediação dos apóstolos, ilumina cada fiel e toda a cristandade”. (CHARTIER, 2009, p. 137).

A partir do século XV a arte passou a ser uma prática que produz mercadorias. Uma beleza feita intencionalmente. Tais obras podem ser movidas de lugar, compradas, vendidas, são do mercado e não nasceram nos lugares de culto, mas perto dos portos e armazéns e nas ricas casas burguesas de cidades como Veneza, Florença, Bruges e Amsterdam. Tais imagens foram tiradas do Antigo e do Novo Testamento, mas contra seus usos religiosos ou devotos. Esta estetização da imagem, que continuou através dos séculos XVI e XVII recebeu sua teoria no século XVIII, quando a estética se torna uma disciplina intelectual, tendo por base a retirada do divino do mundo terreno. Essa retirada, afirma Debray, ocorreu com o Iluminismo, com os filósofos da idade da Razão que afirmavam que o homem intelectual era o centro do mundo intelectual. A partir deste ponto de vista, o homem é o ponto unificador de todas as perspectivas do mundo, e mestre possuidor da natureza, enquanto o sagrado só poderia ser percebido como se estivesse a uma distância muito grande do mundo (DEBRAY, 2004a, p. 13-14). Debray reflete sobre o iluminismo da seguinte forma:

A Realização intelectual do Iluminismo foi uma vitória para o homem, mas uma derrota para Deus. Estava em vigor um retorno à mitologia, mas sem divindades, atos, ou milagres. Como nunca se destrói o que se tem apenas deslocado, o século XX viu a propagação de uma nova religião laica e secular, a religião da arte. Na mesma proporção que as igrejas perdiam adoradores, os museus ganhavam um público. Ao mesmo tempo, o museu tornou-se o santuário de agnósticos. A dessacralização das criações levou ao sacralizar os criadores. Milhares de sinais atestam isso, nomeadamente o aparecimento do discurso artístico em torno de tais termos como “epifania”, “vocação”, “silêncio inefável”, “peregrinação” e as outras palavras e frases anteriormente pertencentes ao vocabulário da piedade mais tradicional, juntamente com o vibrato e efusões líricas que lhes estão associados. O passado não nos impede de projetar categorias de nosso momento presente em relicários, tesouros, afrescos, retábulos e outros objetos de piedade de eras passadas que não tinham conhecimento das nossas preocupações, ou de anexação de objetos preciosos da salvação para um reino estético de nenhum interesse para a própria salvação. (DEBRAY, 2004a, p. 14-15).

Debray aponta que no século XX a separação de imagens da fé não é decisiva. Há indícios de que a imaginação do século XXI é “recarregada” com valores religiosos. Os sinais indicam que o sagrado é verdadeiro consigo mesmo, segue seu próprio caminho sem precisar decretos conciliares ou a bênçãos da ortodoxia acadêmica, que muitas vezes só reconhece a arte que ela consegue compreender. Para o autor, “as formas do sagrado são, por definição, infinitas e inesgotáveis”. E afirma que “a história da experiência humana indica que, de uma forma ou de outra, vinda de uma fonte ou de outra, o encontro com o espiritual é essencial”. (DEBRAY, 2004a, p. 16). Lebrum afirma que com o passar do tempo a Bíblia resistiu à passagem do rolo para o códex, sem dúvida resistirá à passagem para o texto eletrônico. (CHARTIER, 2009, p. 88).

2.2 DA CENSURA A ABERTURA

*“DEUS NÃO É PARA SER ADORADO NO LUGAR ONDE ESTAMOS,
MAS PARA SER TRANSMITIDO POR TODA A PARTE
ONDE UM HOMEM POSSA CHEGAR”.*

(DEBRAY, 1994, p. 93)

No início da era cristã, poucos eram aqueles que sabiam ler e escrever. Os chamados letrados viviam nas cortes, eram de famílias ricas ou da elite religiosa da época. Conta a história que, no final do século IV, São Nilo de Ancira⁴¹ fundador de um mosteiro próximo a Constantinopla, autor de diversos tratados e milhares de cartas para superiores, amigos e para sua congregação, escreveu em uma de suas cartas algumas orientações sobre a decoração de uma igreja que estava sendo construída pelo bispo Olimpodoro. O bispo desejava decorar tal construção com imagens de santos, pássaros, animais e cenas de caça. Em sua resposta ao questionamento do bispo, São Nilo aprova a representação de santos, mas condena as cenas de caça conotando-as como “frívolas e indignas de uma alma cristã viril”. A sugestão do santo dizia para decorar a igreja com cenas do Antigo e do Novo Testamento “pintadas pela mão de um artista bem dotado”, estas cenas deveriam estar arranjadas em ambos os lados da Cruz e serviriam “como livros para os iletrados, ensinando-lhes a história bíblica e incutindo neles a crônica da misericórdia de Deus”. (MANGUEL, 1997, p. 116-117).

Segundo Alberto Manguel, São Nilo deveria imaginar “os crentes analfabetos aproximando-se dessas cenas em sua igreja funcional e lendo-as como se fossem palavras de um livro”. (MANGUEL, 1997, p. 117). Ele acredita que São Nilo vislumbrasse os mais humildes identificando as imagens e fazendo a associação entre elas, podendo assim inventar histórias para eles mesmos ou associando essas imagens com os sermões que ouviam nas missas. No século VI o Papa Gregório, o Grande⁴², retomaria as ideias de São Nilo, expressando-se da seguinte maneira:

⁴¹ Ancira, hoje é Ancara, capital da Turquia. Cf. MANGUEL, 1997, p. 116.

⁴² Gregório, o Grande (c. 540-604), fortaleceu a autoridade papal e designou o monge romano santo Agostinho (não o padre da igreja) para converter os anglo-saxões. Cf. FISCHER, Steven Roger. **História da Leitura**. Tradução de Claudia Freire. São Paulo: UNESP, 2006. p. 136.

Uma coisa é adorar imagens, outra é aprender em profundidade, por meio de imagens, uma história venerável. Pois o que a escrita torna presente para o leitor, as imagens tornam presente para o analfabeto, para aqueles que só percebem visualmente, porque nas imagens os ignorantes veem a história que têm de seguir, e aqueles que não sabem as letras descobrem que podem, de certo modo, ler. Portanto, especialmente para a gente comum, as imagens são equivalentes à leitura. (MANGUEL, 1997, p. 117).

A presença de figuras decorativas nos espaços religiosos existe desde a antiguidade, o templo construído pelo Rei Salomão em Jerusalém para abrigar a Arca da Aliança que continha as Tábuas da Lei, foi decorado por artistas judeus. Neste caso, vale ressaltar que o segundo mandamento da Lei de Deus proíbe a confecção de imagens gravadas e figuras, conforme está escrito no livro bíblico do Êxodo capítulo 20, versículo 04: “Não farás para ti escultura, nem figura alguma do que está em cima nos céus, ou embaixo sobre a terra ou nas águas, embaixo da terra”. Segundo a Bíblia (tradução) da Ave Maria, este versículo faz referência à escultura que representa simbolicamente a Deus sob a forma de um astro, planta, homem ou qualquer espécie de animal. O que Deus proíbe não é a confecção de uma imagem religiosa qualquer do tipo anjos, santos, mas somente a representação figurada de sua pessoa como objeto de adoração. Outra passagem que corrobora essa instrução está em Êxodo capítulo 25. Nela são narradas prescrições litúrgicas e o modelo de como deveria ser o local inclusive o mobiliário e os detalhes da decoração a ser feita com querubins⁴³.

Far-me-ão um santuário e habitarei no meio deles. Construireis o tabernáculo e todo o seu mobiliário exatamente segundo o modelo que vou mostrar-vos. Farão uma arca de madeira de acácia; seu comprimento será de dois côvados e meio, sua largura de um côvado e meio, e sua altura de um côvado e meio. Tu a recobrirás de ouro puro por dentro, e farás por fora, em volta dela, uma bordadura de ouro. Fundirás para a arca quatro argolas de ouro, que porás nos seus quatro pés, duas de um lado e duas de outro. Farás dois varais de madeira de acácia, revestidos de ouro, que passarás nas argolas fixadas dos lados da arca, para se poder transportá-la. Uma vez passados os varais nas argolas, delas não serão mais removidos. Porás na arca o testemunho que eu te der. Farás também uma tampa de ouro puro, cujo comprimento será de dois côvados e meio, e a largura de um côvado e meio. Farás dois querubins de ouro; e os farás de ouro batido, nas duas extremidades da tampa, um de um lado e outro de outro, fixando-os de modo a formar uma só peça com as extremidades da tampa. Terão esses querubins suas asas estendidas para o alto, e protegerão com elas a tampa, sobre a qual terão a face inclinada. Colocarás a tampa sobre a arca e porás dentro da arca o testemunho que eu te der. Ali virei ter contigo, e é de cima da tampa, do meio dos querubins que estão sobre a arca da aliança, que te darei todas as minhas ordens para os israelitas. ÊXODO 25, 8-22 (BÍBLIA, 1985, p. 126).

⁴³ Cf. BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução do Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1985. Êxodo 20, 4, Nota, p. 120.

Em certos momentos da história também o artista judeu sofria com a censura e tinham que recorrer à criatividade, colocando, por exemplo, rosto de pássaro nas figuras humanas proibidas, para não representarem a face humana (MANGUEL, 1997, p. 118).

Na Idade Média, por conta do excesso de liberdade dos pintores em relação à interpretação das imagens ortodoxas e seus significados, aconteceram protestos por parte dos Iconoclastas⁴⁴ que passaram a destruir imagens pintadas ou esculpidas. Tal proibição voltou à tona com o imperador Leão III e ameaçava dividir a Igreja, e seguiu com os imperadores iconoclastas Constantino V e Teófilo que acabaram por censurar a reprodução de imagens por todo o império, autorizando apenas a decoração geométrica, também usada pelos povos muçulmanos (FISCHER, 2006, p. 137). Alberto Manguel explica sobre a questão das imagens na antiguidade:

Para os antigos romanos, o símbolo de um deus (águia para Júpiter, por exemplo) era um substituto do próprio deus. Não raros casos em que Júpiter é representado junto com sua águia, ela não é uma repetição da presença do deus, mas torna-se seu atributo, tal como o raio. Para os cristãos primitivos, os símbolos tinham essa dupla qualidade, não representando apenas os temas (a ovelha como Cristo, a pomba como o Espírito Santo), mas também aspectos específicos do tema (a ovelha como o Cristo sacrificado, a pomba como a promessa de libertação do Espírito Santo). Não se destinavam a ser lidos como sinônimos dos conceitos ou meras duplicatas das divindades. Em vez disso, expandiam graficamente certas qualidades da imagem central, comentavam-nas, sublinhavam-nas, tornavam-nas temas por si mesmos. (MANGUEL, 1997, p. 118).

Para nortear a questão do uso das imagens a Igreja decretou em 787, no sétimo Concílio⁴⁵ acontecido em Nicéia, a seguinte determinação:

A realização de pinturas não é uma invenção do pintor, mas uma proclamação reconhecida das leis e tradições da Igreja como um todo. Os padres antigos são os responsáveis por sua execução nas paredes das igrejas: é o pensamento e a tradição deles que vemos, mas não os do pintor. Ao pintor, a arte pertence, mas a ordem das pinturas pertence aos Padres da Igreja. (FISCHER, 2006, p. 137).

⁴⁴ **Iconoclastas:** destruidores de ícones.

⁴⁵ **Concílio:** é a reunião de bispos e outros dignitários eclesiais, feita com regularidade, para tratar e legislar em matérias de interesse para as Igrejas de determinada região. Com o intuito de discutir algum tema doutrinário ou pastoral. Não há uma periodicidade para sua realização. É sempre convocado pelo Papa. Cf. CONCÍLIO. Disponível em: <http://www.snpcultura.org/o_que_e_um_concilio.html>. Acesso em: 02 mar. 2014.

Mas tanto em Bizâncio, como na Europa Ocidental, a proibição não vigorou plenamente “histórias pictóricas continuavam a entreter, educar e converter”, afirma Fischer (2006, p. 137). Assim, durante toda a Idade Média até o século XII, com o surgimento da Arte Gótica, as igrejas e catedrais construídas em estilo românico, tinham em grande parte, suas paredes ricamente decoradas “como bibliotecas de cenas bíblicas a serem ‘lidas’ por todos, e tanto sua ‘ordem’ ou sintaxe de cenas quanto seu simbolismo eram estritamente codificados, como as palavras de um dicionário”. (FISCHER, 2006, p. 137). Seguindo essa tendência que permanecia viva apesar da censura dos imperadores, o Sínodo⁴⁶ de Arras, realizado em 1025, declarou que “aquilo que a gente simples não podia aprender lendo as escrituras poderia ser aprendido por meio da contemplação de imagens”. (MANGUEL, 1997, p. 117-118). Steven Fischer (2006, p. 137), explica que o analfabeto na Europa Ocidental, na Idade Média, não era alguém que não soubesse ler, mas sim aquele que não sabia latim, língua usada pela Igreja e para a educação na época. Os considerados *litteratus* eram apenas os que sabiam ler e compartilhar seus conhecimentos em latim. O autor afirma que “a alfabetização em uma sociedade não é apenas uma questão de quem consegue ler e escrever, mas sim de adequação aos valores vigentes”. (FISCHER, 2006, p. 138). Portanto, no início da formação da sociedade medieval da Europa Ocidental, era considerado de extrema importância saber ler e escrever em latim, por que: preservava o conhecimento antigo, era importante para os herdeiros do Império Romano, facilitava a administração, outorgava poderes a Igreja e podia até conduzir à salvação pessoal (FISCHER, 2006, p. 138).

A construção em estilo Gótico, que se firmou a partir do século XIII, trouxe a iconografia bíblica para as imensas janelas em vitrais e para as colunas esculpidas em madeira e pedra. Alberto Manguel (1997, p. 122) descreve essa mudança: “as lições das Escrituras passaram a brilhar e a surgir em formas arredondadas, narrando ao devoto histórias nas quais o Velho e o Novo Testamentos espelhavam-se sutilmente”.

As imagens que São Nilo almejava que os fiéis lessem nas paredes tinham migrado para os vitrais das Igrejas Góticas, no início do século XIV tais imagens tiveram novamente seus tamanhos reduzidos e foram reunidas em formato de livro (MANGUEL, 1997, p. 122-123). Alberto Manguel relata que:

⁴⁶ Diferente do concílio, o sínodo é uma reunião plenária representativa que pode acontecer em nível diocesano, nacional, regional ou universal. Trata-se de uma série de encontros de representantes das diversas classes de fiéis para tratarem de assuntos propostos por quem convocou o Sínodo e proporem encaminhamentos para as questões discutidas. Um Sínodo acontece somente a partir da convocação do bispo, quando se realiza em uma Diocese ou do Papa, quando se realiza para tratar de assuntos relativos à Igreja Universal. Cf. SÍNODO. Disponível em: <<http://sinodo.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 02 mar. 2014.

Nas regiões do baixo Reno, vários iluminadores e gravadores começaram a representar as imagens em pergaminho e papel. Os livros que criaram eram feitos quase exclusivamente de cenas justapostas, com poucas palavras, às vezes como legendas nas margens da página, às vezes saindo da boca das personagens em cártulas semelhantes a bandeiras, como os balões das histórias em quadrinhos de hoje. (MANGUEL, 1997, p. 123).

Os livros manuscritos repletos de imagens se tornaram muito populares durante este século e continuaram até o final da Idade Média. Foram vários os formatos com desenhos que variavam de miniaturas meticulosas até aqueles que chegavam a ocupar a página inteira (MANGUEL, 1997, p. 123). “Uma literatura inteira desenvolveu-se desse modo; nela se encontravam os temas religiosos e morais mais populares da época: Apocalipses figurados, Bíblia dos Pobres, Histórias da Virgem, ou, ainda, [...], Paixões de Cristo, Vidas de Santos,...”. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 56). As xilografuras feitas de madeira e coloridas evoluíram para volumes impressos no século XV.

Alberto Manguel explica que:

Com o tempo, esses livros extraordinários ficaram conhecidos como *Bibliae pauperum*, ou Bíblias dos pobres. Em essência, essas “bíblias” eram grandes livros de figuras nos quais cada página estava dividida para receber duas ou mais cenas. Por exemplo, na assim chamada *Biblia pauperum* de Heidelberg, do século XV, as páginas estão divididas em duas metades, a de cima e a de baixo. A metade inferior de uma das primeiras páginas representa a Anunciação e seria mostrada ao fiel naquela data litúrgica. Em torno dessa cena estão os quatro profetas do Velho Testamento que previram a vinda de Cristo: Davi, Jeremias, Isaías e Ezequiel. Acima deles, na metade superior, estão duas cenas do Velho Testamento: Deus amaldiçoando a cobra no jardim do Éden, com Adão e Eva em um canto, em posição de recato (Gênesis 3), e o anjo chamando Gedeão à ação, enquanto este põe o cabrito no chão para saber se Deus salvará Israel (Juízes, 6). (MANGUEL, 1997, p. 123).

Essa Bíblia ficava exposta constantemente para o público nas igrejas, presa num atril e aberta na página correspondente à liturgia do dia. Segundo Alberto Manguel, muitos não tinham a capacidade de ler o texto que rodeavam as figuras, também seriam poucas as pessoas que conseguiriam compreender os vários sentidos de cada imagem em seu contexto histórico, moral e alegórico. “Mas a maioria das pessoas reconheceria grande parte das personagens e cenas e seria capaz de ‘ler’ naquelas imagens uma relação entre as histórias do Velho e do Novo Testamento, graças à simples justaposição delas na página”. (MANGUEL, 1997, p. 123).

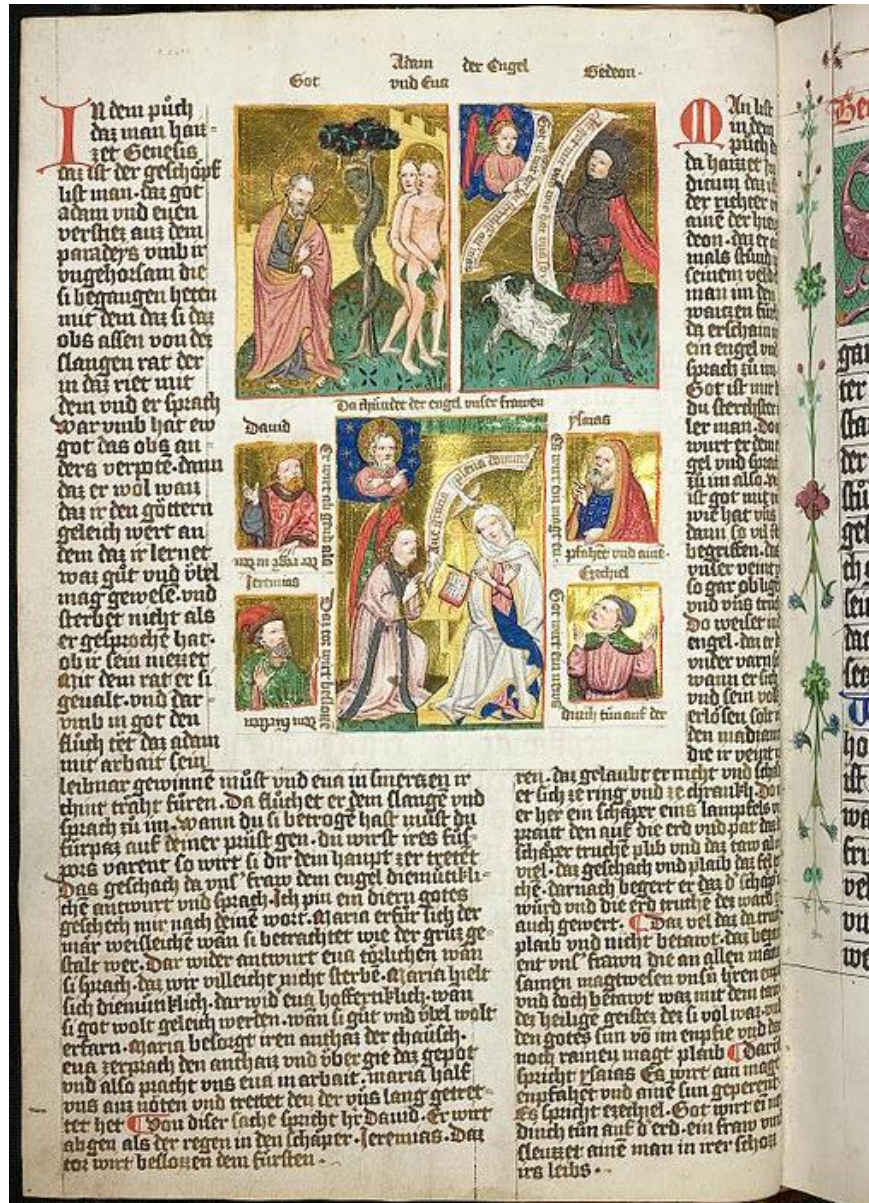


Figura 21: *Biblia pauperum* de Heidelberg. Fonte: UNIVERSITÄT HEIDELBERG, 2014.

Existem estudos que afirmam que esse modelo de Bíblia era para oferecer uma oportunidade de leitura para os que eram considerados iletrados, mas também para dar aos clérigos de regiões mais isoladas, exemplo para a preparação dos sermões e catequese, auxiliando-os a demonstrar para os fiéis a unidade da Bíblia (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 56). O crítico alemão Maurus Berve, discorda das teorias citadas. Para ele a *Biblia pauperum* não era entendida pelos analfabetos, e se destinava aos eruditos ou clérigos que não tinham condições de comprar uma Bíblia completa ou que “sendo ‘pobre de espírito’ (...), careciam de um nível de educação mais exigente e contentavam-se com esses excertos”. (BERVE apud

MANGUEL, 1997, p. 128). Para Maurus Berve, o nome Bíblia *pauperum* significaria “Bíblia dos pregadores pobres”.

Quanto ao valor dessas Bíblias, Manguel (1997, p. 124-125) relata que existiam vários exemplares que eram enormes e ricamente ornamentados e, portanto, caros. Isso porque se destinava a exposição pública nas Igrejas. O mais importante era a possibilidade do acesso a todos que por ali passassem. Febvre e Martin (2000, p. 56-57) destacam que esse tipo de livro xilográfico em formato in-quarto⁴⁷ se tornou popular, principalmente pelo preço e concepção. Essa foi a primeira vez que os livros ficaram mais acessíveis às classes populares. “Mesmo quem não sabia ler podia compreender o sentido dessas sequências de imagens, e quem possuía alguns rudimentos [...] seguia tanto mais facilmente as explicações quanto estivessem redigidas em língua vulgar”. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 58). Alberto Manguel, assim conclui:

Destinadas aos pobres ou aos seus pregadores, o certo é que tais imagens ficavam abertas no atril diante do rebanho, dia após dia, durante todo o ano litúrgico. Para os analfabetos, excluídos do reino da palavra escrita, ver os textos sacros representados num livro de imagens que eles conseguiam reconhecer ou “ler” devia induzir um sentimento de pertencer àquilo, de compartilhar com os sábios e poderosos a presença material da palavra de Deus. Ver essas cenas em um livro - naquele objeto quase mágico que pertencia exclusivamente aos clérigos letrados e eruditos da época - era bem diferente de vê-las na decoração popular da igreja, como sempre ocorrera no passado. Era como se de repente as palavras sagradas, que até então pareciam ser de propriedade de uns poucos, os quais podiam ou não compartilhá-las com o rebanho, tivessem sido traduzidas numa língua que qualquer um, mesmo uma mulher “pobre e velha” e sem instrução [...] podia entender. (MANGUEL, 1997, p. 128-129).

Retomando a história no que tange a tradição judaica, Robert Bonfil recorda que durante toda a Alta Idade Média entre os judeus da Europa Ocidental ocorreu à socialização do livro comparável a ocorrida com as sociedades cristãs desta mesma época. O autor afirma, que:

Também entre os judeus, o livro é compreendido mais como um objeto mágico-religioso do que como instrumento de comunicação pela leitura; como relíquia destinada à devota adoração contemplativa mais em função de sua carga sobrenatural, do que como reservatório de conteúdos... . (BONFIL, 2002, p. 186).

O autor reitera que no meio judaico do século IX, o livro estava duplamente “fechado” ao acesso direto das pessoas comuns quer seja pela encadernação quer seja por estar guardado na arca. Robert Bonfil relata uma história da tradição oral judaica, possivelmente ocorrida em

⁴⁷ In quarto: diz-se do formato em que a folha é dobrada em quatro, o que dá oito páginas. Volume, cujas folhas foram impressas a oito páginas cada uma. Cf. IDICIONÁRIO Aulete. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/in-quarto#ixzz2xqh6jItP>>. Acesso em: 02 mar. 2014a.

meados do século IX, em que uma mulher atraiu a ira divina sobre sua família, causando a morte de alguns parentes por ter acendido um candeeiro diante de um livro sagrado, numa sexta-feira à noite, estando ela menstruada. O ato da mulher “teria tido, portanto, o efeito de contaminar a santidade do livro, considerado uma verdadeira relíquia”. (BONFIL, 2002, p. 186-187).

Robert Bonfil em seu estudo remonta a questão da estrutura das sociedades na Alta Idade Média, que para transmitir a cultura se apoia em grupos elitistas rigidamente fechados e entende essa função como mediação entre o espaço “sagrado” e o espaço “profano” onde estão os indivíduos comuns que recebem somente os conteúdos dos livros de forma oral. O espaço sagrado é dominado por esta elite, que se arvora como guardião e legítima intérprete dos livros. O autor resume da seguinte forma:

A Alta Idade Média é uma época em que, exatamente como aconteceu entre os não-judeus (tanto cristãos como muçulmanos), o exercício da autoridade é concebido em termos de sacralidade, associada à legítima interpretação dos textos tradicionais e, [...] a imposição de normas que dela derivam. (BONFIL, 2002, p. 187).

São várias as formas de censura que permeiam a história da humanidade e suas culturas, existem aquelas impostas pelas autoridades, outras que são impostas por questões econômicas, outras por questões educacionais, existem as censuras culturais, religiosas, tradicionais.

Em relação à Igreja Católica, Ismar Soares (1988, p. 30) apresenta um estudo feito por Enrico Baragli que revela a quantia de 87 documentos oficiais publicados desde a época apostólica até a invenção da imprensa por Gutenberg. em um trecho desta análise Ismar explica da seguinte forma o conteúdo dos documentos que versam sobre normas e orientações:

Esses documentos destinavam-se a normatizar a conduta dos imperadores, reis, bispos, e fiéis no que se referia ao uso dos escritos e livros, dos espetáculos teatrais e das imagens. Alguns poucos trataram da liberdade de pensamento e do direito de expressão. (SOARES 1988, p. 30).

Segundo o mesmo estudo, nesta época existem poucos indícios de censura prévia e que geralmente, a avaliação da obra era feita após sua publicação, mesmo havendo recomendações para que os autores não publicassem as cópias até serem submetidas à aprovação eclesiástica (SOARES, 1988, p. 31). Por conseguinte, neste momento da história

que antecedeu a criação da prensa por tipos móveis, a Igreja se manteve vigilante em relação à publicação de livros heréticos⁴⁸, essas publicações foram condenadas ao fogo (ZOLIN, 2010, p. 54). Os autores de tais heresias foram julgados, alguns dos casos mais conhecidos são: de Ário (Arianismo) que negava a divindade de Cristo julgado pelo Concílio de Nicéia em 325; Macedonio (Macedonismo) que pregava que o Espírito Santo não era Deus, julgado no Concílio de Constantinopla I em 381 (AQUINO, 2008, p. 18); Além da definição de que Cristo é uma só Pessoa com duas naturezas (humana e divina) e do dogma da maternidade divina de Maria contra Nestório pelo Concílio de Éfeso em 431; E ainda a condenação de Fócio e a confirmação do culto às imagens no Concílio de Constantinopla IV em 869 (AQUINO, 1998, p. 54. 59). Do estudo de Ismar Soares (1988, p. 32) destaca-se, também, a questão da produção e exibição de imagens que aconteceu graças ao cristianismo, rompendo com a tradição judaica e islâmica, que era contra qualquer retratação da figura humana, mesmo que com o intuito educativo ou cultural.

Vale ressaltar que independente das formas, a censura sempre existiu e de alguma maneira muitos estavam impedidos de algo e, uma elite estava no controle. Para Robert Bonfil, o problema do controle surge “naturalmente” e acompanha rigorosamente o desenvolvimento tanto da alfabetização como da circulação de livros. E “o desafio é manter um rígido controle sobre a sociedade através da vigilância das leituras, fonte potencial de desequilíbrio”. (BONFIL, 2002, p. 189). Robert Bonfil conclui elencando algumas razões que justificam o manter-se no modelo de dominação e censura:

O importante é que a ideia de uma “política repressiva em relação ao livro” estava associada à ideia do “efetivo exercício do poder”, cuja eficácia deve ser provada concretamente, de preferência com o ritual exorcizante e purificador do fogo. A segunda razão é procurar entender o que ocorrerá depois: como para os cristãos, também para os judeus a época em que o discurso sobre a leitura se tornou mais intenso foi a do primeiro grande *boom* da imprensa, acusada de colocar em circulação muitos livros potencialmente perigosos, na ótica de quem se considerava responsável pelo comportamento da sociedade. A decisão dos dirigentes judaicos em recorrer à arma da excomunhão contra todos aqueles que lessem determinados livros parece ter realmente precedido, nessa fase, o uso dessa mesma arma pelos cristãos. (BONFIL, 2002, p. 190).

A falta de uma regulamentação mais aperfeiçoada para as edições, associada aos rigores da censura e a impotência da polícia da época, que compreende o período entre os séculos XV e XVIII, teve como consequência o crescimento do comércio clandestino de livros que se

⁴⁸ Em 496, num concílio romano, o Papa Gelásio I publicava uma lista de livros proibidos. Cf. ZOLIN, Lucia Inês U. V. **A comunicação na perspectiva da Igreja Católica**. Pelotas: RCC Brasil, 2010, p. 64.

multiplicava e trazia conteúdos contrários aos poderes vigentes “Quando a imprensa surgiu, muitos prelados e eclesiásticos aplaudiram o invento e estimularam a criação de oficinas tipográficas. Mas a Igreja, como guardiã da ortodoxia, tinha o dever de impedir a difusão das obras heréticas”. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 317-318). Febvre e Martin relatam que desde a Idade Média já havia grande quantidade de textos que estavam proibidos de serem lidos ou copiados pelos católicos e que no período da Reforma Protestante a inquietação da Igreja foi ainda maior, “ao ver os prelos colocarem-se a serviço de ideias heterodoxas” e julgaram necessário impedir a multiplicação dos maus livros nas tipografias (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 318). A Reforma Protestante ganhou força na Alemanha com o uso da tipografia e diversas posturas foram tomadas pela Igreja Católica para conter este avanço, conforme nos conta os autores:

Em 1475, a universidade de Colónia recebeu do Papa um privilégio autorizando-a a censurar os impressores, os editores, os autores, e mesmo os leitores de livros perniciosos. Em 1486, o arcebispo Bertoldo, de Mogúncia, embora muito favorável à nova arte, e agindo em obediência a uma bula de Inocêncio VIII, encarregava dois padres da catedral e dois doutores de examinar os livros; em 1496, proibia, sob pena de excomunhão, que qualquer livro fosse publicado se não estivesse munido da aprovação arquiépiscopal. Contudo, em 1491, na Itália, Nicolau Franco, arcebispo de Treviso e legado pontifício em Veneza, promulgara uma constituição segundo a qual toda a obra que tratasse de matéria de fé ou da autoridade da Igreja somente pudesse ser impressa com a autorização do bispo ou do vigário-geral da diocese. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 318).

Foi no século XVI que a Igreja interviu mais arduamente, e as formas de censura se multiplicaram (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 318). Em 1487, o Papa Inocêncio VIII publica a Exortação Apostólica *Inter múltiples* que tinha por objetivo definir o pensamento da Igreja no que tange aos meios de comunicação escritos e como abordá-los (PUNTEL, 2008, p. 118). Em 1515, o Papa Leão X, no Concílio de Latrão reafirmou a censura prévia e universal, ficando proibida a impressão de livros sem a devida licença das autoridades eclesiásticas, o *imprimatur*. A partir de então, estão censurados os livros contrários à fé ou de conteúdo difamatório. As punições seriam de carácter espiritual, a excomunhão, e de carácter temporal as multas, suspensão do direito de imprimir e queima de livros (ZOLIN, 2010, p. 62).

A partir da segunda metade do século XVI o número de livros considerados impróprios para leitura aumenta tão depressa que é necessário refazer continuamente os índices que relacionavam os títulos principais. Segundo Febvre e Martin a censura nesta época não era algo exclusivo da Igreja, outros núcleos de poder faziam uso desta prática:

As autoridades eclesiásticas, em matéria de policiamento, pouco podiam fazer sem o apoio do braço secular. O Poder temporal, aliás, não podia deixar de se interessar

por estas questões, uma vez que era essencial, também, proibir obras hostis ao príncipe ou ao governo. Em primeiro lugar, foi talvez o imperador que julgou indispensável intervir. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 319)

Os autores relatam ainda que na Alemanha, os esforços para censurar os maus livros e entravar o comércio dos livreiros protestantes ao invés de coibir acabaram por favorecer o desenvolvimento das feiras de Frankfurt e Leipzig, isto por conta do conflito de poder entre os príncipes alemães (responsáveis pelo policiamento do livro em seus domínios) que eram adversários da polícia imperial e da Igreja Católica (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 319).

Na França, do século XVI, era a Universidade de Sorbone e o Supremo Tribunal que faziam as inúmeras censuras, proibições e perseguições. O rei intervinha diretamente na questão da fiscalização do livro. Febvre e Martin expõem a decisão tomada pelo rei:

[...] em 1563, de apenas autorizar a impressão de um livro se a este tivesse sido outorgado um privilégio próprio, permite-lhe fiscalizar, doravante, todas as novas publicações, já que os privilégios, evidentemente, só eram concedidos após o conselho dos censores, que foram, a princípio, doutores da Sorbonne e, depois, no século XVII, laicos. Este sistema, que a maior parte dos príncipes da Europa aplicou, permitiu-lhes vigiar a produção impressa a pretexto de evitarem os monopólios comerciais. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 319).

Lucia Zolin (2010, p. 64) expõe em seu estudo alguns momentos da história, pós-surgimento da imprensa, em que a Igreja toma uma postura de controle. Segundo a autora, em 1559 a Igreja com o Papa Paulo IV acreditava que através da proibição da leitura “conseguiria frear a avalanche de publicações”. Tal controle se deu através da publicação de um índice que continha uma lista de autores e livros que não podiam ser editados ou lidos, dos quais os fiéis deveriam se precaver. Em 1564, os padres conciliares, reunidos em Trento, foram incumbidos de elaborar um catálogo de livros considerados heréticos ou prejudiciais à piedade e aos costumes. O catálogo foi entregue ao sucessor de Paulo IV, o Papa Pio IV, e se tornou público através da Constituição *Dominici Gregis*, publicada em março de 1559, que além de apresentar a lista de obras e autores considerados proibidos, trazia também regras que tinham o intuito de normatizar as interdições dos livros e as punições aos transgressores. A pena prevista para quem lesse ou possuísse tais obras proibidas era a excomunhão. A autora destaca as palavras do Papa na abertura do documento:

Atento à salvação das almas e, por isso mesmo, visando a que os fiéis doravante não leiam os livros nem quaisquer impressos nele reprovados como heréticos ou suspeitos de heresia, inúteis à piedade ou honestidade dos costumes, ou precisando ao menos de alguma correção pela autoridade da presente constituição, aprovamos este índice, juntamente com as suas normas preliminares. (PIO IV. *Dominici Gregis*, 1559, n.1, apud ZOLIN, 2010, p. 64).

Em 1571 foi instituída através da Constituição *In Apostolicis*, do Papa Pio V a Congregação do Índice que atuou até 1917. Essa congregação foi responsável pelo exame, liberação ou condenação das obras publicadas tanto na Europa como em outros continentes. Ao longo de quatro séculos as normas foram seguidas e também aperfeiçoadas. Por exemplo, em 1753 com o Papa Bento XIV, foi retomada e completada a legislação sobre a proibição e censura dos livros através da Constituição *Sollicita ac Provida*. Nesta, o Papa que havia sido consultor do Santo Ofício demonstra certa preocupação sobre as condições com que eram avaliadas as obras, pois chegara para ele que muitas publicações de livros, especialmente de autores católicos, estavam sendo “injustamente postas em questão” e a partir daí ele operou de forma a criar regras e garantias para o julgamento mais justo das obras. O *index*⁴⁹ ou catálogo de livros proibidos só foi extinto em 1966 com o Papa Paulo VI (ZOLIM, 2010, p. 65-67).

Com o passar dos séculos, vários foram os conflitos enfrentados pelos Papas, referente à matéria impressa, quer seja em formato de livro, panfleto e/ou jornais. Durante o período da Contra Reforma, Lutero utiliza os prelos para difundir suas ideias e conceitos, e as faz em diversas oportunidades em vernáculo local para atingir o maior número de pessoas. Em 1520 multiplica seus sermões, e suas obras mais polêmicas em alemão (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 375). Febvre e Martin relatam como foi a década de 1520:

Toda a Alemanha se inflama, então. Multiplicam-se os panfletos carregados de violência e clamor: arrolam-se 630 destes *Flugschriften*, referentes aos anos de 1520-1530. Recorreu-se a todos os meios, não apenas ao da tipografia, mas igualmente ao da ilustração e até mesmo ao da caricatura. Para ridicularizar o papa, e os monges, eis o *Asno-Papa*, o Vitelo-Monge. Quanto a Murner, o frade autor do *Grande louco luterano*, lembra o seu nome o do gato ou homem de mau carácter: ele será o monge com cabeça de gato. Ao mesmo tempo, a proporção de obras impressas em alemão não deixa de aumentar. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 375).

As obras em alemão se multiplicam. Entre elas estão, em maior número, os livros de Lutero, calcula-se que passam de um terço do total das publicações. Desde esta época, os impressores alemães se dedicam a publicação dos textos da Reforma Protestante. Junte-se a isso o fato de muitos impressores não gostarem da Igreja católica tradicional. Suas relações com os círculos humanistas os tornam abertos às novidades, levando muitos destes profissionais a recusarem publicações de cunho católico. Segundo Febvre e Martin, se não o fazem por convicção o fazem por interesse, pois neste tempo tudo gira em torno de Lutero e através das obras do reformista alemão os impressores faziam fortuna. Os autores apontam o

⁴⁹ **Index:** índice ou lista dos livros proibidos de publicação pela Igreja Católica.

estudo feito por Goetze que analisa 70 impressores, dos quais 45 estavam a serviço de Lutero. Também nos lugares onde existem as autoridades laicas ligadas à Igreja católica são impressos textos da reforma sem nenhuma punição. Em algumas localidades a reação é tênue e tímida em outras existe uma repressão maior, Febvre e Martin citam alguns exemplos: o corrido em 1527, com João Guldenrund em Nuremberga, que é perseguido por ter publicado um escrito contra o Papa. Nos locais onde a censura de texto da reforma é maior a consequência é sentida financeiramente, neste caso, os autores relatam que Leipzig foi abandonada por vários impressores, porque as únicas obras autorizadas para impressão eram as católicas e estas não eram rentáveis (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 375-377). Febvre e Martin também relatam como se dava a censura nas regiões onde imperava o protestantismo:

Entretanto, nas regiões conquistadas pela Reforma, as autoridades protestantes, em muitos casos, zelam com mais energia do que as católicas por fazer observar, à sua maneira, as decisões da Dieta de Worms⁵⁰, de início dirigidas contra Lutero, mas cujo texto proibia tão-somente a publicação de libelos difamatórios. Perseguem, pois, aqueles que imprimem panfletos católicos: Segismundo Grim é preso em Augsburg, em 1526, por ter publicado a *Missa est sacrificium*, de Von Eck; Gruninger, o único impressor de Estrasburgo que se manteve fiel à facção católica e que, corajosamente, continuava a dar ao prelo escritos de Eck, Erasmo e Murner, viu os magistrados confiscarem, em 1522, o *Grande louco luterano*. E, por toda a Alemanha, face à vaga dos escritores hostis à Igreja católica, raras são as obras em que esta é defendida. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 377).

Ainda neste período, alguns impressores e escritores católicos se organizaram em algumas regiões como Leipzig e em Ingolstadt na Alemanha, em Friburgo e Lucerna na Suíça, para continuar com as publicações católicas. “Noutros lugares, os impressores que não estavam a serviço da Reforma, geralmente, limitam-se a publicar textos científicos ou teológicos sem relação com a actualidade”. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 378).

Foi também através da Reforma Protestante que a Bíblia chegou de forma mais generalizada às mãos do povo considerado iletrado. A partir da segunda década do século XVI as traduções da Bíblia continuam a ser publicadas com grande êxito em alemão, que é a língua vernácula da Alemanha. As edições do Novo Testamento e do Antigo Testamento são um sucesso e se esgotam rapidamente. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 378). Assim descrevem Febvre e Martin:

⁵⁰ Dieta de Worms foi uma assembleia, convocada pelo imperador Carlos V, que julgava, entre outros assuntos, Martinho Lutero por crimes cometidos contra a Igreja Católica na cidade de Worms na Alemanha entre os dias 28 de janeiro e 25 de maio de 1521. DEMERCINO, Júnior. **A Dieta de Worms**. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/a-dieta-de-worms-.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

Em dois anos, de 1522 a 1524, são executadas catorze reimpressões do Novo Testamento em Vitemberga, e outras sessenta e seis em Augsburg, Basileia, Estrasburgo e Leipzig. Só por sí, Adão Petri, em Basileia, publica sete. «toda gente lê esta tradução e sabe-a de cor» [...] A Sagrada Escritura é, a partir daí, posta nas mãos de todos, e as paixões levantadas pelos problemas religiosos são tais que, mesmo os que não sabem ler, pedem aos amigos mais cultos que lhes expliquem os textos. De tal modo que, [...] a casa de cada um destes tornara-se numa escola onde se liam o Antigo e o Novo Testamento. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 378-379).

Febvre e Martin verificam que na Alemanha as tiragens da Bíblia foram crescendo até superarem a marca de um milhão somente na primeira metade do século XVI. E esta foi a primeira vez, em que se pode dizer que houve uma literatura de massa, acessível a todos. “Colocar os textos sagrados ao alcance de cada um, e na própria língua, fora um dos serviços que Lutero solicitara da imprensa”. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 377-378). Os autores relembram que na França o mesmo aconteceu quase na mesma época, o bispo reformador Lefèvre d’Étaples fez a tradução dos Textos Sagrados e os mandou imprimir em formato pequeno (in-oitavo⁵¹ ou in-dezesseis). Os textos das Escrituras foram, desta forma, colocados ao alcance de todos na França (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 380).

A origem de muitas igrejas da Reforma, na Alemanha e na França, se deu com as pessoas se reunindo em locais diversos com os textos bíblicos em mãos, formando círculos de orações onde meditavam trechos da Bíblia e entoavam cantos de forma acessível aos que não sabiam ler. Os textos em língua do país se tornaram populares e se espalharam por toda a França. Com o comércio internacional do livro, os escritos de Lutero chegaram à França e começaram a se espalhar pela Europa. Febvre e Martin destacam que a partir de 1520, Lutero já era lido nas escolas de Paris (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 380-381).

Pode-se afirmar que a história passou por diversos períodos de conflitos de ideologias e interesses. A Igreja católica, no século XVIII encontrou “grande resistência dos filósofos e ideólogos que lutavam pelas liberdades civis e políticas, como a liberdade de pensamento e a liberdade de opinião”. (ZOLIN, 2010, p. 67).

No final do século XVIII, “o século das luzes”, o Papa Clemente XIII publicou a Encíclica *Christianæ Republicæ* que combatia as obras anticristãs e reafirmava o dever dos bispos em combater toda literatura imoral, que se propagava com os conceitos iluministas nas classes intelectuais e em meio à burguesia. Lucia Zolin destaca que no documento o Papa Clemente XIII condenava o orgulho daqueles que justificavam tudo pelo racionalismo, negando a Revelação Divina, que ridicularizavam a fé do povo simples e atacavam a Igreja e

⁵¹ In-oitavo: formato de livro em que a folha está dobra dá em oito e há, portanto, 16 páginas. Cf. IDICIONARIO, 2014b.

o Papa. A autora nota que o Papa acreditava que se os fiéis fossem advertidos não seriam facilmente seduzidos por tais doutrinas (ZOLIN, 2010, p. 68-69). No pontificado de Gregório XVI, em 1832, foi lançada a Encíclica *Mirari Vos*, onde o Papa trata dos “males atuais” que giravam em torno de assuntos do tipo celibato clerical, liberalismo e indiferentismo religioso. Lucia Zolin reforça alguns pontos do pensamento do Pontífice:

Para Gregório XVI, estava claro que a liberdade para a publicação indiscriminada era um grande erro. Ele demonstrava uma preocupação com o uso do livro como difusor de ideias, pela capacidade que tal instrumento tinha de veicular pensamentos pela Igreja considerados corrosivos. [...] Iniciativas de escrever livros em defesa da religião não eram suficientes, porque não conseguiriam ter efeito positivo diante do mal causado por tantas publicações nocivas. [...] Assim como seus predecessores, que se posicionaram sobre o tema através de documentos, tinha total convicção de que a censura e destruição dos livros considerados nocivos à fé eram medidas necessárias, deveres pastorais. (ZOLIN, 2010, p. 70-71).

No Pontificado de Pio IX os conflitos foram no campo doutrinal, político e eclesial. O Papa enfrentou o manifesto comunista de Marx e Engels, o avanço do socialismo, liberalismo, anticlericalismo e o racionalismo e as teorias de Proudhon, Comte, Darwin e Renan, conforme explicita Lucia Zolin (2010, p. 71). Destacamos duas encíclicas do Pontificado de Pio IX *Quanta cura* apontando os erros mais frequentes daquela época e a *Nobis et Nobiscum* através da qual critica fortemente a divulgação de materiais impressos que investiam contra as crenças cristãs, os valores morais e a existência de Deus. Com relação às traduções da Bíblia, o Papa expressa sua preocupação com as versões não autorizadas que podiam conter erros doutrinários e não estarem de acordo com o texto original. Sua orientação para os bispos era que estes motivassem a publicação de livros contendo a verdadeira doutrina. Foi em seu pontificado que aconteceu o lançamento da Revista *Civiltà Cattolica* dos jesuítas e entrou em circulação o Jornal *L'Osservatore Romano*⁵² em 1861, que era na época propriedade de leigos católicos (ZOLIN, 2010, p. 72-73).

Com Leão XIII ampliou-se ainda mais a utilização pelos cristãos dos meios de comunicação. Lucia Zolin aponta que durante seus 25 anos de pontificado a temática de se ter uma boa imprensa para combater a má imprensa fica evidenciada em cerca de 40 documentos. Segundo a autora o Papa estava “convencido de que a avalanche de males em que o mundo se

⁵² Em português, Observatório Romano. Hoje é o jornal oficial do Vaticano. Possui edições semanais em português, espanhol, francês, inglês, alemão além do italiano. Também edita mensalmente uma edição em polonês. AS ORIGENS de “L'Osservatore Romano”. Disponível em: <http://www.vatican.va/news_services/or/history/hi_por.html> Acesso em: 01 abr. 2014.

via envolto se devia em grande parte à imprensa”, por isso incentivava aos cristãos a assumirem o jornalismo com competência e profissionalismo e assim “defender a verdade e desfazer as calúnias contra a Igreja”. (ZOLIN, 2010, p. 76-77). Para o Papa, o uso da imprensa foi deturpado, diante desse contexto o pontífice lança a Constituição Apostólica *Officiorum ac munerum* com o objetivo de garantir a integridade da fé e dos costumes:

Por esta Constituição, Leão XIII expõe os decretos gerais sobre a proibição e a censura de livros. Sobre as traduções da Bíblia para língua vulgar, determina que sejam previamente aprovadas pela Sé Apostólica, ou editadas sob vigilância dos bispos, com notas tiradas dos Padres da Igreja e sábios autores católicos. As versões feitas por não-católicos ficariam interditas, porque o Papa julgava que na edição destes livros havia erros. Seria, no entanto, permitido o uso dessas versões para o estudo teológico ou bíblico. (ZOLIN, 2010, p. 77-78).

Segundo Joana Puntel (2008, p. 119), “esta foi uma época de grande desenvolvimento, marcada por uma nova fase da vida eclesial, voltada em direção ao mundo”. A autora reforça seu pensamento nas reflexões de Romeu Dale, enfatizando que a importância desse período está na abertura de atitudes da Igreja em relação à Imprensa e não nos documentos, que em geral seguem a linha dos anteriores. Como exemplo ela nos fala da primeira entrevista coletiva concedida por um Papa a jornalistas em fevereiro de 1879. Leão XIII avançou na busca do diálogo, afirma Puntel. Também nesse tempo, a Igreja Católica começou a usar dos meios para proclamar a fé cristã, sendo esta uma via alternativa para difusão de sua missão. Joana Puntel reflete que a Igreja raciocinou da seguinte forma: “se a sociedade estava utilizando os meios de comunicação social para difundir o mal, então a Igreja deveria usar esses mesmos recursos para difundir a boa mensagem, de modo a combater esse mal”. (PUNTEL, 2008, p. 119).

Com Pio X a Igreja enfrentou o modernismo e este manteve uma postura bem enérgica como a de seus antecessores: manteve a censura prévia e a proibição de livros, bem como a proibição de jornais nos seminários sem aprovação episcopal. Seu endurecimento também se deve ao fato de leigos e membros do clero estar propagando as doutrinas por ele combatidas. Para o Papa, era preciso impedir não somente a leitura e a venda, mas também a impressão de livros maus. Os bispos deveriam ser mais severos em relação à licença para impressão, os livros que fossem aprovados deveriam, agora, conter a frase *nihil obstat*⁵³ além do *imprimatur* (ZOLIN, 2010, p. 79-82). Os documentos dessa época foram *Pieni D’Animo* (1906) e

⁵³ Que é traduzido por: nada obsta; não há nenhum problema.

Pascendi (1907), onde ficou expressa a visão mais conservadora de Pio X em relação à imprensa (PUNTEL, 2008, p. 119).

A partir de então, com a chegada das novas tecnologias no século XX as atenções da Igreja se voltaram para os meios de comunicação em geral, mas sempre com a preocupação de se combater o que é nocivo à fé e propagar com profissionalismo e competência pelos mesmos meios a fé cristã e a sã doutrina. Joana Puntel afirma que “a Igreja teve sérias dificuldades em reconhecer os valores positivos dos meios de comunicação e em perceber suas potencialidades para atuar como instrumentos na defesa da dignidade dos seres humanos”. (PUNTEL, 2008, p. 120). A autora relata que foram necessários vários anos e muitas discussões para que a Igreja mudasse de opinião quanto aos meios de comunicação. A mudança ocorreu a partir de Pio XII, cujo pontificado durou dezenove anos, de 1939-1958. O Papa “convencido da influência dos meios de comunicação de massa e de seu grande significado, [...], escreveu a proeminente encíclica *Miranda prorsus* (1957), sobre comunicação, destacando o cinema, o rádio e a televisão”. (PUNTEL, 2008, p. 120). Noemi Dariva destaca que “neste documento o papa demonstra uma grande capacidade de análise e uma postura positiva com relação aos meios eletrônicos, o seu potencial e as exigências pastorais que deles derivam”. (DARIVA, 2003, p. 33).

O Concílio Vaticano II, mais importante evento da Igreja Católica no século XX reuniu representantes da Igreja de todo o mundo. Teve seu início em outubro de 1962, com o Papa João XXIII e foi encerrado em dezembro de 1965, pelo Papa Paulo VI. Nele foram deliberados temas sobre doutrina e missão da Igreja no mundo. Em relação ao tema comunicação foi aprovado o Decreto *Inter mirifica*. Segundo Joana Puntel, esta foi a primeira vez que um concílio se volta para a questão da comunicação e assegura à Igreja a obrigação e o direito de utilização dos instrumentos de comunicação social (PUNTEL, 2008, p. 122). Eis a posição oficial da Igreja, expressa no n. 3 do Decreto Conciliar *Inter Mirifica*⁵⁴, conforme a tradução de Joana Puntel:

A Igreja Católica, tendo sido constituída por Cristo Nosso Senhor, a fim de levar a salvação a todos os homens e, por isso, impelida pela necessidade de evangelizar, considera como sua obrigação pregar a mensagem de salvação, também com o recurso dos instrumentos de comunicação social, e ensinar aos homens seu correto uso. Portanto, pertence à Igreja o direito natural de empregar e possuir toda a sorte

⁵⁴ Texto completo disponível em: DECRETO INTER MIRIFICA sobre os meios de comunicação social. 04 dez. 1963. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_04121963_inter-mirifica_po.html>. Acesso em: 10 mar. 2014.

desses instrumentos, enquanto necessários e úteis à educação cristã e a toda a sua obra de salvação das almas... . (PUNTEL, 2008, p. 122).

A autora recorda algumas particularidades sobre a aprovação deste decreto, o primeiro refere-se a sua importância que está mais na forma do que em seu conteúdo. O documento faz referência aos instrumentos de comunicação social, isto é, imprensa, cinema, rádio, televisão e outros meios semelhantes que também podem ser classificados como meios de comunicação. O primeiro texto apresentado ao Concílio foi considerado muito vasto e foi reduzido de 114 artigos para 24. Apesar de muitos protestos o documento foi aprovado, porém com o maior número de votos contrários, sendo, 1598 a favor e 503 contra (PUNTEL, 2008, p. 122-123). Joana Puntel afirma que a maior contribuição deste documento foi sua declaração sobre o direito da sociedade em relação à informação, como pode ser verificado no n. 5:

Existe, pois, no seio da sociedade humana, o direito à informação sobre aquelas coisas que convêm aos homens, segundo as circunstâncias de cada um, tanto particularmente como constituídos em sociedade. No entanto, o uso recto deste direito exige que a informação seja sempre objectivamente verdadeira e, salvas a justiça e a caridade, íntegra. (DECRETO INTER MIRIFICA, 1963, n. 5).

Após o Concílio Vaticano II outros documentos da Igreja promoveram o acesso e orientaram o uso dos meios de comunicação, trazendo uma visão mais aberta sem ver tais meios como perigosos, mas sim como uma força do bem, deixando de lado os antigos discursos moralistas. Foi assim com a Instrução pastoral *Communio et progressio* de 1971, que reforçava a ideia de que os instrumentos de comunicação são tecnologias importantes para serem usadas em favor da missão da Igreja. Um novo documento tratando sobre comunicação veio surgir 21 anos depois, a instrução pastoral *Aetatis novae*, que veio estimular, encorajar e apresentar princípios e perspectivas pastorais além de planos para uma eficiente pastoral da comunicação (PUNTEL, 2008, p. 128-129). Na Encíclica *Redemptoris missio*⁵⁵ de 1990, o Papa João Paulo II, faz referência aos “areópagos⁵⁶” modernos como lugar de evangelização e coloca em destaque o mundo da comunicação quando insiste no novo contexto de comunicação como uma “nova cultura”, conforme afirma Joana Puntel (2008, p. 131). A mesma autora assim traduz o n. 37c da encíclica *Redemptoris Missio*:

⁵⁵ Texto completo disponível em: JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptoris Missio**: sobre a validade permanente do mandato missionário. 07 dez. 1990. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio_po.html>. Acesso em: 10 mar. 2014.

⁵⁶ **Areópago** é uma espécie de praça pública, centro social e cultural de Atenas. Lugar de debate e diálogo que ficava no coração da cidade. Uma arena da democracia, espaço de debate de ideias, crenças e filosofias. Cf. ZOLIN, 2010, p. 183.

O primeiro areópago dos tempos modernos é o *mundo das comunicações* [...]. Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais [...]. Talvez se tenha descuidado um pouco deste areópago: deu-se preferência a outros instrumentos para o anúncio evangélico e para a formação, enquanto os *mass media* foram deixados à iniciativa de particulares ou de pequenos grupos, entrando apenas secundariamente na programação pastoral. O uso dos *mass media*, no entanto, não tem somente a finalidade de multiplicar o anúncio do Evangelho: trata-se de um fato muito mais profundo porque a própria evangelização da cultura moderna depende, em grande parte, da sua influência. Não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta “nova cultura”, criada pelas modernas comunicações. É um problema complexo, pois esta cultura nasce, menos dos conteúdos do que do próprio fato de existirem novos modos de comunicar com novas linguagens, novas técnicas, novas atitudes psicológicas... (PUNTEL, 2008, p. 131-132. Ênfase da autora).

Joana Puntel mostra, a partir deste trecho da encíclica, que existe uma mudança na forma de compreender a relação entre a Igreja e a mídia. Trata-se de uma evolução que sai da desconfiança e da lógica instrumental para uma forma de comunicação inculturada “na” e “pela” “cultura midiática”. Para a autora isso envolve um esforço e um estímulo para usar e também para aprender e usar os *new media*. Para ela, “trata-se, [...], de algo mais, um ir além: depois do período do ‘uso’ [...] chegou o momento de adquirir mais profundamente a cultura e a linguagem dos *media*”. Portanto, reforça a autora, “a novidade dos últimos documentos da Igreja consiste em compreender os *media* como uma cultura dos nossos tempos”. (PUNTEL, 2008, p. 132), isto é a cultura midiática.

A sociedade do século XXI é tecnocrática e está envolvida numa cultura que cada dia mais converge para as mídias. Existe agora a compreensão de que através desses novos meios as pessoas possuem novas possibilidades de acessar a mensagem evangélica e, por isso, a Igreja tem empreendido esforços para compreender a natureza e as dinâmicas deste novo processo midiático, de forma a utilizá-lo em sua missão evangelizadora, mantendo canais de diálogo com as pessoas que vivem imersas na cibercultura. Para Joana Puntel (2008, p. 140) “um dos questionamentos essenciais para a Igreja, no exercício de sua missão hoje, concentra-se nas oportunidades e desafios que o ciberespaço, a nova era virtual apresenta à evangelização no momento presente”.

Os desafios deste século, no tocante à comunicação social, envolvem elementos ligados a cibercultura, tais como: a velocidade das transformações e avanços tecnológicos, a capacidade de integração e convergência, formas de evangelizar por esses novos meios, a mudança dos paradigmas da comunicação e sem falar nos riscos que envolvem o consumismo, o individualismo e o mau uso de tais meios. Joana Puntel (2008, p. 141) reforça que a igreja

teve um papel de grande importância, ao longo da história na formação da cultura mundial, mas alerta que hoje em virtude da cultura virtual que se expande em alta velocidade, pode a Igreja não acompanhar tal ritmo evolutivo e permitir uma ruptura do diálogo entre fé e cultura.

Em vista de tantos desafios, foi lançado em 22 de fevereiro de 2002, pelo Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais, dois documentos em que tratam diretamente do uso da *Internet*: “Igreja e *Internet*” e “Ética na *Internet*”⁵⁷. Também a mensagem do Papa João Paulo II para o dia Mundial das Comunicações Sociais deste mesmo ano, tratou do tema com o seguinte enfoque: “*Internet*: um novo foro para a proclamação do Evangelho”. Para Joana Puntel, esses documentos são um esforço da Igreja para abordar um tema tão complexo e atual. A autora ressalta que tal instrumento se caracteriza pela capacidade de integração homem-máquina através da interatividade de forma que cada um escolhe os caminhos e percursos que querem, organizando esse trajeto a percorrer da forma que melhor lhe convier. Para ela “a *internet* tem como ‘ponto de força’ o contínuo enriquecimento dos serviços oferecidos e o seu progresso em ritmo velocíssimo”. (PUNTEL, 2008, p. 143).

Na introdução do documento “Igreja e *Internet*”, o Conselho Pontifício reforça o interesse da Igreja pela *Internet* comparando-o com o interesse que a Igreja manifestou em diversos documentos em relação aos meios de comunicação social e destaca-o como “dom de Deus”. O documento reforça a postura da Igreja quando do mau uso, porém deixa claro que tais orientações e críticas não estão ligadas a nenhum tipo de restrição ou censura. Ainda na introdução o documento faz várias considerações sobre as implicações da *Internet* para a religião em especial para a Igreja Católica (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 2002b, n.1-4).

Os textos lançados são um convite à reflexão, aborda a ética no uso desse meio, as vantagens e desvantagens deste instrumento de comunicação. Expõem as preocupações da Igreja com o ser humano e faz recomendações aos usuários do meio sem imposições. “Defendem valores e os propõem para a vivência e para a evangelização”. (PUNTEL, 2008, p. 143). São textos que encorajam o uso da *Internet* como meio que pode promover o crescimento da comunidade eclesial e a assume como meios a serem usado em prol da missão da igreja. Joana Puntel ressalta alguns aspectos pastorais:

⁵⁷ Os textos dos documentos que se seguem neste item da pesquisa foram adaptados da língua portuguesa de Portugal para a língua portuguesa do Brasil.

De modo particular, o texto de *Igreja e Internet* diz: “...além do estudo e da pesquisa, pode-se e deve-se fomentar um programa pastoral específico para a utilização da *internet*” (n.9), e assim abre e respalda a pastoral no ciberespaço. No entender de alguns autores, este é um dos aspectos cruciais, porque remete à urgência de desenvolver uma programação, o mais possível, orgânica da projeção pastoral. Um segundo aspecto é o de tornar a todos participantes e também intérpretes desta nova potencialidade que se oferece à missão da Igreja na *Internet*. (PUNTEL, 2008, p. 143).

No parágrafo 10, o documento destaca a importância das pessoas utilizarem sem timidez, medos ou receios a *Internet*. E ao fazê-lo, que o façam de modo criativo e responsável, ajudando a Igreja a cumprir sua missão evangelizadora. O parágrafo reforça que esta é uma forma de aprofundar o diálogo com o mundo, informar sobre o seu credo, de posicionar-se frente aos fatos e acontecimentos da atualidade, ouvir com clareza a opinião, e estabelecer formas de discussão com a sociedade de forma a buscar soluções para os problemas mais urgentes. O documento como um todo é um encorajamento aos líderes da Igreja para: colocarem a *Internet* nos planos pastorais de comunicação; aos educadores e catequistas que precisam formar comunicadores; aos pais e filhos relembra suas responsabilidades, faz alertas, os motiva e orienta a caminharem ao lado um do outro, quando estiverem se aventurando pelo ciberespaço (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 2002b, n. 10-11).

O Magistério da Igreja reforça neste documento a exigência de se conhecer e compreender essas novas possibilidades comunicacionais e suas características singulares, no sentido de promover o uso eficaz de tal meio:

Isto é necessário a fim de que ela possa comunicar-se eficazmente com os indivíduos — de modo especial com os jovens — que se encontram mergulhados na experiência desta nova tecnologia, e também em ordem a fazer bom uso da mesma. (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 2002b, n. 5).

O documento destaca a relevância que a *internet* tem para o desenvolvimento de muitas atividades e programas da Igreja, e cita: a evangelização, a reevangelização, a nova evangelização e a obra missionária tradicional, a catequese e outros tipos de educação, notícias e informações, entre outras. O documento também reforça que embora a realidade virtual do espaço cibernético não substitua a comunidade interpessoal concreta, a vivência sacramental, a liturgia, ou a proclamação imediata e direta do Evangelho, ela pode completá-las, e enriquecer a vida religiosa dos usuários. Ressalta também que é uma opção a mais de comunicação com grupos específicos, que por situações particulares, não podem participar da

vida da igreja (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 2002b, n. 5).

Outro ponto importante abordado pelo documento, fala com clareza que a realidade virtual não substitui a realidade ritual dos sacramentos e a vivência em comunhão física com outras pessoas na comunidade eclesial, o documento afirma:

A realidade virtual não substitui a Presença Real de Cristo na Eucaristia, a realidade ritual dos outros sacramentos e o culto compartilhado no seio de uma comunidade humana feita de carne e de sangue. Na *Internet* não existem sacramentos; e até mesmo as experiências religiosas nela possíveis pela graça de Deus, são insuficientes, dado que se encontram separadas da interação do mundo real com outras pessoas na fé. Este é outro aspecto da *Internet* que exige o estudo e a reflexão. (IGREJA E INTERNET, CONSELHO PONTIFÍCIO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 2002b, n. 9).

O documento além de elencar os benefícios, faz alguns alertas e convida a reflexões mais profundas, no tocante a proliferação do relativismo e de *sites* que instigam os mais diversos tipos de intolerância, entre eles a religiosa. Mas também lança um alerta quanto ao conteúdo dos *sites* tidos como católicos, que difundem interpretações doutrinárias excêntricas, práticas devocionais pessoais e colocações ideológicas que se identificam como “católicas”, mas que não estão de acordo com as posições da Igreja (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 2002b, n. 8).

No segundo documento citado, “Ética na *Internet*” o Pontifício Conselho deixa claro que a *Internet* não é vista como uma fonte de problemas, mas a considera como “um manancial de benefícios para o gênero humano”, isto é, a preocupação primeira do documento é o ser humano e o bem comum. Nele a igreja revela seu interesse de ver questões ligadas à *internet* serem constantemente debatidas, tais como: segurança, privacidade, credibilidade de dados, direitos autorais, propriedade intelectual, pornografia, violência, globalização entre outros. A Igreja parte do pressuposto que a rede mundial de computadores seja utilizada à luz dos princípios éticos e fundamentada na virtude da solidariedade (ZOLIN, 2010, p. 160). A segunda parte do documento destaca as características da *Internet*:

A *Internet* possui uma série de características impressionantes. Ela é instantânea, imediata, de alcance mundial, descentralizada, interativa, expansível até ao infinito em termos de conteúdo e de alcance, flexível e adaptável a um nível surpreendente. É igualitária, no sentido de que, qualquer pessoa que disponha do equipamento necessário e de uma modesta capacidade técnica, pode constituir uma presença ativa no espaço cibernético, transmitir a sua mensagem para o mundo e reivindicar um

público seu. (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 2002a, n. 7).

Assim, como no documento anterior, este aponta diversas questões problemáticas, entre elas está o controle das tecnologias por uma elite tecnológica e financeira; a divisão digital, neste caso, a igreja defende que é preciso estender tais benefícios a todos os povos e nações e deseja que aconteça uma espécie de globalização; quanto ao domínio cultural o documento defende que as culturas devam manter um diálogo que gere o enriquecimento intercultural e devam aprender umas com as outras, sem que haja imperialismo ou imposição de falsos valores (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 2002a, n 10-11).

São várias as áreas de preocupação abordadas neste documento, das quais foram destacadas: a questão da liberdade de expressão a qual o documento reafirma seu total apoio, por ser “pedra angular da democracia”; o acesso à informação, onde a Igreja declara ser deplorável todo e qualquer impedimento ao acesso à informação e neste caso cita os regimes totalitários e as democracias liberais; também condena a ideologia do liberalismo radical; novas tecnologias e globalização e o risco de se ocorrer pressões ideológicas; e ainda a quantidade esmagadora de informações parte das quais não traz exatidão e relevância e ainda a preocupação com a ideologia do liberalismo radical em grande escala, que além de errônea é radical. (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 2002a, n 12-14).

O documento termina fazendo uma série de recomendações e a principal delas é a responsabilidade que todos devem ter para que a *Internet* sirva sempre ao bem comum. Ressalta, mais uma vez, que a formação deve ir além da técnica e embasar o discernimento. Quanto aos governos, recomenda que se evite a censura e que esta seja usada somente em casos extremos. Recorda que assim como nos outros meios de comunicação é preciso pensar em códigos de ética e em formas de penalidades para os casos mais graves (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 2002a, n 15-18).

O Dia Mundial das Comunicações Sociais foi instituído pelo Concílio Vaticano II. Através do Decreto *Inter mirifica*, sobre os meios de comunicação social, ficou determinado que cada diocese, anualmente, celebrasse “um dia dedicado a ensinar aos fiéis seus deveres no que diz respeito aos meios de comunicação”. (n. 18). A data foi celebrada pela primeira vez em 06 de maio de 1967 e, desde então, tornou-se um evento anual. Para este dia o Papa

publica uma mensagem sobre o tema escolhido para aquele ano. A temática gira em torno das comunicações sociais, em sua maioria, faz referência a atualidade e estão relacionados com a Igreja e a sociedade em geral (DARIVA, 2003, p. 287). A publicação da mensagem se dá de forma prévia, no dia 24 de janeiro, dia em que a Igreja faz memória de São Francisco de Sales, patrono dos Jornalistas.

Na mesma ocasião em que foram lançados os documentos sobre a *Internet*, o Papa João Paulo II propôs para o 36º Dia Mundial das Comunicações o tema “*Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho*”. (JOÃO PAULO II, 2002, n. 2). Nessa ocasião o Papa compara a *Internet* ao Foro Romano, local público onde se passava boa parte da vida social da cidade, ali era exposto os melhores e os piores aspectos da vida humana e cultivava uma cultura própria. Em relação à Igreja o Papa afirma que “o novo mundo do espaço cibernético é uma exortação à grande aventura do uso do seu potencial para proclamar a mensagem evangélica. Este desafio está no centro de que significa, no início do milênio, seguir o mandato do Senhor, de ‘avançar mais para o fundo’.” E reafirma que “a *Internet* pode oferecer magníficas oportunidades de evangelização, se for usada com competência e uma clara consciência das suas forças e debilidades”. (JOÃO PAULO II, 2002, n. 3).

Os vários pontos desta mensagem destacam a *Internet* como um meio oportuno e maravilhoso para a propagação do Evangelho. A mensagem mostra as fragilidades desse meio e os problemas que o mau uso pode causar. Deixa claro que é um ambiente que oferece vastos conhecimentos, mas não ensina valores. Faz alerta contra a desigualdade social no que diz respeito ao acesso a esses meios e o desejo de que um dia chegue a todos. Reafirma positivamente que todas as novas possibilidades oferecidas pela revolução eletrônica, quando usadas com competência e sabedoria, poderão tornar-se grandes conquistas para o mundo e almeja o Papa, que sirva para promover a paz. João Paulo II termina dizendo:

Por conseguinte, neste dia Mundial das Comunicações, ousou exortar toda a Igreja a ultrapassar com coragem este novo limiar, para se fazer ao largo na “Net”, de tal maneira que no presente, assim como foi no passado, o grande compromisso do Evangelho e da cultura possa mostrar ao mundo “a glória de Deus e o rosto de Cristo”. (JOÃO PAULO II, 2002, n. 6).

Para o Dia Mundial das Comunicações, dos anos que se seguiram, os temas escolhidos tinham um enfoque mais generalizado, falavam da mídia como um todo e de suas capacidades de melhorar a comunicação. Em várias ocasiões faziam referência aos progressos tecnológicos dos meios de comunicação, que venceram o tempo e o espaço, permitindo a

comunicação imediata. Por isso conclamam que se promova a solidariedade e formas de colaboração e comunhão. Em várias oportunidades, tanto João Paulo II, como seu sucessor Bento XVI conclamam a mídia para que seja protagonista da verdade e promotora da paz. Exaltam a importância da formação, participação e do diálogo através desses meios cada vez mais avançados.

Em 2009, a mensagem do Papa Bento XVI, para o Dia Mundial das Comunicações é sobre “Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, diálogo, de amizade”. Nesta mensagem o Papa vem partilhar algumas ideias sobre o potencial extraordinário das novas tecnologias e se dirige especificamente a “geração digital”, referindo-se aos jovens que crescem em contato com as novas técnicas de comunicação e se sentem a vontade no mundo digital. O Pontífice reflete sobre os benefícios das novas tecnologias da seguinte maneira:

A facilidade de acesso a celulares e computadores juntamente com o alcance global e a onipresença da *internet* criou uma multiplicidade de vias através das quais é possível enviar, instantaneamente, palavras e imagens aos cantos mais distantes e isolados do mundo: trata-se claramente duma possibilidade que era impensável para as gerações anteriores. De modo especial os jovens deram-se conta do enorme potencial que têm os novos «media» para favorecer a ligação, a comunicação e a compreensão entre indivíduos e comunidade, e usam-nos para comunicar com os seus amigos, encontrar novos, criar comunidades e redes, procurar informações e notícias, partilhar as próprias ideias e opiniões. Desta nova cultura da comunicação derivam muitos benefícios: as famílias podem permanecer em contacto apesar de separadas por enormes distâncias, os estudantes e os investigadores têm um acesso mais fácil e imediato aos documentos, às fontes e às descobertas científicas e podem, por conseguinte, trabalhar em equipe a partir de lugares diversos; além disso, a natureza interativa dos novos «media» facilita formas mais dinâmicas de aprendizagem e comunicação que contribuem para o progresso social. (BENTO XVI, 2009).

O Papa Bento XVI pede ao jovem empenho na cultura do respeito, do diálogo e da amizade. Fala contra a disseminação de conteúdos degradantes que alimenta o ódio, a intolerância e corrompem a intimidade e a sexualidade humana. O Pontífice reforça que estas novas tecnologias abriram o diálogo entre as pessoas de diferentes países culturas e religiões e chama o ciberespaço de nova arena digital onde é possível encontrar-se e conhecer os valores e as tradições alheias. Outro ponto abordado nesta mensagem é sobre a amizade nas redes sociais, o Papa alerta sobre o perigo da banalização e esvaziamento do verdadeiro sentido da amizade e ressalta que este é um grande bem humano. Ao concluir sua mensagem, Bento XVI exorta aos jovens e denomina a *internet* de continente digital:

Quero concluir esta mensagem dirigindo-me especialmente aos *jovens católicos*, para os exortar a levarem para o mundo digital o testemunho da sua fé. Caríssimos, senti-vos comprometidos a introduzir na cultura deste novo ambiente comunicador e informativo os valores sobre os quais assenta a vossa vida. Nos primeiros tempos da Igreja, os Apóstolos e os seus discípulos levaram a Boa Nova de Jesus ao mundo greco-romano: como então a evangelização, para ser frutuosa, requereu uma atenta compreensão da cultura e dos costumes daqueles povos pagãos com o intuito de tocar as suas mentes e corações, assim agora o anúncio de Cristo no mundo das novas tecnologias supõe um conhecimento profundo das mesmas para se chegar a uma conveniente utilização. A vós, jovens, que vos encontrais quase espontaneamente em sintonia com estes novos meios de comunicação, compete de modo particular a tarefa da evangelização deste «continente digital». (BENTO XVI, 2009).

Na Mensagem de 2010, para o 44º Dia Mundial das Comunicações, Bento XVI, fazendo eco ao Ano Sacerdotal⁵⁸, a intitula da seguinte maneira, “O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos *media* ao serviço da Palavra”. O Papa exorta que no mundo digital estão à disposição de todos, meios que permitem uma capacidade de expressão ilimitada e que por isto:

O sacerdote acaba por encontrar-se como que no limiar de uma «história nova», porque quanto mais intensas forem às relações criadas pelas modernas tecnologias e mais ampliadas forem às fronteiras pelo mundo digital, tanto mais será chamado o sacerdote a ocupar-se disso pastoralmente, multiplicando o seu empenho em colocar os *media* ao serviço da Palavra. (BENTO XVI, 2010).

Bento XVI motiva os sacerdotes através desta mensagem a povoar o mundo digital com o Evangelho, fazer da *Internet* um ambiente de missão, desenvolver uma pastoral para o mundo digital, colocar a mídia a serviço da Palavra. O Pontífice diz em sua mensagem:

Quem melhor do que um homem de Deus poderá desenvolver e pôr em prática, mediante as próprias competências no âmbito dos novos meios digitais, uma pastoral que torne Deus vivo e atual na realidade de hoje e apresente a sabedoria religiosa do passado como riqueza donde haurir para se viver dignamente o tempo presente e construir adequadamente o futuro? A tarefa de quem opera, como consagrado, nos *media* é aplanar a estrada para novos encontros, assegurando sempre a qualidade do contato humano e a atenção às pessoas e às suas verdadeiras necessidades espirituais; oferecendo, às pessoas que vivem nesta nossa era «digital», os sinais necessários para reconhecerem o Senhor; dando-lhes a oportunidade de se educarem para a expectativa e a esperança, aproximando-se da Palavra de Deus que salva e favorece o desenvolvimento humano integral. (BENTO XVI, 2010).

Em 2011, a temática voltada para era digital continuou sendo abordada. Em sua mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais, o tema escolhido foi “Verdade,

⁵⁸ O Ano Sacerdotal teve início em 19 de junho de 2009 e foi concluído em 11 de junho de 2010. Neste tempo a Igreja em todo mundo realizou diversos eventos religiosos e reflexões sobre assuntos relativos a esse tema.

anúncio e autenticidade de vida, na era digital”. O Papa Bento XVI se propõe a refletir sobre a difusão da comunicação através da *Internet* comparando os seus efeitos e mudanças socioculturais aos ocorridos quando da Revolução Industrial e afirma que estamos diante de uma ampla transformação cultural, pois vão além das formas de comunicar.

As novas tecnologias permitem que as pessoas se encontrem para além dos confins do espaço e das próprias culturas, inaugurando deste modo todo um novo mundo de potenciais amizades. Esta é uma grande oportunidade, mas exige também uma maior atenção e uma tomada de consciência quanto aos possíveis riscos. Quem é o meu «próximo» neste novo mundo? Existe o perigo de estar menos presente a quantos encontramos na nossa vida diária? Existe o risco de estarmos mais distraídos, porque a nossa atenção é fragmentada e absorvida por um mundo «diferente» daquele onde vivemos? Temos tempo para refletir criticamente sobre as nossas opções e alimentar relações humanas que sejam verdadeiramente profundas e duradouras? É importante nunca esquecer que o contato virtual não pode nem deve substituir o contato humano direto com as pessoas, em todos os níveis da nossa vida. Também na era digital, cada um vê-se confrontado com a necessidade de ser pessoa autêntica e reflexiva. Aliás, as dinâmicas próprias dos *social network* mostram que uma pessoa acaba sempre envolvida naquilo que comunica. (BENTO XVI, 2011).

O Papa Bento XVI aponta que as redes sociais se tornaram parte integrante da vida humana e por isso todo cristão é chamado a testemunhar a Cristo por esses novos meios que se tornam cada vez mais abrangentes e que transformam as relações sociais e culturais.

Em 2013, a última mensagem deixada pelo Papa Bento XVI antes de sua renúncia, para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais tem como tema “Redes Sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização”. Bento XVI, logo no início da mensagem chama a atenção para as redes sociais como “uma realidade cada vez mais importante que diz respeito, à maneira como as pessoas comunicam atualmente entre si”, ele compara as redes sociais a uma praça pública e aberta onde as pessoas partilham suas ideias, informações, opiniões podendo ainda se estabelecer novas formas de comunidade. Ele elenca uma série de contribuições quando este espaço é bem utilizado: pode favorecer formas de diálogo e debate, pode reforçar os laços de unidade entre as pessoas e promover eficazmente a harmonia da família humana, a troca de informações pode transformar-se numa verdadeira comunicação, os contatos podem amadurecer em amizade e as conexões podem facilitar a comunhão. Bento XVI (2013) mais uma vez reforça a importância das pessoas participarem com autenticidade, porque, diz ele, “nestes espaços não se partilham apenas ideias e informações, mas em última instância a pessoa comunica-se a si mesma”. A mensagem revela um desafio para a evangelização nos tempos atuais.

Na realidade, os fiéis dão-se conta cada vez mais de que, se a Boa Nova não for dada a conhecer também no ambiente digital, poderá ficar fora do alcance da experiência de muitos que consideram importante este espaço existencial. O ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade quotidiana de muitas pessoas, especialmente dos mais jovens. (BENTO XVI, 2013).

A mensagem denota a importância da utilização de imagens e sons nestas mídias, recordando que Jesus usava das parábolas de forma a envolver a imaginação e a sensibilidade afetiva das pessoas. Bento XVI remonta a tradição cristã que sempre foi rica em sinais e símbolos e que através deste património artístico é possível exprimir as verdades da fé. Outro ponto considerado relevante pelo Papa Alemão é “a aparição nas redes sociais do diálogo acerca da fé e do acreditar” que “confirma a importância e a relevância da religião no debate público e social” (Bento XVI, 2013). Além de abordar outros tantos aspectos importantes que surgem a cada dia através dessas novas formas comunicacionais.

Em sua primeira mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais o Papa Francisco escolheu como tema “Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro” como lhe foi muito próprio neste primeiro ano de Pontificado, o Papa evocou a proximidade verdadeira, o toque físico com as pessoas e com as mais diversas realidades. Mas como conseguir isso na atual conjuntura da comunicação, pois, ao mesmo tempo em que aproxima mantém o distanciamento físico? O Papa Francisco responde a esta questão afirmando que: “particularmente a *internet* pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus” (FRANCISCO, 2014b). O ponto primordial desta mensagem é sobre a autêntica cultura do encontro para não “corremos o risco de que alguns *mass-media* nos condicionem até ao ponto de fazer-nos ignorar o nosso próximo real”, alerta o Papa, que em suas aparições públicas busca, como Jesus nas narrativas evangélicas, o contato físico com os fiéis.

No corpo da mensagem são elencados, como de costume, aspectos positivos advindos dessas novas formas de comunicação e o papel que estes meios podem e devem desempenhar, como por exemplo: os meios de comunicação atuais podem ajudar as pessoas a se sentirem mais próximas umas das outras; a perceberem um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna; uma boa comunicação favorece a proximidade a unidade e o conhecimento mútuo. O Pontífice recorda que os muros que causam divisão só podem ser superados se estivermos prontos a ouvir e a aprender uns dos outros e que é preciso harmonizar as diferenças por meio de formas de diálogo. O Papa reforça que “a cultura do encontro requer que estejamos

dispostos não só a dar, mas também a receber de outros” e que os meios de comunicação podem ajudar, “especialmente nos nossos dias em que as redes da comunicação humana atingiram progressos sem precedentes”. (FRANCISCO, 2014b).

Assim como seus antecessores, Francisco também elenca alguns aspectos problemáticos desses novos ambientes comunicacionais: a velocidade da informação que supera a nossa capacidade de reflexão e discernimento; a variedade das opiniões que pode ser vista como riqueza, mas é possível que levem ao fechamento numa esfera de informações que correspondam apenas às nossas expectativas e às nossas ideias ou a determinados interesses políticos e econômicos; o ambiente de comunicação pode ajudar-nos a crescer ou levar-nos a desorientação; o desejo de conexão digital pode acabar por nos isolar do nosso próximo, isto é, aquele que está fisicamente mais perto de nós. (FRANCISCO, 2014b).

Para o Papa Francisco, “não basta circular pelas «estradas» digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos” (FRANCISCO, 2014b). Ele encerra a mensagem impulsionando os cristãos comunicadores a seguirem por estas novas estradas comunicacionais:

Não tenhais medo de vos fazerdes cidadãos do ambiente digital. É importante a atenção e a presença da Igreja no mundo da comunicação, para dialogar com o homem de hoje e levá-lo ao encontro com Cristo: uma Igreja companheira de estrada sabe pôr-se a caminho com todos. Neste contexto, a revolução nos meios de comunicação e de informação são um grande e apaixonante desafio que requer energias frescas e uma imaginação nova para transmitir aos outros a beleza de Deus. (FRANCISCO, 2014b).

Toda a manifestação comunicacional constitui-se em uma força, um poder que emana do ser humano. Seja qual for a sua forma ela desperta o interesse, embates, censura entre outras tantas paixões. Ao percorrer os caminhos da história, é possível perceber que a comunicação é um bem precioso, uma conquista da humanidade e que precisa estar ao alcance de todos. A publicação dos textos bíblicos, nas mais diversas modalidades continua sendo um desafio para a Igreja e a sociedade.

CAPÍTULO III

A BÍBLIA NA HIPERMÍDIA

UM ESTUDO DAS INTERFACES E APLICATIVOS COMPUTACIONAIS IMERSOS NO COTIDIANO DOS INDIVÍDUOS.

“Uma vez que o anúncio da Boa Nova às pessoas formadas por uma cultura dos mass media exige uma cuidadosa atenção às características singulares dos próprios meios de comunicação, atualmente a Igreja precisa compreender a Internet. Isto é necessário a fim de que ela possa comunicar-se eficazmente com os indivíduos — de modo especial com os jovens — que se encontram mergulhados na experiência desta nova tecnologia, e também em ordem a fazer bom uso da mesma”.

(CONSELHO PONTIFÍCIO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 2002b, n. 5)

3.1 A LINGUAGEM DA HIPERMÍDIA

“É IMPORTANTE QUE AS PESSOAS, EM TODOS OS ÂMBITOS DA IGREJA, LANCEM MÃO DA INTERNET DE MANEIRA CRIATIVA, PARA ASSUMIREM AS RESPONSABILIDADES QUE LHEM CABEM E PARA AJUDAREM A IGREJA A CUMPRIR A SUA MISSÃO. NA PERSPECTIVA DAS INÚMERAS POSSIBILIDADES POSITIVAS APRESENTADAS PELA INTERNET, NÃO É ACEITÁVEL HESITAR TIMIDAMENTE, POR MEDO DA TECNOLOGIA OU POR ALGUM OUTRO MOTIVO”.
(CONSELHO PONTIFÍCIO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 2002b, n. 10)

Neste capítulo serão apresentados exemplos de projetos que trazem a Bíblia em hipermídia. Por pesquisa em hipermídia entendemos e adotamos a definição proposta por Lucia Leão (1999) expressa no livro “O Labirinto da Hipermídia”, onde a autora conota o que é exigido e o que é considerado necessário e prioritário neste tipo de investigação:

A pesquisa em hipermídia exige um olhar topológico sobre o sistema. É necessário que o exame de um aplicativo, *browser* ou *site*, verifique as possíveis ligações que estes oferecem a outros sistemas. Mais do que a forma geométrica, o foco de atenção se desloca para as propriedades estruturais que permitem as associações entre os *sites*. O interesse pelos aspectos qualitativos, pelos nós e corredores que se abrem e desembocam, passa a ter um valor prioritário na investigação. Afinal, eles é que irão definir o potencial interativo e o nível da complexidade dos sistemas. Percebe-se um aumento de potencial interativo proporcional ao número de ligações e associações que o aplicativo está projetado para executar. (LEÃO, 1999, p. 34).

Portanto, para o estudo em hipermídia é preciso compreender o campo a ser percorrido a partir desse olhar topológico, capaz de perceber mudanças e ligações, um olhar desprovido de significações ou representações, desvencilhado do sentido comum, linear. Mas um olhar atento às novas conexões, a convergência em vista de uma continuidade, que busca outros caminhos, perpassando por nós que levam a novas possibilidades.

Neste estudo, ter um olhar atento, capaz de mapear o conjunto de dados apresentados, estruturados, validados e relacionados, que geram informações que impulsionam o conhecimento. Através destes arcos, isto é, destas estruturas que permitem associações, verificar as permissões dadas ao usuário para seguir por múltiplos caminhos de leitura, capazes de promover a relação entre os conteúdos bíblicos e as mais diversas informações relacionadas a esta temática.

Ao definir o termo hipermídia Lucia Leão (1999, p. 9) o assinala como “um tipo de escritura complexa, na qual diferentes blocos de informações estão interconectados”. Portanto, é possível que um aplicativo ou *site* trabalhe com um grande número de informações vinculadas, o que a autora chama de rede multidimensional de dados. A partir dessa rede é que está constituído o sistema hipermidiático, capaz de proporcionar experiências mais amplas de leitura e conhecimento, no caso específico dos textos bíblicos um percurso além da palavra escrita, que sai do senso comum, seguindo por caminhos não explorados.

Para melhor compreender a hipermídia e suas tantas possibilidades de navegação por conteúdos diversos, é válido retomar alguns pontos que foram desencadeadores desta evolução:

- **Hipertexto**, “documento digital composto por diferentes blocos de informação interconectados. Essas informações são amarradas por meio de elos associativos, os *links*. Os *links* permitem que o usuário avance em sua leitura na ordem que desejar”. (LEÃO, 1999, p. 15). Esses são elementos que definem o potencial interativo e a usabilidade do *software* ou aplicativo.
- **Multimídia**, termo que foi popularizado no final da década de oitenta, momento em que se reuniu numa mesma tecnologia, isto é, no computador, informações diversas como som, textos, imagens, vídeo, etc. Segundo Lucia Leão, “este termo pode adquirir significados diferentes de acordo com o contexto”. Neste estudo tomaremos a definição de multimídia, adotada pela autora, “em seu sentido mais comum, ou seja, a incorporação de informações diversas como som, textos, imagens, vídeo, etc.”. (LEÃO 1999, p. 16).

Assim sendo, quando falamos em **hipermídia**, neste estudo, nos referimos a uma tecnologia que reúne recursos do hipertexto (interatividade e usabilidade) e da multimídia (sons, textos, imagens e vídeos), possibilitando ao usuário a liberdade de exploração dos conteúdos por caminhos que ele mesmo vai traçar ao longo do tempo que se permitir esta viagem hipermidiática.

A revolução trazida pela hipermídia teve seu início na década de noventa, antes desse processo de digitalização, é interessante notar que “os suportes eram incompatíveis: papel para texto, película química para a fotografia ou filme, fita magnética para o som ou vídeo. Pós-digitalização a transmissão da informação digital é independente do meio de transporte...”. (SANTAELLA, 2001, p. 23).

Foi através da convergência desses suportes tradicionais da comunicação humana para os dispositivos digitais, que se tornou possível obter uma diversidade de informações através

da *internet*. No caso deste estudo, obter um conhecimento bíblico mais aprofundado, nas diversas formas em que encontramos a Bíblia comunicada no mundo e os elementos que ampliam o seu conhecimento. Em uma análise simples, é possível perceber o quanto ficou mais fácil, ao alcance das mãos, enquanto que, nos suportes tradicionais despenderia tempo, dinheiro e grande locomoção. Santaella reafirma:

A hipermídia é uma extensão do hipertexto, pois não se limita à informação escrita, mas permite acrescentar aos textos não apenas os mais diversos grafismos (símbolos matemáticos, notações, diagramas, figuras), mas também todas as espécies de elementos audiovisuais (voz, música, sons, imagens fixas e animadas). Em ambos os casos, o termo hiper se reporta à estrutura complexa alinear da informação. (SANTAELLA, 2001, p. 24).

A hipermídia se distingue então, pela “possibilidade de estabelecer conexões entre diversas mídias e entre diferentes documentos ou nós de uma rede”. (LEÃO, 1999, p. 16). A consequência dessas viabilidades é propor ao usuário da hipermídia novas formas de pensar e agir exploratórios em vista de se obter o conhecimento. Para um estudo da Bíblia a possibilidade de acessar de forma associativa as informações, pode suscitar grandes descobertas através das redes temáticas que existem entre os textos.

É importante recordar que os textos bíblicos costumam fazer referências a textos da própria Bíblia. Tomando, por exemplo, o cântico do Magnificat proclamado por Maria quando do seu encontro com sua prima Isabel (Lucas 1, 46-55): trata-se de um cântico inspirado no cântico de Ana (I Samuel 12, 2-10) entrelaçado com citações do Antigo Testamento, sendo as principais o Salmo 110, 9; Salmo 88, 11; Salmo 106, 9; Isaías 41, 8s; Salmo 97, 3. Outro exemplo é o Benedictus, cântico profetizado por Zacarias (Lucas 1, 68-79): este também é composto por diversas partes do Antigo Testamento⁵⁹. Ainda no Evangelho segundo Lucas (capítulo 4, versículos de 14-22), é narrado o momento em que Jesus na Sinagoga em Nazaré, no início de seu ministério, leu o livro do Profeta Isaías e ao final proclama que naquele momento se cumpriu aquela profecia. No primeiro Evangelho, de São Mateus, existem pelo menos oito citações explícitas que ligam o Antigo ao Novo Testamento utilizando frases do tipo: “tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor falou pelo profeta”. E Jesus disse: “era necessário que se cumprisse tudo o que de mim está escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos salmos”. (MANGUEL, 1997, p. 119).

Segundo a Bíblia Ave Maria “os livros da Bíblia apresentam um conteúdo de extraordinária variedade”, encontra-se, por exemplo: “fragmentos de epopeias, narrações

⁵⁹ Cf. BIBLIA, 1985, nota de rodapé, p. 1346-1347.

históricas, listas genealógicas, narrações episódicas ou romanceadas, oráculos proféticos e sermões, textos legislativos, poemas e orações, ensaios filosóficos, um canto de amor e cartas⁶⁰. “Há 275 citações literais do Velho Testamento no Novo, mais de 235 referências específicas”, afirma Manguel (1997, p.119). Estas narrações do Antigo e do Novo Testamento cruzam-se entre si e com fatos da história em diferentes contextos, sejam eles: sociais, políticos e religiosos. Os cristãos crêem que o Novo Testamento é o cumprimento do Antigo, por isto, é possível verificar um diálogo entre a Tradição Cristã e a Tradição Judaica nestes diversos pontos de entrelaçamento dos Testamentos, como se fosse um processo de hipertexto a moda antiga.

Essas formas de aproximação de realidades distantes favorecem a compreensão dos contextos históricos e doutrinários contidos na Bíblia. A partir dos múltiplos recursos oferecidos na hipermídia, pode-se fazer estudos associados a imagens, a história deste tempo remoto, às interpretações artísticas estampadas em livros, paredes e vitrais das igrejas, também em filmes, obras de arte, entre outros. Esta é a forma que a hipermídia pode ampliar e favorecer a interpretação e releitura dos textos bíblicos. Lucia Leão destaca a importância das ligações entre os documentos:

...os “elos” entre os documentos propiciam um pensamento não-linear e multifacetado. O leitor em hipermídia é um leitor ativo, que está a todo momento estabelecendo relações próprias entre diversos caminhos. Como um labirinto a ser visitado, a hipermídia nos promete surpresas, percursos desconhecidos... (LEÃO, 1999, p. 16).

Esse tipo de leitura não linear é uma das características básicas dos sistemas⁶¹ hipermidiáticos, que torna impossível prever por quais caminhos o usuário irá se lançar. Essa estrutura aberta permite que o usuário percorra um caminho único fazendo os saltos que quiser com apenas alguns cliques ou toques na tela. Uma ferramenta muito comum, citada pela autora, que auxilia neste processo de exploração é o *search* (busca) que rastreia um enorme volume de informações em instantes (LEÃO, 1999, p. 16). Para Lucia Leão os sistemas hipermidiáticos são formas mais adequadas para exprimir o pensamento em sua complexidade do que os meios disponíveis anteriormente (oralidade e escrita), afirma ainda que “a mente humana não segue uma linha de raciocínio linear, tal qual o suporte impresso

⁶⁰ Cf. BÍBLIA, 1985, Introdução, passim.

⁶¹ Considera-se sistema qualquer objeto de estudo composto por mais de uma parte, e que respeite a condição de que haja interação entre essas partes. Cf. HIRSCH, 1985 apud LEÃO, Lúcia. **O labirinto da hipermídia**: Arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 1999, p. 55.

nos exige assumir”. (LEÃO, 1999, p. 65), então, essa não linearidade se assemelha a forma de pensar do ser humano. Deste modo, encontrar novas formas de contato com os textos bíblicos mais adaptados à forma de pensar humana pode proporcionar ao usuário a “cada ligação, cada elo hipermidiático, ao mesmo tempo que liga, transforma, transporta...” (LEÃO, 1999, p. 70) para um novo nível de conhecimento que pode ser construído coletivamente.

Tais possibilidades de construção coletiva, baseada na interação e contato com a cultura, imagens, mapas de época, obras de arte que estão em igrejas e museus são uma forma de transmissão da mensagem evangélica; as vestimentas, os costumes e tradições festivas, transmitidos através de imagens, sons, vídeos, num único espaço, o virtual, são exemplos de como estas novas formas de mediação se tornam meios de acesso para as pessoas, transportando este usuário há tempos, momentos, cultura e locais da história que possivelmente não teria possibilidade de conhecer a não ser desta forma, virtual. Pierre Lévy tem uma visão bem positiva a esse respeito e assegura que “a perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século” (LÉVY, 2000, p. 92-93), isto é o século XXI. Mais adiante, na mesma obra ele ressalta que o ciberespaço é “o sistema de comunicação mais rápido de todos os tempos” e funciona como “terra do saber” em tempo real onde o usuário pode colocar sua marca cultural (LÉVY, 2000, p. 206). Ao longo de sua obra ele reforça que o ciberespaço se ergue de forma espontânea, descentralizada e participativa formando o que ele denomina “inteligência coletiva”.

Lucia Santaella corrobora com essa ideia quando afirma que “o universo virtual das redes tem se alastrado tão exponencialmente por todo o planeta a ponto de produzir a emergência de uma nova forma de cultura, a cultura do ciberespaço ou cibercultura”. (SANTAELLA, 2001, p. 390) a autora ressalta ainda que a hipermídia como linguagem é uma das faces mais importantes da cultura do ciberespaço.

Para Lucia Leão (2004, p. 165) o ciberespaço é uma rede triádica composta por pessoas, grupos e instituições somados a sistemas lógicos de informação, *softwares* e por estruturas físicas *hardware*. Dentro desse contexto, é possível encontrar projetos que possibilitam múltiplos pontos de vista e alcançar diversas informações relativas aos conteúdos mais diversificados. Graças às combinações hipermidiáticas qualquer usuário poderá de forma mediada ou não por um aplicativo ou *software*, ser coautor partilhando de seus conhecimentos ou experiências com os textos bíblicos onde quer que esteja. Lucia Santaella afirma que:

Outro grande poder definidor da hipermídia está na sua capacidade de armazenar informação e, através da interação do receptor, transmutar-se em incontáveis versões virtuais que vão brotando na medida mesma em que o receptor se coloca em posição de coautor. (SANTAELLA, 2001, p. 393).

Esse aspecto da coautoria está presente nas sociedades desde a cultura oral, onde os textos eram adequados para melhor memorização, depois no tempo dos manuscritos, onde eram os livros copiados a mão e muitas vezes acrescidos das glosas e comentários que foram sendo colocados nas margens dos textos e que, aos poucos, podiam até se tornar parte do texto conforme eram feitas as cópias. Com a introdução da imprensa essa prática ficou menos intensa uma vez que todos os livros eram produzidos iguais, mas mesmo assim seus proprietários por vezes escreviam em suas margens. Essa prática tão comum ganha novo fôlego na hipermídia.

Neste tempo de convergência para o digital, é possível perceber as Religiões buscando formas de estabelecer ou manter o vínculo com seus fiéis⁶², uma vez que as distâncias, o corre-corre do dia a dia, as tantas exigências que se impõem sobre o homem deste tempo, acabam afastando o fiel das práticas religiosas mais simples do cotidiano: como ler um texto bíblico, rezar um terço, fazer uma novena. Essas formas de se estabelecer proximidade, fazendo chegar seus conteúdos através de aplicativos *online* ou *off-line* podem ser uma maneira eficaz de aproximar tais conteúdos dos usuários em geral (fiéis, curiosos, pesquisadores, entre outros), colocando-os a mão, através de um dispositivo. A Igreja Católica, desde o Concílio Vaticano II, publicou uma série de documentos pontifícios que motivam os leigos a usarem os meios de comunicação e as novidades tecnológicas para fim evangelizador, como descrito no capítulo 02 desta pesquisa, o documento “Igreja e a *Internet*” motiva o uso desses meios como uma ação mediadora, que serve de certa forma, como instrumento de aproximação ou de reaproximação entre o cristão e o Evangelho.

Esta aproximação que acontece através da hipermídia, no ciberespaço, alcançada através dos meios digitais interativos, pode ser positiva, pressupondo, por exemplo, que visitar os lugares citados na Bíblia não é possível à maioria das pessoas, pois o custo de uma peregrinação a Terra Santa, com duração de sete dias gira em torno de 10 mil reais por pessoa e de acordo com os opcionais de viagem escolhidos, pode ser mais caro. Outro exemplo bem simples e prático seria o de carregar o pesado livro na bolsa, a fim de ter o texto bíblico à mão

⁶² MONTEIRO, Flora. Fé na tecnologia: Igrejas lançam aplicativos que ensinam até a rezar o terço. **Veja São Paulo**, São Paulo, n. 48, ano 44, nov. 2011, p. 60.

para uma leitura, esta não tem sido a opção de muitos cristãos, pois mesmo as versões de bolso pesam mais de meio quilo⁶³. Através dos dispositivos móveis essas barreiras de acesso poderiam ser minimizadas ou vencidas quando incorporadas ao dispositivo.

Outro ponto que não se pode negar é que a vivência da religião em ambiente doméstico com práticas pessoais sempre foi bem recebida no meio católico, verifica-se isto no contexto das novenas, na reza do terço, nas orações em família e na oração da Liturgia das Horas. No período colonial, era comum encontrar nas casas um local reservado para um altar ou oratório, e nas fazendas sempre havia uma capela nos arredores da casa grande. Nesta época a distância do templo religioso era por condições diferentes das atuais e a forma de conseguir essa aproximação era através das práticas citadas acima.

Hoje isso pode acontecer também através dos dispositivos móveis, as práticas religiosas podem estar ao alcance das pessoas assim como estão os *games*, as notícias. O relacionamento diário com os dispositivos móveis que possibilitam acesso através de aplicativos como meio disponibilizador de conteúdos da Bíblia podem possibilitar ao usuário uma prática da fé mais constante, um exemplo simples são as antigas “caixinhas de promessas”⁶⁴ que na hipermídia se tornaram mensagens instantâneas recebidas de diversas formas por celular, *e-mail* e até mesmo através das redes sociais.

Outro ponto básico que precisa ser analisado nas interfaces dos aplicativos, segundo Lucia Leão é a interatividade. Este é um elemento indispensável do processo hipertextual, “a medida que a hipermídia se corporifica na interface entre os nós da rede e as escolhas do leitor, este se transforma em uma outra personagem”, Lucia defende que este usuário/leitor “é agora um construtor de labirintos” (LEÃO, 1999, p. 41) tornando-o autor de seu próprio caminho exploratório. Em outro momento a autora ressalta que por se tratar de um sistema interativo é preciso programar portas de acesso a outros percursos, quer seja para o documento ou para a rede, deixando caminhos potenciais a serem percorridos (LEÃO, 1999, p. 90-91). Tais caminhos e encruzilhadas contribuem para o aumento do potencial interativo e que os labirintos construídos ou percorridos pelos usuários são expressão de seus desejos. Existe ainda a necessidade de se conseguir refazer o trajeto que o usuário realizou, sendo

⁶³BÍBLIA SAGRADA DE BOLSO com zíper, Editora Ave Maria, altura: 13,5cm; largura: 10 cm; peso: 0,515 kg. Disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/scripts/resenha/resenha.asp?nitem=3074240&sid=191152229151125217886957874>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

⁶⁴ Caixinhas de Promessas: são pequenas caixas que trazem um conjunto de versículos bíblicos distribuídos um a um em cada recorte de papel.

fundamental manter a possibilidade de se recuperar tal percurso, isso possibilita o reencontro de uma informação importante que pode ter sido encontrada pelo caminho (LEÃO, 1999, p. 88), e também uma saída direta que leve o usuário para fora do programa, isto é, para a página inicial (LEÃO, 1999, p. 91).

O ambiente hipermidiático tem como característica a capacidade de conexão entre informações diversas, a partir de recursos que permitem ao usuário ir e vir, criando suas rotas de navegação para obter as informações de uma forma rápida, clara e objetiva. Os aplicativos e *softwares* costumam oferecer um sistema de ícones, que funcionam como elementos de conexão e que facilitam esta navegação indicando os caminhos possíveis, estes ícones são um auxílio importante aos usuários (LEÃO, 1999, p. 28).

A interface do *site* ou aplicativo pode e deve parecer simples para facilitar esse ir e vir do usuário navegando. Em alguns aplicativos são encontradas barras de navegação ocultas que são acionadas com um toque na tela dos dispositivos móveis, com a descontínua presença destas barras, nas telas menores, prevalece o princípio da clareza e objetividade. Neste estudo foram observadas e testadas as seguintes ferramentas de navegação: sair e retornar ao sistema, avançar, barras de navegação superiores e inferiores, os *menus* e suas potencialidades de navegação.

Para que haja tal clareza e objetividade de forma que o usuário navegue com prazer e sem dificuldades pelo ambiente do aplicativo, Lucia Leão (1999, p. 107-108) defende que o processo de criação desse sistema hipermidiático tenha um projeto bem organizado e o espaço deve ser concebido como algo mutável e flexível, permitindo desdobramentos, articulações e redimensionamentos. Lembra também alguns conceitos de arquitetura da ciberpercepção de Roy Ascott⁶⁵, que propõe a arquitetura da hipermídia a partir de formas naturais, capazes de se transformarem e se adequarem às exigências da vida; aborda a telepresença, isto é dos encontros remotos no ciberespaço e a vivência *online* que implica interação com o meio. Esses recursos estruturados em uma arquitetura que favoreça a usabilidade e a interação com o meio favorece sua utilização e cria vínculos com o usuário que passa a usá-lo permanentemente como fonte renovável de conteúdos. No caso desta pesquisa sobre a Bíblia na hipermídia, o aplicativo serviria como um elo entre a pessoa e o texto bíblico.

⁶⁵ Roy Ascott, artista interdisciplinar, professor e crítico de arte e autor de textos sobre novas tecnologias, um dos pioneiros em arte telemática. Cf. LEÃO, 1999, p. 108-109.

A interação com o meio hipermediático depende da interface que é a ponte entre o usuário e o sistema de hipermídia, para Julio César Freitas o principal desafio da interface é oferecer a possibilidade de uso, com linguagens decodificáveis a um ou mais usuários. Freitas compara os mecanismos de interfaces “como receptores inanimados que ao serem acionados conduzem a informação do acionamento ao núcleo do seu sistema desencadeando as reações previstas em seu planejamento”. (FREITAS, 2005, p. 189). Outra forma de Freitas exemplificar o que é a interface, partindo do mundo dos objetos, é comparando-a a uma porta e sua maçaneta da seguinte maneira:

Uma porta e sua maçaneta, por exemplo, podem ser qualificadas como a interface entre o corredor e o quarto de uma residência qualquer. Se a porta, como um vedante, nos *permite* ou não a passagem, a maçaneta nos *autoriza* ou não esta passagem. É importante notar que na interface “porta”, além de reconhecermos um elemento que se interpõe entre um ambiente e outro, sua própria composição estabelece diferentes graus de importância entre seus componentes, isto é, a porta fechada veda a passagem, mas sua maçaneta autoriza ou não nossa transição de um cômodo para outro. (FREITAS, 2005, p. 189).

Com essa comparação Freitas revela que “os elementos ali dispostos, quando permitem a movimentação de sua estrutura, apresentam um quadro hierárquico de movimentação com diferentes graus de permissividade”. (FREITAS, 2005, p. 189). Portanto, um bom planejamento de interface depende de uma organização de raciocínio que permita o uso fluente e espontâneo. Essa foi uma das bases de análise dos aplicativos estudados, pois a partir de uma interface que proporcione um fácil e ágil manuseio o usuário tende a permanecer com o aplicativo, uma vez que nos *smartphones* eles ocupam boa parte do espaço disponível e quando não atendem a expectativa, são desinstalados rapidamente. Cabe à interface proporcionar essa interação.

Para a realização das análises que apresentamos a seguir adotamos os seguintes critérios:

- a) Descrição detalhada de todos os elementos que compõem o *design* de interface;
- b) Descrição dos tipos de interações possíveis de serem realizadas;
- c) Elaboração e apresentação de uma síntese do projeto analisado.

3.2 ESTUDO DE CASOS

“...A IGREJA SENTIR-SE-IA CULPADA DIANTE DO SEU SENHOR SE NÃO
EMPREGASSE ESTES MEIOS PODEROSOS QUE A INTELIGÊNCIA
HUMANA TORNA CADA DIA MAIS APERFEIÇADOS..
SERVINDO-SE DELES A IGREJA ‘PREGA SOBRE OS TELHADOS’
A MENSAGEM DA QUAL É DEPOSITÁRIA”.

(PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, 1975, n. 45).

A busca por projetos de hipermídia, que apresentem e/ou discutam elementos da Bíblia, foi realizada no sentido de apresentar uma grande variedade de projetos com diferentes tipos de conteúdos e funcionalidades. Nas análises, buscou-se verificar a interface, a usabilidade e a interatividade, de forma a perceber a relação e as convenções utilizadas neste meio que disponibiliza o texto bíblico por inteiro ou de forma parcial. Esta pesquisa investiga quais projetos de fato exploram os potenciais da linguagem hipermidiática, isto é, que reúnem os recursos do hipertexto (interatividade e usabilidade) e da multimídia (sons, textos, imagens e vídeos), fundamentados na teoria de Lucia Leão. Foram encontrados portais, *sites* e aplicativos relacionados ao tema central desta pesquisa, os selecionados são aqueles que apresentaram domínio próprio, identificação de autoria, isto é, o mínimo de credibilidade. Em ambos os casos foram pesquisados aqueles que oferecem conteúdo de forma gratuita.

3.2.1 SITE E PORTAL

Nesse grupo, serão apresentadas as diferenças entre *site* e portal e analisados os que disponibilizam a Bíblia por inteiro ou conteúdos que nela foram inspirados, na modalidade *online* e *off-line*.

O *Site*, no contexto das comunicações digitais, refere-se a uma página ou a um agrupamento de páginas relacionadas entre si, acessíveis na *internet* através de um determinado endereço. Trata-se de um espaço que se tornou clássico na *web* fase um, onde se disponibiliza *online* informações com o propósito de organizá-las. A estrutura hierárquica de um *site* deve possibilitar ao usuário fácil entendimento e acesso rápido ao conteúdo

pretendido. Existem diversos tipos de *sites*: institucionais, informativos, pessoais, entre outros. O portal é mais amplo, porém seu foco está totalmente voltado para o público alvo, nele são disponibilizados conteúdos específicos para atender a essa demanda. Possui ainda ferramentas de relacionamento entre os públicos consumidor e produtor da informação. Em ambos os casos podem ser disponibilizados textos, imagens, vídeos ou animações digitais.

Nesses formatos foram pesquisados *sites* e portais que disponibilizam a Bíblia na íntegra ou parte de seu conteúdo. Boa parte dos *sites* encontrados através de aplicativo simples de busca é de autoria pessoal, não representa um grupo, movimento, entidade, instituição ou igreja. Em geral apresentam uma forma de leitura da Bíblia. A pesquisa se ateve a *sites* e portais que atendiam os critérios já mencionados anteriormente.

Bíblia Sagrada Edição Pastoral, a Editora Católica Paulus, oferece a Bíblia Sagrada Edição Pastoral *online* através do Portal da Editora⁶⁶, usa o sistema *Intra Text* versão CT formatado em páginas HTML compatível com vários navegadores. Trata-se de um texto convertido para um sistema de hipertexto interativo que contém o conteúdo que pode ser lido a partir do *menu* ou a partir da concordância das palavras. Se o texto contiver notas de rodapé, estas aparecerão ao pé da página, e o índice geral também contém um índice de notas. A lista de palavras está organizada em ordem alfabética, pela ocorrência de vezes que aparece. As palavras nas listas estão coligadas as concordâncias. As concordâncias são listas que contém cada ocorrência de uma palavra no texto. Cada vez que aparece a palavra ela vem no centro de um fragmento do texto. Também aparecem as estatísticas sobre a palavra e suas ocorrências. Existe um guia para se compreender e melhor utilizar este sistema. Todas as convenções estão baseadas no modelo impresso da Bíblia Sagrada Edição Pastoral. O sistema *Intra Text* CT adotado neste *site* data do ano 2002, porém tal sistema foi desenvolvido a partir de 1996 no tempo que a disponibilização de áudio e imagens na *internet* ainda estava começando, portanto o *design* e a interface do século passado, comparados com o que se tem na segunda década do século XXI, podem ser considerados ultrapassados por se fundamentarem somente em textos sem nenhuma formatação ou atrativo visual. Este foi o *site* católico com formato mais antigo que disponibiliza a Bíblia, encontrado ainda ativo dentro do âmbito desta pesquisa. Vale ressaltar que a Editora Paulus

⁶⁶ PORTAL PAULUS. Disponível em: <www.paulus.com.br/biblia-pastoral/>. Acesso em: 25 ago. 2013.

lançou um novo Portal totalmente remodelado em setembro de 2013, mês em que tradicionalmente se recorda a Bíblia por conta do dia 30 de setembro em que se celebra a memória de São Jerônimo tradutor da Bíblia Latina, nele permanece o *link* que divulga a Bíblia *online*, porém o modelo oferecido é o mesmo que foi descrito neste estudo, isto é, o formato lançado em 2002. No Portal Paulus encontramos ainda um *menu* que oferece a liturgia diária, a liturgia das horas e ainda três modalidades de reflexões sobre a liturgia dominical sendo uma delas para crianças, que são conteúdos produzidos para o folheto impresso da missa e disponibilizados *online*⁶⁷.

The screenshot shows the homepage of the Paulus website. At the top, there is a navigation bar with links: Índice | Ajuda | Palavras: Alfabética - Frequência - Invertidas - Tamanho - Estatísticas | Biblioteca IntraText | Eulogos. Below this is the Paulus logo, which consists of a red stylized 'P' and the word 'PAULUS' underneath. The main heading is 'Bíblia Sagrada - Edição Pastoral'. Below the heading, it says '1 Edições IntraText CT' and 'Copyright Eulogos/Paulus 2002 - Veja também: Créditos'. The page is divided into two columns of links. The left column includes: 'Compre Aqui a sua Bíblia' (with subtext 'Confira as ofertas da Editora Paulus para a sua família' and link 'www.paulus.com.br'), 'Bíblia do Peregrino' (with subtext 'Confira as ofertas da Editora Paulus para a sua família' and link 'www.paulus.com.br'), and 'Edição Pastoral - Bolso' (with subtext 'Confira as ofertas da Editora Paulus para a sua família' and link 'www.paulus.com.br'). The right column includes: 'Bíblia Edição Pastoral' (with subtext 'Confira as ofertas da Editora Paulus para a sua família' and link 'www.paulus.com.br'), 'Bíblías Infantis' (with subtext 'Confira as ofertas da Editora Paulus para a sua família' and link 'www.paulus.com.br'), and 'Bíblia de Jerusalém' (with subtext 'Confira as ofertas da Editora Paulus para a sua família' and link 'www.paulus.com.br'). On the left side, there is a vertical menu with links: IMPRIMATUR, APRESENTAÇÃO, ABREVIATURAS, A LECTURA DA BIBLIA, ANTIGO TESTAMENTO, PENTATEUCO, and GÊNESIS. In the center, there is a note: 'O IntraText CT é o texto hipertextual completo com as listas de palavras e concordâncias. Geral - Texto e pesquisa - Listas - Concordâncias - Glossário - Para ler melhor'. Below this is a '- Índice -' section with a link 'Estatísticas e Oratórios (Ocorrências: 1078463; Palavras: 316465)'. At the bottom, there is a long list of numbers from 1 to 401.

Figura 22: Bíblia Sagrada Edição Pastoral *online*. Página inicial Fonte: PORTAL PAULUS, 2013.

⁶⁷ “A palavra Liturgia vem do grego *leitourgia*, que significa ação do povo. Para a Igreja Católica, a Liturgia apresenta-se como o fio condutor de toda e qualquer ação religiosa, segundo definição do Concílio Vaticano II”. O QUE É. Disponível em: <<http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=284848>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

- Índice -

[Estatísticas e Gráficos](#) (Ocorrências: 1078463, Palavras: 31546)

- [IMPRIMATUR](#)
 - [APRESENTAÇÃO](#)
 - [ABREVIATURAS](#)
 - [A LETURA DA BÍBLIA](#)
 - ANTIGO TESTAMENTO
 - [Int](#)
 - PENTATEUCO
 - [Int](#)
 - GÊNESIS
 - [Int](#) [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#) [23](#) [24](#) [25](#) [26](#) [27](#) [28](#) [29](#) [30](#) [31](#) [32](#) [33](#) [34](#) [35](#) [36](#) [37](#) [38](#) [39](#) [40](#) [41](#) [42](#) [43](#) [44](#) [45](#) [46](#) [47](#) [48](#) [49](#) [50](#)
 - ÊXODO
 - [Int](#) [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#) [23](#) [24](#) [25](#) [26](#) [27](#) [28](#) [29](#) [30](#) [31](#) [32](#) [33](#) [34](#) [35](#) [36](#) [37](#) [38](#) [39](#) [40](#)
 - LEVÍTICO
 - [Int](#) [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#) [23](#) [24](#) [25](#) [26](#) [27](#)
 - NÚMEROS
 - [Int](#) [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#) [23](#) [24](#) [25](#) [26](#) [27](#) [28](#) [29](#) [30](#) [31](#) [32](#) [33](#) [34](#) [35](#) [36](#)
 - DEUTERONÔMIO
 - [Int](#) [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#) [23](#) [24](#) [25](#) [26](#) [27](#) [28](#) [29](#) [30](#) [31](#) [32](#) [33](#) [34](#)
 - LIVROS HISTÓRICOS
 - [Int](#)
 - JOSUÉ
 - [Int](#) [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#) [23](#) [24](#)
 - JUÍZES
 - [Int](#) [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#)
 - RUTE
 - [Int](#) [1](#) [2](#) [3](#) [4](#)
 - PRIMEIRO E SEGUNDO SAMUEL
 - [Int](#)
 - PRIMEIRO LIVRO DE SAMUEL
 - [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#) [23](#) [24](#) [25](#) [26](#) [27](#) [28](#) [29](#) [30](#) [31](#)
 - SEGUNDO LIVRO DE SAMUEL
 - [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#) [23](#) [24](#)
 - PRIMEIRO E SEGUNDO REIS
 - [Int](#)
 - PRIMEIRO LIVRO DOS REIS
 - [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)
 - SEGUNDO LIVRO DOS REIS
 - [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#) [23](#) [24](#) [25](#)
-

Figura 23: Bíblia Sagrada - Edição Pastoral *online*. Interface. – Fonte: PORTAL PAULUS, 2013.

As teclas [<< >>] conduzem às concordâncias da palavra precedente e sucessiva com frequência >1

Lista alfabética e lista de frequência. As palavras estão coligadas às suas concordâncias

Cada página contém até 500 linhas. A concordância é dividida em mais páginas quando há mais de 500.

Do **Índice** pode acessar:

- Geral (sumário)
- Lista alfabética inversa
- Lista por tamanho
- Estatísticas

Para imprimir, pode utilizar todas as opções de impressão do navegador.

Referência que liga à passagem na qual a ocorrência se encontra. Clicando, vai até a página do texto, sobre a palavra indicada

Esta ocorrência é um a nota: o número da citação está em negrito.

Clique sobre o número sobrescrito para ler a nota.

Clique sobre a palavra para ler sua concordância.

The screenshot shows the IntraText interface with the following elements:

- Menu Bar:** File, Modifica, Visualiza, Preferê, Strumenti, 2
- Search Bar:** IntraText
- Navigation:** Home, Cerca, Preferê, Cronologia, Posta, Stampa, Modifica
- Table of Concordances:**

Alfabética (a-z)	Frequência (a-z)
caridade 1	7 agora
caridade 1	7 anônimo
caridade 2	7 san
caridade 7	7 caridade
caridade 2	7 sol
caridade 1	7 contexto
caridade 1	7 sol
- Text Area:**

Capítulo, 8

1 3. Enquanto sempre que a sua fé e caridade a gerar novos filhos para
2 **S. 1:** verdade, na justiça e na caridade entre os seres humanos e,
3 **S. 2:** partir do momento em que esta caridade é o mandamento supremo do
4 **S. 2:** e da liberdade e fusão da caridade" (UR 7). No tempo passado
5 **S. 1:** ao serviço do próximo na caridade.44-- Usa segunda finalidade
6 **Concl:** de méritos nas áreas da caridade, cultura e santidade. Ela
7 **S.19:** documentação do diálogo de caridade entre a Santa Sé e o Patriarcado
- Footer:** IntraText V5 - © 1996-2000 Elogos

Figura 24: Tutorial do sistema Intra Text versão CT que explica como utilizar os recursos.

Fonte: PORTAL PAULUS, 2013.

Bíblia Ave Maria, a Editora Ave Maria, publica no Portal Claretiano do Brasil⁶⁸ a versão *online* da Bíblia Ave Maria, trata-se da versão impressa publicada pela Editora em 1959, traduzida do grego e do hebraico, por monges beneditinos de Maredsous – Bélgica. Na ocasião, foi considerada uma das melhores traduções do mundo, em sua primeira edição teve uma tiragem de 42.000 exemplares e atualmente está na 200ª

⁶⁸ BÍBLIA AVE MARIA ONLINE. Disponível em: <http://www.claret.com.br/biblia/>. Acesso em: 25 ago. 2013.

edição, possui ainda versão *e-book*, é considerada a tradução mais popular entre os católicos no Brasil⁶⁹. A versão *online* possui um *design clean*, apresenta em uma única página todos os livros que compõe a Bíblia, a direita da tela oferece campos de navegação rápida e pesquisa avançada seguido da nuvem de *tags*⁷⁰ com os termos mais pesquisados. Basta um clique sobre o nome de qualquer livro que uma nova página se abre com os capítulos que são oferecidos, se tocar e esperar um pouco abre uma *pop up*⁷¹ que oferece as opções “abrir”, “abrir em nova aba”, “adicionar à lista de leitura” ou “copiar”. O mesmo ocorre na seleção dos capítulos, nesta segunda página, dados numéricos sobre o capítulo escolhido são acrescentados do lado direito da página sobre o *menu* de navegação rápida. Todas as páginas oferecem um botão para retorno ao índice, isto é a página inicial. Esta versão do *site* data de 2011 e seus direitos são reservados a Editora Ave Maria. Quando é acessado o Portal Claretiano⁷², encontra-se o texto bíblico oferecido em outras formas, por exemplo, em áudio, no formato *podcast*, o Evangelho do Dia é narrado e comentado por um sacerdote com produção artística, não há referência da duração da gravação, não há opção de *download*, apresenta falhas de programação visual. O Portal oferece uma seleção de vídeos relacionados à liturgia, tais como, salmos, evangelho, programas de TV que fazem reflexão dos textos bíblicos, mas a maioria de seus *links* não funciona, isto é, não estão com conteúdo disponível. Oferece também o *link* para programação *online* de rádio, TV. Neste portal o *link* “acesse nossa Bíblia *online*” remete para o *site* pesquisado. Retornando a análise do *site* da Bíblia, em questão, percebe-se que esta possui uma interface que em poucos cliques chega-se ao conteúdo esperado, não possui áudio ou imagens ilustrativas e o modelo de apresentação visual está estruturado em tópicos como no modelo impresso, oferece a possibilidade de aumentar ou diminuir o tamanho da fonte e mecanismo de busca rápida.

⁶⁹ A BÍBLIA. Disponível em: <<http://www.livrariasaraiva.com.br/produto/4955500>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

⁷⁰ **Tag** significa: etiqueta, rótulo ou legenda. Em blogs e *sites* são palavras-chave que facilitam o leitor a achar matérias sobre determinados assuntos. Nos *sites* e nos blogs, as tags costumam aparecer em “nuvens de tags”, ou uma lista ou coleção aparentemente aleatória das tags que mostram, a partir do tamanho das palavras, quais as mais utilizadas. Cada tag serve como *link* para a lista das postagens e artigos que utilizam aquela tag. Cf. O QUE É. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/navegador/2051-o-que-e-tag-.htm#ixzz2ymQ6fHq6>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

⁷¹ **Pop up** é uma segunda janela que se abre no navegador ao se clicar em um determinado *link*. O pop up é geralmente usado para abrir algum tipo de anúncio ou informação. Cf. POP UP. Disponível em: <<http://www.variedadesedicas.com/2011/03/popups-o-que-sao-e-como-se-livrar-deles.html>>; <<http://www.palpitedigital.com/o-que-e-popup/>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

⁷² PORTAL CLARETIANO: Disponível em: <www.claret.com.br>. Acesso em: 25 ago. 2013.

Adicione aos favoritos Adicione em seu site Links úteis: Editora Ave-Maria Revista Ave-Maria Bíblia 50 anos

M
EDITORA
AVE-MARIA

Bíblia Sagrada Ave-Maria
A Bíblia mais querida do Brasil

Pesquise na Bíblia *online*

Home Contato ?Feliz quem pensa no pobre e no fraco; o Senhor vai protegê-lo no dia difícil! Vai torná-lo feliz e

Índice

Antigo Testamento		Novo Testamento
Gênesis	Jó	São Mateus
Êxodo	Salmos	São Marcos
Levítico	I Macabeus	São Lucas
Números	II Macabeus	São João
Deuteronômio	Provérbios	Atos dos Apóstolos
Josué	Eclesiastes	Romanos
Juízes	Cântico dos Cânticos	I Coríntios
Rute	Sabedoria	II Coríntios
I Samuel	Eclesiástico	Gálatas
II Samuel	Isaías	Eféssios
I Reis	Jeremias	Filipenses
II Reis	Lamentações	Colossenses
I Crônicas	Baruc	I Tessalonicenses
II Crônicas	Ezequiel	II Tessalonicenses
Esdras	Daniel	I Timóteo
Neemias	Oséias	II Timóteo
Tobias	Joel	Tito
Judite	Amós	Filêmon
Ester	Abdias	Hebreus
Jonas		São Tiago

Navegação

- Testamentos -
- Livros -
- Seleccione o livro -
- Seleccione o capítulo -

Pesquisa Avançada

- Testamentos -
- Seleccione o livro -
 Todos os capítulos
De - Seleccione o livro -
Até - Seleccione o livro -

Termos mais pesquisados

messias amor deus leite Maria
zacarias senhor jesus palavra de Deus
mãe SALVAÇÃO fé dizimo josé

Figura 25: Interface da Bíblia *online*. Edições Ave Maria. Fonte: PORTAL CLARETIANO, 2013.

Adicione aos favoritos Adicione em seu site Links úteis: Editora Ave-Maria Revista Ave-Maria Bíblia 50 anos

MM
 EDITORA
 AVE-MARIA

Bíblia Sagrada Ave-Maria
 A Bíblia mais querida do Brasil

Pesquise na Bíblia online

Home Contato "O anjo do Senhor vem acampar ao redor dos que temem ofendê-lo, e c

São Mateus

Capítulo 1

Capítulos Anterior Próximo

São Mateus, novo testamento
 28 capítulos
 1069 versículos

Navegação

Novo Testamento
 São Mateus
 Capítulo 1
 - Versículos -

Pesquisa Avançada

- Testamentos -
 - Seleccione o livro -
 Todos os capítulos
 De - Seleccione o livro -
 Até - Seleccione o livro -

Termos mais pesquisados

fé SALVAÇÃO mãe senhor zacarias
 josé palavra de Deus dizimo leite jesus
 amor messias Maria deus

1 Genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. **2** Abraão gerou Isaac. Isaac gerou Jacó. Jacó gerou Judá e seus irmãos. **3** Judá gerou, de Tamar, Farés e Zara. Farés gerou Esron. Esron gerou Arão. **4** Arão gerou Aminadab. Aminadab gerou Naasson. Naasson gerou Salmon. **5** Salmon gerou Booz, de Raab. Booz gerou Obed, de Rute. Obed gerou Jessé. Jessé gerou o rei Davi. **6** O rei Davi gerou Salomão, daquela que fora mulher de Urias. **7** Salomão gerou Roboão. Roboão gerou Abias. Abias gerou Asa. **8** Asa gerou Josafá. Josafá gerou Jorão. Jorão gerou Ozias. **9** Ozias gerou Joatão. Joatão gerou Acáz. Acáz gerou Ezequias. **10** Ezequias gerou Manassés. Manassés gerou Amon. Amon gerou Josias. **11** Josias gerou Jeconias e seus irmãos, no cativeiro de Babilônia. **12** E, depois do cativeiro de Babilônia, Jeconias gerou Salatiel. Salatiel gerou Zorobabel. **13** Zorobabel gerou Abiud. Abiud gerou Eliacim. Eliacim gerou Azor. **14** Azor gerou Sadoc. Sadoc gerou Aquim. Aquim gerou Eliud. **15** Eliud gerou Eleazar. Eleazar gerou Matã. Matã gerou Jacó. **16** Jacó gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo. **17** Portanto, as gerações, desde Abraão até Davi, são quatorze. Desde Davi até o cativeiro de Babilônia, quatorze gerações. E, depois do cativeiro até Cristo, quatorze gerações. Nascimento de Jesus **18** Eis como nasceu Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava desposada com José. Antes de coabitarem, aconteceu que ela concebeu por virtude do Espírito Santo. **19** José, seu esposo, que era homem de bem, não querendo difamá-la, resolveu rejeitá-la secretamente. **20** Enquanto assim pensava, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse: José, filho de

Figura 26: Apresentação do texto bíblico. PORTAL CLARETIANO, 2013.

Bíblia Católica⁷³, projeto desenvolvido por Wellington Campos Pinho que, segundo o autor, possui apoio da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), neste *site* estão reunidas 28 versões completas da Bíblia sendo três em português, seis em inglês, três em espanhol, duas versões em italiano e duas em francês, as demais em latim, croata, finlandês, grego, polonês, africano, alemão, entre outras. As versões em português oferecem a modalidade de ouvir a narrativa dos versículos ou capítulos escolhidos, trata-se de um mecanismo de leitura ofertado pelo Google, a locução feminina não possui interpretação, mas sim agrupamentos de sílabas que formam as palavras que compõem os versículos. As versões em outras línguas não trazem a narração em áudio. Quando se faz a pesquisa em versões da Bíblia em outras línguas e se pede a tradução do mesmo, o *site* recomenda através de um *pop up*, no canto inferior direito, que se utilize a versão em português, a tradução é realizada, porém o lembrete permanece na tela. A página principal traz trecho da Constituição Dogmática *Dei Verbum*⁷⁴ que conota o que é a Bíblia, e em cada página que se abre, após a busca do texto desejado, traz um *banner* diferente composto de arte sacra em estilo bizantino⁷⁵. A disposição em lista dos livros que compõem a Bíblia é simples e objetiva permitindo acesso rápido ao texto escolhido. Todas as páginas possuem um índice à direita de busca rápida e a opção de se fazer a comparação entre dois textos de traduções diferentes. O projeto com *copyright* Bíblia Católica Online não possui identificação do responsável pelo desenvolvimento, o nome da pessoa que registrou o projeto foi encontrado por pesquisa através de domínio, o projeto também oferece *links* para outros *sites* e *blogs* católicos que em sua maioria são também independentes ou ligados a grupos religiosos, também indica *blogs* de sacerdotes católicos, em alguns destes os textos bíblicos é apresentado de outras formas, como liturgia diária, evangelho comentado, formas de se ler a Bíblia. Sua interface é acessada em um mínimo de cliques, disponibiliza o texto bíblico escolhido colocando um versículo por linha com nuances de cinzas nas linhas o que facilita a leitura sua apresentação visual

⁷³ BÍBLIA CATÓLICA. Disponível em: <www.bibliacatolica.com.br>. Acesso em 25 de ago. 2013; 26 out. 2013.

⁷⁴ Constituição Dogmática *Dei Verbum*, é um dos principais documentos do Concílio Vaticano II, promulgada pelo Papa Paulo VI em 1965. É designada "constituição dogmática" por conter e tratar "matéria de fé", seu conteúdo aborda a relação entre as Sagradas Escrituras e a Tradição.

⁷⁵ "A arte bizantina se refere às manifestações artísticas (pintura, arquitetura, mosaico e escultura) próprias do Império Bizantino (entre os séculos V e XV). A cidade de Constantinopla, capital do Império Romano do Oriente, foi o mais importante centro artístico deste período". ARTE BIZANTINA. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/artesliteratura/arte_bizantina.htm>. Acesso em: 25 ago. 2013.

é agradável. Na segunda visita em outubro de 2013, o *site* passou a disponibilizar local para comentários, anúncios do Google e notícias da relacionadas à Igreja Católica.

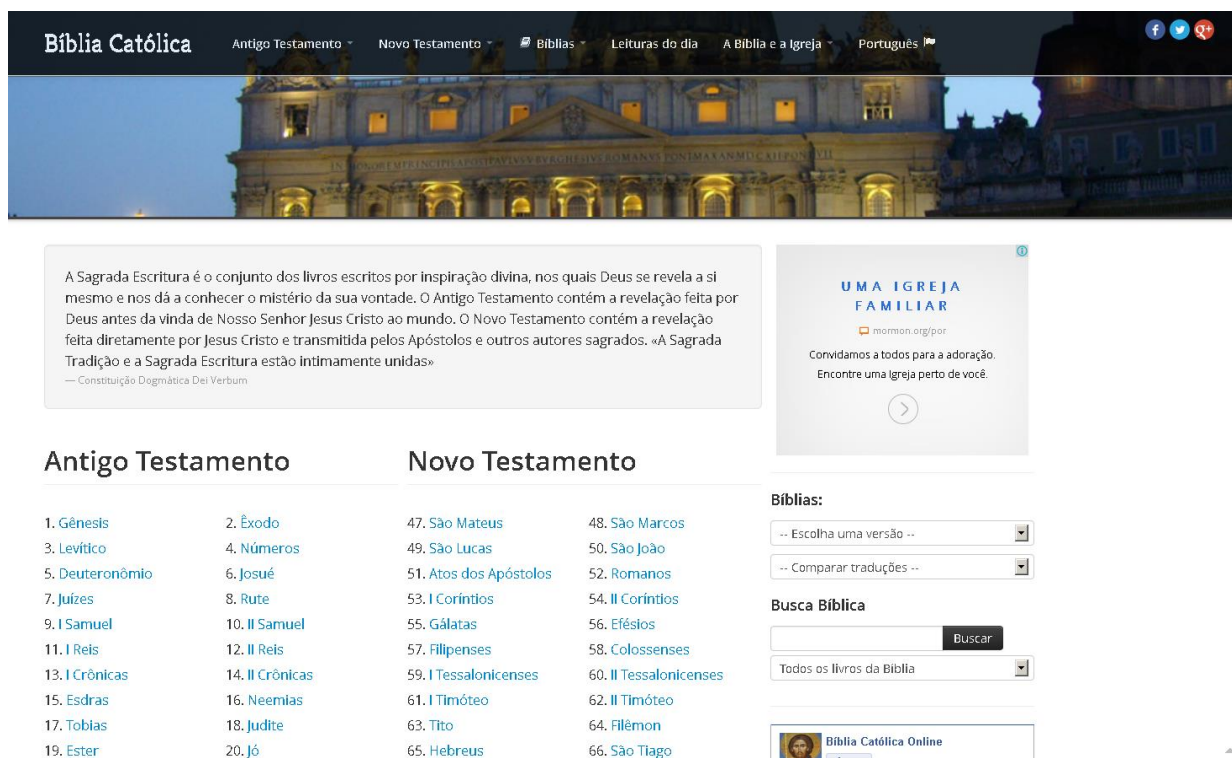


Figura 27: Bíblia Católica. Interface, à direita *links* de navegação. Fonte: BÍBLIA CATÓLICA, 2013.

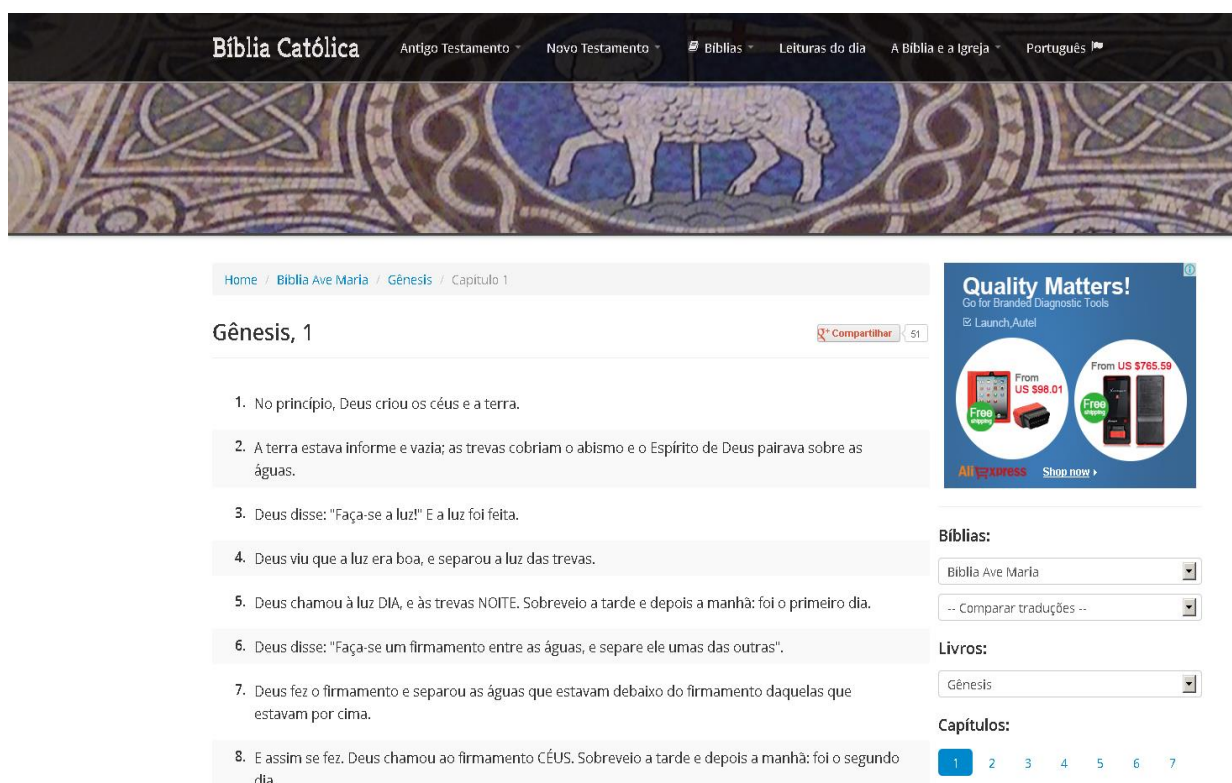


Figura 28: Bíblia Católica: Apresentação do texto bíblico. Fonte: BÍBLIA CATÓLICA, 2013.

Bíblia Católica Antigo Testamento Novo Testamento Bíblias Leituras do dia

Visite a Jerusalém
www.goisrael.com.br
Descubra as raízes da fé
Cristã Aproxime-se de
Jesus Cristo!

São Mateus, 1

Compartilhar 0

Bíblias:
Bíblia Ave Maria
La Biblia de Jerusalén

Livros:
São Mateus

Capítulos:
1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12
13 14 15 16 17 18

1. Genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.

2. Abraão gerou Isaac. Isaac gerou Jacó. Jacó gerou Judá e seus irmãos.

3. Judá gerou, de Tamar, Farés e Zara. Farés gerou Esron. Esron gerou Arão.

4. Arão gerou Aminadab. Aminadab gerou Naasson. Naasson gerou Salmon.

5. Salmon gerou Boaz, de Raab, Raab...

1. Libro de la generación de Jesucristo, hijo de David, hijo de Abraham:

2. Abraham engendró a Isaac, Isaac engendró a Jacob, Jacob engendró a Judá y a sus hermanos,

3. Judá engendró, de Tamar, a Fares y a Zara, Fares engendró a Esrom, Esrom engendró a Aram,

4. Aram engendró a Aminadab, Aminadab engendró a Naassón, Naassón engendró a Salmón,

5. Salmón engendró, de Raab, a...

Bíblia Católica Online - São Mateus, 1 - Bíblia Ave Maria 2:51

31:87 0 0

Figura 29: Bíblia Católica: Comparativo entre as versões da Bíblia Ave Maria e *La Biblia de Jerusalén*, com opção ouvir a narrativa. Fonte: BÍBLIA CATÓLICA, 2013.

Bíblia online⁷⁶ trata-se de um *site* desenvolvido em 1999, por Marcelo Castelo, está ligado de certa forma a Igreja Adventista do Sétimo Dia, conforme explicação no item “quem somos”. Tem por propósito divulgar o conhecimento bíblico através de cursos bíblicos, o *site* possui um conselheiro o Pastor Adventista Jobson Dornelles Santos que, segundo o *site*, é um entusiasta da divulgação de cursos bíblicos pela *internet*. A apresentação do *site* é composta por *menus* diversos na parte superior, abaixo vem à sequência dos livros do Antigo e Novo Testamento que podem ser lidos de duas formas: o texto bíblico capítulo por capítulo ou os versículos escolhidos; oferece a versão narrada e também a versão em esboço que traz uma série de detalhamentos (análise sobre cada livro da Bíblia suas divisões, o autor, o destinatário, o tempo em que foram escritos, as divisões dos assuntos, a temática principal e uma explicação de cada versículo bíblico). Os formatos disponíveis são acessados através de botões ou ícones e o texto bíblico é apresentado um versículo por linha com nuance de cinza diferente para cada linha. Na primeira página, no corpo do *site*, abaixo da “Busca Bíblica” apresentam-se os “Planos de Leitura Bíblica” (da Bíblia completa, ou selecionados por capítulos), “Cursos Bíblicos”, “Artigos do Dia”, “Perguntas Recentes” e “Artigos mais visitados”. Vários destes *links* remetem a Rede Novo Tempo de televisão, pois o *site* não disponibiliza conteúdos audiovisuais. Além das seis versões da Bíblia em português sendo uma delas a Bíblia de Jerusalém (Edições Paulinas – católica) o *site* oferece também versões da Bíblia narradas em áudio, sendo uma em português, duas em espanhol, uma em inglês e as demais versões são escritas em vinte e duas línguas diferentes. Alguns dos itens oferecidos aos usuários neste *site* remetem a outro endereço eletrônico www.biblia.com.br, semelhante ao *site* analisado que também traz outras formas de apresentação dos textos bíblicos, inclusive através de games infantis e adultos. O *site* analisado permite em poucos cliques chegar-se ao conteúdo requerido.

⁷⁶ BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <www.bibliaonline.net>. Acesso em: 25 ago. 2013.

bibliaonline.net **visite sucesso espiritual** @sucessospirit sucesso espiritual

E-mail: senha: Entrar

Dúvidas Bíblicas Estudo Dirigido Pedidos de Oração Pesquisa Bíblica Plano de Leitura Agradecimentos Mais... Idioma

Dicionário Conselhos Cursos Artigos Login

Busca Bíblica

Ex.: Gênesis 1:2-5, 20; João 14:1-4 | templo do senhor | "Jesus Cristo"

Pesquisa Avançada Bíblia em Áudio A Bíblia em Esboço

Antigo Testamento				Novo Testamento			
Gênesis	1 Samuel	Ester	Lamentações	Miquéias	Mateus	2 Coríntios	1 Timóteo
Êxodo	2 Samuel	Jô	Ezequiel	Naum	Marcos	Gálatas	2 Timóteo
Levítico	1 Reis	Salmos	Daniel	Habacuque	Lucas	Eféios	Tito
Números	2 Reis	Provérbios	Oséias	Sofonias	João	Filipenses	Filemon
Deuteronômio	1 Crônicas	Eclesiastes	Joel	Ageu	Atos	Colossenses	Hebreus
Josué	2 Crônicas	Cantares	Amós	Zacarias	Romanos	1 Tessalonicenses	Tiago
Juízes	Esdras	Isaías	Obadias	Malaquias	1 Coríntios	2 Tessalonicenses	1 Pedro
Rute	Neemias	Jeremias	Jonas				

Planos de Leitura Bíblica

Ler a Bíblia diariamente é um excelente hábito. Escolha o plano mais adequado a você e boa leitura! Clique aqui para conhecer melhor os planos.

A Bíblia Completa	Capítulos Seleccionados da Bíblia	Novo Testamento
79º Dia - 20/03/2014	79º Dia - 20/03/2014	79º Dia - 20/03/2014
↔ Juízes 17-19 ↔	↔ Juízes 13-14 ↔	↔ João 11 ↔

Artigos do dia

Esclarecimentos Bíblicos
Algumas pessoas dizem que a Lei dos Dez Mandamentos foi abolida para os Cristãos, com base em Hebreu...

Estilo de Vida
Tenho 22 anos e há aproximadamente 4 venho enfrentando um grave problema com bebidas alcoólicas. Tud...

Figura 30.: Bíblia Online. Interface. Fonte: BÍBLIA ONLINE, 2013.

bibliaonline.net **visite sucesso espiritual** @sucessospirit sucesso espiritual

Login ou Esqueceu a sua senha? E-mail: senha: Entrar

Dúvidas Bíblicas Estudo Dirigido Pedidos de Oração Pesquisa Bíblica Colaboradores Plano de Leitura Mais... Idioma

Dicionário Conselhos Cursos Artigos Login

Pesquisa Bíblica

Pesquisa Rápida Leitura Bíblica

Versão em Português: Nova Versão Internacional

Livro: Gênesis

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

Capítulo 1

No princípio Deus criou os céus e a terra. [1]
[1] (a) Ou Quando Deus começou a criar os céus e a terra (b) sendo a terra ..., (c) disse Deus: ...

1 Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

2 Disse Deus: "Haja luz", e houve luz.

3 Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas.

4 Deus chamou à luz dia, e às trevas chamou noite. Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o primeiro dia.

5 Depois disse Deus: "Haja entre as águas um firmamento que separe águas de águas".

Capítulos:

001	002	003	004	005	006	007	008	009	010
011	012	013	014	015	016	017	018	019	020
021	022	023	024	025	026	027	028	029	030
031	032	033	034	035	036	037	038	039	040
041	042	043	044	045	046	047	048	049	050

Trocar a Versão Bíblica NVI

Clique aqui para fixar a versão

Faça o acompanhamento de sua Leitura Bíblica. Clique aqui!

Versos Favoritos
Duplo-clique no verso para selecionar...

Figura 31: Bíblia Online. Apresentação do texto bíblico, a direita links de navegação. Fonte: BÍBLIA ONLINE, 2013.

bibliaonline.net

visite **sucesso espiritual**

@sucessospirit
sucesso espiritual

Login ou Esqueceu a sua senha?
E-mail: _____
senha _____
Entrar

Dúvidas Bíblicas Estudo Dirigido Pedidos de Oração Pesquisa Bíblica Plano de Leitura Agradecimentos Mais... Idioma

Dicionário Conselhos Cursos Artigos Login

A Bíblia em Esboço

O Evangelho Segundo São Mateus

Análise nº 40
Mensagem: Jesus como REI MESSIAS
Versos chaves: 1:1 e 27:37

INTRODUÇÃO GERAL
AUTOR: Mateus (também chamado de Levi), um dos doze apóstolos, Marcos 2:14. Foi sem dúvida um judeu que também era publicano romano, Mateus 10:3. Quando foi chamado por Jesus, deixou tudo e o seguiu, Lucas 5:27-28. Preparou um grande banquete para Cristo, ao qual este assistiu, apesar de os publicanos serem desprezados. Lucas 5:29.
DESTINATÁRIOS: Principalmente os judeus. Este ponto de vista está confirmado pelas referências às profecias hebraicas, cerca de sessenta, e pelas aproximadamente quarenta citações do Antigo Testamento. Ressalta especialmente a missão de Cristo aos judeus, Mateus 10:5; 15:24.
PALAVRAS CHAVE: Cumprimento, repetida com frequência para indicar que as profecias do Antigo Testamento se cumpriram em Cristo.
REINO: aparece cinquenta vezes, e reino dos céus trinta vezes. Jesus como rei, Mateus 2:2; 21:5; 22:11, 34; 27:11, 37, 42.
PROPÓSITO APARENTE: Mostrar que Jesus de Nazaré era o Rei Messias da profecia hebraica.
PARTICULARIDADES

- (1) A genealogia completa de Cristo, 1:1-17.
- (2) Incidentes e discursos encontrados somente neste Evangelho.
 - (a) Cap. 2, a visita dos magos, v. 1. A fuga para o Egito, vs. 13-14. A matança dos meninos, v. 16. A volta a Nazaré, vs. 19-23.
 - (b) Cap. 3, os fariseus e os saduceus vêm a João Batista, v. 7.
 - (c) Caps. 5-7, o Sermão do Monte (completo).
 - (d) 11:28, "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados".
 - (e) 14:28-31, Pedro caminha sobre a água.
 - (f) Cap.23, denuncia aos fariseus em um longo discurso.
 - (g) 26:15, as trinta peças de prata aceitas por Judas.
 - (h) Cap. 27, a devolução das trinta peças de prata, vs. 3-10. O sonho da esposa de Pilatos, v.19. Aparição dos santos ressuscitados, v. 52. A guarda no túmulo, vs. 64-66.
 - (i) Cap. 28, o suborno dos soldados, vs. 12-13. O terremoto, v. 2. A grande Comissão, vs. 19-20.
- (3) Milagres encontrados somente no livro de Mateus.
 - (a) A cura dos dois cegos, 9:28-30.
 - (b) O dinheiro do tributo, 17:24-27.
- (4) Parábolas encontradas somente em Mateus.
 - (a) Cap. 13, o joio, v.24; o tesouro escondido, v.44; a pérola de grande valor, v.45; a rede, v.47.
 - (b) Cap. 18, O credor incompassivo, v.23.
 - (c) Cap. 20, os trabalhadores da vinha, vs. 1-16.
 - (d) Cap. 21, os dois filhos, vs. 28-32.
 - (e) Cap. 22, as bodas do filho do rei, vs. 1-14.
 - (f) Cap. 25, as dez virgens, vs. 1-13. Os talentos, vs. 14-30. As ovelhas e os bodes, vs. 31-46.

ANÁLISE do ponto de vista do reino de Cristo.
O Rei. A história do Rei Messias. Linhagem e nascimento, cap. 1; sua busca, 2:2; sua adoração, 2:11; seu anúncio, 3:1-12; sua vitória espiritual, 4:1-11; sua proclamação, 4:17; a chamada de seus seguidores, 4:18-22; suas leis e mandatos, caps. 5-7; suas palavras e obras, caps. 8-12; suas parábolas, cap. 13; o assassinio de seu precursor, 14:1-12; seu poder sobre as forças da natureza e sobre a doença, 14:14-36; 15:32-39; sua revelação da insensibilidade do homem e de seus sofrimentos e glória futuros, caps. 16-17; sua instrução acerca dos princípios do reino, caps. 18-20; sua entrada triunfal na capital, sua rejeição, parábolas e profecias, 21:1-22:14; sua capacidade de frustrar os complôs dos fariseus e dos saduceus, 22:15-46; sua denúncia contra os líderes, cap. 23; suas profecias e parábolas relacionadas com o futuro, caps. 24-25; eventos que levarão à sua traição, 26:1-46; seu juízo, 26:57-75; 27:1-31; sua crucificação, 27:31-50; os eventos que se seguirão imediatamente à sua morte, 27:51-56; sua reaparição na terra, e sua comissão aos seus seguidores, cap. 28.

O VALOR
(1) Renan, o céptico, descreveu este Evangelho como "o livro mais importante do Cristianismo - o livro mais importante jamais escrito".
(2) Concordamos, plenamente, quanto à sua importância, mas, preferimos dizer "um dos mais importantes".

O ESCRITOR
(1) Foi escrito por Mateus, o publicano convertido - 9:9. Em Marcos 2:14 é chamado Levi. Evidentemente Mateus foi renomeado por nosso Senhor.

Figura 32: Bíblia Online. Versão em esboço. Fonte: BÍBLIA ONLINE, 2013.

Portal da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil)⁷⁷ foi estudado por se tratar de um meio oficial da Igreja Católica no Brasil que oferece os textos bíblicos da liturgia diária na versão da Bíblia da CNBB. Vale ressaltar que a CNBB possui os direitos de uma versão completa da Bíblia Sagrada, esta versão está disponível em outros *sites*, mas não foi encontrado no portal da conferência. Na opção “A Palavra de Deus na vida” é apresentada a liturgia diária e é ofertada no *menu* a modalidade de receber tais leituras diariamente por *e-mail*. No corpo da página, do lado esquerdo tem as leituras do dia e a reflexão, abaixo o calendário onde é possível selecionar a liturgia de outros dias, meses ou anos. O texto está presente na parte central antecedida dos referenciais do tempo litúrgico adotado pela igreja católica. A reflexão se dá exclusivamente do evangelho do dia, apenas no domingo o item reflexão não aparece. A interface é simples e de acesso fácil.

The screenshot shows the CNBB website interface. At the top left is the CNBB logo, a stylized butterfly, with the text "Conferência Nacional dos Bispos do Brasil" and "CNBB" below it. To the right is a search bar with a magnifying glass icon and a "Pesquisa" button. Below the search bar is a message: "Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, a não ser este estrangeiro." A horizontal navigation menu contains links: HOME, SANTA SÉ, CELAM, CNBB, REGIONAIS, COMISSÕES EPISCOPAIS, IMPRENSA, CAMPANHAS, PUBLICAÇÕES, SERVIÇOS, MULTIMÍDIA. Below this is a sub-menu: "VOCÊ ESTÁ AQUI: HOME". The main content area is divided into several sections. On the left, there is a large image of a meeting with the caption "Estudo 104 recebe contribuições enviadas pelas dioceses" and a short text. To the right of this image are several news snippets with titles and small images, such as "Curso debate direitos humanos e relações étnico-raciais", "Monsenhor Ison Montanari é ordenado bispo em Ribeirão Preto (SP)", "Sigis Brasil prepara primeira Assembleia Geral", "Caritas Internacional promove campanha de solidariedade às vítimas de tufão nas Filipinas", "Regional Nordeste 3 realiza assembleia pastoral", "Vaticano lança livro sobre diálogo inter-religioso", "Regional Nordeste 1 realiza Assembleia da Pastoral Vocacional", and "Comissão para a Juventude propõe planejamento da evangelização nas paróquias". On the right side of the page, there is a vertical menu with categories: "ELEIÇÕES", "BÍBLIA", "COMUNICAÇÃO", "JUVENTUDE", "CE 2013", "VÍDEOS", "ÁUDIO", "IMAGENS", "PASTORAIS E ORGANISMOS" (with a dropdown menu), "ARTIGOS DOS BISPOS" (with a list of articles), and "CNBB" (with a list of links including "Liturgia Diária", "Pós-Graduados", "Bispos e Dioceses", "Cadastro dos Catequistas", "Seminários e Institutos", "O Brasil na Missão Continental", "Blog da Missão Continental", "Blog da CNBB", "Notas e Declarações", "CF", "CE", "Lectionautas Brasil", "Blog Catequese e Bíblia", and "Biblioteca: Ensino Religioso"). An arrow points to the "CNBB" section in this menu.

Figura 33: Portal CNBB. Interface. Fonte: PORTAL CNBB, 2013.

⁷⁷ PORTAL CNBB. Disponível em: <http://cnbb.org.br/>. Acesso em: 14 set. 2013.

A Palavra de Deus na vida

Santa Sé CELAM CNBB Regionais Comissões Episcopais Receba as leituras por e-mail:

Leituras

1ª Leitura - Sb 6,1-11

Salmo - Sl 81 (82), 3-4, 6-7 (8a)

Evangelho - Lc 17,11-19

Reflexão - Lc 17, 11-19

13 de Novembro de 2013
 mês: ano:

Do	Se	Te	Qu	Qi	Se	Sa
					01	02
03	04	05	06	07	08	09
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

Verde. 4ª-feira da 32ª Semana Tempo Comum

1ª Leitura - Sb 6,1-11

Escutai, ó reis, para que aprendais a Sabedoria.

Leitura do Livro da Sabedoria 6,1-11

- 1 Escutai, ó reis, e compreendei.
Instrui-vos, governadores dos confins da terra!
- 2 Prestai atenção, vós que dominais as multidões
e vos orgulhais do número de vossos súditos.
- 3 Pois o poder vos foi dado pelo Senhor
e a soberania, pelo Altíssimo.
É ele quem examinará as vossas obras
e sondará as vossas intenções;
- 4 apesar de estardes ao serviço do seu reino,
não julgastes com retidão, nem observastes a Lei,
nem procedestes conforme a vontade de Deus.
- 5 Por isso, ele cairá de repente sobre vós, de modo terrível,
porque um julgamento implacável será feito sobre os poderosos.
- 6 O pequeno pode ser perdoado por misericórdia,
mas os poderosos serão examinados com poder.
- 7 O Senhor de todos não recuará diante de ninguém
nem se deixará impressionar pela grandiosidade.

Figura 34: Portal CNBB. Liturgia diária, à esquerda *links* de navegação. Fonte: PORTAL CNBB, 2013.

O Portal Chamada⁷⁸ pertencente à Obra Missionária Chamada da Meia Noite, tem como objetivo anunciar a Bíblia. Para tal, oferece várias modalidades de acesso aos textos bíblicos, entre as modalidades estão a Bíblia *ONLINE*, Mensagens e Artigos relacionados ao contexto da Bíblia, Meditações Diárias, Cursos Bíblicos, vários destes itens estão disponibilizados em outros *sites*, que pelo visto, estão ligados a obra missionária e por isso aparecem nos *menus* do Portal.

O *site* da Bíblia *ONLINE* está inserido no portal, ao acessá-la a parte central do portal muda e traz apenas o nome “Bíblia *ONLINE*” e abaixo um campo de busca por palavras ou citações. São oferecidas duas traduções da Bíblia, sendo uma em português e outra em inglês, abaixo do campo de busca são ofertadas outras modalidades de pesquisa: “Pesquisa avançada” e “Ler um capítulo”, ambos abrem quadros de busca. No primeiro caso a busca pode ser feita por palavras, com a frase exata, com quaisquer das palavras, sem palavras, em qualquer uma das versões ofertadas ou limitar em partes da Bíblia, ou ainda por referências, isto é, a citação do texto bíblico. No segundo caso o campo aberto é menor e se escolhe o capítulo e a versão que se quer ler. Em todas as páginas tem um campo de dicas explicando como melhor usar o sistema.

Quando escolhido o livro e capítulo, o texto se abre na parte superior, antes do texto permanece a ferramenta de busca por capítulo e os *links* para outras formas de pesquisa. Acima do texto vem definido qual a versão da Bíblia e os *links* para o capítulo anterior e posterior, precedidos da indicação do capítulo escolhido. Os versículos são apresentados um a um, com nuances de cor para favorecer a leitura. Ao final do capítulo, aparecem novamente os *links* para o capítulo anterior e posterior e o campo de busca por capítulo conforme descrito anteriormente. E abaixo desses seguem dicas de utilização do campo de pesquisa. Neste caso a relação completa dos livros da Bíblia está oculta, aparecendo quando acionado. No caso do capítulo a digitação deve ser feita pelo usuário, se este digita um número do capítulo que inexistente, aparece abaixo do campo de busca o aviso que a referência digitada não foi encontrada e abre-se a listagem completa dos livros da Bíblia e suas abreviaturas, porém, sem a quantidade de capítulo por livro.

⁷⁸ PORTAL CHAMADA. Disponível em: < <http://www.chamada.com.br/biblia/>>. Acesso em: 14 set. 2013; 08 mar. 2014.

No *menu* do Portal, no canto inferior esquerdo, durante toda a navegação pela Bíblia, fica um anúncio em destaque para que se conheça como estão os lugares da Bíblia hoje. Ao acessar essa página, há uma introdução que explica as formas para se obter esse conhecimento, que pode se dar através do *Google Maps* e do *Google Earth*. Na lateral direita desse texto, são apresentadas três legendas que explicam as convenções utilizadas, sendo: sinal de interrogação “?” onde não há certeza quanto à localização, “>” indica uma grande região ao redor do ponto marcado, “~” localização aproximada. Abaixo seguem os *links* para o *Google Maps*. Ao acessar um dos *links* o mapa é aberto com as indicações dos locais da Bíblia marcados, a aproximação via mapa, de acordo com a ampliação a imagem apresentada torna-se desfocada, então é possível utilizar o recurso das fotos que oferecem a visão panorâmica das vias e locais conforme os recursos disponíveis no *Google Maps*, não há informações adicionais no mapa a não ser na lista que fica na lateral direita com os nomes dos locais e as citações bíblicas correspondentes. Já no *Google Earth* ficam disponibilizados outros recursos próprios como sobrevoar as imagens em 3D e os locais mais famosos com guia turístico.

No *menu* principal (vertical) o usuário pode optar pelos canais ou pelos *sites* vinculados ao portal. No canal das mensagens, são disponibilizadas mensagens diárias que refletem sobre um versículo bíblico que pode ser compartilhado via redes sociais. Oferece a possibilidade de ler mensagens de outras datas. Na parte inferior desta página são colocados três *links* que remetem a outros *sites* que trazem conteúdos da Bíblia com outros desdobramentos reflexivos, tais como: “Todo dia com as Escrituras”, “Todo dia com a Paz” e “Todo o dia com Jesus”. Esses conteúdos estão sempre ilustrados com fotos ou desenhos. Tais *sites* estão disponíveis entre outros que figuram na lista localizada no *menu* principal (vertical) citado a cima, mas desta vez pelo nome do *site*. Esses *sites* oferecem conteúdos específicos para crianças, jovens, adultos, são temas direcionados. No caso do infantil, tem atividades, jogos *online* ou não, cursos bíblicos, mensagens, papéis de parede, tirinhas de quadrinhos, tudo baseado em temáticas bíblicas (quebra- cabeças, desenhos para colorir, atividades). Também são ofertados Cursos Bíblicos, porém ao acessar o link, a página se abre com um aviso que está desativado por razões técnicas.

Chamada.com.br

Seu carrinho
0 itens - 0,00
com mais 50,00,
ganhe um BRINDE

11º Congresso Internacional
Sobre a Palavra Profética

O Acelerado
Cumprimento
das Profecias

Bíblia Online »

lugares da Bíblia

Saiba onde ficam os locais mencionados na Bíblia e como eles estão hoje. A versão mais simples pode ser vista no Google Maps. Para ter mais opções e recursos, instale o [Google Earth](#) em seu computador. Use nossos links especiais para ver imagens de satélite e fotografias atuais das cidades e localidades mencionadas nos livros da Bíblia.

Links para o Google Earth

- [Gênesis](#)
- [Êxodo](#)
- [Levítico](#)
- [Números](#)
- [Deuteronômio](#)
- [Isaías](#)
- [Jeremias](#)
- [Lamentações](#)
- [Ezequiel](#)
- [Daniel](#)
- [Romanos](#)
- [1 Coríntios](#)
- [2 Coríntios](#)
- [Gálatas](#)
- [Efésios](#)

Legenda

? - Não há certeza quanto à localização

> - Indica uma grande região ao redor do ponto marcado

~ - Localização aproximada

Figuras 35: Lugares da Bíblia, para ver imagens dos locais como estão hoje.

Fonte: PORTAL CHAMADA, 2014.

Chamada.com.br

Seu carrinho
0 itens - 0,00
com mais 50,00,
ganhe um BRINDE

BÍBLIA ONLINE

Leia um capítulo

Livro: Capítulo: Ler

Versão: Pesquisa avançada > Pesquisa simples >

Almeida Corrigida e Revisada Fiel

[Gênesis 1](#) | [Capítulo anterior](#) | [Próximo capítulo](#)

Veja os locais mencionados em Gênesis: [Google Maps](#) | [Google Earth](#)

1 NO princípio criou Deus os céus e a terra.

2 E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

3 E disse Deus: Haja luz; e houve luz.

4 E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas.

5 E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro.

6 E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas.

7 E fez Deus a expansão, e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão; e assim foi.

8 E chamou Deus à expansão Céus, e foi a tarde e a manhã, o dia segundo.

9 E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca; e assim

Confira

As Profecias de DANIEL
Perspectivas de Futuro
Northon Lamb

As Profecias de Daniel -
Perspectivas de Futuro
R\$ 25,10

Wm. Miller
JOSE ESUS

Figuras 36: Bíblia Online, apresentação do texto bíblico.

Fonte: PORTAL CHAMADA, 2014.

Portal Canção Nova⁷⁹, pertence à Fundação João Paulo II, entidade católica ligada a Associação Internacional Privada de Fiéis Canção Nova, que tem por missão a evangelização pelos meios de comunicação social: revista, rádio AM e FM, TV, portal, *WEBTV*, *mobile*, *blogs* e produtos de evangelização tais como CDs, DVDs, livros, vestuário. É considerado um dos maiores Portais Católicos do Brasil na atualidade em número de acessos⁸⁰, nele são disponibilizados diariamente conteúdos relacionados à evangelização, tais como: liturgia diária, mensagem do dia, homilia diária, vídeos, transmissões ao vivo de missas por rádio e TV, *blogs* que refletem sobre textos bíblicos, catequese, relações humanas (família, namoro, religião, etc.) e mensagens de fé e esperança.



Figura 37: Quantidade de acessos ao Portal Canção Nova. Fonte: ALEXA, 2013.

⁷⁹ PORTAL CANÇÃO NOVA. Disponível em: <www.cancaonova.com>. Acesso em: 26 out. 2013.

⁸⁰ ALEXA. Disponível em: <<http://www.alexa.com/siteinfo/cancaonova.com>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

No canal **Liturgia Diária** são apresentados os textos bíblicos da liturgia da Igreja Católica, conforme lecionário, com opções de compartilhamento no *facebook*, *twitter* e por *e-mail*. Na parte superior do canal existe um *menu* rápido para a homília do dia em texto que pode ser ouvida em *podcast*, comentários podem ser deixados através do *facebook*. No lado direito possui um calendário onde é possível acessar a liturgia de outros dias e meses e a história do Santo do Dia. Todo o conteúdo pode ser disponibilizado pelos usuários através das redes sociais, *e-mail* ou impresso, a partir de *links* presentes na tela. No canal *Podcast* os conteúdos relacionados aos textos bíblicos são divididos em categorias, em destaque ficam os mais ativos, os relacionados com a Bíblia são: “Salmos Dominicais” os salmos da liturgia são tocados e cantados de forma a contribuir com os ministérios de música das paróquias; “*Pod Homilia*” que é a homilia da liturgia do dia feita de forma breve por um sacerdote; “Sorrindo pra Vida” disponibiliza o áudio do programa que medita e reza com o texto bíblico. Existem outras dezesseis categorias onde estão subdivididos os canais, dentro dessas categorias têm alguns canais que partem do texto bíblico, como por exemplo: “Por trás das Palavras” com dicas sobre os livros bíblicos, para quem deseja fazer estudo desses livros; “No Coração da Igreja” que reflete entre outros temas relacionados aos Evangelhos, a catequese e Igreja.

Trata-se de um portal que possui diversos conteúdos relacionados aos textos bíblicos. A navegação para quem busca tais textos é feita através de *menus* diretos para as páginas e entre as páginas. No canto inferior direito da página principal do portal existe um *box* que oferece alguns aplicativos para dispositivos móveis, o aplicativo Diário da Palavra, pertinente a esta pesquisa, será citados no item “A Bíblia em aplicativos para dispositivos móveis e computadores”.

TV RÁDIO AM RÁDIO FM MOBILE CHAT LOJA español francês italiano

Canção Nova UM MUNDO NOVO AO SEU ALCANCE Q buscar


A CANÇÃO NOVA

Fundador
Quem somos
Frentes de missão

CANAIS

Blogs
Chat
Clube
Editora
Eventos
Faculdade Canção Nova
Formação
Galeria de Fotos
Homilia Diária
Imprensa
Infantojuvenil
Instituto Canção Nova
Liturgia Diária
Loja
Mensagem do Dia
Mobile
Música
Notícias
Obras Sociais
Podcast
Porta a Porta
Rádio AM
Rádio FM
Santo do Dia
Sites Católicos
SMS
TV Canção Nova
Vocação
Web TVCN

DESTAQUES



Como superar as perdas na vida? <>

ANO DA FÉ
Padre comenta vida em sociedade à luz da doutrina social


SORRINDO PRA VIDA
O Senhor nos conduz pelo caminho da verdade

HOMILIA DIÁRIA
Tenha um coração agradecido

PROFESSOR FELIPE
O mal que fazem as novelas

veja mais destaques >

NOTÍCIAS



Doutrina Social da Igreja
Família é a coluna vertebral da humanidade, diz professor

Paróquias
Estado 104 da CNBB recebe contribuições enviadas pelas dioceses

Por 3 meses
150 planos de saúde de 41 operadoras são suspensos


Comunicação católica
Signis Brasil prepara primeira Assembleia Geral

veja mais notícias >


EVENTOS <>

14 NOV 2013 Acampamento de Cura e Libertação CACHOEIRA RAULISTASP


MENSAGENS DO DIA



MONSENHOR JONAS ABIB
A transformação do seu temperamento está na adoração

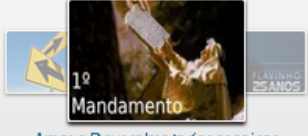


LUZIA SANTIAGO
Em nossa vida precisamos tomar sempre decisões



RICARDO SÁ
Falar bem de todos?


WEB TV <>



1º Mandamento
Amar a Deus sobre todas as coisas

VEJA MAIS VÍDEOS >

FORMAÇÃO



O Ano da Fé e o Catecismo da Igreja
Texto de referência para o ensino da Doutrina Católica


Vai e restaura a minha Igreja!
A Igreja deve despojar-se da mundanidade

Qual é o preço da virgindade?
Algo precioso a se guardar, esperar e para se doar

Amor perfeito
A perfeição desse amor desejado se faz no sacrifício da entrega


veja mais conteúdo de formação >

ESPECIAIS

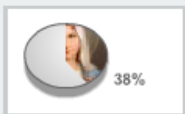


Twitter Facebook YouTube RSS


DOAÇÃO ONLINE




DAI-ME ALMAS



PEDIDO DE ORAÇÃO

Envie seu pedido de oração 

LOJA




Livro As Cinco Fases do Namoro
Sandro Arquejada

R\$ 19,90

< . . . >

APLICATIVOS MOBILE



Rádio CN FM

Apple iOS **BADCAR**

Android **BADCAR**

Figura 38: Portal Canção Nova. Interface. Fonte: PORTAL CANÇÃO NOVA, 2013.

LITURGIADIÁRIA HOME SANTO DO DIA HOMILIA Search

32ª Semana Comum – Quarta-feira 13/11/13

1ª Leitura Salmo Evangelho

Conheça a história de Santo Estanislau
Primeira Leitura (Sb 6,1-11)

Leitura do Livro da Sabedoria.

1Escutai, ó reis, e compreendei. Instruí-vos, governadores dos confins da terra!
2Prestai atenção, vós que dominais as multidões e vos orgulhais do número dos vossos súditos. **3**Pois o poder vos foi dado pelo Senhor e a soberania pelo Altíssimo. É ele quem examinará as vossas obras e sondará as vossas intenções; **4**apesar de estardes a serviço do seu reino, não julgastes com retidão, nem observastes a Lei, nem procedestes conforme a vontade de Deus. **5**Por isso, ele cairá de repente sobre vós, de modo terrível, porque um julgamento implacável será feito sobre os poderosos.

6O pequeno pode ser perdoado por misericórdia, mas os poderosos serão examinados com poder. **7**O Senhor de todos não recuará diante de ninguém nem se deixará impressionar pela grandeza, porque o pequeno e o grande foi ele quem os fez, e a sua providência é a mesma para com todos; **8**mas para os poderosos, o julgamento será severo.

9A vós, pois, governantes, dirigem-se as minhas palavras, para que aprendais a Sabedoria e não venhais a tropeçar. **10**Os que observam fielmente as coisas santas serão justificados; e os que as aprenderem vão encontrar sua defesa. **11**Portanto, desejai ardentemente minhas palavras, amai-as e sereis instruídos.

- Palavra do Senhor.
- **Graças a Deus.**

Liturgia Diária POR DATA
OUT 2013 **NOVEMBRO** DEZ 2013

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

Santo do Dia VER MAIS SANTOS >

13 de Novembro de 2013

Santo Estanislau
O santo, que lembramos com muito carinho... *Leia Mais*

Figura 39. Portal Canção Nova: Liturgia Diária. Fonte: PORTAL CANÇÃO NOVA, 2013.

shopping blog rádio tv ao vivo webtvn cancaonova.com

Canção Nova PODCAST HOME Conheça essa tecnologia CATEGORIAS encontre assuntos do seu interesse AUTORES conheça quem faz o conteúdo CANAIS acesse nossos podcasts

SALMOS DOMINICAIS - HTTP://PODCAST.CANCAONOVA.COM/CANAL/SALMOS-DOMINICAIS

DESCRIÇÃO

DETALHES
PODCAST: 254
CRIADO POR: Canal da música
CATEGORIA: Música

TAGS: Salmo
DATA DA CRIAÇÃO: 27/04/2009

MAIS PROCURADAS

ÚLTIMOS EPISÓDIOS

Melodia do Salmo 97
O Senhor virá julgar a terra inteira; com justiça julgará
DURAÇÃO: 00:04:41 | PUBLICADO EM: 11/11/2013 09:00

Ouca e baixe a melodia do Salmo 23
Aqui assim a geração dos que procuram o Senhor
DURAÇÃO: 00:01:20 | PUBLICADO EM: 25/10/2013 16:00

QUEM É O AUTOR

CANAL DA MÚSICA
REGISTRADO DESDE 30/03/2009
SOBRE MIM
PROFISSÃO Produtora
INTERESSES
CANAIS: 2
PODCAST 460
VER PERFIL COMPLETO

ENVIAR PARA AMIGOS
COMENTÁRIOS: 902

BUSCAR NESTE CANAL

Find us on Facebook
Canção Nova
You and 1,130,969 others like Canção Nova.

Figura 40: Portal Canção Nova. Podcast Salmos Dominicais. Fonte: PORTAL CANÇÃO NOVA, 2013.

HOMILIA DIÁRIA

ENVIAR PARA AMIGOS

OUVINTES: 36

Deus é a recompensa dos justos Homilia do dia 12 de novembro

DESCRIÇÃO
Homilia Diária com padre Roger Araújo

DETALHES
DURAÇÃO: 00:04:37
AUTOR: Homilia Diária
DATA DA PUBLICAÇÃO: 11/11/2013 00:10
CATEGORIA: [Catequese](#) [Formação](#) [Espiritualidade](#) [Igreja](#)
CANAL: Pod Homilia

LINKS RELACIONADOS:
<http://homilia.cancaonova.com/>

TAGS RELACIONADAS: [Homilia](#) [Padre Roger Araújo](#) [Morte](#) [Vida](#) [Eternidade](#) [Céu](#)

Deus é a recompensa dos justos 04:37

ITUNES

COMENTÁRIOS

COMENTAR

// PODCAST RELACIONADOS
[DEUS É A RECOMPENSA DOS JUSTOS](#)
por: Homilia Diária

// CANAIS DO MESMO AUTOR
[HOMILIA DIÁRIA](#) [Pod Homilia](#)
criado por: Homilia Diária

Figura 41: Portal Canção Nova. Homilia Diária. Fonte: PORTAL CANÇÃO NOVA, 2013.

SORRINDO PRA VIDA

ENVIAR PARA AMIGOS

OUVINTES: 2449

Deus precisa de tempo para preparar você Sorrindo pra Vida - 07/11/13

DESCRIÇÃO
Reflexão do missionário Márcio Mendes sobre a passagem bíblica que está Ato dos Apóstolos 7,30-36.

DETALHES
DURAÇÃO: 00:51:02
AUTOR: Clube da Evangelização
DATA DA PUBLICAÇÃO: 07/11/2013 00:00
CATEGORIA: [Formação](#)
CANAL: Sorrindo pra vida

TAGS RELACIONADAS:
[Cancaonova](#) [Clube Sorrindopra Vida](#) [Podcast M P3](#) [marciomendes](#) [Deus](#) [Tempo](#) [Tribulação](#) [Preparo](#) [Paciência](#) [Vitória](#)

Deus precisa de tempo para preparar 51:02

ITUNES

COMENTÁRIOS

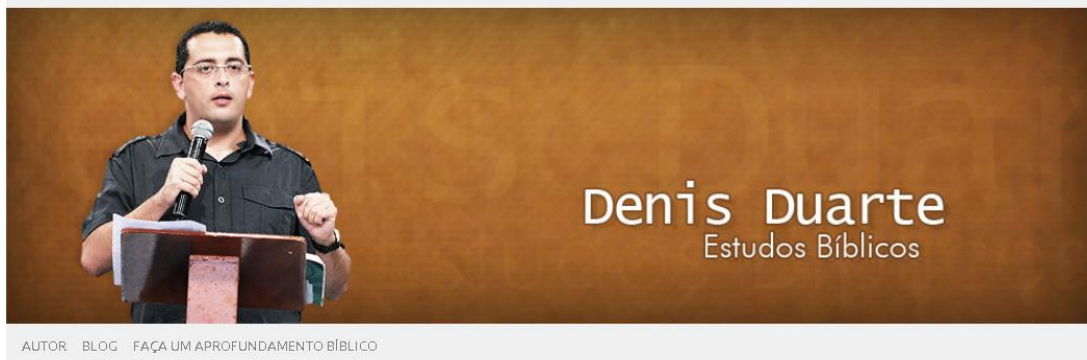
COMENTAR

VOLTAR

// PODCAST RELACIONADOS
[DEUS PRECISA DE TEMPO PARA PREPARAR VOCÊ](#)
por: Clube da Evangelização

// CANAIS DO MESMO AUTOR
[SORRINDO PRA VIDA](#)
criado por: Clube da Evangelização

Figura 42: Portal Canção Nova: Sorrindo pra Vida. Fonte: PORTAL CANÇÃO NOVA, 2013.



AUTOR · BLOG · FAÇA UM APROFUNDAMENTO BÍBLICO

A relação entre o Antigo e o Novo Testamento

19. setembro 2013 · 1 comment · Categories: Artigos · Tags: antigo, biblia, estudo, novo testamento

O Antigo e o Novo Testamento: visão de conjunto



A Constituição Dogmática Dei Verbum, sobre a revelação divina nas Sagradas Escrituras nos ensina que: ... Deus, inspirador e autor dos livros dos dois Testamentos, dispôs tão sábiamente as coisas, que o Novo Testamento está latente no Antigo, e o Antigo está patente no Novo.

Isso indica que há uma relação viva entre o Antigo e o Novo Testamento. E é também por isso que, às vezes,

encontramos na Bíblia, palavras ou expressões que parecem estar soltas, sem sentido naquele texto. Nessa hora é preciso entender que existe uma ligação entre os textos e ficar atentos ao campo semântico a que essas palavras e expressões talvez pertençam.

Mas o que é campo semântico? É um grupo de palavras que se relacionam entre si, pois se ligam pelo sentido que representam. Por exemplo, quando dizemos um grupo de palavras como: multa, semáforo, pedestres, saberemos que essas palavras fazem parte do campo semântico do trânsito, pois aí elas se relacionam e adquirem sentido.

O QUE VOCE PROCURA?



CONHEÇA E ADQUIRA



Dinheiro à luz da fé



Entenda os textos da Bíblia

Figura 43: Portal Canção Nova. Estudos Bíblicos. Fonte: PORTAL CANÇÃO NOVA, 2013.

QUADRO COMPARATIVO 01

HIPERMÍDIA												
HIPERTEXTO									MULTIMÍDIA			
USABILIDADE					INTERATIVIDADE				SOM	TEXTO	IMAGEM	VÍDEO
Facilidade de uso e acesso interface					Diversidade de elos, conexões, associações, nós							
PORTAL SITES	Ótima	Boa	Regular	Baixa	Ótima	Boa	Regular	Baixa	Voz música ruído	Texto escrito	Fotos mapa desenho animação	Animado s vivo gravado
Bíblia Paulus				X				X		X		
Bíblia Ave Maria			X				X			X		
Bíblia Católica			X				X		X	X	X	
Bíblia online			X				X		X	X	X	
Bíblia online.net			X					X		X	X	
Portal CNBB				X		X		X		X	X	
Bíblia ONLINE		X				X				X	X	
Portal a Chamada		X								X	X	X
Portal Canção Nova		X				X			X	X	X	X
Total por item	0	3	4	1		3	3	3	3	9	7	2

Quanto a USABILIDADE, isto é, as facilidades de uso e acesso ao conteúdo através da interface, os *sites* e portais estudados encontram-se em sua maioria entre bom e regular, apenas um ficou a baixo por se tratar de uma plataforma construída nos primeiros modelos de texto sem atrativos visuais, o que não significa falta de conteúdo, mas menos intuitiva.

Quanto a INTERATIVIDADE, os *sites* e portais praticamente ficam centrados em seus próprios celeiros de conteúdos, os que foram considerados nesta análise como de baixa interatividade são porque se concentram aos conteúdos textuais específicos da Bíblia impressa; os considerados regulares trazem conexões que funcionam relativamente bem, mas exclusivamente dentro do que se propõe como disponibilização do texto escrito, sem nenhuma outra forma de conexão com conteúdos diversos. Os considerados bons trazem apresentações variadas do texto bíblico e algumas possibilidades ilustrativas a mais, que é próprio da linguagem hipermidiática, porém, nenhum destes explora de fato todas as possibilidades oferecidas pelo hipertexto e os possíveis elos com conteúdos fora de seus domínios.

Quanto a MULTIMÍDIA a maioria dos *sites* oferecem apenas o TEXTO e no máximo desenhos ou fotos meramente ilustrativos. Apenas três deles oferecem SOM, isto é, alguma forma de leitura da Bíblia, sendo que alguns é o texto bíblico lido de forma corrente e outras são meditações. No que se referem à IMAGEM, os mais ousados oferecem um *tour* através dos recursos do *Google Maps* ou *Google Earth* os demais ficam com as imagens mais usuais já contidas na Bíblia impressa ou por se tratarem de uma extensão da programação (de rádio ou TV) oferecida por aquele grupo de comunicação e que as disponibiliza via *internet*.

Portanto, o que se encontra no momento desta pesquisa sobre a Bíblia na Hipermídia, em *sites* e portais, no caso de apresentação do conteúdo por inteiro, são modalidades que possuem características semelhantes a da apresentação dos textos bíblicos impressos. A distinção ocorre de acordo com a interface dos portais ou *sites*, e com a aplicação de algumas ferramentas de pesquisa que busca por palavras com a aplicação de um ou mais filtros e a possibilidade de confrontar outras traduções da Bíblia na mesma tela. Outra possibilidade é organizar de forma mais visual os agrupamentos dos livros conforme o cânone e oferecer breves explicações sobre o mesmo, tais formatos, favorecem o conhecimento de detalhes que na modalidade impressa nem sempre ficam evidentes. Mas, em geral, a forma de apresentação do conteúdo da Bíblia se dá em formato de texto associado a um sistema de busca rápida.

Alguns Portais ou *Sites* que apresentam os conteúdos bíblicos em partes e não em sua totalidade, o fazem a partir de mensagens temáticas, programas, jogos, *podcast*, transmissões ao vivo de programas baseados nos conteúdos da bíblia adequados as faixas etárias (infantil,

juvenil ou adulto). São bem ilustrados, alguns deixam diversas formas de conexão com esses conteúdos diversos, outros por se tratarem de portais mais amplos, fazem o retorno pelo *menu* principal.

No caso da interface dos modelos estudados algumas são bem elaboradas, outras bem simples e básicas, atendendo ao que se propõem, isto é, colocar a Bíblia em formato digital. Alguns trazem suas páginas ilustradas com imagens e ícones que permitem acesso em poucos cliques e compartilhamento com redes sociais ou *e-mails*. Os retornos “*back*” funcionam bem e, tal rapidez e funcionalidade possibilitam uma leitura dinâmica e confortável, pois com a possibilidade da adequação do tamanho da fonte é possível à leitura até mesmo por aqueles que possuem algum tipo de dificuldade visual. Porém, os *sites* e portais, encontrados nem sempre oferecem outras formas de multimídia, se atendo em sua maioria as conexões dentro do seu próprio conteúdo, portanto, não indo além do texto ou das mídias ali contidas e das facilidades de navegação, sem propor conteúdos que possam ir além do texto e conexões com outros *sites* de conteúdos relacionados.

O Portal Canção Nova oferta canais específicos de áudio e vídeo que trazem tais conteúdos produzidos especificamente para o meio *web* através de *blogs e podcast*, disponíveis *online*. Quanto a “Liturgia Diária”, isto é, os textos que compõem a liturgia da missa católica, a novidade apresentada no canal *Podcast* está no fato de oferecer o salmo da missa do próximo domingo cantado, favorecendo as equipes paroquiais de liturgia e canto, essa é uma contribuição interessante que envolve sons (música) e se configura em uma prestação de serviço as comunidades paroquiais. A Bíblia é ofertada no portal para ser baixada através do aplicativo Diário da Palavra que será estudado abaixo, mas não para ser lida no portal.

Alguns dos *sites* estudados oferecem planos de leitura, comumente chamados de “estudo bíblico” esta é uma forma interessante de favorecer aqueles usuários que não sabem por onde começar a ler a Bíblia e quando começam pelo primeiro livro, como se fosse um livro comum, logo desistem. Monsenhor Jonas Abib, fundador da Comunidade Canção Nova explica que:

A Bíblia não é um livro, é uma biblioteca (...) você não chega numa biblioteca e começa a ler um livro após o outro, na ordem em que eles estão na estante. Da mesma forma você não pode começar em Gênesis e ir lendo um livro após outro na ordem em que estão nessa estante, chamada Bíblia (...) é necessário, portanto, um plano de leitura.” Muitos planos de leitura podem ser feitos. (ABIB, 1991, p. 15).

3.2.2 A BÍBLIA EM APLICATIVOS PARA DISPOSITIVOS MÓVEIS E COMPUTADORES

Aplicativos são *softwares* desenvolvidos para dispositivos móveis como *tablets*, *PDA*s, *smartphones* e também para computadores. Ao baixar um aplicativo o usuário obtém a aplicação, instala e usa quando quiser, isso possibilita menor dependência de conexões com a *internet* e menores custos. Os aplicativos possibilitam utilização de recursos gráficos e de interface proporcionando agilidade, costuma ser mais agradável para o usuário além de oferecer o conteúdo todo ou parte dele com acesso *off-line*. A partir de um ícone dentro do dispositivo móvel, é possível criar um vínculo mais direto e recorrente com o usuário do que aqueles que são proporcionados por um *site* móvel, mesmo quando este está selecionado como favorito no navegador. Outras características que alguns aplicativos trazem é ter a parte de interface já instalada no dispositivo móvel, o que reduz o tráfego de dados para acessar um determinado conteúdo da *internet*, mas outros dependem da *internet* para o carregamento de alguns itens.

Este estudo buscou por aplicativos que apresentam formas de se ter acesso ao conteúdo da Bíblia ou partes dela para serem utilizados em dispositivos móveis ou computadores, ofertados na língua portuguesa. Foram selecionados para este estudo os aplicativos gratuitos.

A Bíblia Sagrada, desenvolvido por Dhiogo Brustolin, é um aplicativo para leitura da Bíblia, simplificado e direto, a página inicial de abertura traz a mesma arte de sua identidade visual, aparece somente na primeira vez que o aplicativo é aberto no dia, nas demais aberturas retorna ao último texto bíblico selecionado, este entra automaticamente em rolamento após o primeiro toque na tela. A apresentação se dá da seguinte forma no *tablet*: uma barra superior preta tendo ao centro o nome Bíblia e do lado direito opções, sendo uma com o ícone de uma lupa, que apresenta um campo para pesquisa por palavras que indicará os versículos da Bíblia que trazem aquela palavra, a modalidade identifica por palavra⁸¹, o sistema não reconhece frases ou citações. Ao lado desta opção tem um ícone que remete as configurações que oferece três tamanhos de fonte e dois tipos de tema, o claro que é página branca com fonte

⁸¹ A pesquisa por palavra é um tipo de organização da informação que indexa a palavra, como por exemplo, o Google que busca determinado termo em milhões de páginas disponíveis na *web*.

preta e o escuro que é página preta com fonte branca. Do lado direito da tarja tem uma opção que traz a abreviatura da passagem bíblica seguida do número do capítulo, ao tocar neste abre a escolha, uma lista com todos os livros da Bíblia e seus respectivos capítulos, basta tocar no livro e selecionar o capítulo que a passagem bíblica se abre. O aplicativo tem foco exclusivo na reprodução integral da Bíblia, não especifica qual a tradução utilizada.

Dados técnicos:

Última atualização: 21 fev. 2013

Versão 2.0,

Tamanho 3.8 MB,

Vendedor: Dhiogo Bustolin

Desenvolvedor: Dhiogo Bustolin

Classificação +4, avaliado como excelente pelos usuários.

Compatibilidade: requer o iOS 5.0 ou posterior. Compatível com iPhone, iPad, iPod touch.



Figura 44: A Bíblia Sagrada. Ícone do aplicativo. Fonte: BUSTOLIN, 2013.

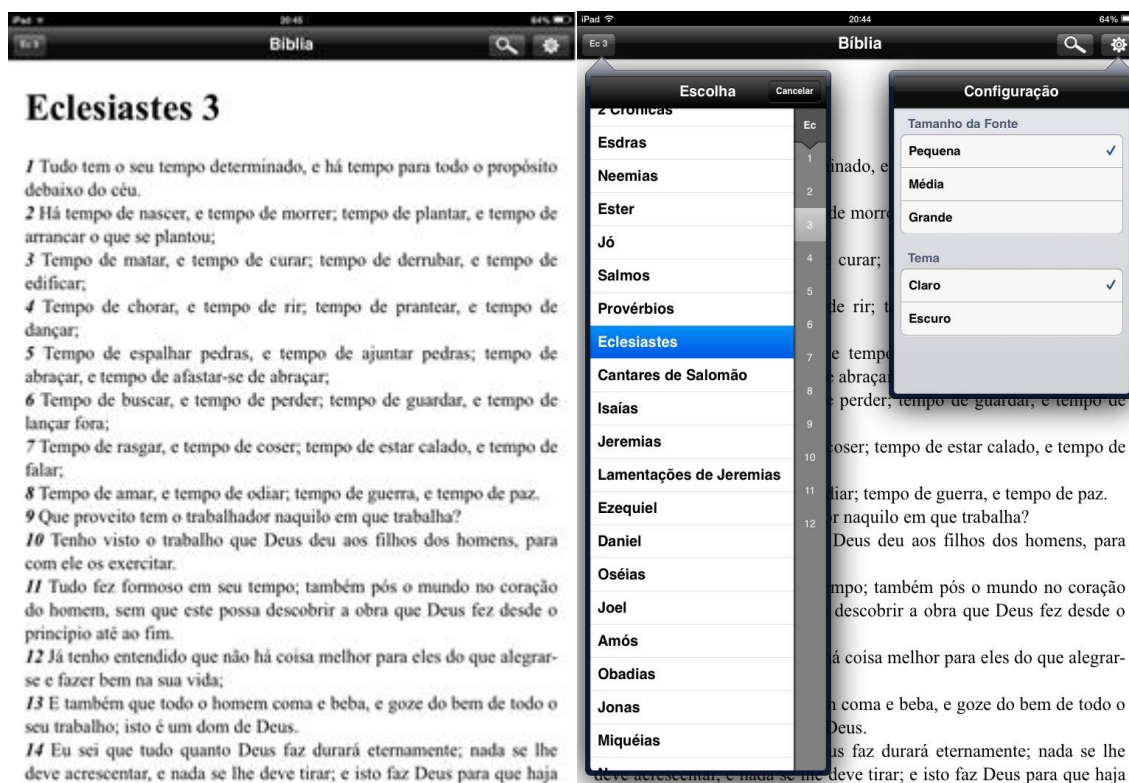


Figura 45: Texto bíblico. Fonte: BUSTOLIN, 2013.

Figura 46: Menus de navegação. Fonte: BUSTOLIN, 2013.

Bíblia Sagrada Free, desenvolvido por Petrucci Tecnologia e Serviços de Informática Ltda trata-se de um aplicativo com foco exclusivo no texto bíblico da Edição João Ferreira de Almeida Corrigida, ao abrir no *tablet* ele permite a leitura na posição vertical. Sua interface traz uma tarja superior com o nome Bíblia Sagrada, na parte inferior da página uma tarja preta com dois ícones, um representando o Antigo Testamento (em forma estilizada de tábuas da lei) e o outro indicando o Novo Testamento (em forma de livro) ao ser acionado o ícone troca de cor. Qualquer que seja o testamento escolhido será apresentado a sequência dos livros que são divididos em grupos de acordo com as divisões do Antigo Testamento (Pentateuco, Livros históricos, livros poéticos, livros dos profetas maiores, livro dos profetas menores) e Novo Testamento (Evangelhos, Livro Histórico, Cartas de São Paulo, Cartas Gerais, Livro Profético), no corpo da página estão dispostos os livros em seus devidos agrupamentos, sendo cada linha um *link* para o livro, ao seguir o *link* apresenta outra página semelhante que oferece na tarja superior o nome do livro e sua forma abreviada ao centro, a esquerda a opção voltar e em baixo da tarja a informação de quantos capítulos e versículos possui aquele livro. É possível acessar o texto ao tocar no título do capítulo. Neste caso não há rolamento automático do texto. Ao acessar algum capítulo, são acrescentadas na tarja superior (à direita) duas setas que permitem avançar ou voltar nos capítulos daquele livro. A interface usada é simples e repetitiva, o sistema de seleção que se desdobra em várias páginas semelhantes torna o sistema mais extenso, em contra partida oferece através da disposição em páginas alguns desdobramentos de informações.

Dados técnicos:

Desenvolvido em: 2009

Última atualização: 03 dez. 2011

Versão 1.2.3

Tamanho 9,3 MB

Vendedor: Petrucci Tecnologia e Serviços de Informática Ltda

Desenvolvedor: Petrucci Tecnologia e Serviços de Informática Ltda

Classificação +4, bem avaliado pelos usuários.

Compatibilidade: requer o iOS 4.2 ou posterior. Compatível com iPhone, iPad, iPod touch.



Ver no iTunes

+ Este app foi desenvolvido para iPhone e iPad

Grátis

Categoria: [Estilo de vida](#)
 Atualizado: 03/12/2011
 Versão: 1.2.3
 Tamanho: 9.3 MB
 Idioma: Inglês
 Vendedor: Petrucci Tecnologia e Serviços de Informática Ltda
 © 2009 Petrucci
 Classificação +4

Compatibilidade: Requer o iOS 4.2 ou posterior. Compatível com iPhone, iPad e iPod touch.

Avaliações de clientes

Versão atual:
 ★★★★★ 112 avaliações
 Todas as versões:
 ★★★★★ 975 avaliações

Mais de Petrucci
 Tecnologia e
 Serviços de
 Informática Ltda

Descrição

Bíblia Sagrada Edição Almeida e Corrigida.

[Site para Petrucci Tecnologia e Serviços de Informática Ltda](#) [Suporte para Bíblia Sagrada Free](#)

Novidades da versão 1.2.3

Suporte ao iPad.

Captura de telas



Figura 47: Bíblia Free. Apresentação do aplicativo na App Store. Fonte: PETRUCCI, 2013.



Gênesis 1

1 No princípio criou Deus os céus e a terra. **2** E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. **3** E disse Deus: Haja luz; e houve luz. **4** E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. **5** E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro. **6** E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas. **7** E fez Deus a expansão, e fez separação

Figura 48: Bíblia Free. Texto bíblico disponibilizado pelo aplicativo. Fonte: PETRUCCI, 2013.

Bíblia Sagrada, projeto desenvolvido pela empresa Netfilter, traz o texto bíblico na Tradução da CNBB, de forma direta na tela, iniciando pelo primeiro livro da Bíblia, o Gênesis. Ao tocar na parte superior da tela aparece uma tarja superior vermelha com o nome Bíblia Sagrada ao centro e a esquerda o ícone “*menu*” que apresenta um tópico denominado pelo projeto de interface como “Itens Padrão” que contém *links* para: “Livros”, “Fonte” e “Sobre”; “Itens Premium” os *links*: “Buscar”, “Página Aleatória”, “Marca-Páginas”, “Marca-Textos” e depois outro campo com “*Apps* que precisa conhecer”, no qual apresenta duas sugestões (iTerço e Orações). Ao acessar os “Itens Padrão” “Livros” novo campo de navegação abre no centro da tela um *menu* denominado “Livros” iniciando com um dispositivo de busca e abaixo uma lista de livros dispostos um em cada linha, estas linhas são *links* que apresentam os livros a serem escolhidos pelo usuário. Após a escolha outro quadro igual se abre com os capítulos, e na tarja superior ficam duas opções, sendo o da esquerda para voltar à lista de livros e o da direita para cancelar. Ao escolher um capítulo apresenta outra página semelhante sendo cada linha um versículo, ao acessar o versículo abre-se, então, o texto bíblico escolhido. Para passar pelos capítulos basta tocar a tela para a direita ou esquerda que as páginas vão passando sequencialmente com o capítulo por inteiro. A tarja superior para navegação só aparece sobre os textos bíblicos quando a tela é tocada quer seja na posição paisagem ou retrato. O Item “sobre”, aparece informações sobre o desenvolvedor e *design* de interface e informações sobre o Texto Bíblico que é disponibilizado, que neste caso, trata-se do Texto da CNBB – Versão Neo vulgta (NVg) e um índice que explica as convenções usadas na apresentação do texto bíblico, por exemplo a cor verde são citações da NVg, o vermelho são citações da CNBB e a cor azul adições das versões gregas canônicas. Os “Itens Premium” não foram acessados porque não são gratuitos.

Dados técnicos:

Última atualização: 01 out. 2013

Versão 4.0.1

Tamanho 26,4 MB

Vendedor: Netfilter Ltda

Desenvolvedor: Netfilter Ltda

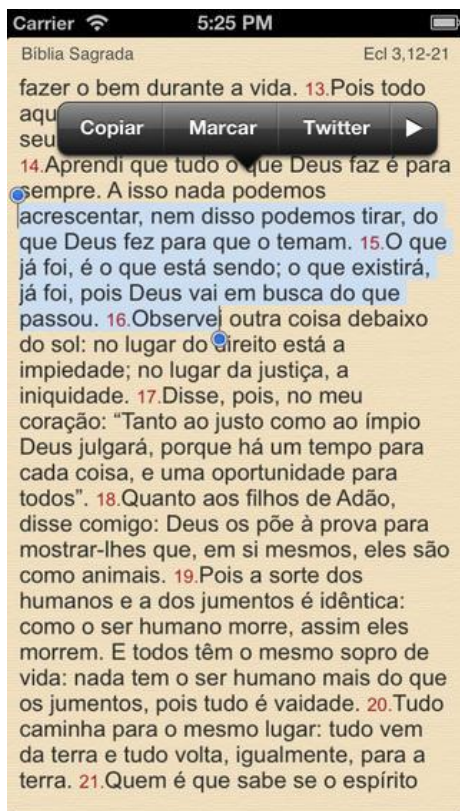
Classificação +4, bem avaliado pelos usuários.

Compatibilidade: requer o iOS 5.0 ou posterior. Compatível com iPhone, iPad, iPod touch. Android



Figura 49: Bíblia Sagrada (Netfilter). Ícone que identifica o aplicativo.

Fonte: NETFILTER, 2013.



Figuras 50 e 51: Bíblia Sagrada (Netfilter). *Menu* de personalização. Fonte: NETFILTER, 2013.



Figuras 52 e 53. Bíblia Sagrada (Netfilter). *Menu* de navegação. Fonte: NETFILTER, 2013.

Bíblia +1 aplicativo desenvolvido por *Just 1 Word, Inc.* está disponível gratuitamente por tempo limitado e permite baixar versões da Bíblia para uso *off-line* em vários idiomas. Permite escrever anotações pessoais sobre o texto bíblico escolhido e ainda destacar os versículos em cores diferentes, buscar definição em dicionário. Sua apresentação é mais elaborada, apesar de parecer simples, com diversos *menus* que proporcionam experiências variadas. O *design* de interface é composto por uma barra superior na cor laranja que traz ao centro o nome da seção escolhida e da versão da Bíblia que está aberta, e mais quatro opções de navegação sendo um “Biblioteca” que leva a outro *menu* que disponibiliza outros textos para serem baixados, nesta página outro *menu* aparece na parte inferior que mostra os “títulos”, “autor” e “categorias”. Voltando a primeira página descrita, a navegação pelo Bíblia +1 inicia com quatro opções, sendo elas: “conteúdo”, “explorar”, “favoritos” e “notas”, ao escolher o conteúdo o usuário tem acesso aos seguintes tópicos: “visão global”, “Antigo Testamento”, que apresentam um texto de introdução e tem também acesso a todo o conteúdo da Bíblia organizado segundo os nomes dos livros e três outras formas de acesso: ao tocar no nome do livro abrem-se a seleção de capítulos e depois de escolhido o capítulo escolhe-se o versículo; do lado direito do nome de cada livro aparecem três traços que ao serem tocados abre daquele livro uma divisão por temas, ao lado deste ícone tem a letra “i” que abre informações sobre esse capítulo. No botão “explorar” encontram-se sete opções e as páginas que se abrem são semelhantes, tem o nome do assunto ao centro e botões de navegação nas laterais, O corpo da página são os conteúdos distribuídos pelas linhas que ao toque se abre com informações muitas destas opções aparecem em inglês quando acionado o texto seguinte é possível escolher a opção do texto em português. Este item permite fazer leituras variadas da Bíblia. No *menu* “favoritos” aparecem as citações que possuem as anotações pessoais. No *menu* “notas” é possível ver as anotações feitas pelo usuário. O aplicativo possui formas de compartilhamento *online* de versículos e *links* para *e-mail* e redes sociais, alguns recursos dependem de conexão com a *internet*, outros não. O dispositivo de pesquisa possibilita encontrar a passagem por tópico ou frase e oferece filtros para pesquisa. O aplicativo oferece 23 versões da Bíblia em inglês, oito em espanhol, duas versões em Português e treze versões em outras línguas. Seu manuseio requer um pouco de treino até chegar à familiaridade dos recursos. Mas é o aplicativo, neste formato, que disponibiliza maior quantidade de recursos. A tradução em alguns casos não existe, em outros é duvidosa, mas como um conjunto de possibilidades é o que

mais oferece opções e recursos. Quanto a baixar versões da Bíblia *off-line*, as opções apresentadas são pagas.

Dados técnicos:

Desenvolvido em: 2010

Última atualização: 11 ago. 2013

Versão 2.0.1

Tamanho 13,5 MB

Vendedor: *Just 1 Word, Inc*

Classificação +4, bem avaliado pelos usuários.

Compatibilidade: Compatível com iPhone, iPad, iPod touch, Android e Blackberry



Figura 54: Bíblia Sagrada + 1, ícone de identificação do app. Fonte: JUST, 2013.

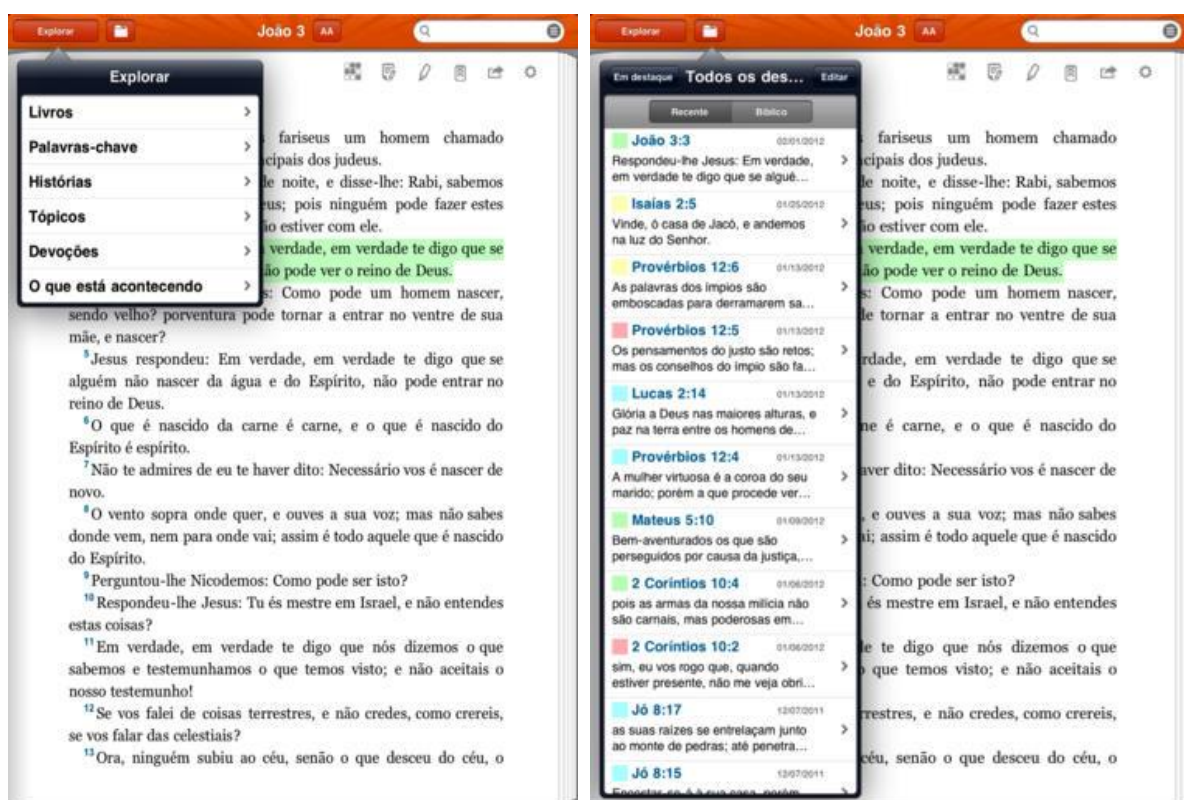


Figura 55 e 56. Bíblia + 1. *Menu* de navegação. Fonte: JUST, 2013.

Bíblia das Crianças – Livros ilustrados e quadrinhos para crianças e escola desenvolvidos por Barcelona Multimedia é um aplicativo que apresenta uma galeria de histórias em quadrinhos e textos bíblicos para crianças de todas as idades em formato *e-book*. A página inicial é uma ilustração colorida de um texto bíblico nela abre um *pop up* no canto inferior direito para seleção do idioma. A segunda página é a da galeria, onde o usuário encontrará os diversos livros inspirados na Bíblia e subdivididos por faixas etárias, para serem adquiridos, alguns estão liberados para serem lidos por inteiro outros apenas uma pré-visualização. É necessário comprar o livro, após a realização do pagamento, tais *e-books* vão para a página denominada “biblioteca” e o usuário terá o seu pedido de forma permanente, basta restaurar que eles voltam para a biblioteca. Em 27 outubro 2013, estava disponível para leitura gratuita “A Bíblia das Crianças – Antigo Testamento – Reis e Profetas”. Este *e-book* é composto por 26 páginas que narram a história de onze personagens bíblicos que foram chamados a governar o povo de Deus como reis e profetas. Na galeria existem outros dois livros que compõem o Antigo Testamento e outros que compõem o Novo Testamento, formando assim uma coleção destes livros, aos quais tem-se apenas a pré-visualização. A exibição começa com a imagem da capa do livro, em seguida as páginas podem ser passadas das seguintes formas: automática, lenta, média, rápida. No *menu* superior, a direita, aparece a indicação das páginas e o índice que permite navegar pela história a partir do personagem escolhido, a esquerda fica o botão retroceder que leva a galeria. O aplicativo permite a leitura das histórias em sete idiomas. Trata-se do livro impresso digitalizado, sem uso de outros recursos.

Dados técnicos:

Desenvolvido em: 2010

Última atualização: 18 out. 2013

Versão 6.0

Tamanho 14,1 MB

Vendedor: Barcelona Multimedia

Desenvolvido: Barcelona Multimedia

Classificação +4

Compatibilidade: requer o iOS 4.3 ou posterior. Compatível com iPhone, iPad, iPod touch.

Galeria ⚙️

Jogos da Bíblia para crianças de 7-13 anos



Os Jogos da Bíblia das crianças

Cative as crianças com a Bíblia com jogos e atividades divertidas e fiéis



Quadrinho: O Êxodo
[Ler](#)



Texto: Nascimento de Jesus
[Ler](#)



Todos títulos Bíblia Crianças
OFERTA: Poupe 45%!
[Info](#) [US\\$6,...](#)



Quadrinho Edição completa: 63 histórias, Poupe 60%!
[Pré-vi...](#) [US\\$6,...](#)



Bíblia para 0-6 anos?



Minha Primeira Bíblia

 Biblioteca
 Galeria

Figura 57: A Bíblia das Crianças. Livro ilustrado e quadrinhos. (Galeria). Fonte: BARCELONA, 2013.

Reis e profetas



A história dos mais famosos reis e profetas em quadrinhos!



Uma boa ferramenta para começar a ler a Bíblia!

Figura 58: Bíblia das Crianças. Apresentação da capa do livro. Fonte: BARCELONA, 2013.

Bíblia Infantil, da Editora Paulinas é um aplicativo que traz a versão digital da “Minha inseparável Bíblia”. As histórias bíblicas mais conhecidas foram adaptadas para o meio digital. Ao abrir o aplicativo a primeira página apresenta a logomarca das Edições Paulinas com fundo ilustrado, automaticamente entra a segunda página também ilustrada, referente ao *menu*, com uma narrativa feminina que apresenta o produto, a direita estão os botões: “Leia para mim”, “Leia”, “Minhas gravações” (1-2 e 3), todos com figuras decorativas. Ao acessar a primeira opção “Leia para mim” ou “Leia” abre a página do sumário para que se possa escolher um dos 23 tópicos elencados, mas apenas os 5 primeiros estão disponíveis gratuitamente, os demais devem ser adquiridos ou restaurados no dispositivo móvel. Ao acessar um desses cinco temas disponíveis aparece a voz da narradora e som ambiente, o botão “leia” com uma tarja vermelha disponibiliza o texto e o som ambiente e dos animais. Ao acessar “minhas gravações” aparecem duas opções: “gravar” e “leia”, optando por gravar aparecerão na tela uma sequência de slides, basta tocá-los que o texto aparece na parte superior dos slides e abaixo um ícone que representa o microfone, basta acioná-lo e iniciar a narração que ficará disponível em seguida para audição. Todos os tópicos do sumário estão liberados para gravação. Acionando o botão “leia” da opção “minhas gravações”, a página do sumário aparece e os livros que possuem narrativa gravada pelo usuário vêm com uma *hashtag* indicativa da gravação que foi feita. Na parte inferior da página aparecem três opções de navegação, sendo o da esquerda para voltar a página anterior, o do meio para retornar ao *menu* principal de leitura, e o da direita para avançar para a próxima página. Quando uma narrativa é escolhida os botões de navegação permanecem, aparece o texto que foi gravado e a ilustração do texto bíblico que é animada, alguns elementos já estão em movimento e outros se movimentam ao toque da tela do dispositivo e emitem sons. Cada nova história possui som ambiente apropriado e as páginas, quando acionadas, viram como se fossem de um livro. Seu formato é bem intuitivo, tendo sido testado com criança de três anos, facilmente foi manuseado pela criança sem qualquer instrução anterior.

Dados técnicos:

Lançado em: 2013

Última atualização: 02 out. 2013

Versão 1.0

Tamanho 165 MB

Vendedor: Pia Sociedade (Paulinas)

Classificação +4

Compatibilidade: requer o iOS 6.0 ou posterior. Compatível com iPhone, iPad, iPod touch.



Figura 59: Bíblia Infantil (Paulinas). Ícone de identificação do app. Fonte: PIA, 2013.



Figura 60: Bíblia Infantil (Paulinas). Menu para seleção de gravações. Fonte: PIA, 2013.



Figura 61: Bíblia Infantil (Paulinas). Menu para seleção da história. Fonte: PIA, 2013.

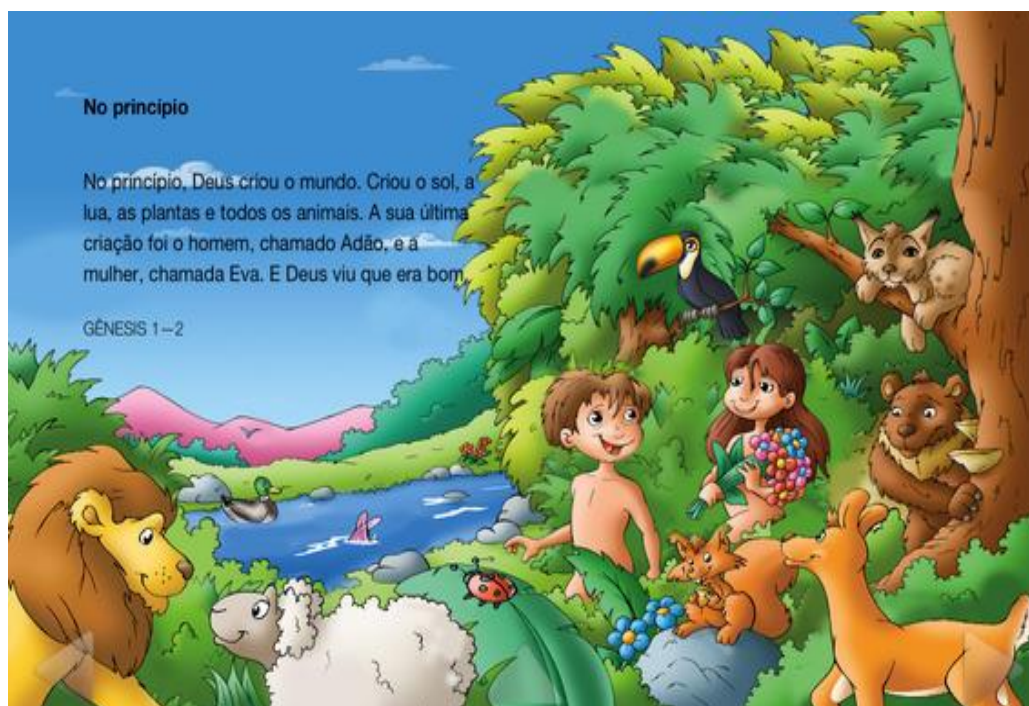


Figura 62: Bíblia Infantil (Paulinas). Página da história. Fonte: PIA, 2013.

Católico Orante, é um aplicativo para celulares e *tablets* que pode ser acessado também através do *site*⁸² nele está disponível o *download* de sua versão para Android e iOS (para iPhone, iPad e iPod). A primeira vista, trata-se de um aplicativo de *design* simples e objetivo. Disponibiliza diversos conteúdos católicos tais como: Orações, Novenas, Documentos da Igreja, Testemunhos, Doutrina, Liturgia das Horas, Liturgia da Missa entre outros itens desenvolvidos para *web*, celulares e *tablets*. Tanto o *site* como o aplicativo, trazem os mesmos recursos, possui uma pequena imagem do Cristo Pantocrator, ícone Bizantino que serve apenas de ilustração da página e nos aplicativos é sua identidade visual.

O aplicativo foi desenvolvido por Rafael Augusto Ribeiro, segundo ele, inicialmente era para uso particular contendo apenas um pequeno acervo de orações cristãs católicas, depois ele teve a ideia de compartilhar no Android Market e um ano depois para iOS. A partir de 2013 contou com apoio da Diocese de São José dos Campos –

⁸² RIBEIRO. Rafael A. **Católico Orante**. Disponível em: <www.catolicoorante.com.br>. Acesso em: 25 ago. 2013a.

São Paulo e o *site* passou a ser hospedado no portal desta Diocese, este portal possui informações próprias desta comunidade eclesial e nele não há referência sobre o Católico Orante, inclusive a liturgia diária ali apresentada é um link que remete para o portal da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O aplicativo Católico Orante replica nas redes sociais suas informações: o evangelho do dia, orações e notícias da igreja. No uso do aplicativo, ao final de cada seção aberta tem duas formas para o usuário disponibilizar o conteúdo pelas redes sociais (Twitter e Facebook). Tanto o aplicativo quanto o *site* são muito semelhantes. No campo Liturgia da Missa além dos itens que trazem a Missa parte por parte encontra-se um infográfico com a descrição de todo o ano litúrgico, dividido por cores de acordo com a liturgia e a descrição das principais festas celebradas pela Igreja Católica. Boa parte destes itens oferece várias modalidades de acesso aos textos bíblicos (liturgia das horas, liturgia diária comentada ou não, *Lectio Divina*) as linhas são *links* que se abrem em nova página com o conteúdo. A cada nova página é mantida uma tarja superior com o nome do *link* acessado e um botão “voltar”. Com relação à interface, trata-se de um aplicativo intuitivo, fácil de usar, leve e de rápido acesso aos conteúdos, alguns *links* dependem de acesso a *internet*, tais como: Liturgia das Horas, Santo do Dia, Notícias e todo o campo Comunidade Orante.

Dados técnicos:

Lançado em: setembro de 2012.

Última atualização: 03 junho 2013

Versão 1.5:

Tamanho: 17,4 MB

Vendedor: Rafael Ribeiro - Totus Mundi

Classificação: +4

Compatibilidade: iOS 6.0 ou posterior. Compatível com iPhone, iPad, iPod touch. Para Android



Figura 63: Católico Orante. Tela inicial do aplicativo. Fonte: RIBEIRO, 2013b.



Figura 64: Católico Orante. *Menu* Liturgia. Fonte: RIBEIRO, 2013b.



Figura 65. Católico Orante. *Menu* orações. Fonte: RIBEIRO, 2013b.



Figura 66 Católico Orante. *links* notícias. Fonte: RIBEIRO, 2013b.

I Liturgia, projeto foi desenvolvido por Cascubo *Software*, sob a responsabilidade de José Bezerra Luna Filho, baseado em conteúdos disponíveis em outros *sites* e portais católicos para obtenção dos conteúdos. Ao iniciar o aplicativo, uma tela de abertura com uma representação de papiro desenrolado contendo algumas informações básicas sobre o aplicativo, são elas: I Liturgia para iPad, seguido de um símbolo que é sua referência visual, em baixo deste o nome “Liturgia da Horas”⁸³, e a representação de uma vela acesa num pequeno castiçal com uma pena, abaixo desta vem o *site* do desenvolvedor⁸⁴. A segunda página apresenta um *menu* na parte superior com as opções: “Ofício a Rezar”, “configuração” representado por uma engrenagem e “instruções” representado pela letra “i”. No centro deste *menu* tem-se uma parte mais expandida com o nome do aplicativo seguido do dia da semana e a indicação do ano litúrgico entre parênteses, abaixo informações sobre o tempo litúrgico ao tocar neste campo abre um *pop up* com as leituras do dia. O corpo da página é ilustrado com uma foto da Bíblia e do Rosário e sobre a ilustração o nome I Liturgia ao centro superior e mais abaixo a esquerda Liturgia das Horas e a direita Rosário, não funcionam como *links*. Ao acionar a opção “Ofício a Rezar” apresenta um *menu* estilizado com as orações referentes a Liturgia das Horas e o Rosário. Quando a oração escolhida está aberta aparece um *menu* no final da página que direciona para o “Invitatório”, as “Leituras”, o “Evangelho” e “Outros” ofícios complementares ou específicos de alguma ocasião litúrgica, este item traz também a catequese dos Papas João Paulo II e Bento XVI relacionados ao tema. No caso do Rosário, são mostradas as orações iniciais e os mistérios que devem ser rezados naquele dia com uma breve meditação e o trecho do evangelho correspondente àquele mistério a ser contemplado, bem como as orações finais. O interessante é que o aplicativo oferece um botão para contagem das Ave-Marias a serem rezadas em cada mistério do Terço. Ao acionar o retorno, este remete a segunda página descrita do aplicativo e não ao *menu* de orações que seria o passo anterior ao dado, é preciso então mais dois toques para entrar novamente no

⁸³ A Liturgia das Horas, também chamada Ofício Divino, é a oração pública e comunitária oficial da Igreja Católica. A palavra ofício vem do latim "opus" que significa "obra". Consiste basicamente na oração quotidiana em diversos momentos do dia, através de Salmos e cânticos, da leitura de passagens bíblicas e da elevação de preces a Deus. Com essa oração, a Igreja procura cumprir o mandato que recebeu de Cristo, de orar incessantemente, louvando a Deus e pedindo-Lhe por si e por todos os homens. Cf. LITURGIA. Disponível em: <<http://padrepauloricardo.org/episodios/o-que-e-a-liturgia-das-horas-e-qual-a-sua-importancia>>. Acesso em 13 nov. 2013.

⁸⁴ LUNA FILHO. José B. Software. **I Liturgia**. Disponível em: <www.cascubo.com>. Acesso em: 25 ago. 2013a.

menu principal e escolher outra oração. Na configuração pode ser escolhido qualquer dia, mês e ano até 2016, mas a numeração anual segue muito além. Seu uso se dá *offline*.

Dados técnicos:

Lançado em: 30 setembro 2010

Última atualização: 06 março 2013

Versão: 3.4

Tamanho: 27,2 MB

Vendedor: Cascubo Software

Classificação: 4+

Compatibilidade: requer o iOS 4.3 ou posterior. Compatível com iPad. Android.

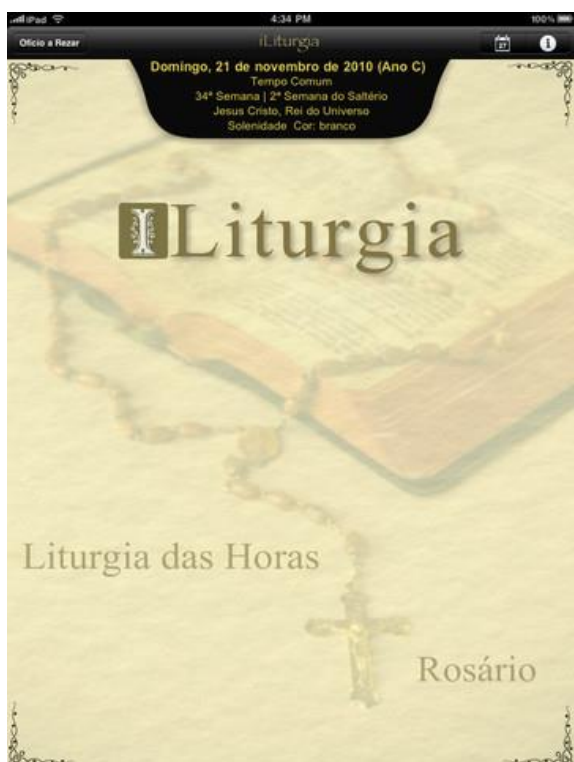


Figura 67: I Liturgia. Tela de Abertura. Fonte: LUNA FILHO, 2013b.



Figura 68: I Liturgia. *Menu* de navegação. Fonte: LUNA FILHO, 2013b.

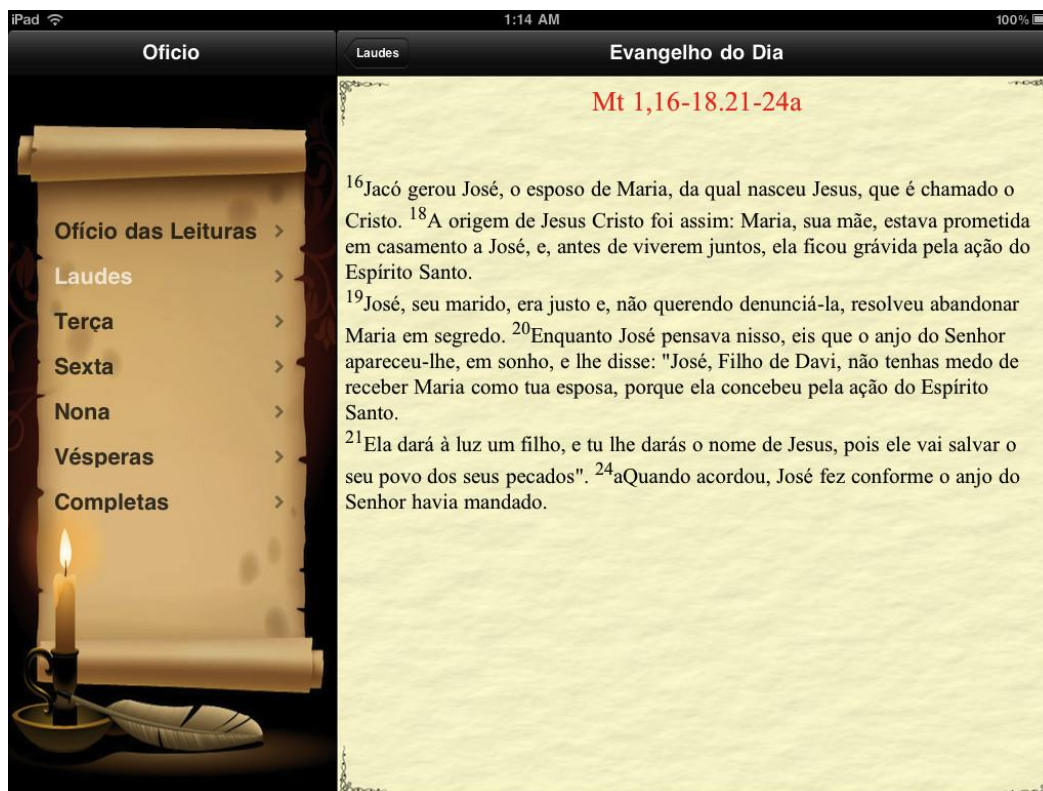


Figura 69: I Liturgia. Exibição em posição paisagem. Fonte: LUNA FILHO, 2013b.

Cristonautas 1⁸⁵ desenvolvido pela Fundação Ramón Pané⁸⁶. A Fundação foi criada em 1994 e possui escritório representativo em Tegucigalpa Honduras e sede operacional em Miami nos Estados Unidos, trata-se de uma equipe internacional católica que tem por missão levar o evangelho a partir da linguagem de diferentes culturas e para isso utiliza dos meios atuais de comunicação, especialmente a *internet* e as artes. Cristonautas é um programa de treinamento em *Lectio Divina*, isto é, leitura orante da Bíblia, dirigida a jovens. Segundo os desenvolvedores, o objetivo é a formação de jovens líderes para que estes ensinem outros jovens a rezar com o método da *Lectio Divina* através de formas criativas, usando as artes e a tecnologia como um

⁸⁵ A Fundação Ramón Pané apresentou no Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais (PCCS) o aplicativo "Cristonautas 1", como apoio concreto para a Jornada Mundial da Juventude no Rio, no dia 17 de julho 2013. Cf. A LECTIO Divina chega aos dispositivos móveis. Disponível em: <<http://www.zenit.org/pt/articles/a-lectio-divina-chega-aos-dispositivos-moveis>>. Acesso em: 25 ago. 2013; CRISTONAUTAS 1 Aplicação grátis para celulares inteligentes. Disponível em: <<http://www.pccs.va/index.php/pt/news2/actualita/item/1600-cristonautas-1-la-nueva-aplicacion>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

⁸⁶ A Fundação Ramón Pané leva o nome de uma das maiores figuras da evangelização da América. Trata-se de um irmão Jerônimo, Catalão, que vem como parte do contingente que fez a segunda viagem de Colombo, em 1494. Cf. FUNDAÇÃO. Disponível em: <<http://app1.cristonautas.com/pt-br/quemsomos/fundaci%C3%B3nram%C3%B3npan%C3%A9inc.aspx>>. Acesso em: 14 set. 2013.

meio para entender a mensagem do Evangelho. O aplicativo parte do texto bíblico escrito, de acordo com as traduções oficiais da igreja católica e é oferecido em três idiomas: espanhol, português e inglês. Sua interface apresenta no canto superior esquerdo um ícone que representa “*menu*” que dá acesso as informações gerais do aplicativo, onde pode ser feita a seleção do idioma, acionar a música, ativar sons, obter ajuda para navegação, indicar o aplicativo a algum amigo através do *Facebook*, ainda nesta aba é possível obter as informações históricas sobre a Fundação Ramón Pané, ajuda sobre o aplicativo, os créditos e o contato com os desenvolvedores.

A interface utilizada está dentro de um conceito mais atual de construção, seleção rápida, alguns ícones trazem movimentos contínuos como uma pomba que bate suas asas constantemente sobre o globo terrestre que gira ao centro. A página de abertura apresenta ao centro um globo terrestre e em cima deste uma pomba, no entorno desta se estende a frase “História da Salvação” tendo sobre a frase em tamanhos menores, o símbolo e nome do aplicativo do lado esquerdo e o *copyright* do lado direito com o nome da fundação. No entorno do globo vê-se os capítulos da história da salvação representados como papiros, abaixo aparece o nome referente ao capítulo selecionado, em baixo do nome está um ícone fixo que faz alusão a Bíblia e abaixo deste, uma linha do tempo que também se movimenta conforme toque na tela, estas três formas: papiros, nomes dos capítulos e linha do tempo são *menus* integrados, ao movimentar um, todos se movimentam.

Nessa primeira tela é possível acessar 14 capítulos que compõem a História da Salvação, ordenados cronologicamente. Depois de selecionado o trecho desejado, basta tocar duas vezes no papiro que o conteúdo se abrirá numa outra tela. Na parte superior desta segunda tela tem os ícones de navegação, sendo o primeiro o que leva ao “*menu*” de informações gerais, o segundo com uma pomba sobre o globo que leva a primeira página, de seleção de capítulos, o terceiro para voltar a página anterior, outros dois para aumentar ou diminuir o tamanho da fonte e mais um que aciona a música que se desdobra em outro que seleciona os temas musicais disponíveis. Abaixo destes ícones de navegação vem à descrição do capítulo escolhido seguido de uma estrutura em estilo de fluxograma ordenados cronologicamente (de cima para baixo e da esquerda para a direita) em quadros coloridos chamados de marcos referenciais. Esses marcos referenciais são caixas de conteúdo que podem ter apenas a borda colorida (o que significa que não possuem mais nenhuma informação) ou preenchidos

de alguma cor, isto indica que possuem mais informações, portanto são *links* que remetem a informações em outra tela. São sete as cores, e estas variam de acordo com o conteúdo apresentado no quadro, e no “*menu*” “ajuda” encontra-se a indicação referente a cada cor. Muitos dos marcos referenciais possuem o ícone de um lápis que indica também a existência de um roteiro de *Lectio Divina* que pode ser acessado. Ao entrar em um marco referencial abre-se uma página como um papiro, mantendo-se fixa apenas os ícones superiores de navegação, nelas pode haver, ilustrações ou mapas, o texto bíblico referente ao tema (na cor marrom), textos que não são bíblicos aparecem em cor preta, são indicadores de exercícios e às vezes notas que recomendam a leitura em outra Bíblia do usuário. Tomando, por exemplo, o marco referencial da condenação e morte de Jesus, os textos bíblicos que aparecem nos quatro evangelhos são dispostos, um após o outro de maneira a promover uma história quase que contínua, eles foram interpostos de maneira a se complementarem o que enriquece o sentido da leitura. Em outros marcos, a justaposição apenas facilita a leitura do texto bíblico nas versões segundo todos os evangelista. Para os exercícios, a página que se abre traz a ilustração da página anterior (agora colorida) e um dos textos bíblicos também da página anterior, seguido do roteiro de exercícios. Já no antigo testamento, em alguns trechos são destacados os personagens que também compõem a história e as citações que aparecem. Basta manter o dedo na tela que o texto avança sozinho e com toques sutis o programa já entende o comando de subir descer ou parar. A interface proporciona uma boa experiência com trechos importantes da Bíblia ligadas a temática da História da Salvação, a ideia de se partir de um eixo temático é bastante interessante. Pode ser comparado com um resumo temático da Bíblia, mas que precisa ser complementado fora do aplicativo.

Dados técnicos:

Última atualização: 12 setembro 2013

Versão: 1.4

Tamanho: 71,5 MB

Vendedor: Fernando Roux – Fundação Ramon Panè

Classificação: +4

Compatibilidade: requer o iOS 4.3 ou posterior. Compatível com iPhone, iPad, iPod touch. Android



Figura 70: Cristonautas. Tela inicial com três *Menus* integrados. Fonte: ROUX, 2013.



Figura 71: Cristonautas. *Menu* em forma de fluxograma. Fonte: ROUX, 2013.



Figura 72: Cristonautas. Trecho selecionado para estudo. Fonte: ROUX, 2013

Quiz Bíblia 3D – aplicativo desenvolvido por Webelinx DOO⁸⁷ trata-se de um jogo para crianças que se apoia no conteúdo da Bíblia, que propõe uma viagem missionária pelo mundo promovendo o batismo por onde passarem os jogadores. A primeira coisa a se fazer é escolher o idioma e clicar no centro da tela no ícone iniciar. Em forma de animação os jogadores são remetidos à tela inicial do jogo, e dispostos automaticamente na linha de largada quando é dado início ao jogo. A figura com a imagem do anjinho que comanda a ação dá dicas e apresenta cada pergunta. As perguntas podem ser por escrito ou através de interpretação de obra de arte. Abaixo da pergunta aparecem quatro opções de resposta, o jogador escolhe uma se acertar ganha pontuação e segue em frente, se errar pode continuar a escolher as respostas até acertar, isso diminui a pontuação e atrasa o jogador na corrida em relação aos demais participantes.

O trajeto pelo globo terrestre é feito por terra e água, os competidores podem recorrer a recursos para alcançar maior distância que seus adversários, podem usar armadilhas para diminuir o avanço dos demais jogadores, desacelerando-os ou não permitindo que quem esteja à frente do jogo responda uma pergunta, tudo isso depende da pontuação acumulada. Ao longo do percurso os jogadores passam por ilustrações de igrejas famosas de todo o mundo até chegar ao final em Jerusalém. A interface é ilustrada e colorida alguns elementos se movimentam, tem música de fundo e o anjinho que dirige as ações muda de expressão conforme as escolhas. O jogo oferece as opções *online* ou *off-line*. O aplicativo oferece ainda a possibilidade de se fazer *login* com o Facebook para criação do perfil de jogador. A apresentação do jogo é uma animação em 3D com um anjinho estilizado.

Dados técnicos:

Última atualização: 29 outubro 2013

Versão: 1.1

Tamanho: 72.6MB

Vendedor: Webelinx Doo

Classificação: +4

Compatibilidade: requer iOS 5.0 ou posterior. Compatível iPhone, iPad e iPod touh. Android e Windows

⁸⁷ QUIZ. Disponível em: <webelinx.com>. Acesso em: 12 nov. 2013a, empresa situada na Servia.

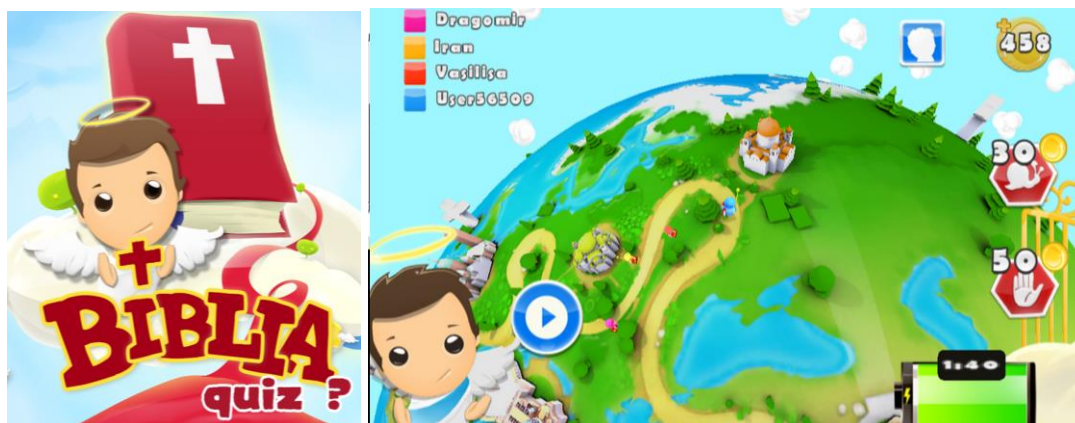


Figura 73: Quiz Bíblia 3D. Página de aberturaFigura 74:Quiz Bíblia 3D.: Jogo em andamento. Quiz, 2013b.

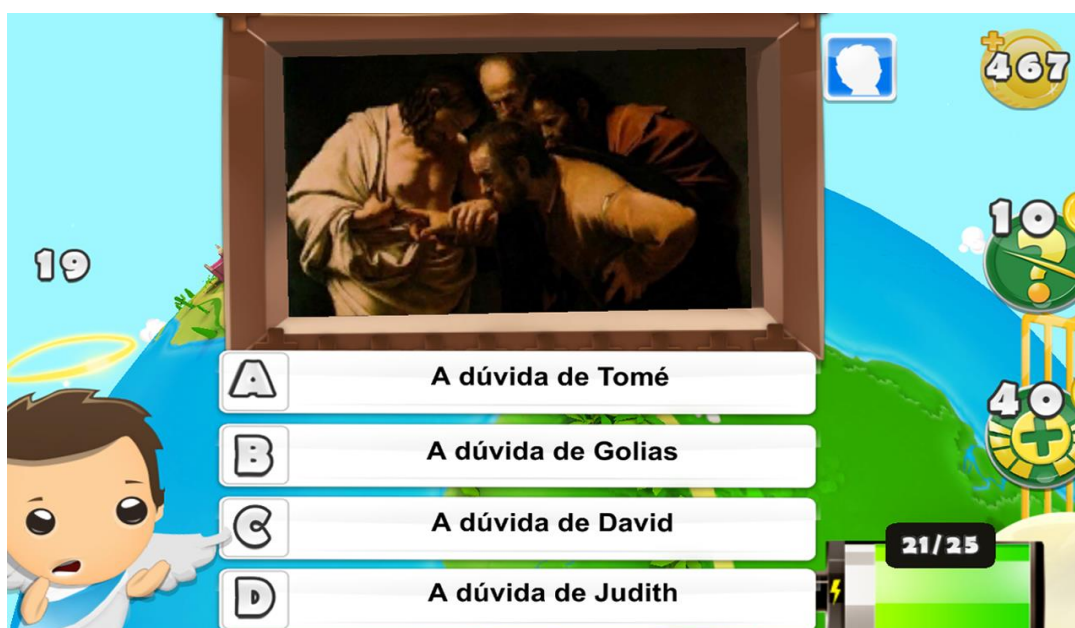


Figura 75. Quiz Bíblia 3D. Forma de apresentação da pergunta. Quiz, 2013b.

Sementes do Espírito – Mensagens diárias, desenvolvido por Sérgio Fernandes para um grupo de oração da Paróquia Nossa Senhora do Brasil da cidade de São Paulo, é hoje um dos aplicativos mais baixados no meio católico, segundo seu desenvolvedor. Logo após sua abertura o aplicativo apresenta uma mensagem chamada “Semente do dia” datada para aquele dia, oferece a opção de carregar uma nova frase aleatoriamente, que será de algum outro dia anterior aquele. Sua apresentação é simples na parte superior da tela tem o ícone que é também usado como identidade visual, e nas laterais, discretos botões para acesso ao Facebook e Twitter. No corpo da

tela um *box* com a mensagem, na parte inferior da tela cinco opções que remetem aos demais conteúdos do aplicativo. Na opção “palavra” apresenta a tela “Palavra do Dia” que é o evangelho da liturgia do dia acompanhado de uma reflexão escrita e de uma imagem ilustrativa, ao final da reflexão tem a opção de ler a do dia anterior. Na opção “Formação” abrem-se diversas linhas com imagem seguida do tema e data, ao acionar as linhas que também são *links* abre a formação no corpo da página com o texto e a imagem, e as opções no final do texto para ir para outras formações. Na opção “Intercedemos” no corpo da página aparecem os nomes das pessoas que pediram oração e a imagem de uma vela acesa seguida de uma oração.

Dados técnicos:

Última atualização: 10 outubro 2012

Versão: 1.2

Tamanho: 7.9 MB

Vendedor: Sergio F. Oliveira

Classificação: +4

Compatibilidade: requer o iOS 4.0 ou posterior. Compatível com iPhone, iPad, iPod touch.



Figura 76: Sementes do Espírito. Ícone de identificação do App. Fonte: FERNANDES, 2013.

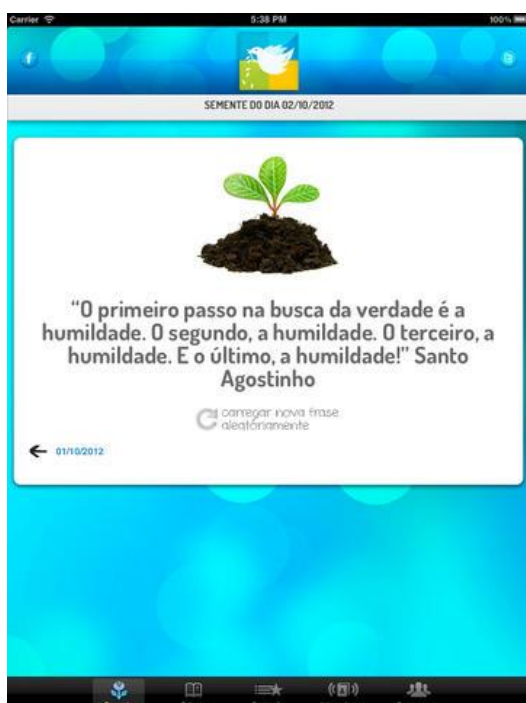


Figura 77: Sementes do Espírito. Página inicial. Fonte: FERNANDES, 2013.



Figura 78: Sementes do Espírito. Palavra do Dia. Fonte: FERNANDES, 2013.

Diário da Palavra é disponibilizado pelo Portal Canção Nova. A página inicial do aplicativo faz alusão à imagem de um pergaminho aberto com o nome “Diário da Palavra” com uma tarja abaixo do nome informando que está carregando, a segunda página entra automaticamente e apresenta alguns papéis amarelados escritos e uma Bíblia fechada, nos cantos (esquerdo e direito) da tela do *tablet*, sempre em posição paisagem, ao tocar e puxar abrem se imagens de pergaminhos: o da esquerda dividido em dois campos, sendo um com as traduções disponíveis da Bíblia, neste caso somente a TEB (Tradução Ecumênica da Bíblia) que pode ser baixada, o segundo campo com métodos de estudo, neste caso disponível apenas um ao tocá-lo abre um *pop up* que explica o método. Ao escolher a opção “método” abre-se nova *pop up* que apresenta direcionamento para 10 dias de estudos, ao tocar no primeiro dia passa para nova tela com cinco passos dentro da metodologia proposta, ao realizar os passos automaticamente é marcada a data e hora da realização do passo.

A Bíblia se abre quando o *pop up* que direciona o estudo da palavra está fechado. A Bíblia é aberta com dois toques, todas às vezes no Gênesis, e para mudar de livro é outro *pop up* acionado através do ícone de pesquisa que fica no canto superior direito da página. A busca é por palavra única. Para encontrar os nomes dos livros é preciso passar o dedo na tela para ter acesso a todos, depois de selecionar o livro, é preciso selecionar o capítulo e depois o versículo e acionar a tecla “ir”. Tendo encontrado a citação para o estudo, é possível marcar um versículo por vez e escrever algo sobre ele e salvar, nenhuma indicação aparece na Bíblia depois de anotada ou marcada a página, tudo é registrado no “papiro” do lado direito. Quando se abre o comentário aparece o que foi escrito pelo usuário, quando se abre os marcadores, aparecem os versículos marcados, não é possível ver os dois simultaneamente. Através de ícones na tela é possível partilhar seu estudo pelas redes sociais. O formato da Bíblia é como de um livro onde se vira as páginas, quando se acessa novamente o estudo, automaticamente a Bíblia se fecha para retornar é preciso voltar todos os passos da seleção do livro. Terminado o estudo daquele dia, não é possível fazer o segundo dia na mesma data. As ações não são complementares, deixando a impressão de serem ações que não se completam, o roteiro e a Bíblia, um desativa o outro e é preciso recomeçar.

Dados técnicos:

Lançado em: 18 janeiro 2012

Última atualização: 18 outubro 2012

Versão: 1.2

Tamanho: 45.0 MB

Vendedor: Canção Nova

Classificação: 4+

Compatibilidade: requer o iOS 5.0 ou posterior. Compatível com iPad.



Figura 79: Diário da Palavra. Tela de abertura. Fonte: PORTAL CANÇÃO NOVA, 2013.



Figura 80: Diário da Palavra. Papiros enrolados nos cantos. Fonte: PORTAL CANÇÃO NOVA, 2013.

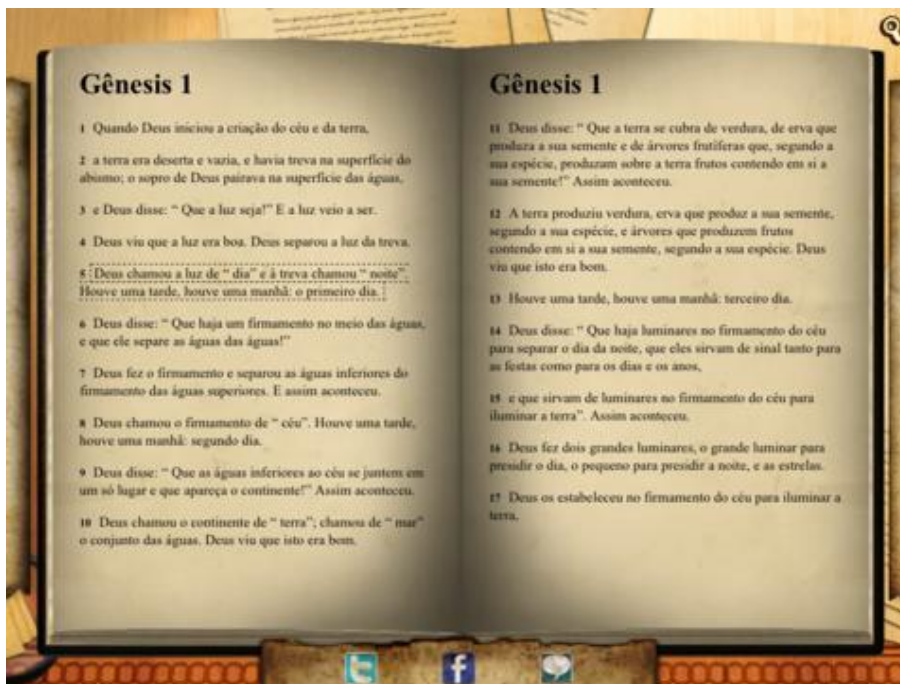


Figura 81: Diário da Palavra. A Bíblia aberta. Fonte: PORTAL CANÇÃO NOVA, 2013.



Figura 82: Diário da Palavra. Menu da Bíblia. Fonte: PORTAL CANÇÃO NOVA, 2013.

Bíblia Eletrônica, trata-se de um *software* desenvolvido pela Rksoft *Softwares*, fábrica de *softwares* em parceria com a Siliconaction, cuja premissa é permitir que os *softwares* possam ser testados antes de serem comprados, política comercial utilizada por várias empresas da área de desenvolvimento de *softwares*. Foi escolhida para o estudo por também representar a modalidade *off-line*. Para instalar a versão da Bíblia Eletrônica, basta acessar www.rksoft.com.br, o *download* é gratuito, rápido e simples e o *software* fica disponível permanentemente no computador. Nos dez primeiros acessos o usuário conta com todos os recursos oferecidos, depois somente os botões básicos. Para continuar com todos os recursos é preciso pagar uma licença uma única vez (valor aproximado de 50 reais). O *software* oferece a Bíblia completa em texto, narração interpretada, vídeos das histórias bíblicas, fotos e mapas antigos dos lugares citados nos textos do Antigo e Novo Testamento, jogos, dicionário, local para anotações nos capítulos, marca texto, pesquisa e cronologia.

Ao iniciar o programa, abre uma caixa de diálogo com as informações básicas do programa indicando qual versão da Bíblia e a cessão de direitos. A interface gráfica é baseada no padrão Windows, com 10 opções de *layout* (que mudam apenas pequenos detalhes através do “*Skin*”), mantendo a formatação básica: barra superior com o nome “Bíblia Sagrada”, abaixo um *menu* de navegação geral, seguido de um *menu* ilustrado com 16 ícones ou janelas que levam direto aos itens oferecidos pelo programa. Abaixo deste *menu* uma barra com o nome da seção que está aberta seja ele comentário sobre o livro ou o capítulo que foi aberto para leitura, no canto direito as teclas de fechar, minimizar ou restaurar tamanho. Abaixo desta barra um segundo *menu* oferece navegação rápida pelos capítulos e neles vem a indicação dos quais existe alguma anotação feita pelo usuário. A segunda opção oferecida é “Ouvir o capítulo”, seguido dos botões de “Anotações” que apresenta um campo para que o usuário anote o que quiser, ao lado tem o botão “Marca texto” que grifa todo o versículo automaticamente e botões para “aumentar” ou “diminuir” letras, “copiar para memória”, “imprimir”, “abrir com editor de texto”. Os três últimos botões são bem interessantes, um dá a opção de uma abertura aleatória dos textos bíblicos, ao acioná-lo, é aberto livro e capítulo da Bíblia; o segundo é caixa de promessas abre um versículo da bíblia em forma estilizada num *pop up* que oferece a opção de abrir como tela inicial; traz também informações adicionais que explicam como usar o dicionário.

Por exemplo, ao iniciar a navegação pelo livro do Gênesis são apresentadas informações gerais sobre o livro, basta navegar pelas setas que estão localizadas ao lado do nome do livro para seguir pelos capítulos, ou ir ao botão mudar capítulo. Todos os livros trazem informações introdutórias, pode-se mudar de livro através das setas do computador ou no *menu* lateral (a direita) que traz a lista geral dos livros contidos na Bíblia, essas informações adicionais são dadas na parte inferior da página que está aberta.

Na opção “Busca rápida” encontra o texto ou a palavra e a apresenta, contida em todo o capítulo numa caixa de diálogo que se abre sobre a tela. Na opção “localizar e selecionar texto”, a busca segue o padrão anterior alterando apenas seu modo de apresentação que agora é por versículo antecedido da citação, mostra quantos forem os versículos. A partir dos resultados obtidos é possível fazer várias ações. Na opção dicionário, apresenta uma pequena caixa com uma lista de palavras que ao serem acionadas aparece seu significado, é um conjunto de palavras bem específicas da tradução utilizada. Na opção mapas, são apresentados os mapas que costumeiramente existem nas Bíblias impressas; na opção fotos estão elencadas 17 e mostram alguns lugares citados na Bíblia e algumas fotos possuem notas explicativas. Opção “Auxílio quando você está...” são vinte opções de estado que ao ser escolhida sugere passagens bíblicas que transmitem conforto, confiança e esperança. Opção “Profecias e seus cumprimentos” apresentam uma série de profecias do Antigo Testamento que se cumpriram no Novo Testamento. O *link* com a opção “ocorrência” mostra quantas vezes uma palavra é encontrada em cada testamento e seu total na Bíblia toda. Na opção “Quiz bíblico” traz um jogo com dez perguntas e faz a contagem de quantos erros e acertos o usuário alcançou, ao abrir as questões o jogo apresentou alguns erros de configuração. Já a opção “Caça-Palavras” apresenta um jogo convencional com três opções de dificuldade e contagem de tempo, ao terminar ele abre uma caixa de diálogo para colocar o nome e depois mostra um ranking com os melhores tempos, quando se desiste ele mostra a localização das palavras não encontradas. Opção “leitura bíblica para datas comemorativas” abre uma caixa de diálogo com sete opções de datas, ao escolher uma data, a passagem é aberta para leitura. Opção “grandes momentos” abre uma nova caixa de diálogo para a seleção de diversas histórias bíblicas. Opção “vídeos” é preciso estar *online*, pois abre uma caixa de diálogo com algumas temáticas sugeridas e ao escolher uma, o link redireciona para o YouTube. Opção “Cronologia”

abre uma caixa com a sequência cronológica dos acontecimentos descritos na Bíblia associados aos livros e suas subdivisões. Opção “Pesos e Medidas” traz a explicação do que se trata e a citação bíblica a qual se faz referência. Praticamente todas as opções oferecem condições para imprimir ou abrir no editor de texto.

Dados técnicos:

Criado em: 2001

Última atualização: 18 out. 2013

Versão 3.7.2

Tamanho 5,5 MB

Vendedor: Rksoft Softwares

Plataforma: XP, Vista, Win7, Win 8

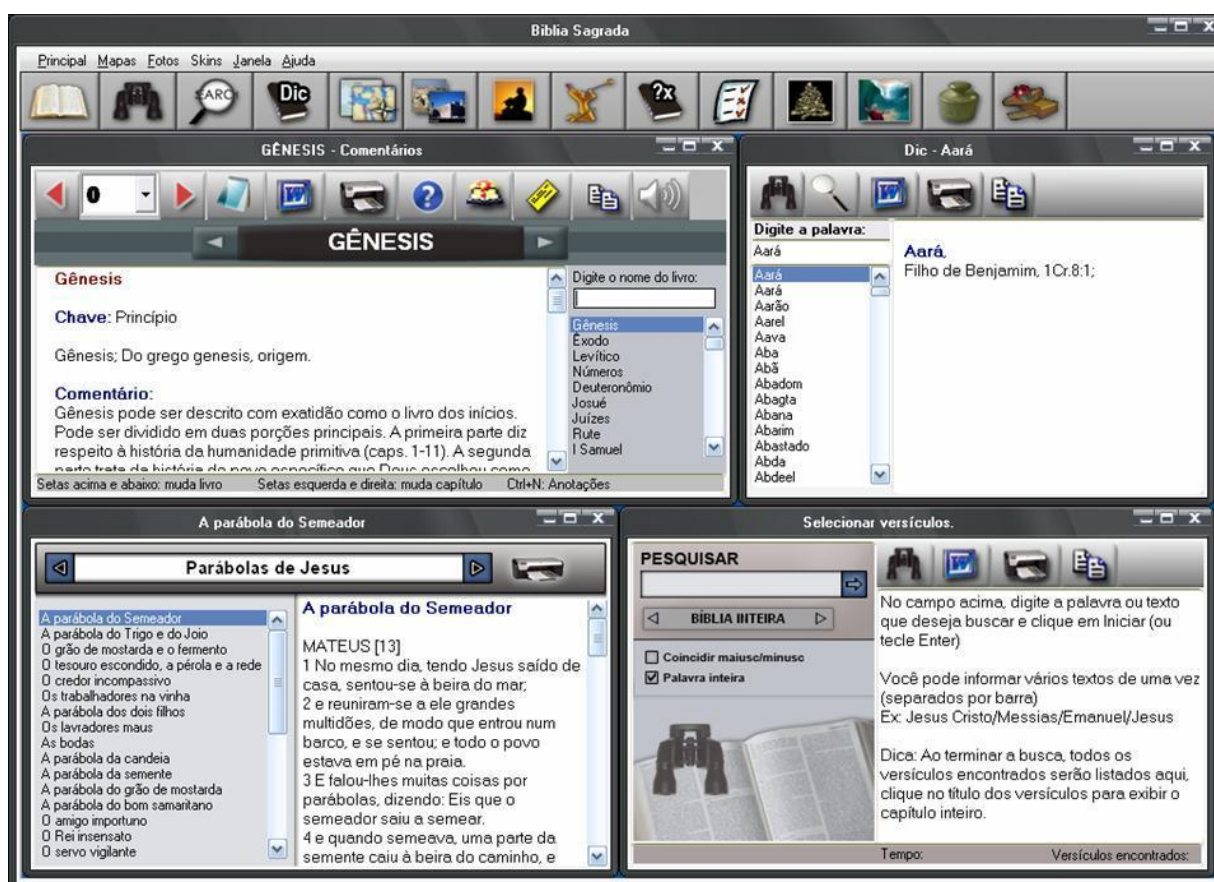


Figura 83: Bíblia Eletrônica. Apresentação dos recursos. FONTE: RKSOFT, 2013b.



Figura 84: Bíblia Eletrônica. Opções de tela. FONTE: RKSOFT, 2013a.

Bíblia Glow⁸⁸ foi desenvolvida por Immersion Digital, e carrega a marca da Sociedade Bíblica Brasileira (SBB), é uma Bíblia digital interativa que tem por objetivo levar o usuário para dentro do texto bíblico através de recursos multimídias, tais como: vídeos em HD, fotos em alta definição, artigos temáticos, passeios virtuais, mapas, obras de arte. Em sua apresentação diz que esta será a Bíblia do futuro.

Ao acionar o aplicativo a tela fica escura com discreta luminosidade multicolor destacando o nome Glow, a segunda página que se abre é do *menu* principal onde se destacam as denominadas “lentes” que permitem ao usuário “Explorar o Mundo da Bíblia Glow”. O número de lentes varia de acordo com o dispositivo usado, por exemplo, para *tablet* são quatro lentes, para o computador são seis. Trata-se de um sistema intuitivo de navegação, é uma plataforma multimídia que reúne diversos recursos. Em cada recurso está disponibilizado grande quantidade de conteúdo. Além dessas lentes que permitem a chegada direta ao conteúdo desejado, o *menu* possui

⁸⁸ BÍBLIA GLOW. Disponível em: <<http://www.bibliaglow.com.br/recursos/>>. Acesso em: 10 fev.2014.

barra de navegação com presença contínua nos cantos superiores direito e esquerdo. No canto superior direito são cinco botões: o primeiro “glow” que leva a um *menu* alternativo mais completo que reúne as mais importantes possibilidades de navegação, o segundo e terceiro são setas para refazer o percurso tanto para atrás como para frente; o quarto botão coloca as telas em miniatura permitindo o ir e vir nas telas anteriores somente com um toque ou clique; o quinto botão leva diretamente ao *menu* principal, isto é, a tela principal de navegação. Do lado esquerdo da tela estão dois ícones, sendo um de “pesquisa” identificado com uma lente de aumento que permite a pesquisa por frase, palavra ou citação bíblica, este sistema de localização e busca está presente em todas as telas de forma mais ou menos destacada. O outro botão identificado por uma máquina fotográfica permite “salvar” a informação, “adicionar” no diário do usuário ou “compartilhar” com os amigos pelas redes sociais, *e-mail* ou pelo Facebook do Glow. Estas três opções só entram em funcionamento quando está aberto algum conteúdo.

As “lentes” quando acionadas fazem a adequação do conteúdo de acordo com a opção escolhida. Pela lente “Bíblia” é apresentada uma tela com todos os livros da Bíblia divididos em Antigo e Novo Testamentos divididos canonicamente, cada qual contém o nome do livro, que ao clicar é ampliado, o quadro toma toda a tela e apresenta os capítulos contidos naquele livro e suas temáticas. Ao escolher o capítulo a ser lido abre o texto na parte centro-superior da tela, na parte inferior abrem-se dois campos os das notas feitas pelo usuário e o outro traz as fotos, mapas, vídeos explicativos, gráficos referentes à palavra escolhida, quando determinado versículo possui informação multimídia, este fica em destaque e o ícone do Glow aparece ao lado, ao tocar nele abre uma janela que permite cinco interações com o texto do tipo: copiar, compartilhar, marcador, destaque, adicionar uma nota e também acessos rápidos para os conteúdos multimídias. Ao escolher a opção mídia aparecem todas as mídias oferecidas para aquele trecho da Bíblia, ordenados por colunas horizontais de texto, fotos, obra de arte passeios virtuais, conforme a passagem pode haver mais ou menos conteúdos disponíveis. Grande parte deste conteúdo não está disponível na versão gratuita. Tem também a opção mapa que avisa quando não existe algum mapa relacionado ao trecho destacado, mas quando tem ele aparece com animações gráficas indicando os caminhos que foram percorridos pelas personagens daquela passagem.

Todos os pontos da tela são possíveis *links* e nós que conectam as informações, as passagens de uma tela para outra são suaves e uma imagem se forma num clarear e escurecer rápido das imagens em composição.

Na lente “Mapas” são apresentados na parte inferior da tela duas listas com os mapas disponíveis de acordo com a temática ou de acordo com uma detalhada linha do tempo. As listas rolam com pequenos toques e no canto inferior direito tem um botão que mostra tudo. Os mapas apresentados em tamanho grande na tela na parte centro-superior podem ser ampliados com toque de dedos como se fossem mapas do Google, porém foram acrescidos de conteúdo. Nesta tela tem um campo de busca especial onde é possível localizar os locais pelo nome. Conforme o nome vai sendo digitado o mapa busca e amplia automaticamente colocando o nome de tal localidade em destaque. É possível ver onde os eventos aconteceram, um em contexto com o outro, através de uma interface com recurso de zoom, com associação conteúdo bíblico ao local e a sucessão de eventos ocorridos.

A lente “mídia” mostra em colunas horizontais todas as mídias disponíveis, tanto as gratuitas quanto as que precisam ser adquiridas. Ao selecionar uma mídia ela se abre e oferece informações adicionais, no caso de uma obra de arte, o nome do pintor, onde está exposta, descrição dos detalhes da cena. Quando há a presença do símbolo “Glow” é possível compartilhar, adicionar ao diário ou escrever uma nota. Em algumas imagens da obra de arte é possível identificar vários detalhes que tem informações adicionais (históricas, culturais, artísticas, doutrinárias) quando do toque na tela.

Na lente “Eu”, aparece o nome do usuário, seu diário, planos de leitura e se estiver conectado a redes sociais pode publicar ou ver publicações que seus amigos fizeram. Os planos de leitura mostram quantos por cento foram realizados do estudo e indicam o ritmo de leitura do usuário. Na tela onde a passagem bíblica se abre o usuário pode escolher em qual tradução quer ler.

Em resumo são mais de 500 tours virtuais (em 3D e 360 graus) em ambientes da época; Mais de três horas de vídeo em alta resolução, dividido em 26 capítulos de documentário sobre a vida de Jesus, ao que parece realizados para esse fim; atlas geográfico com mais de 140 mapas navegáveis uma espécie de Google *Earth* bíblico; Mais de 700 imagens de trabalhos de arte da época; Mais de 2.300 fotos em alta resolução e com zoom; Texto bíblico nas traduções: Almeida Revista e Atualizada

(RA), Almeida Revista e Corrigida (RC), Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) e Tradução Brasileira; Notas e introduções da Bíblia de Estudo Almeida. Mais de 20 planos de leitura.

O usuário também pode usar as lentes para filtrar o conteúdo. Caso queira ver o que Jesus falou sobre redenção na semana de Páscoa em Jerusalém, esse tipo de busca pode ser feita de forma rápida, visual e intuitivamente. Cada uma das lentes é integrada às outras, por isso enquanto está lendo, o usuário também pode explorar outros recursos sem perder o lugar. Caso se perca e queira voltar tem várias opções na tela, podendo retornar ao *menu* principal, ou aleatoriamente para qualquer tela usando o recurso de miniatura das telas ou ainda voltar passo a passo refazendo o caminho percorrido.

Dados técnicos:

Última atualização: 04 novembro 2013

Versão: 1.4.9

Tamanho: 101 MB

Vendedor: Immersion Digital

Classificação: 4+

Compatibilidade: requer o iOS 5.0 ou posterior. Compatível com iPad, iPhone Windows PCs, Mac.

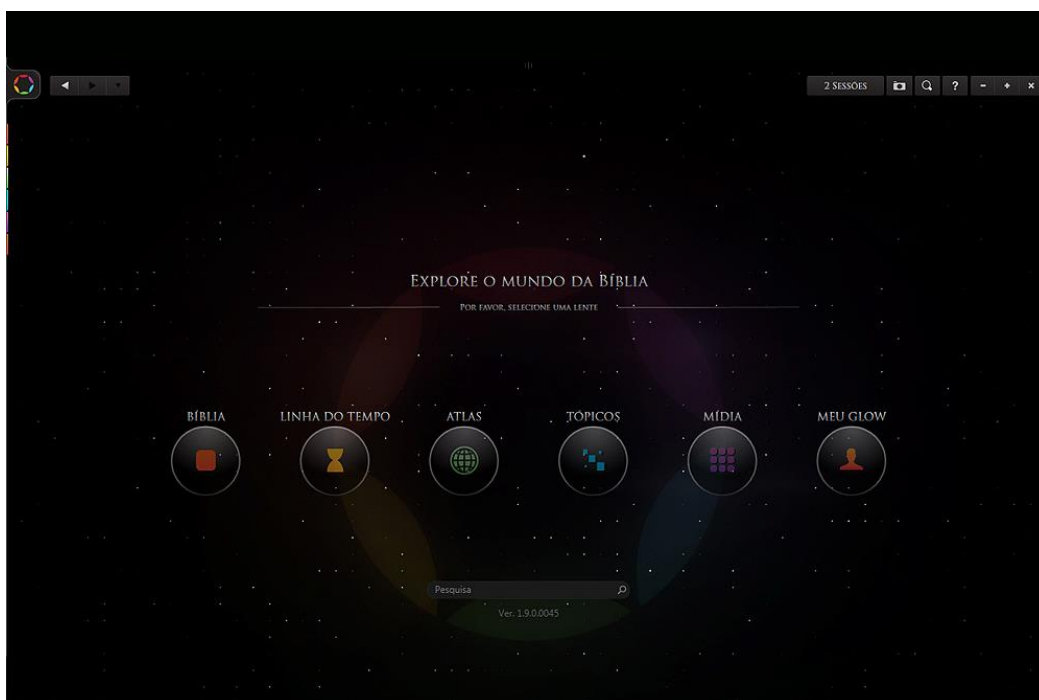


Figura 85: Bíblia Glow. Tela inicial com as lentes de navegação. Fonte: BÍBLIA GLOW, 2014.

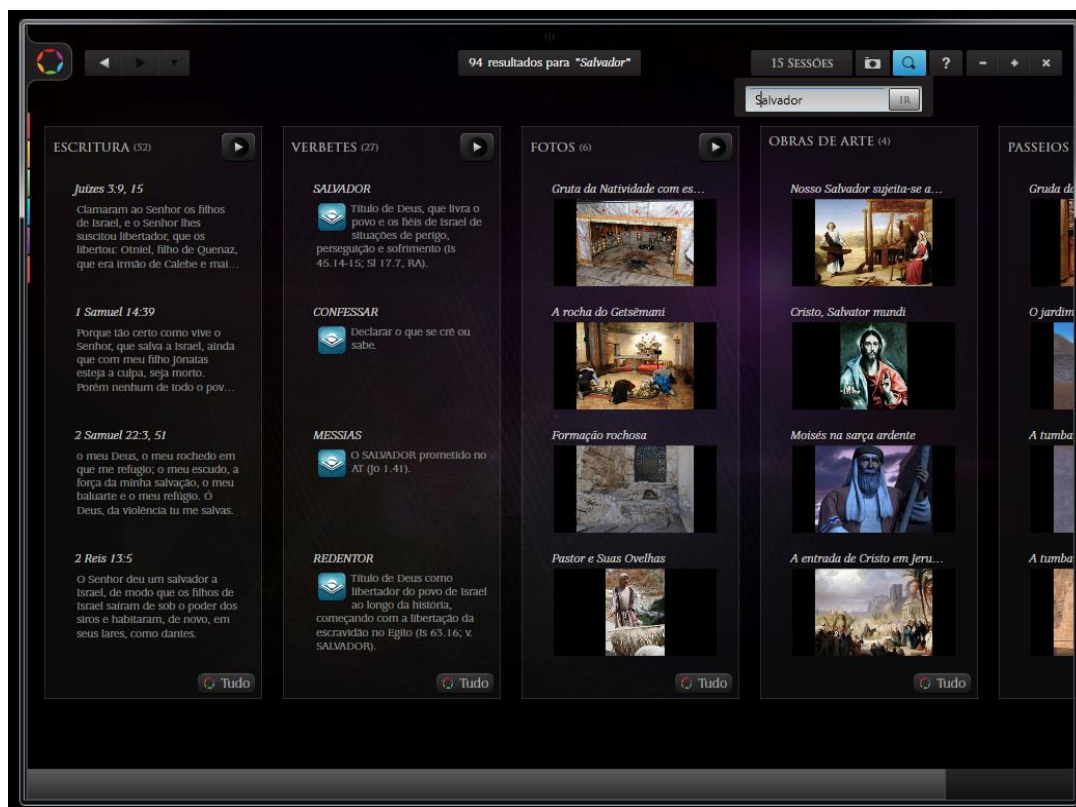


Figura: 86: Bíblia Glow. Mídias disponíveis. Fonte: BÍBLIA GLOW, 2014.

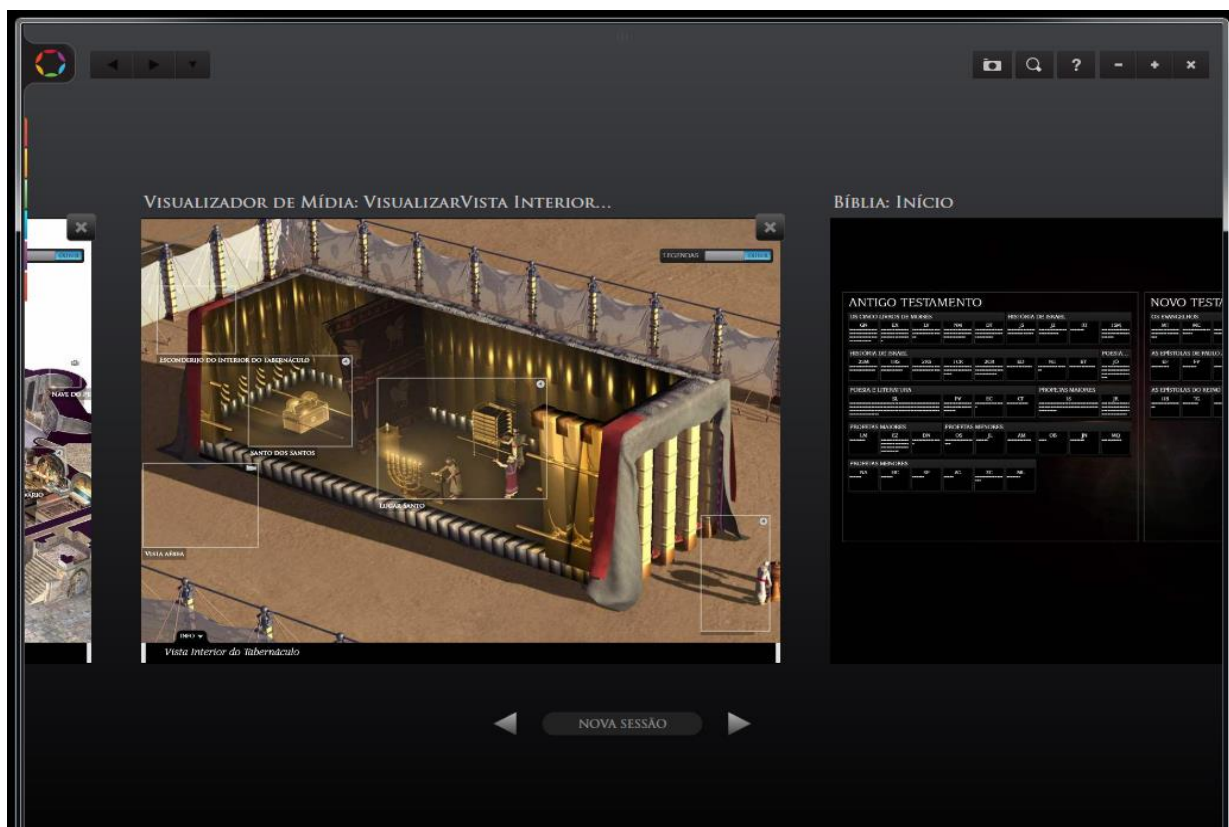


Figura 87: Bíblia Glow. Miniatura das telas para voltar a qualquer outro ponto navegado. Fonte: BÍBLIA GLOW, 2014.

QUADRO COMPARATIVO 02

HIPERMÍDIA												
HIPERTEXTO									MULTIMÍDIA			
APP ou Software	USABILIDADE				INTERATIVIDADE				SOM	TEXTO	IMAGEM	VÍDEO
	Facilidade de uso e acesso interface				Diversidade de elos, conexões, associações, nós							
	Ótima	Boa	Regular	Baixa	Ótima	Boa	Regular	Baixa	Voz música ruído	Texto escrito	Foto mapa desenho animação	Animado vivo gravado
A Bíblia Sagrada			X				X			X		
Bíblia Free			X				X			X		
Bíblia Sagrada Netfilter			X				X			X		
Bíblia +1			X				X			X		
A Bíblia das crianças			X				X			X	X	
Bíblia Infantil		X				X			X	X	X	
Católico Orante		X				X				X	X	
I Liturgia			X				X			X	X	
Cristo_nautas		X				X			X	X	X	
Quis Bíblia 3D		X				X			X	X	X	
Sementes do Espírito		X				X				X	X	
Diário da Palavra				X				X		X	X	
Bíblia Eletrônica		X				X			X	X	X	X
Bíblia Glow	X				X				X	X	X	X
Total por itens	1	6	6	1	1	6	6	1	5	14	10	2

Quanto a USABILIDADE, isto é, as facilidades de uso e acesso ao conteúdo através da interface, os aplicativos estudados encontram-se em sua maioria entre bom e regular, apenas um ficou a baixo por não estar com suas possibilidades integradas.

Quanto a INTERATIVIDADE, os aplicativos em sua maioria, também ficam centrados em seus próprios celeiros de conteúdos, o que foi considerado nesta análise como de baixa interatividade foi por não ter um bom funcionamento de sua proposta; os considerados regulares trazem conexões que funcionam relativamente bem exclusivamente dentro do que se propõe como disponibilização do texto escrito, sem nenhuma outra forma de conexão com conteúdos diversos. Os considerados bons trazem apresentações variadas do texto bíblico e algumas possibilidades ilustrativas a mais, que é próprio da linguagem hipermidiática, porém, nenhum destes explora de fato todas as possibilidades oferecidas pelo hipertexto e os possíveis elos com conteúdos fora de seus domínios. O aplicativo que foi considerado ótimo, possui uma grande quantidade de conteúdos, diversificados, integrados, com uma excelente e intuitiva forma de navegação dentro dos princípios mais atuais, além de funcionar muito bem. Os conteúdos de outras plataformas ou mídias foram adaptados e produzidos para figurarem em seu banco de dados.

Quanto a MULTIMÍDIA, todos os aplicativos oferecem o TEXTO, quatro deles a possibilidade de escutar o texto bíblico através de uma narrativa, no caso infantil a narrativa é acompanhada de sons e efeitos sonoros. No que se referem à IMAGEM, dez deles oferecem algum tipo de foto, mapa, ou desenho, os mais ousados oferecem fotos, obras de arte, mapas ilustrados no estilo mais atual com recursos semelhantes do *Google Maps* ou *Google Earth*. Apenas dois oferecem vídeos sobre os temas Bíblicos.

O que se encontra no momento desta pesquisa sobre a Bíblia na Hipermissão quer seja o conteúdo por inteiro ou em partes, nos aplicativos e *softwares*, são em sua maioria modalidades que possuem características semelhantes a da apresentação dos textos bíblicos impressos. A distinção ocorre de acordo com a interface, a usabilidade e com a aplicação de ferramentas mais ou menos avançadas de pesquisa, modalidades que trazem menor ou maior conteúdo explicativo. Alguns aplicativos para dispositivos móveis requerem vários toques e passagens por várias telas, outros são mais rápidos e permitem retornos diversos o que facilita o encontro de informações importantes que ficaram pelo caminho. As modalidades que trazem usabilidade OTIMA OU BOA, são mais ágeis e possuem um conjunto de nós e conexões avançados que possibilitam ampla navegação pelas informações.

Alguns aplicativos e *softwares* apresentam os conteúdos bíblicos em partes e não em sua totalidade, o fazem a partir de mensagens temáticas: são histórias bíblicas para o público infante-juvenil, é o caso da Bíblia Infantil das Paulinas e Cristonautas. Estes são bem ilustrados e utilizam um pouco mais dos recursos da multimídia, porém tem aqueles que são apenas a cópia do livro infantil. Mesmo sendo somente o *e-book*, existe vantagem nisso, pois em um único dispositivo é possível carregar uma série de livros, mas em se tratando de um dispositivo que possui outros recursos é de se esperar que haja mais conexões de conteúdo e a utilização mais ampla de tais recursos.

No caso da interface os *softwares* e aplicativos estudados trazem uma boa elaboração, a parte artística de alguns é bem desenvolvida, outras são bem simples e básicas, atendendo ao que se propõe isto é, colocar o texto da Bíblia em formato digital. O compartilhamento com redes sociais e *e-mails* foi adotado pela maioria. Os retornos “*back*” funcionam bem nos modelos tidos como bons ou ótimos, o funcionamento do retorno vai além do fio de Ariadne, podendo fazer o retorno diretamente ao ponto que se quer, sem precisar voltar passo a passo. Assim como nos *sites* e portais, os aplicativos nem sempre oferecem outras formas de multimídia, se atendo em grande parte as conexões dentro do seu próprio conteúdo, portanto, não indo além do texto ou das mídias ali contidas.

Nesta análise foram encontrados aplicativos que se destacaram, por usarem os recursos da hipermídia: o *software* Bíblia Eletrônica para computadores da Rksoft oferece outras possibilidades de acesso aos textos Bíblicos. Quanto a Bíblia Glow, essa oferece a maior quantidade de recursos multimídia e atualização frequente que ficam disponibilizados para a exibição. Alguns dos aplicativos estudados oferecem planos variados de leitura (Bíblia +1, Cristonautas, Bíblia Eletrônica, Glow), que favorecem uma leitura variada e temática da Bíblia.

A Bíblia Glow ao criar passeios virtuais aos locais citados na Bíblia, como estão hoje, como se fossem documentários, com narrativas, entrevistas mescladas com dramaturgia que remonta o tempo antigo, a fez muito bem, permitindo ao usuário uma pesquisa mais aprofundada dos contextos, históricos, geográficos, sociais, culturais e atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capacidade de utilizar as novas linguagens requer-se não tanto para estar em sintonia com os tempos, como sobretudo para permitir que a riqueza infinita do Evangelho encontre formas de expressão que sejam capazes de alcançar a mente e o coração de todos.

No ambiente digital, a palavra escrita aparece muitas vezes acompanhada por imagens e sons. Uma comunicação eficaz, como as parábolas de Jesus, necessita do envolvimento da imaginação e da sensibilidade afetiva daqueles que queremos convidar para um encontro com o mistério do amor de Deus.

Aliás sabemos que a tradição cristã sempre foi rica de sinais e símbolos: penso, por exemplo, na cruz, nos ícones, nas imagens da Virgem Maria, no presépio, nos vitrais e nos quadros das igrejas. Uma parte consistente do património artístico da humanidade foi realizado por artistas e músicos que procuraram exprimir as verdades da fé.

(BENTO XVI. Mensagem do 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2013)

A evolução tecnológica que envolve a sociedade atual, baseada na cultura da convergência digital e mobilidade, tem alterado as mais diversas formas de relação do ser humano com o mundo a sua volta. Nesta pesquisa, foi possível perceber que as inovações surgidas ao longo dos séculos, tais como, os primeiros suportes para a escrita, o surgimento do livro em rolo e depois o códice, o papel, a invenção da imprensa e mais recentemente o livro digital, contribuíram sobremaneira com a expansão e melhoria dos contextos sociais, educacionais, culturais e religiosos de cada período da história.

É admissível afirmar que a evolução do livro foi de fundamental importância para a difusão da Bíblia, ao mesmo tempo em que, a difusão da Bíblia foi importante para a afirmação do livro (códice) como suporte ideal para escrita durante quinze séculos. Seguindo os meandros da história é possível refletir sobre algumas questões relativas a este contexto: Teria sido Gutenberg reconhecido e consagrado inventor da imprensa, porque escolheu imprimir a Bíblia? Por certo que nesta mesma época vários inventores estavam chegando a este mesmo fim por caminhos semelhantes. Teria sido a Bíblia o fator determinante que chamou a atenção sobremaneira para esse grandioso invento e suas possibilidades? Essas são provocações ao pensamento, para que se possa conceber o valor desse livro, Sagrado para Cristãos e Judeus, mas também de grande importância na construção da sociedade Ocidental.

Atualmente a tecnologia digital (assim como um dia foi a impressão por tipos móveis) tem feito uma revolução na forma de difusão do pensamento e do conhecimento. Tem trazido solução para algumas situações, tais como a de espaço, armazenamento, tempo, compartilhamento de informações, entre outras. A digitalização não é a solução de tudo ou para tudo. No que concerne esta pesquisa, a disponibilização dos textos bíblicos por estes novos suportes, pode ajudar na popularização do acesso, o que não significa uma melhoria mais significativa do que a Bíblia no suporte impresso. Existem vantagens, porém estas não se dão num crescendo, isto é, não é porque se trata de algo novo que o já existe fica obsoleto ou que perde sua funcionalidade, seu valor. As novas tecnologias cumprem certas funções de aproximação, popularização, acesso, interatividade, variedade de informações. A riqueza está no fato dos meios se complementarem de diversas formas.

A coexistência dos meios, o usufruir de suas diversas formas sem deixar que o conceito de ultrapassado ou descartável se imponha como determinante torna-se fundamental. É positivo ver as novas gerações retomando antigas práticas através das novas tecnologias aplicadas aos dispositivos móveis, inserindo ou reinserindo-as em seu cotidiano.

É errôneo pensar que todo novo suporte ou meio é melhor que seu antecessor. Existe um ir e vir na história capaz de resgatar coisas que às vezes julgamos ultrapassadas, mas que na verdade sempre tiveram seu lugar em nossa sociedade. O manuscrito ainda está vivo, nós escrevemos com lápis, caneta e papel, anotamos nossos pensamentos e ações em agendas e cadernos. A tecnologia pode mudar, mas ainda permanece a essência.

Ao analisarmos projetos que disponibilizam a Bíblia na hipermídia, percebemos como eles se apoiam nas convenções já existentes e que o meio serve mais como elemento catalizador, aproximando e inserindo o universo da Bíblia na atualidade, do que trazendo algo realmente inovador. Inclusive é possível identificar elementos que possuem relação com os manuscritos em formato rolo, como o desenrolar do texto na tela e a colocação de comentários como as glosas muito comuns no passado. Seriam as glosas uma espécie de hipertextos dos tempos remotos?

A maioria dos *softwares* e aplicativos encontrados e estudados nesta pesquisa ainda não exploram todas as possibilidades oferecidas pela linguagem hipermidiática no que se refere à interatividade, proporcionando um maior número de elos, conexões e associação de informações. Mas já favorecem a usabilidade através das interfaces que podem ser usadas nos dispositivos móveis. Quanto às possibilidades advindas da multimídia, vimos que em sua maioria os atuais inventos são uma transposição do texto escrito para o meio digital e que ainda tem muito a ser feito para que a Bíblia na hipermídia tenha um potencial que vá além do texto a ser lido.

A Igreja Católica, desde meados do século XX tem dado abertura e impulsionado os leigos a utilizarem de tais meios, vimos nesta pesquisa que a partir do Concílio Vaticano II a Igreja se posicionou de forma diferente diante das novas possibilidades comunicacionais, deixando de lado suas reservas, daí em diante suas proposições são sempre de cunho de orientação e motivação. Do Papa João Paulo II em diante a Igreja buscou dentro de seu zelo apostólico, apontar caminhos para que o Evangelho tomasse as mais variadas formas comunicacionais.

E pensar que na Idade Média era questionado se o formato pequeno de um livro de bolso era digno de receber a Palavra de Deus, hoje é o próprio Papa Francisco quem afirma a necessidade de se ter um pequeno Evangelho no bolso. Esse Evangelho não precisa, necessariamente, ser um livreto impresso, ele pode estar disponível através de um aplicativo no celular que já se encontra em nossos bolsos e bolsas. Trazer Bíblia para o cenário contemporâneo das novas gerações. Atender as peculiaridades desta geração conectada, dos

fiéis inseridos nesta cultura digital e convergente ainda é um grande desafio para os desenvolvedores de aplicativos e *softwares*. Pois, como apontam os quadros comparativos desta pesquisa, essa forma de disponibilização ainda está aquém de tudo o que ela pode vir a ser e a oferecer.

Esse estudo certamente não termina aqui, ele é apenas uma base para investigações futuras que deverão envolver outras formas de se disponibilizar, criar, reproduzir os conteúdos da Bíblia e de se apropriar deles. Assim como uma grande represa que contem as águas e precisa que as comportas se abram para gerar energia, irrigar a terra, prover os rios, abastecer os lares, saciar a sede dos povos, a Bíblia precisa ter suas comportas abertas, para os mesmos fins num contexto espiritual. Mas que comportas são essas, como elas têm sido abertas ao longo da história e como podem ser abertas neste novo milênio. Nessa pesquisa, procuramos mostrar a Bíblia como um livro vivo, que não se perdeu no tempo, mas que se transforma o tempo todo. Como organismo vivo, a Bíblia visita novas mídias e nesse encontro, apresenta novos potenciais de sensibilizar e despertar paixões.

*“A BÍBLIA NÃO É UM LIVRO QUALQUER, MAS SIM UMA CRIATURA VIVA,
COM UM PODER QUE CONQUISTA TUDO QUE SE OPÕE A ELA”.*

NAPOLEÃO BONAPARTE

REFERÊNCIAS

ABIB, Jonas. **A Bíblia foi escrita para você**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 1991.

A BÍBLIA mais popular do Brasil. Disponível em: <http://www.livrariasaraiva.com.br/produto/4955500>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

ACI DIGITAL. **Papa Francisco**: Personalidade do Ano no Twitter. 12 out. 2013. Disponível em: <<http://www.acidigital.com/noticia.php?id=26176>>. Acesso em: 27 out. 2013.

A LECTIO Divina chega aos dispositivos móveis. Disponível em: <<http://www.zenit.org/pt/articles/a-lectio-divina-chega-aos-dispositivos-moveis>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

ALEXA. Disponível em: <<http://www.alexa.com/siteinfo/cancaonova.com>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

AQUINO, Filipe Rinaldo Queiroz de. **Uma história que não é contada**: o trabalho da Igreja Católica para salvar e construir a nossa civilização. São Paulo: Cléofas, 2008.

AQUINO, Filipe Rinaldo Queiroz de. **Credo do Povo de Deus**: Papa Paulo VI. Os 265 Papas da Igreja. Os 21 Concílios Ecumênicos da Igreja. 2. ed. São Paulo: Cléofas, 1998.

ARENHOEVEL, Diego. **Assim se formou a Bíblia**: para você entender o Antigo Testamento. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1978.

ARENS, Eduardo. **A Bíblia sem mitos**: uma introdução crítica. Tradução de Celso Márcio Teixeira. São Paulo: Paulus, 2007.

ARNS, D. Paulo Evaristo. **A Técnica do Livro Segundo São Jerônimo**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ARTE BIZANTINA. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/artesliteratura/arte_bizantina.htm>. Acesso em: 25 ago. 2013.

AS ORIGENS de “L’Osservatore Romano”. Disponível em: <http://www.vatican.va/news_services/or/history/hi_por.html>. Acesso em: 01 abr. 2014.

ATIVIDADE de paleografia. Disponível em: <<http://atividadesdepaleografia.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 03 mar. 2014.

AWWAD, Sami. **Esta Terra de Deus**. Jerusalém: Palphot, [s.d.].

AYMARD, Maurice. Metamorfoses do Livro e da Leitura. In: PORTELLA, Eduardo (Org.). **Reflexões sobre os caminhos do Livro**. Tradução de Guilherme João de Freitas. São Paulo: UNESCO/Moderna, 2003. cap. 3.4, p. 173-189.

BARCELONA Multimedia. **Bíblia das Crianças**. Disponível em: <<https://itunes.apple.com/br/app/biblia-em-quadrinhos-biblia/id433127206?mt=8>>. Acesso em: 20 out. 2013.

BAUMAN, Zygmund, O Livro no Diálogo entre as Culturas. In: PORTELLA, Eduardo (Org.). **Reflexões sobre os caminhos do Livro**. Tradução de Guilherme João de Freitas. São Paulo: UNESCO/Moderna, 2003, p. 15-33.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O Livro, a Literatura e o Computador**. São Paulo-Florianópolis: Educ–UFSC, 2002.

BENTO XVI. **Mensagem do 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais** - Novas Tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, diálogo, de amizade. 24 maio 2009. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_2>. Acesso em: 17 mar. 2014.

BENTO XVI. **Mensagem do 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais** – O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra. 16 maio 2010. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day_po.html>. Acesso em: 17 mar. 2014.

BENTO XVI. **Mensagem do 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais** - Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital. 05 jun. 2011. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day_po.html>. Acesso em: 17 mar. 2014.

BENTO XVI. **Mensagem do 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais** - Redes Sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização. 12 maio 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day_po.html>. Acesso em: 17 mar. 2014.

BÍBLIA AVE MARIA ONLINE. Disponível em: <<http://www.claret.com.br/biblia/>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

BÍBLIA CATÓLICA. Disponível em: <www.bibliacatolica.com.br>. Acesso em: 25 de ago. 2013; 26 out. 2013.

BÍBLIA GLOW. Disponível em: <<http://www.bibliaglow.com.br/recursos/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <www.bibliaonline.net>. Acesso em: 25 ago. 2013.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução do Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1985.

BÍBLIA SAGRADA DE BOLSO com zíper, Editora Ave Maria, altura: 13,5cm; largura: 10 cm; peso: 0,515 kg. Disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/scripts/resenha/resenha.asp?nitem=3074240&sid=191152229151125217886957874>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

BONFIL, Robert. A Leitura nas Comunidades Judaicas da Europa Ocidental na Idade Média. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER; Roger (orgs.). **A História da Leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 2002, p. 185-214.

BUSTOLIN, Dhiogo. **A Bíblia Sagrada**. Disponível em: <<http://www.bustolin.com>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

CARREZ, Maurice. **A Bíblia**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 1995.

CASTRO, Pe. Flávio Cavalca de. **Para ler a Bíblia**. 2. ed. Aparecida: Santuário, 1983.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). **A História da Leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 2002.

CECHINATO, Pe. Luiz. **Conheça melhor a Bíblia**: noções gerais da Bíblia em linguagem popular. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo C. Corrêa de Moraes. 1 reimpressão. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros**: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: UNB, 1999.

COMUNICAÇÃO CORPORATIVA. **Os primórdios da comunicação**. Disponível em: <<http://comunicacorporativa.wordpress.com/2013/03/01/os-primordios-da-comunicacao/>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

CONCÍLIO. Disponível em: <http://www.snpcultura.org/o_que_e_um_concilio.html>. Acesso em: 02 mar. 2014.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Ética na Internet**. 2002a. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_ethics-internet_po.html>. Acesso em: 09 nov. 2013.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Igreja e Internet**. 2002b. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html>. Acesso em: 09 nov. 2013.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM sobre a revelação divina. 18 nov. 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 06 fev. 2014.

CORRAL, Milagros del. A cultura do escrito na era da globalização: qual futuro para o livro? In: PORTELLA, Eduardo (Org.). **Reflexões sobre os caminhos do Livro**. Tradução de Guilherme João de Freitas. São Paulo: UNESCO/Moderna, 2003. cap. 4.1, p. 193-204.

CRISTONAUTAS 1 Aplicação grátis para celulares inteligentes. Disponível em: <<http://www.pccs.va/index.php/pt/news2/actualita/item/1600-cristonautas-1-la-nueva-aplicacion>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

DARIVA, Noemi (Org.). **Comunicação Social na Igreja:** documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros:** passado, presente e futuro. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DEBRAY, Régis. **The New Testament:** Through 100 Masterpieces of Art. London/New York: Merrel, 2004a.

DEBRAY, Régis. **The Old Testament:** Through 100 Masterpieces of Art. London/New York: Merrel, 2004b.

DEBRAY, Régis. The book as Symbolic Object. In: NUNBERG, Geoffrey (ed.). **The future of the book.** Berkeley: University of California Press, 1996.

DEBRAY, Régis. **Vida e Morte da Imagem:** Uma história do olhar no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 1994.

DECRETO INTER MIRIFICA: sobre os meios de comunicação social. 04 dez. 1963. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_04121963_inter-mirifica_po.html>. Acesso em: 10 mar. 2014.

DEMERCINO, Júnior. **A Dieta de Worms.** Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/a-dieta-de-worms-.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

DICIONÁRIO do Aurélio. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Antifonario.html>>. Acesso em: 05 abr. 2014a.

DICIONÁRIO do Aurélio. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Transubstanciacao.html>>. Acesso em: 30 mar. 2014b.

DICIONÁRIO do Aurélio. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Consubstanciacao.html>>. Acesso em: 30 mar. 2014c.

DICIONÁRIO do Aurélio. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Tomo.html>>. Acesso em: 30 mar. 2014d.

DICIONÁRIO do Aurélio. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Prelo.html>>. Acesso em: 15 de abr. 2014e.

DICIONÁRIO Informal. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/velino/>>. Acesso em: 04 nov. 2013.

DICIONÁRIO ONLINE de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/glosa/>>. Acesso em: 09 fev. 2014.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/atril>>. Acesso em: 22 abr. 2014.

ESSÊNIO. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quem-eram-os-essenios>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O Aparecimento do Livro**. Tradução de Henrique Tavares de Castro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

FERNANDES, Sergio. **Sementes do Espírito**. Disponível em: <<https://itunes.apple.com/br/app/sementes-do-espírito/id532447867?mt=8>>. Acesso em: 10 out. 2013.

FISCHER, Steven Roger. **História da Leitura**. Tradução de Claudia Freire. São Paulo: UNESP, 2006.

FRANCISCO. **Ângelus com o Papa Francisco**. 16 mar. 2014. Disponível em: <<http://papa.cancaonova.com/angelus-com-o-papa-francisco-16032014/>>. Acesso em: 22 mar. 2014a.

FRANCISCO. **Mensagem do 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais** - Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. 01 jun. 2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/francesco/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messa>. Acesso em: 17 mar. 2014b.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Lumen fidei**. 29 jun. 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_encyclica-lumen-fidei.html>. Acesso em: 15 abr. 2014.

FREITAG, Bárbara. Era informacional e uso do livro. In: PORTELLA, Eduardo (Org.). **Reflexões sobre os caminhos do Livro**. Tradução de Guilherme João de Freitas. São Paulo: UNESCO/Moderna, 2003. cap. 3.1, p. 125-139.

FREITAS, Julio C. O design como interface de comunicação e uso em linguagens hipermidiáticas. In: LEÃO, Lucia (Org.). **O Chip e o Caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias**. São Paulo: Senac, 2005, p. 183-196.

FUNDAÇÃO Ramon Panè. Disponível em: <<http://app1.cristonautas.com/pt-br/quemsomos/fundaci%C3%B3nram%C3%B3npan%C3%A9inc.aspx>>. Acesso em: 14 set. 2013.

GLOSSÁRIO de crítica textual. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm>>. Acesso em: 09 fev. 2014.

GRUEN, Wolfgang. **O tempo que se chama hoje: Introdução ao Antigo Testamento**. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

HECKER, Caroline. **Segundo o Ibope, brasileiro passa 1h 24 por dia usando smartphone**. 22 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/mercado/38863-segundo-ibope-brasileiro-passa-1h24-por-dia-usando-smartphone.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

HEITLINGLER, Paulo. **A letra redonda: uncial**. Disponível em: <<http://tipografos.net/escrita/uncialis.html>>. Acesso em: 15 maio 2014.

HINDUÍSMO Védico e Hinduísmo Bramânico. Disponível em: <<http://belongtohinduism.wordpress.com/2012/05/31/hinduismo-vedico-e-hinduismo-bramanico/>>. Acesso em: 30 de mar. 2014.

HORNBOOK. Disponível em: <<http://egitimteknoloji.net/wpcontent/uploads/2012/09/hornbook.jpg>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

IDICIONÁRIO Aulete. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/in-quarto#ixzz2xqh6iJtP>>. Acesso em: 02 mar. 2014a.

IDICIONÁRIO Aulete. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/in-octavo>>. Acesso em: 02 mar. 2014b.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptoris Missio**: sobre a validade permanente do mandato missionário. 07 dez. 1990. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio_po.html>. Acesso em: 10 mar. 2014.

JOÃO PAULO II. **Mensagem para a celebração do 36º Dia Mundial das Comunicações Sociais** - Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho. 12 maio 2002. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20020122_world-communications-day_po.html>. Acesso em: 10 mar. 2014.

JUST 1 Word. **BÍBLIA +1**. Disponível em: <<https://itunes.apple.com/pt/app/biblia+1/id376874469>>. Acesso em: 10 out. 2013.

LEÃO, Lucia. Cibernarrativas ou a arte de contar histórias no ciberespaço. In: _____. **Derivas**: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume; Senac, 2004. cap. 15, p. 163-180.

LEÃO, Lucia. **O labirinto da hipermídia**: Arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LITURGIA das Horas. Disponível em: <<http://padrepauloricardo.org/episodios/o-que-e-a-liturgia-das-horas-e-qual-a-sua-importancia>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

LUNA FILHO. José Bezerra. Software. **I Liturgia**. Disponível em: <www.cascubo.com>. Acesso em: 25 ago. 2013a.

LUNA FILHO. José Bezerra. **I Liturgia**. Disponível em: <<https://itunes.apple.com/app/iliturgia/id366297822?mt=8>>. Acesso em: 25 ago. 2013b.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MATTA, Vilela da. **Saiba mais sobre livros digitais – E-books**. Disponível em: <<http://www.sbcoaching.com.br/blog/negocios/saiba-sobre-livros-digitais-ebooks/>>. Acesso em: 09 abr. 2014.

MEMEX. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~hans/mh/memex.html>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

MONTEIRO, Flora. Fé na tecnologia. **Veja São Paulo**, São Paulo, n. 48, ano 44, p. 60, nov. 2011.

NAPOLEÃO BONAPARTE. Disponível em: <<http://frases.globo.com/napoleao-bonaparte/15158>>. Acesso em: 19 maio 2014.

NETFILTER Ltda. **Bíblia Sagrada**. Disponível em: <<https://itunes.apple.com/br/app/biblia-sagrada/id370178518?mt=8>>. Acesso em: 10 out. 2013.

NOGUEIRA, Isabel Candolo. **Betsabéia e os livros de horas medievais**. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0411.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014. p. 4.

O MAIOR tesouro dos Estados Unidos: a Biblioteca do Congresso. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2012/01/o_maior_tesouro_dos_estados_unidos_-_a_biblioteca_do_congresso.html>. Acesso em: 05 fev. 2014.

O QUE É a liturgia?. Disponível em: <<http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=284848>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

QUE É tag?. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/navegador/2051-o-que-e-tag-.htm#ixzz2ymQ6fHq6>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

O QUE significa. Disponível em: <<http://comunidade.cancaonova.com/o-que-significa/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

PAPA alcança 13 milhões de seguidores no Twitter. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/papa-alcanca-13-milhoes-de-seguidores-no-twitter--2>>. Acesso em: 17 abr. 2014a.

PAPA é personalidade política mais popular na Internet. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/internet/2014/01/papa-e-personalidade-politica-mais-popular-na-internet.shtml>>. Acesso em: 09 abr. 2014b.

PATRIARCA Ecumênico de Constantinopla foi o primeiro a participar da missa de início de um Pontificado. Disponível em: <http://pt.radiovaticana.va/storico/2013/03/22/patriarca_ecum%C3%AAnico_de_constantinopla_foi_o_primeiro_a_participar_d/bra-675935>. Acesso em: 16 mar. 2014.

PAULO VI. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**. 08 dez. 1975. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_1975_1208_evangelii-nuntiandi_po.html>. Acesso em: 11 abr. 2014.

PETRUCCI Tecnologia e Serviços de Informática Ltda. **A Bíblia Sagrada Free**. Disponível em: <<http://www.distimo.com/iq/app/apple-app-store/petrucci-tecnologia-e-servicos-de-informatica-ltda/biblia-sagrada-free>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

PIA Sociedade. **Bíblia Infantil**. Disponível em: <<https://itunes.apple.com/br/app/biblia-infantil/id699488099?mt=8>>. Acesso em: 20 out. 2013.

PIO XII. **Carta Encíclica Miranda Prorsus**. 08 set. 1957. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091957_miranda-prorsus_po.html>. Acesso em: 11 abr. 2014.

PNAD 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/infograficos/2013/09/78481-pnad-2012.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

POP UP. Disponível em: <<http://www.variedadesedicas.com/2011/03/popups-o-que-sao-e-como-se-livrar-deles.html>>; <<http://www.palpitedigital.com/o-que-e-popup/>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

PORTAL CANÇÃO NOVA. Disponível em: <www.cancaonova.com>. Acesso em: 26 out. 2013.

PORTAL CHAMADA. Disponível em: <<http://www.chamada.com.br/biblia/>>. Acesso em: 14 set. 2013; 08 mar. 2014.

PORTAL CLARETIANO: Disponível em: <www.claret.com.br>. Acesso em: 25 ago. 2013.

PORTAL CNBB. Disponível em: <<http://cnbb.org.br/>>. Acesso em: 14 set. 2013.

PORTAL PAULUS. Disponível em: <www.paulus.com.br/biblia-pastoral/>. Acesso em: 25 ago. 2013.

PUNTEL, Joana T. **Cultura Midiática e Igreja: uma nova ambiência**. São Paulo: Paulinas, 2008.

PUNTEL, Joana T. **A Igreja e a democratização da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1994.

QUIZ Bíblia 3D. Disponível em: <weblinx.com>. Acesso em: 12 nov. 2013a.

QUIZ Bíblia 3D. Disponível em: <<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.Bible.Quiz.Game>>. Acesso em: 12 nov. 2013b.

RIBEIRO, Rafael A. **Católico Orante**. Disponível em: <www.catolicoorante.com.br>. Acesso em: 25 ago. 2013a.

RIBEIRO, Rafael A. **Católico Orante**; Disponível em: <<https://itunes.apple.com/us/app/catolico-orante/id560906042?mt=8>>. Acesso em: 25 ago. 2013b.

RIBEIRO, Filipe. **E-books: poupar papel não chega**. Disponível em: <<http://www.revolucao-digital.net/2014/03/15/e-books-poupar-papel-nao-chega-67846/>>. Acesso em: 09 abr. 2014.

RKSOFT, Software. **Bíblia Eletrônica**. Disponível em: <<http://www.rksoft.com.br/html/biblia.html>>. Acesso em: 20 out. 2013a.

RKSOFT, Software. **Bíblia Eletrônica**. Disponível em: <<http://baixarjogoseprogramas.com/download/biblia-eletronica-3-7-5-x86x64-pt-br.html>>. Acesso em: 20 out. 2013b.

ROUX, Fernando. **Cristonautas** Disponível em: <<https://itunes.apple.com/us/app/cristonautas-1/id670159115?l=es&ls=1&mt=8>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da Linguagem e Pensamento**: sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTIAGO, Emerson. **BEDUÍNOS**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociedade/beduinos/>>. Acesso em: 08 fev. 2014.

SANTOMIERO, Chiara. **A Internet ama o Papa Francisco**. 30 jan. 2014. Disponível em: <<http://www.aleteia.org/pt/sociedade/artigo/a-internet-ama-o-papa-francisco-5888438347759616>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

SARAIVA, Javier. **O caminho de Israel**. Tradução e adaptação de Neri Emílio Stein. São Paulo: Paulinas, 1994.

SILVA, Eudécio Luiz da. **O que é a Bíblia**. Disponível em: <<http://www.catequisar.com.br/texto/materia/biblia/curso/02.htm>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

SINAI, Uriel. **The book of books**. Disponível em: <http://www.zimbio.com/pictures/RKOYAiuuENc/Book+Books+Exhibition+Opens+Jerusalem/nKo8Nok_xqO>. Acesso em: 08 mar. 2014.

SÍNODO. Disponível em: <<http://sinodo.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 02 mar. 2014.

SOARES, Ismar O. **Do Santo Ofício à Libertação**: o discurso e a prática do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a comunicação social. São Paulo: Paulinas, 1988.

STRABELI, Mauro. **Bíblia**: perguntas que o povo faz. 4. ed. São Paulo: Paulina, 1990.

THE BOOK of books. Disponível em: <http://www.goisrael.com/Tourism_Eng/Articles/Newsletter/Pages/The-Books-of-Books.aspx>. Acesso em: 06 fev. 2014.

THE MORGAN Gutenberg Bible Online. Disponível em: <<http://www.themorgan.org/collections/works/gutenberg/binding>>. Acesso em: 11 abr. 2014a.

THE MORGAN Gutenberg Bible Online. Disponível em: <<http://www.themorgan.org/collections/works/gutenberg/ornamentation>>. Acesso em: 11 abr. 2014b.

THOMAS, Marcel, Introdução. In: FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O Aparecimento do Livro**. Tradução de Henrique Tavares de Castro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 11-30.

TIC Domicílios e usuários 2012. Disponível em: <www.cetic.br/usuarios/tic/2012>. Acesso em: 15 out. 2013.

TUROMAQUIA. 2009. Disponível em: <<http://artetropia.blogspot.com.br/2010/03/o-queram-os-livros-de-horas.html>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

TWITTER do Papa alcança 12 milhões de seguidores. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/internet/2014/02/twitter-do-papa-alcanca-12-milhoes-de-seguidores.shtml>>. Acesso em: 09 abr. 2014.

UNIVERSITÄT HEIDELBERG. Disponível em: Disponível em: <<http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglitData/image/cpg148/1/007v.jpg>>. Acesso em: 09 mar. 2014.

VIANNA, Ruth P. A. **Informatização da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Loyola, 1992. Disponível em: <books.google.com.br>. Acesso em: 22 fev. 2014.

ZOLIN, Lucia Inês U. V. **A comunicação na perspectiva da Igreja Católica**. Pelotas: RCC Brasil, 2010.

10 LIVROS mais vendidos do mundo. Disponível em: <<http://bibliotecadesaopaulo.org.br/2013/04/30/10-livros-mais-lidos-no-mundo/>>. Acesso em: 04 fev. 2014.